

Um romance da série
à flor da pele

Lisa Kleypas

PRAZER
ARDENTE

5 SENTIDOS



© Greg Ellis

Lisa Kleypas é autora de mais de 30 romances, já publicados em 12 línguas. Licenciada em Ciências Políticas, publicou o primeiro livro com 21 anos. Os seus livros figuram constantemente em listas de *bestsellers* como o *NYTimes* e a *Publishers Weekly*. As suas publicações conquistaram já vários prémios *RITA*, o prestigiado galardão da *RWA* (*Romance Writers of America*).

Prazer Ardente

Lisa Kleypas

Publicado em Portugal por

5 Sentidos®

Divisão Editorial Literária – Porto

Título original

Scandal in Spring

Copyright © 2006 by Lisa Kleypas

Tradução: Cláudia Ramos e Helena Ramos

Design da capa: NOR267

Imagens da frente da capa: © Jessica Drossin / Trevillion Images

1.^a edição em papel: março de 2014

5 Sentidos® é uma marca registada da
Porto Editora, Lda.

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-989-745-006-8

Prólogo

– Tomei uma decisão quanto ao futuro da Daisy – declarou Thomas Bowman à esposa e à filha. – Ainda que aos Bowman não agrade admitir a derrota, a verdade é que não há como ignorar a realidade.

– E que realidade é essa, meu Pai? – indagou Daisy.

– Que não foste fadada para a aristocracia britânica. – Franzindo a testa, Bowman acrescentou: – Ou quiçá a aristocracia britânica não tenha sido fadada para ti. O que sei é que fui muito fracamente ressarcido do investimento que fiz no intuito de te arranjar um marido. Sabes o que isso significa, Daisy?

– Que só lhe dou prejuízos, meu Pai?

Olhando para ela, ninguém diria que Daisy Bowman era agora uma mulher adulta de vinte e dois anos. Pequena, delgada e de cabelo escuro, detinha ainda a agilidade e exuberância de uma criança, quando a maioria das senhoras da sua idade ostentava já a aura circumspecta típica das matronas. Ali sentada, as mãos abraçando os joelhos, parecia uma boneca de porcelana largada a um canto do canapé.

E nada irritava mais o seu pai do que vê-la com um livro no colo, com o dedo entalado numa página para a marcar. Era óbvio que estava ansiosa por que ele acabasse o seu discurso para poder retomar a leitura.

– Larga isso – ordenou-lhe.

– Sim, meu Pai – anuiu a jovem, abrindo discretamente o livro para memorizar o número da página, antes de o poisar a seu lado.

Aquele gesto serviu apenas para exasperar ainda mais o carrancudo Bowman. Livros, livros... a simples visão de um simbolizava para ele o vergonhoso fracasso da filha no *mercado do matrimónio*.

Puxando uma fumaça do seu enorme charuto, Bowman instalou-se num dos confortáveis cadeirões de braços da suite de hotel que a família ocupava há mais de dois anos. A esposa, Mercedes, encontrava-se discretamente recolhida a um canto, numa cadeira de palhinha, ouvindo o marido em

silêncio. Bowman era um homem alto e corpulento, tão robusto na forma física quanto no temperamento. Ainda que completamente calvo, era dono de um altivo bigode, farfalhudo mas elegante – como se toda a energia necessária para o crescimento do cabelo houvesse sido canalizada para o lábio superior.

No dia do seu casamento, Mercedes era já uma rapariga invulgarmente magra – e conseguira tornar-se ainda mais escanzelada ao longo dos anos, como um pedaço de sabonete que com o uso se reduz a uma fina lasca. O seu cabelo negro, muito liso e brilhante, surgia sempre severamente apanhado, as mangas dos vestidos eternamente cingidas a uns pulsos de tal modo finos que o marido poderia quebrá-los facilmente, quais asas de frango. Mesmo quando se apresentava sentada e absolutamente imóvel, como agora, Mercedes transmitia sempre uma certa energia nervosa.

Bowman jamais se arrependera de ter escolhido Mercedes para sua esposa – a acerada ambição dela combinava na perfeição com a sua. Era uma alma implacável e inflexível, toda arestas vivas, num eterno esforço de impor o nome de família na sociedade londrina. Fora ela, aliás, que insistira na mudança do casal e das duas filhas para Inglaterra, ao ver logrados os seus planos de conquistar um lugar ao sol no cenário da aristocracia nova-iorquina. «Havemos de nos impor, nem que seja à força!», dissera, determinada. E Deus era testemunha de que haviam conseguido singrar, pelo menos no que respeitava à filha mais velha.

Lillian tinha efetivamente conseguido fisgar o maior peixe de todos: Lord Westcliff, cuja linhagem era oiro puro. Com efeito, o conde representara uma fabulosa aquisição para a família Bowman, mas agora o patriarca mostrava-se impaciente por regressar à América. E se fosse para Daisy conseguir desenterrar um marido titular, já o teria conseguido por esta altura. Era hora de reduzir os prejuízos.

Pensando nos seus cinco filhos, Bowman perguntava-se como fora possível que todos tivessem herdado tão poucos dos seus genes. Ele e Mercedes eram ambos tenazes e determinados e, não obstante, haviam gerado três filhos varões plácidos e conformados, que aceitavam as coisas como elas lhes surgiam, convictos de que tudo acabaria por lhes cair no colo, como frutos largados de uma árvore. Lillian era a única que parecia ter herdado um pouco do espírito agressivo e combativo dos seus progenitores... mas era mulher e, logo, um total e completo *caso perdido*.

E depois havia Daisy. De todos os seus filhos, era aquela com que Bowman menos se identificava e a que ele menos compreendia. Já em criança, a pequena nunca retirava os ensinamentos certos das histórias que ele lhe contava, insistindo em fazer as perguntas mais estranhas e irrelevantes. Por exemplo, quando ele lhe explicara a razão pela qual os investidores interessados em riscos mínimos e retornos moderados deveriam aplicar os seus capitais em ações ou títulos da dívida pública, Daisy interrompera-o com a curiosa pergunta: «Oh, Papá... não seria maravilhoso se os beija-flores organizassem chás dançantes e nós fôssemos suficientemente pequeninos para sermos convidados?»

A verdade é que ao longo dos anos, os contínuos esforços por parte de Bowman para mudar a filha mais nova haviam enfrentado uma forte resistência. A jovem gostava de si própria tal como era

e, posto isto, qualquer tentativa de a subjugar tinha o mesmo resultado do que tentar caçar sem rede um enxame de borboletas esvoaçantes.

E uma vez que Bowman sempre se deixara exasperar pela natureza imprevisível da filha mais nova, não se mostrou minimamente surpreendido pela manifesta carência de homens decididos a desposá-la. Que género de mãe seria ela, fantasiando sobre fadas que escorregavam pelo arco-íris, ao invés de se esforçar por implantar regras e conselhos sensatos nas cabeças dos filhos?

Mercedes tomou finalmente parte na conversa, numa voz tolhida pela consternação:

– Meu queridíssimo esposo, a temporada está ainda longe do fim. Sou da opinião de que a Daisy demonstrou já excelentes progressos até agora. Lord Westcliff apresentou-a a uma série de cavalheiros extremamente promissores, todos eles *altamente* interessados em virem a ter o conde como cunhado.

– Pois para mim é *altamente* revelador – resmungou Bowman sombriamente – que o maior atrativo para esses *cavalheiros promissores* seja conquistarem Westcliff como cunhado, em vez da Daisy como esposa. – Olhou para a filha com expressão severa: – Algum desses jovens se mostrou minimamente interessado em namorar contigo?

– Ela não tem como saber... – contrapôs Mercedes, pesarosa.

– As mulheres sabem sempre essas coisas. Responde, Daisy: há alguma probabilidade, por remota que seja, de vires a fisgar algum deles?

A filha hesitou, assumindo uma expressão consternada nos olhos escuros e amendoados.

– Não, Papá – admitiu finalmente.

– Tal como eu pensava – declarou o patriarca, entrelaçando os dedos grossos sobre o ventre volumoso e presenteando mulher e filha com um olhar autoritário. – O teu visível insucesso tornou-se seriamente inconveniente, minha filha. Só a fortuna que já gastei em vestidos e adornos... Tamanhas frivolidades! Além do profundo tédio de ter de te acompanhar a um baile atrás do outro... debalde. Mas o mais importante é que tudo isto me tem prendido aqui, quando é cada vez mais imperiosa a minha presença em Nova Iorque. Assim sendo, decidi *eu próprio* escolher-te um marido.

Daisy olhou o pai, atordoada e apreensiva.

– E de quem se trata, Papá?

– Matthew Swift.

Ela olhou-o como se ele tivesse ensandecido.

Mercedes soltou um leve suspiro nervoso:

– Isso não faz o menor sentido, Mr. Bowman! Que vantagem poderemos tirar de uma tal união, tendo em conta que Mr. Swift não pertence à aristocracia e tão-pouco é detentor de fortuna significativa?

– Mas pertence aos Swift de Boston – contrapôs o marido. – Uma família à qual é impensável torcer o nariz. Swift tem um reputado nome, uma linhagem excelente e, mais importante, é-me extremamente leal e dedicado. Além de que tem uma das mentes mais versadas para o negócio que

jamais encontrei. Quero-o como genro. E que venha a herdar a minha firma quando chegar a hora.

– O senhor tem *três* filhos a quem o legado da sua firma pertence por legítimo direito! – exclamou Mercedes, ultrajada.

– Todos eles absolutamente incapazes e desinteressados dos negócios da família! – contrapôs o marido.

Só de pensar em Matthew Swift, que na última década florescera debaixo da sua tutela, deixava Bowman inflado de orgulho. O rapaz representava um reflexo maior e melhor de si mesmo do que a própria prole.

– Nenhum deles tem a mais pálida *amostra* do vigor, ambição e impiedade de Matthew Swift! – prosseguiu Bowman. – Farei dele o progenitor dos meus futuros descendentes.

– O senhor perdeu o juízo! – gritou Mercedes, acaloradíssima.

Daisy interveio, finalmente, num tom calmo e assertivo que desde logo conseguiu deitar por terra a fervorosa bravata do pai:

– Devo recordar-lhe, meu Pai, que a *minha* cooperação é necessária nesta questão. Sobretudo agora que aborda o assunto da futura descendência. Pois posso afiançar-lhe de que nenhum poder na terra me poderá compelir a gerar filhos de um homem que nem sequer aprecio minimamente.

– E eu relembro-te da necessidade extrema de vires a ser útil à nossa família, para variar! – grunhiu Bowman. Já era seu hábito opor-se a qualquer forma de rebelião com extrema fúria. – E cuidei que preferisses ter um marido e um lar próprios, ao invés de prosseguires com a tua patética existência de *parasita*.

Daisy reagiu como se tivesse levado um bofetão.

– Eu não sou um parasita!

– Ah não?... Então podes explicar-me em que medida o mundo beneficiou da tua presença nele, até ao presente? Que fizeste tu de minimamente válido seja por quem for?

Vendo-se forçada a justificar algo de tão caricato como a sua própria existência, Daisy limitou-se a olhar o pai gélida e silenciosamente.

– Ouve o meu ultimato, Daisy – disse Bowman friamente –, ou arranjas um marido *decente* até ao final de maio, ou desposarás Matthew Swift. A bem ou a mal.

Capítulo 1

– Não devia contar-te – disse Daisy com veemência, umas horas mais tarde, passeando nervosamente de um lado para o outro no salão dos Marsden. – No teu estado não é aconselhável enervares-te. Mas se não partilhasse com alguém cuido que explodiria!... O que muito provavelmente te deixaria ainda mais nervosa.

A irmã mais velha ergueu a cabeça do ombro protetor de Lord Westcliff.

– Ora... – disse Lillian, lutando contra uma nova vaga de náusea. – Sabes bem que apenas me enervo quando me escondem coisas.

Estava meio reclinada no longo canapé, aconchegada na curva do braço do marido, enquanto este lhe ia dando a chupar sumo de limão sob a forma de cubinhos de gelo. Fechou os olhos ao engolir, as longas pestanas negras sombreando as faces pálidas.

– Melhor, minha querida? – perguntou-lhe ele docemente, limpando-lhe o canto dos lábios.

Lillian assentiu, branca como a cal da parede.

– Sim, creio que o limão me alivia um pouco... Ah, sugiro-lhe que reze por um rapaz, Westcliff, pois esta será a sua *única* oportunidade de ter um herdeiro. Jamais voltarei a passar por um tal tormento!

– Abra a boca – disse ele, dando-lhe a chupar um novo cubinho.

Em circunstâncias normais Daisy ter-se-ia sensibilizado com aquela espreitadela à vida privada do casal Westcliff; raramente se via Lillian tão vulnerável, ou Marcus tão atencioso e preocupado. Mas Daisy estava tão centrada nos seus próprios problemas que mal se apercebia do que se passava em seu redor.

– O Pai hoje fez-me um ultimato. Disse-me que...

– Espere – murmurou Westcliff.

Ajustou o corpo para melhor amparar a mulher, permitindo-lhe encostar-se mais pesadamente contra ele, e poisou uma mão muito branca na curva do ventre dela. Murmurou-lhe qualquer coisa de indecifrável ao ouvido, a que ela assentiu com um gesto de cabeça.

Quem quer que testemunhasse o carinho com que Westcliff tratava a sua jovem esposa não podia deixar de reparar nas assombrosas transformações operadas naquele homem – que toda a sua vida fora visto como uma alma fria e distante. A verdade é que se tornara bastante mais acessível – sorria mais, ria mais –, e os seus rígidos padrões de boa conduta revelavam-se agora bem menos exigentes. O que era ótimo para quem desejasse ter Lillian como esposa e Daisy como cunhada.

Os olhos de Westcliff, de um castanho tão escuro que passavam por negros, semicerraram-se ligeiramente ao abordarem Daisy. Ainda que não tivesse dito uma palavra, a cunhada leu-lhe na expressão o profundo desejo de proteger Lillian de tudo e de todos que pudessem perturbar-lhe a paz de espírito.

Daisy sentiu-se subitamente envergonhada por ter ocorrido ali para relatar as terríveis injustiças infligidas pelo pai. Devia ter guardado os seus problemas para si, em vez de correr para os braços da irmã mais velha como uma criancinha choramingas. Mas ao olhar para Lillian, viu-lhe nos olhos um sorriso transbordante de ternura – que conseguiu reacender milhares de memórias de infância, dançando entre as duas como exultantes pirilampos. A intimidade entre as duas irmãs era algo que nem o mais protetor dos maridos poderia perturbar.

– Diz-me – disse Lillian, aninhando-se no ombro de Westcliff –, o que te disse o Pai?

– Que se não desencantar um marido decente até ao final de maio, será ele a escolhê-lo por mim. E adivinhas quem poderá ser? Tenta adivinhar...

– Não faço a mais pálida ideia – disse Lillian. – O Pai não aprova homem algum.

– Oh, sim! – retorquiu Daisy ominosamente. – Existe um único homem neste mundo que o Pai aprova *a cem por cento*.

A esta altura até mesmo Westcliff se mostrava interessadíssimo. – Alguém dos meus conhecimentos?

– Será muito em breve, sem dúvida – suspirou Daisy. – O Pai mandou chamá-lo. Chegará ao Hampshire na próxima semana para a caçada ao veado que se está a organizar.

Westcliff deu por si a passar em revista os nomes que Thomas Bowman lhe pedira que acrescentasse à lista de convidados para o evento inaugural da caça da primavera.

– O americano? – perguntou. – Mr. Swift?

– Sim!

Lillian olhou a irmã com expressão confusa. Depois enterrou o rosto no ombro de Westcliff, soltando um soluço abafado. De início Daisy temeu que ela estivesse a chorar, mas logo se tornou óbvio de que Lillian ria descontroladamente.

– Não... não é possível... que absurdo... tu jamais...

– Não acharias tão divertido se acaso fosses *tu* a visada – resmungou Daisy, carrancuda.

Westcliff passeou o olhar de uma irmã para a outra.

– E qual é o problema com Mr. Swift? Pelo que vosso Pai me descreveu, afigura-se-me um jovem assaz respeitável.

– *Tudo nele* é um problema! – exclamou Lillian, com uma última fungadela de riso.

– Mas Mr. Bowman estima-o *sobremaneira* – insistiu o conde.

– Ora – disse Lillian em tom zombeteiro –, o modo como Mr. Swift o venera, bebendo-lhe cada palavra, alimenta-lhe *sobremaneira* a vaidade e a autoestima, isso sim.

O conde pareceu considerar aquelas palavras, enquanto colocava na colher um novo pedacinho de gelo ácido e o dava a chupar a Lillian – que soltou um murmúrio prazeroso ao engolir o líquido refrescante.

– Estará seu Pai equivocado ao afirmar que Mr. Swift é inteligente? – perguntou ele a Daisy.

– Lá inteligente é ele, convenhamos – admitiu ela. – Mas é impensável conseguirmos manter uma conversa com a criatura! Faz milhares de perguntas e absorve cada palavra que dizemos sem nada retorquir. É exasperante!

– Talvez seja tímido – aventou Westcliff.

Agora foi a vez de Daisy soltar uma gargalhada.

– Asseguro-lhe, *my lord*, que Mr. Swift é *tudo* menos tímido. Ele...

Calou-se, sendo-lhe difícil pôr os pensamentos em palavras.

A frieza intrínseca de Matthew Swift surgia sempre acompanhada de uma insuportável expressão de superioridade. Nunca ninguém lhe podia dizer nada – ele sabia sempre tudo. Uma vez que Daisy fora criada no seio de uma família cuja palavra de ordem era *intransigência*, tudo o que ela menos necessitava era de mais um ser rígido e inflexível na sua vida.

E na sua secreta opinião, também não abonava *nada* a favor de Swift o facto de se dar tão maravilhosamente com os Bowman.

Talvez o homenzinho conseguisse ser mais tolerável se acaso houvesse nele algo de atraente ou encantador. Mas a verdade é que a criatura fora abençoada com uma total ausência de graça, tanto na aparência física como no carácter. Não tinha sentido de humor, nem o menor vestígio de generosidade. E para ajudar à festa... era de fraquíssima figura: alto e desproporcionado, desengonçado, e tão magricela que os braços e as pernas pareciam vagens de feijão-verde. Daisy recordava-se bem do modo como o casaco parecia pender-lhe dos ombros como se não tivesse nada dentro.

– Ao invés de enumerar todas as coisas que desconheço sobre ele – disse Daisy finalmente –, cuido ser mais fácil afirmar que não existe uma única razão que me possa levar a gostar dele.

– Tão-pouco é atraente – acrescentou Lillian. – É um verdadeiro saco de ossos!

Deu uma leve palmadinha no peito musculado do marido, numa ode velada ao seu físico fabuloso. Westcliff pareceu divertido.

– Mas será que o pobre coitado não possui uma única característica que o redima?

Ambas as irmãs pareceram considerar a questão.

– Tem uns dentes bonitos – admitiu Daisy, ainda que relutantemente.

– Como podes sabê-lo? – inquiriu Lillian. – O homem nunca sorri!

– O vosso juízo afigura-se-me demasiado severo – observou Westcliff. – Mas, ainda assim, Mr. Swift pode bem ter mudado desde a última vez que o viram.

– Não o suficiente para que eu consinta casar com ele – disse Daisy.

– Não tens de casar com ele se não quiseses – afirmou Lillian com grande veemência. E olhando o marido: – Não é assim, Westcliff?

– Sim, meu amor – murmurou ele, afastando-lhe uma madeixa da testa.

– E jamais autorizará que o Pai afaste Daisy de mim, pois não? – insistiu Lillian.

– É claro que não. Chegaremos a algum acordo, certamente.

Lillian suspirou e encostou-se mais a ele, profundamente crente nas capacidades do marido.

– Pronto – disse ela à irmã. – Não tens com que te preocupar... vês? Westcliff tem tudo... – Fez uma pausa para soltar um longo bocejo. – ... controlado.

Ao ver os olhos da irmã a quererem desesperadamente fechar-se, Daisy sorriu-lhe com ternura.

Cruzou o olhar com o de Westcliff por cima da cabeça de Lillian e fez-lhe sinal de que se ia embora. Ele respondeu com uma vénia educada, retomando de imediato a atenção sobre a sonolenta mulher. E Daisy não pôde deixar de se perguntar se alguma vez encontraria um homem que a olhasse daquela maneira, como se o peso dela fosse uma preciosidade nos seus braços.

Daisy estava certa de que Westcliff se esforçaria por ajudá-la no que pudesse, quanto mais não fosse para agradar a Lillian. Mas a sua confiança na influência do cunhado não podia deixar de ser ensombrada pela inflexível determinação do pai.

E ainda que estivesse disposta a desafiá-lo com todas as armas em seu poder, ela tinha a incômoda sensação de que as circunstâncias não lhe eram muito favoráveis.

A jovem deu uns passos em direção à porta, lançando um último olhar ao casal instalado no canapé. Lillian adormecera num ápice, a cabeça repousando no peito do marido. Ao encontrar o olhar da cunhada, Westcliff ergueu um sobrolho, numa expressão velada que a incitava a desabafar.

– O meu pai... – começou Daisy, mas calou-se, mordendo o lábio.

Aquele homem era parceiro de negócios do seu pai. Não era de bom-tom lamentar-se, importuná-lo com críticas e queixas. Mas a sua expressão compreensiva e paciente estimulou-a a prosseguir:

– ... chamou-me *parasita* – disse, baixinho para não incomodar a irmã. – Chegou mesmo a perguntar-me em que medida o mundo beneficiou da minha presença nele, ou que fiz eu de minimamente válido seja por quem for...

– E a sua resposta? – indagou o conde.

– Não me ocorreu nada para lhe dizer.

Os olhos cor de café de Westcliff adquiriram uma expressão insondável. Fez um gesto a Daisy para se aproximar, ao que ela aquiesceu. Para seu grande espanto, tomou-lhe a mão nas suas e apertou-a calorosamente. Ela nunca tinha visto aquele homem tão contido e circunspecto fazer tal coisa.

– Daisy – ouviu-o murmurar docemente –, a maioria das vidas humanas não se mede por grandes

feitos. Mede-se sim por um número infinito de pequenos gestos. Sempre que tiver um gesto de bondade para com alguém, ou apenas conseguir arrancar-lhe um sorriso, isso confere um sentido à sua existência. Nunca duvide do seu valor, amiguinha. Este mundo seria um local bem lúgubre sem a presença de Daisy Bowman.

Muito poucos poderiam discordar da afirmação de que Stony Cross Park era um dos locais mais belos da Inglaterra. O condado de Hampshire sustentava uma infinita variedade de flora, das florestas quase impenetráveis aos pântanos e prados húmidos, maravilhosamente floridos – culminando na sua belíssima joia da coroa: a mansão em pedra cor de mel, estrategicamente situada sobre um penhasco com vista para o rio Itchen.

Florescia *vida* por todo o lado – rebentos pálidos brotando do tapete de folhas deterioradas aos pés de carvalhos e cedros seculares; campainhas cintilando nas zonas mais sombrias da floresta; gafanhotos vermelhos saltitando pelos prados cobertos de primaveras e agrião-dos-prados enquanto libelinhas de um azul translúcido esvoaçavam pelo meio das intrincadas pétalas brancas das flores do feijão. Cheirava a primavera, o ar deliciosamente saturado dos mais variados odores.

Após uma viagem de carruagem de doze horas – que Lillian descreveu como *uma jornada pelo inferno* – os Westcliff e os Bowman, juntamente com um extenso leque de convidados, acolheram com extremo agrado a chegada à propriedade.

Em Hampshire, o céu assumia um diferente tom de azul, mais suave, e o ambiente estava carregado de um beatífico silêncio. Ali não se ouvia o som de rodas ou de cascos pelas ruas pavimentadas, os gemidos dos mendigos ou os pregões dos vendedores ambulantes, os apitos das fábricas – nenhuma das algazarras que constantemente feriam os ouvidos de quem vivia na cidade. Ali, tudo o que se ouvia era o chilrear dos melros nas sebes, o tamborilar dos pica-paus ou o ocasional mergulho de um martim-pescador por entre os juncos do rio.

Lillian, que sempre considerara o campo *um profundo tédio*, sentia-se radiante com o seu regresso a Stony Cross Park. Sentia-se medrar *literalmente* aquele ambiente idílico, e ao fim de apenas uma noite de estadia já se sentia – e *parecia* – fisicamente muito melhor. Agora que a sua gravidez se tornara impossível de dissimular dentro de vestidos de cintura subida, a futura mãe encontrava-se *de resguardo* – o que significava que não podia ser vista em público. Contudo, e uma vez que se encontrava na sua própria residência, tinha direito a uma relativa liberdade, ainda que vendo restringido o seu convívio a pequenos grupos de hóspedes.

Para seu deleite, Daisy viu-se instalada no seu quarto preferido da mansão. O pitoresco quartinho, verdadeiramente encantador, pertencera em tempos à irmã de Lord Westcliff, Lady Aline, que vivia atualmente na América com o marido e o filho. O atributo mais adorável daquele quarto era a pequena salinha anexa, cujo mobiliário viera expressamente de França e fora ali remontado, originário de um castelo do século XVII, a que se juntara uma *chaise longue* perfeita para ler ou dormir.

Confortavelmente instalada com um dos seus livros num canto da *chaise longue*, Daisy tinha a sensação de viver escondida do resto do mundo. Oh, se ao menos pudesse ficar em Stony Cross com a irmã e ali viver para sempre! Contudo, e ainda que a ideia lhe agradasse, ela sabia que jamais seria completamente feliz assim. Iria querer a sua própria vida... o seu próprio marido e filhos.

Pela primeira vez na sua vida, Daisy via na mãe uma aliada: estavam unidas pelo desejo de evitar a todo o custo o casamento com o odioso Matthew Swift.

– Aquele rapazola deplorável! – exclamara Mercedes, assim que se vira a sós com a filha. – Não duvido que terá feito uma verdadeira lavagem ao cérebro do teu pai! Sempre suspeitei que ele...

– Que ele... o quê? – indagara Daisy, mas a mãe limitara-se a cerrar os lábios numa linha fina e rancorosa.

Ao debruçar-se sobre a lista de convidados de Stony Park, Mercedes informara a filha mais nova que vários dos mais cobiçados solteiros do país ficariam instalados na mansão.

– Mesmo não estando todos na linha direta de sucessão, pertencem todos a famílias nobres – esclarecera-a a mãe. – E nunca se sabe o dia de amanhã... Por vezes sucedem imprevistos... doenças terminais ou acidentes graves. Um bom número de elementos de uma família pode ser varrida de uma vez só, e aí... o teu marido tornar-se-ia nobre, por falta de alternativas!

Parecendo encantada e verdadeiramente esperançada com a ideia de uma calamidade atingir os futuros sogros de Daisy, Mercedes debruçou-se mais atentamente sobre a lista.

Daisy estava extremamente impaciente pela chegada de Evie e Lord St. Vincent dali a dias. Sentia uma falta terrível de Evie, sobretudo agora que Annabelle se encontrava demasiado ocupada com o bebé, e Lillian revelava-se demasiado molengona para poder acompanhá-la nos longos passeios que ela tanto adorava.

Ao terceiro dia da sua estadia no Hampshire, Daisy decidira aventurar-se sozinha numa caminhada a meio da tarde. Seguiu por um trilho bem conhecido, que sempre lhe agradara fazer nas suas visitas prévias. Com um vestido de musselina azul-claro com um padrão floral e um par de botifarras próprias para caminhar, atou as fitas de um chapéu de palha por baixo do queixo e partiu alegremente.

Avançando energicamente por um caminho socavado ao longo de prados alagados onde brilhavam celidónias amarelas e dróseras vermelhas, Daisy considerou o seu problema.

Porque lhe era tão difícil encontrar um homem do seu agrado?

Não que não lhe agradasse a perspetiva de se vir a apaixonar por alguém. Bem pelo contrário. Sentia-se tão recetiva à ideia que lhe parecia *terrivelmente* injusto não ter ainda encontrado alguém. E como ela tentara! Mas havia sempre algo de errado.

Se o eventual pretendente tinha a idade certa, revelava-se demasiado passivo ou demasiado pomposo. Se era interessante e de boa índole, tinha idade para ser seu avô, ou apresentava algum tipo de atributo desagradável – como exalar um perpétuo odor desagradável, ou soltar perdigotos quando falava...

Daisy tinha a perfeita noção de que não era dona de uma grande beleza. Era demasiado baixa e delgada, e, ainda que todos lhe louvassem os bonitos olhos escuros, ou o modo como o cabelo negro contrastava com a tez muito branquinha, tinha já ouvido demasiadas vezes palavras como *anãzinha* ou *catraia* aplicadas à sua pessoa. E as mulheres *anãzinhas* não atraíam pretendentes em número suficiente – nem tão-pouco num número minimamente aproximado ao que as tradicionais belezas esculturais facilmente granjeavam.

Daisy também sabia ser alvo de comentários pelo facto de passar demasiado tempo de roda dos seus livros – o que provavelmente até era verdade. Se lhe fosse permitido, a jovem passaria os dias a ler e a sonhar. Posto isto, qualquer nobre casadoiro depressa duvidaria das suas capacidades como dona de casa, sobretudo aquelas que exigissem uma particular atenção aos pormenores. E estaria *absolutamente correto* nas suas assunções.

Daisy não podia estar mais a leste dos provimentos ideais de uma despensa, ou da quantidade de sabão a encomendar para um dia de barrela. Interessavam-na bem mais os romances, a poesia e a História – que lhe inspiravam longos arroubos de fantasia durante os quais se limitava a olhar fixamente pela janela, deixando que a imaginação a levasse por aventuras exóticas: viajava em tapetes mágicos, velejava por oceanos desconhecidos, buscava tesouros escondidos em ilhas tropicais...

E se existiam cavalheiros apaixonantes nos seus sonhos, inspirados em contos de relatos extravagantes e nobres conquistas! Esses homens fantasiosos eram tão mais interessantes e cativantes do que os de carne e osso... falavam em prosas belíssimas, distinguíam-se em duelos de capa e espada e roubavam beijos arrebatadores às mulheres amadas. Claro que Daisy não era tão ingénua ao ponto de acreditar que esses homens existiam de facto, mas a verdade é que com todas aquelas imagens românticas na cabeça, os homens da vida real pareciam-lhe sempre terrivelmente... *entediantes* por comparação.

Erguendo o rosto para os filamentos de sol filtrados por entre as copas das árvores à sua frente, Daisy suspirou, cantarolando uma cantiguinha popular, *A Solteirona no Sótão*:

*Que venha um abastado, que venha um miserável
Que venha um lerdo, ou um arguto,
Que venha um homem qualquer!
Nem que comigo case por pena!*

Depressa chegou ao local da sua missão – um poço natural escavado no solo que ela e as outras encalhadas haviam já visitado por diversas vezes. Um poço dos desejos! Segundo a lenda local, era habitado por um espírito que concederia um desejo a quem lançasse nas águas um simples alfinete. Daisy sabia que o único perigo consistia em abeirar-se demasiado, já que o espírito diabólico poderia puxá-la para as águas lamacentas para ali a reter para sempre como sua consorte.

Nas suas visitas prévias, Daisy pedira desejos em nome das amigas – e todos eles se haviam

realizado. Agora chegara a sua vez.

Poisando delicadamente o chapéu sobre um tufo de erva, a jovem aproximou-se do buraco no chão e olhou as águas escuras. Enfiou a mão na algibeira do vestido e retirou uma mão cheia de alfinetes cuidadosamente embrulhados em papel.

– Espírito do poço – proferiu em tom solene –, uma vez que tenho sido tão azarada em encontrar o tipo de marido com que sempre sonhei, deixo agora esse desígnio nas tuas mãos. Sem pedidos ou condições. Apenas desejo... o homem certo para mim. E estou disposta a manter uma mente aberta.

Retirou os alfinetes do embrulho, primeiro aos pares, depois aos três de cada vez, lançando-os ao poço. Os filamentos de metal brilharam no ar antes de atingirem a superfície revolta das águas, para logo desaparecerem.

– Gostaria que todos os alfinetes fossem associados ao mesmo desejo – acrescentou ela ao espírito do poço.

Ficou de pé e de olhos cerrados por um longo momento, concentradíssima. Ao som das águas sobrepôs-se o pio de uma felosa-malhada caçando um inseto em pleno ar e o zumbido de uma libelinha.

De súbito, Daisy ouviu algo a estalar atrás de si, como um ramo a ser pisado. Voltou-se e avistou a silhueta de um homem avançando na sua direção. O choque de se deparar com alguém tão próximo quando cuidava estar sozinha, acelerou-lhe o bater do coração.

Era alto e moreno, como o marido da sua amiga Annabelle, ainda que mais novo, talvez não tendo sequer trinta anos.

– Perdoe-me – disse ele suavemente, ao ver a expressão no rosto dela. – Não pretendi assustá-la.

– Oh... mas não assustou – mentiu ela alegremente, a pulsação ainda acelerada. – Fiquei apenas... surpresa. O jovem aproximou-se, as mãos nas algibeiras, numa postura relaxada.

– Acabei de chegar a Stony Cross – disse. – Há coisa de duas horas. E informaram-me que estaria por aqui, a passear.

A Daisy ele pareceu-lhe familiar. E olhava para ela como se esperasse ser reconhecido. Daisy sentiu-se corar, acometida pela desconfortável sensação de se ter esquecido de alguém que lhe fora já apresentado.

– É convidado de Lord Westcliff? – perguntou, tentando desesperadamente identificá-lo.

Ele olhou-a com um esgar curioso e sorriu ligeiramente.

– Sim, Miss Bowman.

Ele sabia o nome dela! Daisy olhou-o com indisfarçável hesitação. Não fazia ideia de como lhe fora possível esquecer um homem tão atraente... De feições fortes e bem delineadas, demasiado másculo para poder ser apelidado de bonito, mas demasiado fascinante para ser vulgar. E os olhos eram do azul glorioso do céu de uma tarde de verão, ainda mais intensos em contraste com o bonito tom bronzeado da sua pele. Havia nele algo de extraordinário, uma certa vitalidade contida que quase a obrigou a dar um passo atrás, tal a intensidade.

Quando o jovem inclinou a cabeça para a olhar, Daisy reparou que o seu cabelo cor de mogno tinha um corte diferente do dos europeus. Era bem mais moldado à forma da cabeça... num estilo *americano*. E pensando bem, ele falara com sotaque americano. E aquele odor a lavado, tão fresco e tão subtil... ela quase que podia jurar tratar-se de... *Sabonete Bowman*?

De súbito Daisy percebeu quem ele era!

E os seus olhos abriram-se de perplexidade ao reconhecer o rosto de Matthew Swift.

Capítulo 2

Daisy percebeu que se desequilibrara ligeiramente, já que ele se precipitou para a amparar, os dedos rodeando-lhe os antebraços.

– Mr. Swift... – balbuciou ela, recuando instintivamente num mecanismo de defesa.

– Ainda cai nesse poço... venha daí.

Agarrou-a suave mas firmemente e levou-a para uma distância cautelosa do poço.

Aborrecida por se ver conduzida como uma ovelha tresmalhada, Daisy sentiu o corpo a ficar tenso. *Há coisas que nunca mudam*, deu por si a pensar. Matthew Swift revelava-se controlador e prepotente como sempre.

Não conseguia deixar de olhar para ele. Deus todo-poderoso, em toda a sua vida, jamais assistira a uma tamanha transformação! O antigo *saco de ossos*, como Lillian o descrevera, transformara-se num belíssimo homem, irradiando saúde e vigor – e com visíveis sinais exteriores de sucesso e prosperidade. Mostrava-se elegantemente vestido, num estilo moderno e folgado, ainda que deixando adivinhar um corpo poderoso e musculado debaixo da roupa.

As diferenças nele ultrapassavam o meramente físico. Exalava uma certa aura de maturidade, aliada a uma atitude de inabalável autoconfiança – a postura de um homem que tinha perfeita noção de si próprio e das suas capacidades. Daisy lembrava-se da época em que ele começara a trabalhar com o seu pai. Surgira-lhe como um oportunista, esquelético, macilento e de olhar frio, dentro de um fato caro que lhe assentava mal e com os sapatos esgaçados.

«Para teu conhecimento, isso é muito comum nas boas famílias de Boston», dissera-lhe o pai em tom indulgente, quando os ditos sapatos haviam sido alvo de comentários jocosos entre a família. «Conseguem que um casaco ou um par de sapatos durem para sempre. A economia para eles é uma religião, por maior que seja a fortuna da família.»

Daisy libertou-se das garras de Swift o mais discretamente que conseguiu, esforçando por se recompor.

– Está... bastante diferente – balbuciou, sentindo-se corar.

– Pois a menina não – retorquiu ele.

À jovem afigurou-se-lhe impossível entender se o comentário lograva criticá-la ou elogiá-la.

– Que veio fazer a este poço?

– Eu... pensei em...

Daisy procurou, em vão, uma justificação minimamente sensata, mas nenhuma lhe ocorreu, pelo que admitiu:

– É um poço de desejos e...

Swift olhava-a com expressão solene mas com um leve brilho suspeito nos olhos azuis, como se estivesse secretamente divertido.

– E pelos vistos leva isto muito a sério, presumo?

– Toda a gente das redondezas o visita – respondeu Daisy com uma certa aspereza no tom de voz.

– É um poço de desejos *lendário*.

Ele fixava-a daquele jeito enervante que ela sempre detestara, como que a querer absorver tudo e sem descurar o mínimo pormenor. Daisy sentiu-se a enrubescer sob aquele intenso escrutínio.

– E o que foi que desejou?

– Isso é... privado.

– Conhecendo-a como conheço – declarou ele em tom de gozo –, isso pode abarcar positivamente *tudo*.

– O senhor não me conhece – abespinhou-se ela.

A ideia de o seu pai pretender casá-la com um homem que era literalmente o seu *oposto*... era de loucos! O casamento seria um negócio puro, uma mera transação de capitais e obrigações. De desapontamento e desprezo recíprocos. E sem dúvida que ele sentia a mesma atração por ela do que ela por ele, ou seja rigorosamente *nenhuma*. Ele jamais casaria com uma rapariga como ela a não ser que estivesse de olho no negócio do pai.

– Talvez não – concedeu-lhe o jovem.

Mas aquilo soou-lhe a falso. Daisy estava certa de que ele achava que sabia perfeitamente quem ela era e *como* era. Os seus olhares encontraram-se, num misto de avaliação e desafio mútuos.

– Se, como a Daisy afirma, o poço é assim tão *lendário* e respeitado – proferiu ele por fim –, detestaria desperdiçar uma boa oportunidade.

Levou a mão à algibeira do casaco e tirou de lá uma moeda de prata de tamanho considerável. Daisy deu por si a pensar que já não via dinheiro americano há uma eternidade.

– É suposto lançar-se um alfinete – informou-o ela.

– Acontece que não trago nenhum comigo.

– Isso é uma moeda de cinco dólares! – exclamou ela, incrédula. – Não me vai dizer que pretende deitá-la no poço?

– Encaremos a coisa como um investimento. E é da mais vulgar sensatez que a Daisy me informe rigorosamente quanto aos procedimentos, uma vez que se trata de uma quantia a ter em conta.

– Está a zombar de mim!

– De todo. Nunca falei tão a sério na vida. E visto que nunca fiz algo do género, os seus conselhos seriam muito bem-vindos.

Ficou a aguardar a resposta dela, e quando se tornou evidente que não a obteria, um ligeiro sorriso espreitou pelo canto dos lábios.

– Muito bem. Por via das dúvidas, vou lançá-la...

Daisy amaldiçoou-se mentalmente. Ainda que fosse mais do que óbvio que ele estava a trocar dela, a verdade é que não conseguiu resistir. Um desejo não era algo que devesse ser desperdiçado, ainda mais tratando-se de um *desejo de cinco dólares*! Caramba!

Aproximou-se do poço e disse secamente:

– Primeiro, segure a moeda na palma da mão até a sentir ficar quente.

Swift deu um passo em frente, colocando-se a seu lado.

– E em seguida?

– Feche os olhos e concentre-se naquilo que deseja acima de todas as coisas. – Deixou que uma nota de sarcasmo lhe pautasse o discurso: – Tem de ser algo de pessoal, é bom de ver. Não estamos a falar de *fusões* ou *investimentos*.

– Eu penso noutras coisas além de negócios.

Daisy lançou-lhe um olhar cético e ele espantou-a com um breve sorriso.

Alguma vez o tinha visto sorrir? Que se recordasse, não. Bom, talvez uma ou outra vez, mas a recordação de um tal momento era muito vaga. O que geralmente lhe via era uma expressão tão sombria que apenas lhe transmitia a ideia de uma quase total incapacidade de esboçar um sorriso. Mas este sorriso pareceu-lhe... genuíno. O que a deixava desarmada e – oh, meu Deus! – *tentada*. Levando-a a perguntar-se que tipo de homem exatamente estaria por trás daquela fachada sóbria.

Daisy sentiu um alívio profundo quando lhe viu o sorriso desaparecer, para dar lugar à sua habitual expressão empedernida.

– Feche os olhos – recordou-lhe. – Exclua rigorosamente tudo da sua mente, à exceção do desejo.

Assim que lhe viu as pestanas espessas cerrarem-se, Daisy aproveitou o ensejo para observar mais atentamente aquela figura, sem que ele se apercebesse. Não era um rosto que um *rapaz* ostentasse confortavelmente... feições demasiado ossudas, nariz excessivamente longo, maxilas demasiadamente obstinadas.

Mas o rosto de Swift havia decididamente *maturado* e da melhor maneira. Os ângulos austeros do seu rosto surgiam-lhe agora suavizados por uma fascinante profusão de pestanas pretas e uma boca larga que transbordava de sensualidade.

– E agora? – murmurou ele, ainda de olhos fechados.

Olhando para ele, Daisy horrorizou-se com o súbito impulso de que fora acometida... de se aproximar ainda mais dele e de lhe explorar a pele bronzeada das faces com a ponta dos dedos.

– Assim que obtiver na sua mente uma imagem nítida e fixa – conseguiu dizer, sabe Deus como –,

abra os olhos e lance a moeda ao poço.

Sem sequer abrir os olhos, Swift lançou a moeda que caiu bem no centro do poço.

Daisy apercebeu-se de que o seu coração lhe batia no mesmo ritmo descompassado do que quando lera as passagens mais escabrosas de *The Plight of Penelope*, quando a donzela se viu capturada por um vilão diabólico que a trancara numa torre até lhe ver rendida a sua virtude.

Quando o lera, Daisy considerara o romance algo tonto, mas isso não obstou a que não se tivesse empolgado com a leitura. E ficara perversamente desapontada quando Penelope fora salva da iminente desgraça por Reginald, um herói loiro e insípido – bem menos interessante do que o próprio vilão.

Claro que a ideia de se ver trancada numa torre *sem um único livro* parecera-lhe bastante angustiante. Mas os monólogos ameaçadores do vilão abordando a beleza e pureza da jovem Penelope – sobretudo o seu desejo por ela e a devassidão a que estava prestes a forçá-la – haviam deixado Daisy deveras impressionada.

Era um verdadeiro azar que Matthew Swift surgisse agora aos olhos da jovem exatamente como o belo vilão das suas fantasias...

– O que foi que desejou? – perguntou-lhe.

Ele esboçou um sorrisinho maroto ao responder-lhe:

– Isso... é privado.

Daisy franziu a testa ao reconhecer o eco da sua própria resposta anterior. Ao ver o seu chapéu sobre a erva baixou-se para lhe pegar. Precisava de se libertar rapidamente da presença enervante daquele homem.

– Está na hora de regressar à mansão – disse-lhe por cima do ombro. – Passe um bom dia, Mr. Swift, e desfrute do resto do seu passeio.

Para seu enorme pasmo, Daisy viu-o dar duas passadas largas e chegar ao lado dela.

– Eu acompanho-a.

A jovem recusou-se a olhar para ele.

– Preferia que não.

– E por que não? Se vamos para o mesmo sítio...

– Porque... prefiro caminhar em silêncio.

– Não me ouvirá um pio – disse sem abrandar o ritmo.

Ao pressenti-lo tão determinado em acompanhá-la, Daisy cerrou os lábios e prosseguiu o seu caminho. O cenário – o prado, a floresta – mantinha-se tão belo quanto antes, mas o seu prazer de o desfrutar tinha-se esfumado.

Não a surpreendeu que Swift lhe ignorasse as objeções. Sem dúvida que encarava o casamento entre ambos da mesma forma. Não havia que considerar o que *ela* pensava ou desejava. A vontade *dele* era soberana e certamente que insistiria em fazê-la valer.

Devia pensar que ela era tão dócil e maleável quanto uma criança... E na sua profunda

arrogância, quem sabe até estivesse crente de que ela lhe estaria *grata* por condescender em desposá-la. Será que se preocuparia sequer em fazer-lhe o pedido? O mais certo era que lhe atirasse o anel para o colo e a mandasse colocar no dedo...

À medida que o soturno passeio prosseguia, Daisy teve de se controlar para não desatar a correr. As pernas de Swift eram bem mais longas do que as suas, o que resultava que um passo dele correspondesse a dois dos dela. A jovem sentiu formar-se-lhe na garganta um nó de raiva e ressentimento.

Deu por si a pensar que aquele passeio era curiosamente simbólico do seu futuro. Limitava-se a caminhar penosamente com a perfeita noção de que por mais rápida que fosse, por mais longe que chegasse, jamais conseguiria distanciar-se daquele homem.

Finalmente deixou de conseguir suportar a tensão daquele silêncio:

– Foi o senhor que meteu a ideia na cabeça do meu pai, não é verdade? – explodiu ela.

– A que ideia se refere?

– Ora, não seja condescendente comigo – disse ela, irritadíssima. – Sabe perfeitamente a que me refiro.

– Não, não sei.

Pelos vistos, ele queria mesmo fazer joguinhos.

– O acordo que o senhor fez com meu Pai – declarou ela. – É óbvio que tenciona casar comigo para poder vir a herdar a empresa.

Swift estacou com uma tal brusquidão que, noutras circunstâncias, teria arrancado uma gargalhada a Daisy. Parecia que tinha embatido de frente contra uma parede invisível. Daisy parou também, cruzando os braços sobre o peito e voltando-se para o encarar.

A expressão dele era de um vazio total.

– Eu... – A voz saiu-lhe tão rouca que teve de pigarrear antes de prosseguir: – ... não faço a mais pequena ideia de que raio está a falar!

– Não?... – indagou ela em tom confuso.

Então enganara-se! O pai nem sequer havia ainda apresentado o seu plano maquiavélico a Swift.

Se se pudesse morrer de vergonha, Daisy teria sucumbido ali mesmo e naquele instante. Estava agora totalmente exposta àquele que bem poderia ser o mais humilhante revés da sua vida; a Swift bastaria afirmar que jamais lhe passaria pela cabeça casar com uma *encalhada*. O rumorejo das folhas e o gorjear das felosas pareceram amplificar-se no pesado silêncio que se instalou. Ainda que lhe fosse impossível ler os pensamentos de Swift, Daisy apercebeu-se de que ele se esforçava por ordenar rapidamente todas as possibilidades e conclusões.

– Meu Pai falou como se tudo estivesse já acordado – murmurou a jovem. – Cuidei que houvessem debatido o assunto aquando da última visita dele a Nova Iorque.

– Ele nunca referiu o que quer que fosse acerca desse tema. A ideia de a desposar jamais me passou pela cabeça. E não tenho qualquer ambição de vir a herdar o império da sua família.

– Ora, o senhor *é* a ambição em pessoa!

– É verdade – disse ele, observando-a atentamente. – Mas não preciso de casar consigo para ver assegurado o meu futuro.

– Meu Pai parece acreditar que o senhor daria tudo para vir a ser seu genro. Que nutre por ele uma profunda estima e consideração...

– Aprendi muito com ele – foi a previsível resposta defensiva por parte dele.

– Estou certa de que sim – disse Daisy, refugiando-se atrás de uma expressão desdenhosa. – Ter-lhe-á ensinado muitas e úteis lições que o beneficiaram no mundo dos negócios. Mas certamente nenhuma que o beneficie na sua vida pessoal.

– Sinto que desaprova o mundo dos negócios do senhor seu Pai – afirmou Swift.

– Sim, pela forma como lhe tem dedicado alma e coração, menosprezando os seres que o amam.

– Mas esse mundo que desdenha tem vindo a providenciar-lhe muitos luxos – observou ele. – Entre os quais, a oportunidade de poder vir a desposar um titular britânico...

– Jamais lhe exigi luxo algum! Nunca desejei outra coisa a não ser uma vida tranquila.

– Sentada *sozinha* numa biblioteca devorando livros? – sugeriu Swift num tom algo jocoso. – Passear pelos jardins? Desfrutar da companhia das suas amigas?

– Sim!

– Os livros são dispendiosos. Bem como os belos casarões com jardins. Acaso já lhe ocorreu que alguém tem de pagar essa sua... *vida tranquila*?

Aquela pergunta estava de tal forma dentro dos moldes da acusação de parasita que o pai lhe fizera, que Daisy estremeceu de indignação.

Ao ver a sua reação, a expressão de Swift alterou-se. Abriu a boca para acrescentar qualquer coisa, mas Daisy interrompeu-o com aspereza:

– Cuido não ser da sua conta a forma como levo a minha vida ou quem ma proporciona. As suas opiniões não me interessam e não lhe reconheço o direito de mas impingir.

– Pois eu cuido que tenho esse direito, já que as nossas vidas estão fatalmente ligadas.

– Mas não estão!

– Falo num sentido meramente hipotético.

Oh! Daisy odiava as pessoas que arrastavam para a semântica cada ponto de uma discussão.

– O nosso casamento jamais será outra coisa que não hipotético – disse-lhe. – Meu Pai deu-me até ao final de maio para eu arranjar um noivo – e esteja certo de que o farei.

Swift olhou-a com súbita curiosidade.

– Posso facilmente adivinhar o tipo de homem que a Daisy procurará... Loiro, aristocrático, sensível, de temperamento animado e com bastante tempo disponível para lhe dedicar atenção e galanteios.

– Sim – interrompeu-o Daisy, perguntando-se como teria ele conseguido fazer parecer idiota aquela descrição.

– Bem me pareceu – disse ele, num tom enervantemente petulante. – A única razão pela qual uma moça tão bonita quanto a Daisy conseguiu passar três temporadas sem ficar noiva é por ter padrões demasiado elevados. Não se contenta com menos do que o homem perfeito. O que justifica plenamente a pressão por parte de seu Pai.

A jovem deixou-se distrair momentaneamente pelas palavras «uma moça tão bonita quanto a Daisy», como se ela fosse de uma extrema beldade. Concluindo que o comentário só podia ser sarcástico, sentiu-se ferver de raiva.

– Não aspiro a casar com o homem perfeito – declarou de dentes cerrados.

Ao contrário da irmã mais velha, que praguejava com admirável fluência, Daisy tinha extrema dificuldade em falar quando estava irritada.

– Estou plenamente consciente de que isso não existe – acrescentou.

– Então por que razão ainda não encontrou alguém, quando até a sua irmã conseguiu caçar um marido?

– Como assim, «até a minha irmã»?

– «Se a Lillian pedires a mão, ganharás um milhão.»

A frase, tão célebre quanto insultuosa, causara já sucessivos coros de gargalhadas entre os mais altos círculos da sociedade de Manhattan.

– Porque crê que nenhum jovem casadoiro de Nova Iorque se declarou à sua irmã, não obstante o generoso dote que sem dúvida a acompanhava? Ela é o pior pesadelo de qualquer homem!

Para Daisy aquilo foi a gota de água!

– A minha irmã é uma *joia* e Westcliff teve o bom gosto de o reconhecer. Podia ter casado com quem desejasse, mas foi ela quem ele quis. Desafio-o a repetir essa sua infeliz opinião na presença do próprio conde!

Daisy rodou sobre os calcanhares e avançou em passos largos em direção à mansão, o mais rapidamente que as suas pernas curtas o permitiam. Swift apanhou-a em duas simples passadas, as mãos enfiadas algures nas profundezas das algibeiras.

– Finais de maio... – murmurou, sem deixar que a passada acelerada lhe perturbasse minimamente o fôlego. – Isso equivale a pouco menos de dois meses. Como cuida conseguir desencantar o noivo ideal em tão pouco tempo?

– Planto-me na esquina de uma rua empunhando um cartaz, se preciso for.

– Pois desejo-lhe sinceramente o maior sucesso, Miss Bowman. Seja como for, não sei se alguma vez me sentirei disposto a assumir-me como um vencedor *por defeito*...

– Descanse que jamais o será, Mr. Swift. Afianço-lhe que nada neste mundo me poderá levar a concordar em desposá-lo. Mais lhe digo: lamento profundamente pela pobre mulher que virá a ter essa sina – não consigo pensar em ninguém que mereça ter como marido um homem tão cretino e petulante quanto o senhor.

– Espere...

O tom dele suavizou-se no que pareceu ser uma subtil tentativa de reconciliação.

– Daisy...

– Não profira o meu nome!

– Tem toda a razão. Não foi decente, peço-lhe as minhas mais humildes desculpas. O que queria dizer-lhe, Miss Bowman, é que não há razões para tanta hostilidade. Estamos perante um assunto delicado e que poderá acarretar sérias consequências para ambos. Mas cuido que saberemos agir civilizadamente de modo a chegarmos a uma solução aceitável.

– Pois eu vejo apenas uma solução – disse Daisy secamente –, que é o senhor informar meu Pai que se recusa *categoricamente e em quaisquer circunstâncias* a casar comigo. Prometa-me isso e eu afianço-lhe que serei civilizadíssima com a sua pessoa.

Swift deteve-se a meio do trilho de terra batida, forçando a jovem a parar também. Ao voltar-se para o encarar, ela ergueu as sobrancelhas numa atitude expectante. Certamente que lhe seria uma promessa extremamente fácil de fazer, à luz dos seus comentários recentes. Mas a verdade é que ele a olhava com expressão insondável, mantendo as mãos nas algibeiras, o corpo tenso e estático. Parecia que estava a *ouvir* alguma coisa..

Ele pareceu perscrutá-la, numa observação mais ampla e atenta, e Daisy viu-lhe um brilho estranho no olhar, como o de um tigre na expectativa perante a sua presa. Ela olhou-o, também fixamente, tentando desesperadamente discernir-lhe as maquinações da mente e tentando decifrar uns laivos de divertimento e do que lhe pareceu... *desejo*. Mas... desejo por quê? Não por ela, certamente.

– Não – murmurou ele baixinho, quase para si próprio.

Daisy abanou a cabeça de espanto. Sentiu os lábios secos e teve de os humedecer com a ponta da língua antes de conseguir falar. Enervou-a sobremaneira verificar que o olhar dele lhe seguia os mais ínfimos movimentos.

– Esse *não*... Refere-se a «não, não me caso consigo»? – indagou.

– Este *não*... – ripostou ele calmamente – significa *não prometo que não caso consigo*.

E com estas palavras, afastou-se dela e prosseguiu o caminho até à mansão, deixando-a atordoada e boquiaberta.

– A intenção dele é torturar-te – disse Lillian, indignada perante o relato da irmã, mais tarde nesse dia. Estavam instaladas na salinha privada lá de cima, juntamente com as suas tão amadas amigas, Annabelle Hunt e Evie, Lady St. Vincent. Haviām-se conhecido há cerca de dois anos e travado desde logo uma profunda amizade que as levava a formar um quarteto de solteiras que, por variadas razões, não tinha conseguido arranjar um bom partido casadoiro.

Na sociedade vitoriana reinava a crença popular e secular de que as mulheres – com os seus temperamentos voláteis e cérebros inferiores – jamais poderiam partilhar do mesmo tipo de amizade sólida e de qualidade típica dos homens. Só os homens sabiam ser leais uns para com os outros, só

entre eles se construíam amizades nobres, sinceras e altruístas.

Daisy considerava tal ideia uma perfeita tolice. Ela e as outras encalhadas... *outrora encalhadas* melhor dizendo, partilhavam uma relação de profunda solidariedade e absoluta confiança. Ajudavam-se e encorajavam-se entre si, sem o menor laivo de competição ou inveja. Daisy adorava Evie e Annabelle quase tanto como adorava a própria irmã. Facilmente as imaginava às quatro dali a muitos anos, tagarelando sobre as proezas dos netos à mesa do chá, viajando juntas – como uma horda ferina e mordaz de velhotas grisalhas.

– Não acredito por um segundo que seja que Mr. Swift não soubesse de nada – prosseguiu Lillian. – É um vil mentiroso e está *obviamente* de conluio com o Papá. É claro que tenciona herdar a empresa!

Lillian e Evie estavam sentadas junto à janela, em cadeiras altas estofadas a brocado, enquanto Daisy e Annabelle tinham optado por se sentarem no chão, no meio das suas farfalhudas e coloridas saias. Um bebé rechonchudo e com uma massa de caracóis escuros ia gatinhando por entre elas, parando ocasionalmente para se dedicar à concentradíssima tarefa de tentar apanhar do tapete, entre os dedinhos minúsculos, qualquer coisa de invisível.

A criança, Isabelle, nascera há pouco mais de dez meses, fruto da união de Annabelle e Simon Hunt – e certamente que não existia neste mundo outra tão mimada por literalmente *toda a gente*, sobretudo pelo próprio pai.

Contra todas as expectativas, o robusto e varonil Mr. Hunt não se mostrara minimamente decepcionado perante a notícia de que o seu primogénito era, afinal, *primogénita*. Venerava a menina, não se coibindo de lhe pegar ao colo em público, acarinhando-a como raramente um pai se atreveria. Hunt chegara mesmo a instruir Annabelle para que de futuro gerasse mais filhas, alegando que sempre fora o seu maior sonho viver rodeado e amado por muitas mulheres.

E, como já seria de esperar, a bebé era excepcionalmente bonita. Aliás, seria praticamente impossível Annabelle gerar uma criança que não fosse no mínimo *espetacular*.

Pegando no corpinho robusto e sinuoso de Isabelle, Daisy aninhou-a junto ao pescoço macio, antes de a largar de novo no tapete.

– Deviam tê-lo ouvido – disse Daisy em tom exasperado. – De uma arrogância inacreditável! Acreditam que ele cuida ser *minha* culpa o facto de eu permanecer solteira? Alegou que os meus padrões eram demasiado elevados. E ainda me deu um sermão sobre o preço dos livros e alegou que alguém teria de acartar com os encargos da minha vida de luxo!

– Ele não se atreveu! – exclamou Lillian, corando subitamente de raiva pura.

Daisy arrependeu-se no mesmo instante de lhe ter contado. Os médicos da família haviam aconselhado que se poupasse Lillian a quaisquer transtornos e contrariedades no seu último mês de gestação. Um ano antes ela havia engravidado e, malogradamente, perdido a criança. Esse infortúnio representara um terrível revés para Lillian, já para não referir o fator surpresa, dada a sua robustez e saúde de ferro.

Ainda que o seu médico lhe tivesse garantido que ela não fora responsável pela interrupção da gravidez, Lillian afundara-se semanas a fio numa profunda tristeza e melancolia, apenas superada pelo infundável apoio de Westcliff e o carinho e conforto das suas amigas.

Agora que Lillian conseguira, finalmente, levar a segunda gravidez a bom termo, mostrava-se bem menos descontrainda e despreocupada quanto ao seu estado, temendo a possibilidade de um novo incidente. E, infelizmente, ela não era daquele tipo de mulheres que passavam gravidezes santas. Tinha manchas horríveis no rosto, vivia num constante martírio de náuseas, andava irritável e aborrecida com todas as restrições que o seu estado lhe impunha.

– Eu não posso permitir uma coisa destas! – exclamou Lillian. – Tu *não vais* casar com o Matthew Swift, e afianço-te que se o Papá tentar afastar-te de mim terá de se haver comigo!

Daisy ergueu-se do chão e colocou uma mão apaziguadora sobre o joelho da irmã. Ao ver a expressão consternada no rosto dela, esforçou-se por lhe oferecer um sorriso reconfortante.

– Vai tudo acabar bem, verás – disse-lhe. – Havemos de arranjar uma solução. Como sempre.

As duas irmãs toda a vida haviam sido muito unidas. Ambas carentes de afeto por parte dos pais, tinham-se tornado, desde sempre e naturalmente, a única fonte mútua de amor e carinho.

Evie, a menos faladora das quatro amigas, sofria de uma leve gaguez que lhe surgia sempre que se enervava ou emocionava demasiado. Dois anos antes, quando se conheceram, a gaguez de Evie era tão grave que tornava qualquer tentativa de diálogo num verdadeiro e frustrante suplício. Mas assim que se conseguiu ver livre das garras da família que tanto a maltratava, e acabando por casar com Lord St. Vincent, a jovem e encantadora ruivinha ganhara toda uma nova e feliz autoconfiança.

– Se-será possível que Mr. Swift aceite des-desposar alguém que não seja da sua pró-própria escolha? – murmurou ela, incrédula. – Se o que dizem dele se confirma, que já tem uma situação financeira estável, não vejo ra-razão para se casar com a Daisy.

– Não é apenas o dinheiro que aqui está em jogo – retorquiu Lillian, ajeitando-se na cadeira para uma posição mais confortável e poisando as mãos sobre o ventre protuberante. – O Papá fez do Swift o seu *filho de substituição*, já que nenhum dos nossos irmãos é o filho que ele sempre almejou.

– «Que ele sempre almejou»? Como assim? – estranhou Annabelle, baixando-se para beijar os dedinhos da bebé e arrancando-lhe uma gargalhadinha de prazer.

– Devotado ao negócio da família – esclareceu-a Lillian. – Eficiente, desalmado e inescrupuloso. Alguém que põe os negócios acima de tudo o resto. E eles partilham dessa mesma linguagem, o Pai e Mr. Swift. O nosso irmão Ranson sempre se esforçou por conquistar um lugar ao sol dentro da empresa, mas o Pai insistia em compará-lo a Mr. Swift, criticando-o e rebaixando-o sem contemplações.

– E Mr. Swift acabava sempre por levar a dele avante – acrescentou Daisy tristemente. – Pobre Ranson...

– Quantos aos nossos outros dois irmãos, nem sequer se esforçam por tentar – disse Lillian.

– Mas... e que diz di-disso tudo o próprio pai de Mr. Swift? – quis saber Evie. – Não tem ob-

objeções a que o filho se te-tenha tornado... o filho de outro homem, no fundo?

– Pois... essa é precisamente a parte mais curiosa de toda esta história – retorquiu Daisy. – Mr. Swift provém de uma conceituada família da Nova Inglaterra. Instalaram-se em Plymouth, e alguns deles acabaram por se mudar para Boston em inícios de 1700. Os Swift são conhecidos pela sua distinta ancestralidade, mas foram raros os que conseguiram preservar a fortuna. Como o Pai faz questão de dizer, «a primeira geração constrói fortuna, a segunda esbanja-a e à terceira resta-lhe nada mais do que o nome.» Mas é bom de ver que, quando se trata de uma *boa família de Boston*, o processo necessita de *dez* gerações em vez de três – são tão exasperantemente *lentos* em tudo o que fazem...

– Estás a divagar, querida – interrompeu-a Lillian. – Centra-te no que realmente importa.

– Peço desculpa – disse Daisy, esboçando um sorriso antes de concluir. – Bom, a verdade é que suspeitamos que exista um qualquer tipo de conflito entre Mr. Swift e os seus familiares, uma vez que ele nunca os menciona. E também raramente viaja até Massachusetts para os visitar. Por isso, ainda que o seu pai efetivamente se oponha a que ele venha a fazer parte integrante de um outro seio familiar, jamais o saberemos.

As quatro jovens mantiveram-se caladas por uns segundos, parecendo considerar a situação. Foi Evie quem quebrou o silêncio:

– Haveremos de arranjar alguém digno da Daisy. E agora que nos é da-dado o ensejo de podermos vislumbrar *além* da nobreza, tudo será mais fá-fácil... Estou certa de que existem muitos cavalheiros de-decentes e de boas famílias que, por uma ou outra razão, não detêm quaisquer títulos nobiliárquicos.

– Claro! E Mr. Hunt convive com toda uma variedade de homens solteiros – observou Annabelle. – Estou certa de que lhe poderá apresentar muitos deles, minha amiga.

– E creia-me muito agradecida – disse Daisy. – Mas... não me agrada a ideia de casar com um homem de negócios. Sei que jamais seria feliz ao lado de um industrialista sem alma. – Fez uma pausa para acrescentar em tom contrito. – Sem ofensa para Mr. Hunt, claro está.

Annabelle soltou uma risada bem-disposta:

– Eu não classificaria todos os homens de negócios como *industrialistas sem alma*. Mr. Hunt sabe ser extremamente sensível e emocional numa série de situações.

As outras olharam-na, visivelmente descrentes. A bem dizer, nenhuma delas conseguia imaginar o corpulento e poderoso marido de Annabelle a revelar-se *sensível*, fosse em que situação fosse. Simon Hunt era inteligente e encantador, mas parecia tão impermeável à emoção quanto um elefante ao zumbir de um mosquito.

– Se a menina o diz... – disse Lillian. – Mas voltando ao cerne da questão. Evie, que tal perguntar a Lord St. Vincent se ele por acaso conhece um cavalheiro adequado à Daisy? Agora que alárgamos a nossa definição de *adequado*, ele saberá sem dúvida desencantar um espécime decente. É sobejamente sabido que ele possui informação detalhada sobre todo e qualquer homem em Inglaterra que tenha

duas moedas para esfregar uma na outra...

– Claro que sim – disse Evie, decidida. – Estou certa de que havemos de conseguir selecionar uma série de candidatos dignos da nossa boa amiga.

Enquanto dono do *Jenner's* – o seletor clube de jogo que o pai de Evie fundara há muitos anos – Lord St. Vincent havia conseguido muito rapidamente elevar o sucesso do negócio a um nível nunca antes alcançado. Sebastian geria fabulosamente o clube, mantendo meticulosamente atualizados os ficheiros de todos os sócios – incluindo os detalhes da vida privada e situação financeira de todos eles.

– Obrigada, minhas queridas – disse Daisy, plena de sinceridade. – O que me leva a outra curiosidade... conseguiria Lord St. Vincent descobrir algo mais acerca do misterioso passado de Mr. Rohan? Quem sabe ele não será um Lorde irlandês perdido no tempo, ou algo desse jaez...?

Um breve silêncio instalou-se na salinha, qual neviscar de minúsculos flocos. Daisy desde logo se apercebeu da subtil troca de olhares cúmplices entre a irmã e as amigas, o que a deixou subitamente irritada – e ainda mais irritada consigo mesma por ter deixado escapar o nome do homem que ajudava a gerir o clube de jogo.

Rohan era um jovem de etnia cigana por parte da mãe, com cabelo negro e uns astutos e belíssimos olhos cor de avelã. Ele e Daisy haviam-se cruzado uma vez apenas, quando Rohan lhe roubara um beijo. *Três* beijos mais precisamente, o que representara a experiência mais erótica da vida da jovem. E também a *única*.

Rohan beijara-a como a uma mulher madura, e não como a irmã mais nova de alguém, numa sugestão de tal modo carregada de sensualidade que conseguira despertar em Daisy todas as emoções proibidas a que os beijos geralmente conduzem. E ela devia tê-lo esbofeteado, claro, mas em vez disso... dera por ela a sonhar um milhar de vezes com aqueles beijos.

– Não se me afigura provável, minha querida – disse Evie num tom muito suave, levando Daisy a sorrir vivamente, como se ela tivesse dito uma chalaça.

– É claro que não! Mas vocês sabem como é a minha imaginação... insiste em mergulhar a fundo no mais insignificante mistério.

– Daisy... devemos cingir esta questão ao que é realmente importante – disse Lillian severamente. – Sem histórias ou fantasias. E sobretudo sem referências a Rohan. Serve apenas para nos distrair.

Daisy sentiu-se de imediato tentada a lançar a Lillian um comentário ferino, como sempre fazia quando ela se tornava mandona. Contudo, ao fixar-se nos olhos castanhos da irmã – do mesmíssimo tom chocolate-de-leite dos seus – viu neles um subtilíssimo acesso de pânico e sentiu-se acometida por um rasgo de amor protetor.

– Tens razão – disse, forçando um sorriso. – Não têm com que se preocupar, minhas queridas. Tenciono fazer tudo ao meu alcance para ficar aqui convosco. Inclusivamente casar com um homem que não amo.

Um novo silêncio se instalou, até Evie voltar a quebrá-lo:

– Encontraremos um homem suscetível de ser amado, Daisy. E com fortes esperanças de que daí cresça um afeto mútuo... a seu tempo. – Um sorrisinho aflorou-lhe os lábios carnudos. – Por vezes é assim que acontece.

Capítulo 3

O acordo que o senhor fez com o meu pai...

Aquela frase de Daisy permaneceu no espírito de Matthew muito tempo depois de os dois se terem separado. Ele tencionava chamar Thomas Bowman à parte na primeira oportunidade e perguntar-lhe que diabo se estava a passar. Mas na azáfama da chegada dos convidados não seria provável que esse momento se proporcionasse antes da noite.

Matthew perguntava a si próprio se o velho Bowman teria metido na cabeça casá-lo com a filha. *Meu Deus...* Há anos que ele vinha albergando pensamentos variados acerca de Daisy Bowman, mas nenhum deles tinha a ver com *casamento*. Isso tinha estado sempre tão longe da esfera das possibilidades que nem sequer fora digno de consideração. E posto isto, Matthew jamais a havia beijado ou tinha dançado com ela, ou sequer se atrevera a convidá-la para um passeio – sabendo perfeitamente que o resultado seria desastroso.

Os segredos do seu passado ensombravam o seu presente e punham em perigo o seu futuro. Matthew nunca esquecera que a identidade que criara para si próprio podia explodir em mil pedaços a qualquer momento. Bastava apenas que uma só pessoa somasse dois mais dois... alguém que o reconhecesse pelo que ele era e *quem* era realmente. E, em sua opinião, Daisy merecia um marido que fosse honesto e inteiro, não um homem que construía a sua vida sobre uma base de mentiras.

Mas nada disso impedia Matthew de a desejar. Sempre desejara Daisy com uma tal intensidade, que parecia irradiar de todos os poros da sua pele. Ela era doce, amável, inventiva, excessivamente racional mas também absurdamente romântica, com aqueles olhos escuros e brilhantes e plenos de sonhos... Tinha por vezes momentos de inépcia, quando o seu espírito se encontrava demasiado embrenhado em pensamentos para se concentrar no que estava a fazer. Chegava frequentemente atrasada à mesa do jantar porque se distraía com uma leitura. Perdia constantemente dedais e chinelos e cotos de lápis. E adorava contemplar as estrelas. A vista – que jamais conseguira esquecer – de Daisy apoiada pensativamente na balaustrada de um terraço, uma noite, com o seu perfil erguido para o céu estrelado, enchera Matthew do mais encapelado desejo de se aproximar dela e a beijar

loucamente.

Com efeito, o jovem imaginara já tê-la na cama mais vezes do que seria correto. Se jamais uma coisa dessas pudesse ocorrer, ele teria sido tão meigo... tê-la-ia *idolatrado*. Faria *tudo*, fosse o que fosse, para lhe agradar. Sonhava com a intimidade do cabelo dela nas suas mãos, a doce protuberância dos ilíacos dela sob as suas palmas, a macieza dos ombros dela contra os seus lábios. O doce peso do sono dela entre os seus braços. Queria tudo isso e muito mais...

O que espantava Matthew era que ninguém se tivesse apercebido da intensidade dos seus sentimentos. Daisy bem que poderia tê-la visto, de cada vez que olhara para ele. Mas, felizmente para Matthew, isso nunca acontecera. Ela sempre o considerara mais uma roda dentada na engrenagem da máquina do seu pai – e Matthew sentia-se grato por isso.

Mas alguma coisa mudara. Obcecava-o o modo como Daisy o olhara naquele dia, a curiosidade sobressaltada na expressão dela. Seria agora a sua aparência tão diferente da de antes?

Absorto, Matthew enfiou as mãos nas algibeiras e entrou em Stony Cross Manor. Nunca dera atenção à sua aparência mais do que simplesmente para se assegurar de que tinha o rosto lavado e o cabelo penteado. A educação severa de New England tinha extinguido nele qualquer sinal de vaidade, pois a gente de Boston desprezava a afetação e fazia todo o possível para evitar novidades e modernismos.

Contudo, nos últimos anos, Thomas Bowman insistira em que Matthew se vestisse no seu alfaiate de Park Avenue, fosse a um cabeleireiro ao invés de um barbeiro, e arranjasse as unhas de quando em vez – condizendo com um cavalheiro da sua posição. Também por insistência de Bowman, Matthew contratara uma governanta e uma cozinheira, levando a que ultimamente se alimentasse bastante melhor. Tudo isso, juntamente com o facto de ter perdido os últimos vestígios da vida de rapaz, dera-lhe toda uma nova aura de maturidade. Chegou a perguntar-se se isso agradaria a Daisy – e logo se amaldiçoou por aquele pensamento.

Mas aquele modo de ela o olhar há pouco... como se estivesse a *vê-lo*, a reparar efetivamente nele pela primeira vez...

Nunca ela lhe lançara um tal olhar nas diversas ocasiões em que ele visitara a casa da família, na Quinta Avenida. O seu espírito recuou até à primeira vez em que conhecera Daisy Bowman, num jantar em que apenas estava presente a família.

A sala de jantar luxuosamente mobilada brilhava à luz de um majestoso candelabro de cristal, as paredes eram forradas de um espesso papel dourado entre frisos dourados. Toda uma parede era revestida com uma sucessão de quatro espelhos imponentes, maiores do que ele jamais havia visto.

Dois dos filhos estavam presentes, ambos robustos rapazes, pesando facilmente o dobro de Matthew. Mercedes e Thomas sentavam-se cada um à sua cabeceira. As duas filhas, Lillian e Daisy, sentadas do mesmo lado da mesa, empurravam sub-repticiamente pratos e cadeiras para se aproximarem mais uma da outra.

Thomas Bowman adotara uma relação vagamente litigiosa para com ambas as filhas,

alternadamente ignorando-as ou sujeitando-as a severas críticas. Lillian, a mais velha, respondia ao pai com uma enfadada impudência. Mas Daisy, com quinze anos, respondia ao pai de um modo especulativo e bem-disposto que parecia irritá-lo mais do que ele podia suportar. Matthew teve de disfarçar por várias vezes a sua vontade de sorrir. Com a sua pele luminosa, os olhos de uma exótica cor de canela e expressões de uma perspicácia penetrante, Daisy Bowman parecia saída de uma floresta encantada, povoada de criaturas míticas.

Imediatamente Matthew se apercebeu de que qualquer conversa em que Daisy tomasse parte estava destinada a enveredar pelas mais inesperadas e encantadoras direções. Teve de disfarçar o seu divertimento quando Thomas Bowman censurou Daisy, em frente a toda a gente, pela sua última travessura. Ao que parecia, o lar dos Bowman havia sido infestado de ratos porque todas as ratoeiras colocadas tinham falhado.

Uma das criadas acusara *Miss Daisy* de andar de noite pela casa, deliberadamente desarmando todas as ratoeiras para impedir a morte das criaturazinhas.

– Isso é verdade, filha? – ribombara o patriarca, olhando Daisy com ferocidade.

– Poderia ser – respondera ela. – Mas há outra explicação.

– E qual seria? – perguntou Bowman ameaçador.

E Daisy respondera, radiosa:

– Estou em crer que recebemos em nossa casa os ratos mais inteligentes de Nova Iorque!

Dali em diante Matthew jamais recusou um convite para a mansão dos Bowman, não só porque isso agradava ao velhote, mas porque lhe dava uma oportunidade para rever Daisy. Aproveitara para roubar o máximo de olhares furtivos, sabendo que era tudo o que jamais teria dela. E os momentos que passara na companhia de Daisy, apesar da sua simples e fria cortesia, tinham sido os únicos tempos da sua vida em que se sentira feliz.

Disfarçando aqueles pensamentos perturbadores, Matthew avançou para o interior da mansão. Jamais tinha estado no estrangeiro, mas aquilo era exatamente o que ele imaginara ser a Inglaterra: os jardins tão bem cuidados, ao longe as colinas verdejantes e a vila rústica no sopé da sumptuosa propriedade.

A casa e o mobiliário eram antigos, transmitindo uma confortável sensação de uso, mas parecia que em cada canto havia um jarrão precioso ou uma estátua ou um quadro que ele vira apenas em livros de história de arte. Talvez houvesse algumas correntes de ar no inverno, mas com a profusão de lareiras e espessas carpetes e reposteiros de veludo, ninguém poderia dizer que viver ali seria um sofrimento.

Quando Thomas Bowman, ou antes a sua secretária, lhe enviara uma carta informando-o de que estava requisitado para supervisionar a instalação em Inglaterra de uma sucursal da companhia de sabões americana, o impulso inicial de Matthew Swift fora recusar. Muito lhe agradaria o sentido de desafio e responsabilidade, mas viver na proximidade de Daisy Bowman – e no mesmo país – seria de mais para ele suportar. A presença dela trespassava-o como verdadeiras flechas, que apenas

prometiam um futuro eterno de desejo insatisfeito.

Mas tinham sido as últimas linhas da carta da secretária, dando notícias da família Bowman, que haviam atraído a atenção de Matthew:

Existem algumas dúvidas de que a Miss Bowman mais nova venha a ter algum sucesso a encontrar um cavalheiro adequado para seu marido. E nesse sentido, Mr. Bowman decidiu que a levará de volta para Nova Iorque caso ela não fique noiva até ao final da primavera.

Aquela mensagem colocava Matthew em pleno dilema: se Daisy regressasse a Nova Iorque, Matthew acederia a partir para Inglaterra. Apostando nos dois lados, aceitaria o lugar em Bristol e esperaria para ver se Daisy conseguia arranjar marido. Se fosse esse o caso, Matthew trataria de arranjar um substituto para o seu lugar e regressaria a Nova Iorque o mais depressa possível.

Enquanto existisse um oceano entre os dois, tudo correria bem!

Ao atravessar o átrio principal da mansão, apercebeu-se da presença de Lord Westcliff. O conde estava na companhia de um sujeito alto e de cabelo preto, que dava ares de pirata não obstante a sua indumentária elegante. Matthew calculou que se tratasse de Simon Hunt, sócio de Westcliff e, ao que constava, seu melhor amigo. Apesar do sucesso financeiro de Hunt – a todos os títulos notável – era filho de um açougueiro, sem as mais remotas ligações à aristocracia.

– Mr. Swift... – disse Westcliff sem cerimónia, quando se encontraram junto à escadaria principal. – Parece que voltou cedo do seu passeio. Espero que as vistas lhe tenham agradado.

– As vistas são magníficas, *my lord* – replicou Matthew. – E espero ter ocasião para outros passeios destes nesta soberba propriedade. Só regressei mais cedo porque me cruzei por acaso com Miss Bowman.

– Ah... – foi a resposta impassível do conde. – O que certamente constituiu uma surpresa para ela.

E não muito agradável era o subtexto tácito. O olhar de Matthew cruzou-se com o do conde sem pestanejar. Um dos seus talentos mais úteis era o de conseguir interpretar as mínimas alterações na expressão e postura dos interlocutores que lhes atraíam os pensamentos ocultos. Mas Westcliff possuía um autocontrole invulgar, o que deixava Matthew verdadeiramente impressionado.

– Cuido poder dizer que foi uma das muitas surpresas que Miss Bowman tem recebido ultimamente – respondeu Matthew, numa tentativa deliberada de descobrir se Westcliff estaria a par do casamento arranjado com Daisy.

O conde respondeu unicamente com um levantar infimo das sobrancelhas, como se considerasse aquela observação interessante, mas não merecedora de resposta.

Merda!, pensou Matthew com crescente admiração.

Westcliff dirigiu-se ao homem de cabelo preto seu lado:

– Hunt, gostaria de te apresentar Matthew Swift – o americano de que te falei. Swift, deixe que lhe apresente Mr. Simon Hunt.

Os dois homens trocaram um enérgico aperto de mãos. Hunt era cinco a dez anos mais velho do que Matthew e tinha ar de quem podia ser duro como o raio numa luta. Um homem ousado e seguro

de si que, segundo constava, adorava escarnecer das pretensões e afetações das classes mais altas.

– Já ouvi muito falar dos seus sucessos com a Consolidated Locomotive Works – disse Matthew para Hunt. – Existe em Nova Iorque um grande interesse pela sua engenhosa combinação da produção artesanal britânica com o processo de fabricação dos Estados Unidos.

Hunt sorriu com algum sarcasmo.

– Por muito que me agradasse ter todo o crédito, a modéstia obriga-me a revelar que Lord Westcliff também teve a sua parte. Ele e o cunhado são meus sócios.

– E ao que parece, numa combinação altamente bem-sucedida – replicou Matthew.

Hunt voltou-se para Westcliff:

– Este rapaz tem um enorme talento para a lisonja. Não podemos contratá-lo?

– Receio que meu sogro pudesse pôr os seus entraves; os talentos de Mr. Swift são de momento imprescindíveis para se construir uma fábrica e inaugurar uma sucursal em Bristol.

Matthew decidiu dar à conversa uma nova orientação:

– Tenho ouvido falar de um movimento recente no Parlamento a favor da nacionalização da indústria ferroviária em Inglaterra – disse ele, para Westcliff. – Gostaria muito de ouvir a sua opinião sobre o assunto, *my lord*.

– Meu Deus, não o leve por aí!... – exclamou Hunt.

O assunto fez surgir uma ruga de preocupação na testa do conde.

– A última coisa de que o público precisa é que o Governo tome as rédeas da indústria. Deus nos salve de mais alguma interferência da classe política. O governo iria ocupar-se dos transportes ferroviários tão desastrosamente como se ocupa de tudo o resto. E o monopólio iria estrangular a tendência da indústria para competir, resultando em mais impostos, para não falar...

– Para não falar – interrompeu Hunt habilmente –, no facto de nem Westcliff nem eu querermos que o Governo corte parte dos nossos futuros lucros.

Westcliff lançou-lhe um olhar severo.

– Pois eu tenho sempre em vista o melhor interesse do público.

– Mas que feliz coincidência – observou Hunt. – No caso presente, o que é melhor para o público também é melhor para ti.

Matthew reprimiu um sorriso.

Levantando os olhos ao céu, Westcliff comentou para Matthew:

– Como vê, Mr. Hunt não perde uma oportunidade para fazer troça de mim.

– Eu faço troça de toda a gente – declarou Hunt. – *Tu* é que tens o infortúnio de estar mais à mão.

Westcliff voltou-se para Matthew, dizendo:

– Hunt e eu vamos fumar um charuto para o terraço de trás. Acompanha-nos?

– Peço desculpa, mas eu não fumo.

– Nem eu – lamentou-se Westcliff. – Sempre tive o hábito de fumar um charuto de quando em vez, mas malogradamente, no seu estado, a Condessa não suporta sequer o cheiro.

Passou um momento até Matthew se lembrar de que *a Condessa* era Lillian Bowman. Que estranho que aquela divertida, caprichosa, irascível Lillian fosse agora Lady Westcliff...

– Acompanhe-nos de qualquer modo – disse-lhe Westcliff. – Podemos conversar enquanto Hunt desfruta do seu charuto.

Aquele *convite* não parecia permitir nenhuma recusa, mas não obstante Matthew ainda tentou:

– Creia-me muito grato, *my lord*, mas há um certo assunto que eu desejo discutir com uma pessoa, e eu...

– Suponho que essa pessoa seja Mr. Bowman, não é verdade?

Que raio, pensou Matthew. *Ele sabe!* Nem teriam sido precisas as palavras, era mais do que óbvio pela maneira como o conde o olhava agora. Westcliff *sabia* da intenção de Bowman de o casar com a filha mais nova... e, obviamente, o conde já teria formado a sua opinião sobre o assunto.

– Primeiro vai discutir o assunto *comigo* – continuou o conde.

Matthew lançou um olhar cauteloso a Simon Hunt, que lhe respondeu com um olhar afável e falsamente inocente.

– Estou certo de que Mr. Hunt não deseja ser entediado por uma conversa acerca dos assuntos pessoais de terceiros – disse ele.

– Pelo contrário! – disse Hunt em tom jovial. – Adoro ouvir falar dos assuntos de outras pessoas. *Especialmente* assuntos pessoais.

Dirigiram-se os três para o terraço de trás, com vista para grandes extensões de jardins cuidadosamente tratados, separados por caminhos de cascalho e sebes artisticamente esculpidas. Um pomar de pereiras seculares era visível à distância, de um verde luxuriante. A brisa trazia dos jardins o perfume denso das flores. E o som inflamado do rio que corria perto misturava-se com o sussurro do vento nas árvores.

Sentado numa mesa lá fora, Matthew tratou de relaxar na sua cadeira. Simon Hunt cortou a ponta de um charuto. Matthew permanecia calado, esperando pacientemente que Westcliff falasse primeiro.

– Há quanto tempo sabia você do intuito de Thomas Bowman o casar com Daisy? – perguntou-lhe Westcliff abruptamente.

Matthew respondeu sem hesitar:

– Há aproximadamente uma hora e quinze minutos.

– Como assim? Quer dizer que a ideia não foi sua?

– Nem por sombras – foi a resposta rápida do outro.

O conde recostou-se na cadeira, cruzando os braços e fitando-o com olhos semicerrados.

– Mas você tem bastante a ganhar com esse acordo, isso sem dúvida alguma.

– *My lord* – respondeu Matthew prosaicamente –, se me cabe algum talento na vida é o de ter sucesso financeiro. Não tenho necessidade alguma de casar por dinheiro.

– Muito me apraz ouvir isso – respondeu o conde. – Tenho mais uma pergunta a fazer-lhe, mas primeiro gostaria de tornar clara a minha posição. Tenho uma forte afeição pela minha cunhada e

considero tê-la sob minha proteção. Conhecendo como conhece os Bowman, estará certamente a par da relação íntima entre a Condessa e a irmã. Se alguma coisa pudesse tornar Daisy infeliz, a minha mulher viria a sofrer em conformidade... e isso é algo que eu jamais permitirei.

– Estamos perfeitamente entendidos quanto a isso – disse Matthew, para colocar um ponto final no assunto.

Havia uma amarga ironia no facto de ele estar a ser aconselhado a não pensar em Daisy, quando ele próprio já resolvera fazer todo o possível para evitar casar com ela. Sentiu-se fortemente tentado a mandar Westcliff para o raio que o partisse... mas não disse palavra e manteve-se aparentemente sereno.

– A Daisy tem um temperamento... especial – acrescentou Westcliff. – E uma natureza calorosa e romântica. Se for forçada a um casamento sem amor, está perdida. Ela merece um marido que a adore tal como ela é, que a proteja das realidades mais sombrias deste mundo. Um marido que a deixe sonhar.

Era no mínimo *surpreendente* ouvir tal opinião da parte de Westcliff, um homem considerado extremamente pragmático e de cérebro frio.

– Tem alguma pergunta que deseje fazer-me? – perguntou-lhe Matthew.

– Tenho: pode dar-me a sua palavra em como não casará com a minha cunhada?

Matthew não desviou os olhos da expressão gélida do conde. Não seria prudente contrariar um homem como Westcliff que não estava acostumado a ser desobedecido ou sequer contrariado. Mas Matthew aturara anos e anos das fúrias de Thomas Bowman, enfrentando-o sempre que os outros fugiam às suas iras monumentais.

E Bowman era capaz de ser provocador e tirânico, mas não havia nada que ele mais respeitasse do que alguém que lhe fizesse frente. O resultado é que Matthew depressa se tornara na empresa o portador de más notícias e o apresentador daquelas duras verdades que todos evitavam comunicar-lhe.

Fora esse o treino calejado de Matthew Swift e a razão pela qual as tentativas de domínio de Westcliff não surtiavam efeito sobre ele.

– Receio que não, *my lord* – disse Matthew polidamente.

Simon Hunt deixou cair o charuto.

– Não quer dar-me a sua palavra?! – perguntou Westcliff, incrédulo.

– Não.

Matthew curvou-se rapidamente para apanhar o charuto do chão e devolveu-o a Hunt que o olhava com uma expressão de advertência – como se estivesse, silenciosamente, a tentar evitar que ele saltasse de um penhasco.

– E porque não? – indagou o conde. – Por não querer comprometer a sua situação com Bowman?

– Não... ele não pode dar-se ao luxo de me perder neste momento. – Matthew esboçou um ligeiro sorriso para retirar alguma arrogância às suas palavras. – Sei mais acerca da produção,

administração e estado financeiro da firma do que qualquer outra pessoa. E consegui ganhar a confiança do patrão. Daí que possa afiançar que não serei dispensado, ainda que recuse casar-me com a filha.

– Nesse caso será muito fácil para si pôr um ponto final neste assunto – retorquiu o conde. – Quero a sua palavra, Swift. E quero-a *já*.

A autoridade com que Westcliff colocara a sua exigência teria intimidado qualquer um.

– Talvez pudesse considerar o seu pedido, *my lord*, se acaso me oferecesse... digamos um *incentivo* conveniente. Por exemplo, se me nomeasse responsável por toda a divisão e me garantisse essa posição durante pelo menos, digamos... três anos.

Westcliff dirigiu-lhe um olhar incrédulo.

O silêncio apenas foi interrompido pela gargalhada homérica de Simon Hunt.

– Juro por Deus que o homem os tem no sítio! – exclamou. – Atenta nas minhas palavras, Westcliff: vou contratar este homem para a Consolidated.

– Mas devo adverti-lo de que não sou barato – disse Matthew, o que fez Hunt soltar uma nova gargalhada que quase lhe fez cair de novo o charuto.

Até Westcliff se viu forçado a sorrir, ainda que relutantemente.

– Que diabo – murmurou –, não tenciono oferecer-lhe esse cargo com tanta rapidez. Não, enquanto não estiver convencido de que é o homem indicado para a posição.

– Nesse caso parece que alcançámos um impasse – comentou Matthew com um sorriso. – Por enquanto.

Os dois sócios trocaram um olhar, concordando tacitamente em discutir a situação mais tarde, só entre os dois. O que provocou em Matthew um pico de curiosidade; mas mentalmente encolheu os ombros, sabendo que não podia controlar tudo. Pelo menos fizera sentir que não podia ser intimidado e que deixava abertas as suas opções.

Além disso... não podia dar a sua palavra sobre o assunto, visto Bowman nem sequer lho ter ainda mencionado.

Capítulo 4

– Daisy é obviamente a minorca da ninhada – dizia Thomas Bowman naquela noite, passeando de um lado para ao outro na pequena ala adjacente ao seu quarto.

Ele e Matthew Swift haviam combinado encontrar-se ali após o jantar, enquanto os outros hóspedes se reuniam lá em baixo nos salões.

– «É pequenina e frívola. Dá-lhe um nome sólido e prático», disse eu à minha mulher quando a gaiata nasceu. Ainda sugeri *Jane* ou *Constance* ou algo do género, mas ela deu-lhe para escolher *Marguerite* – em *francês*, imagina! – porque era o nome de uma prima sua do lado da mãe. E a coisa degenerou ainda mais quando a Lillian, que tinha apenas quatro anos, descobriu que *Marguerite* era o nome francês do raio de uma florzinha insignificante... Daí em diante, Lillian passou a chamar-lhe *Daisy* e assim ficou.

Enquanto Bowman continuava a disparatar, Matthew só pensava em como aquele nome era perfeito... a florzinha de pétalas brancas que parecia tão delicada e no entanto era notavelmente resistente. Era significativo que, numa família de fortes personalidades, Daisy tivesse sempre permanecido fiel à sua natureza.

– ... claro que eu teria de doirar a pílula – dizia Thomas Bowman. – Conheço-te suficientemente bem para saber que a tua escolha seria outro género bem diferente de mulher, mais prática, mais útil do que uma rapariguinha estouvada como a Daisy. Proponho por isso...

– Não há necessidade alguma de doirar a pílula – interrompeu-o Matthew calmamente. – A Daisy... quero dizer, Miss Bowman é completamente... (*belíssima... desejável... fascinante*) aceitável. Casar com uma jovem como Miss Bowman seria uma bênção só por si.

– Bom... – rosnou Bowman, não muito convencido. – Essas palavras são bem próprias de um *cavalheiro*. Ainda assim, faço questão de te oferecer a devida recompensa sob a forma de um dote generoso, mais ações da companhia, etc. Ficarás sobejamente satisfeito, meu rapaz, garanto-te. Agora, quanto aos preparativos para o casamento...

– Eu ainda não disse que sim – interrompeu-o Matthew.

Bowman estacou e lançou-lhe um olhar estarrecido.

– Para começar – continuou Matthew cautelosamente –, é bem provável que Miss Bowman encontre um pretendente no espaço dos dois meses que se seguem.

– Não irá encontrar pretendente algum do teu calibre – declarou Bowman, convicto.

– Estou-lhe muito grato – retorquiu Matthew gravemente, retraindo um sorriso. – Mas não creio que Miss Bowman partilhe da sua boa opinião a meu respeito.

– Ora, ora... – respondeu o velhote com um gesto de desdém. – As raparigas variam de opinião como o tempo em Inglaterra. Consegues certamente convencê-la a gostar de ti. Oferece-lhe umas flores, lança-lhe uns galanteios... melhor ainda, cita-lhe qualquer coisa daqueles livros de poesia que ela tanto gosta de ler. Seduzir uma mulher não tem nada que saber, Swift. Tudo o que tens a fazer é...

– Mr. Bowman – interrompeu Matthew, alarmado.

Deus do céu! Tudo o que ele dispensava era uma descrição de técnicas de cortejamento narradas pelo seu patrão!

– Cuido que serei capaz de me desenvencilhar sem mais conselhos. Não é esse o problema.

– Mas então qual é... *aaahh!* – Bowman exibiu um sorriso de homem conhecedor do mundo e da vida. – Entendo...

– Entende... como? – quis saber Matthew, apreensivo.

– Entendo que o meu jovem amigo receie a minha reação, caso venha a constatar mais tarde que a minha filha não preenche todas as suas... necessidades. Mas fica descansado: enquanto agires discretamente, de mim ninguém ouvirá uma palavra.

Matthew suspirou e esfregou os olhos, sentindo-se subitamente muito cansado. Aquilo era de mais, logo após a sua chegada a Inglaterra.

– Quer dizer que estás disposto a desviar os olhos se eu... for infiel à minha mulher.

Isto foi mais uma declaração do que uma pergunta.

– Nós homens deparamo-nos constantemente com tentações. Por vezes transviamo-nos. É o mundo em que vivemos.

– Não o *meu* mundo, certamente – disse Matthew secamente. – Eu cumprio a minha palavra, tanto nos negócios como na minha vida particular. Se – ou quando – prometer ser fiel a uma mulher, cumpri-lo-ei. Aconteça o que acontecer.

O bigode de Bowman estremeceu, divertido.

– Ora, ora... ainda és suficientemente novo para te dares ao luxo de teres escrúpulos.

– Porquê? Os mais velhos não se podem dar a esse luxo? – retorquiu Matthew num tom de brincadeira amistosa.

– Certos escrúpulos tornam-se insuportáveis com a idade. Hás de descobrir isso um dia.

– Bom Deus, espero que não...

Matthew deixou-se cair numa cadeira e enterrou a cabeça entre as mãos, enfiando os dedos no cabelo espesso.

Após um breve momento, Bowman atreveu-se a dizer:

– Será assim tão terrível teres a Daisy como esposa? Mais tarde ou mais cedo hás de ter de casar, não é verdade? E a minha filha traz-te altos benefícios. Na firma, por exemplo. Terás um controlo total sobre ela após a minha morte.

– Mr. Bowman há de enterrar-nos a todos – murmurou Matthew.

O outro soltou uma risada agradável.

– Mas eu *quero* que fiques com a firma, Swift – insistiu ele. Era a primeira vez que ele abordava francamente o assunto. – Tu és mais parecido comigo do que os meus próprios filhos. A minha empresa ficará mais bem entregue nas tuas mãos do que em outras quaisquer. Tu tens um dom... uma habilidade particular para entrares numa sala e encarregares-te de tudo. Não temes nada nem ninguém e toda a gente sabe disso. Mais, admiram-te e estimam-te precisamente por isso. Casa com a minha filha, Swift, e constrói a minha nova fábrica aqui. No dia em que regressares à nossa terra, eu entrego-te Nova Iorque de mão beijada.

– Já agora, podia acrescentar Rhode Island? Não é muito grande...

Bowman ignorou-lhe o sarcasmo.

– Tenho outras ambições para ti que não apenas a empresa. Conheço homens poderosos – homens influentes que já se aperceberam das tuas qualidades. Ajudar-te-ei a conquistares o que quer que te passe pela cabeça. Leva a Daisy e sê o pai dos meus netos, é tudo o que te peço.

– *É tudo* o que me pede?... – repetiu o jovem estonteado.

Dez anos atrás, quando Matthew começara a trabalhar para Bowman, jamais imaginara que aquele homem viria a ser para ele como um *pai suplente*. O velho magnata era como um barril de pólvora, grande, rechonchudo e tão irascível que facilmente se conseguia prever uma das suas tiradas violentas só de lhe observar o topo da careca a ficar vermelho em brasa. Mas Bowman tinha um inegável talento com os números e, quando tocava a avaliar pessoas, revelava-se incrivelmente perspicaz e calculista. Era igualmente generoso com quem lhe agradava e era homem para cumprir promessas e honrar os seus compromissos.

Matthew aprendera muito com ele, como farejar as fraquezas de um adversário e aproveitá-las em seu benefício, ou saber quando pressionar e quando resistir. E aprendera também que não vinha mal nenhum ao mundo – pelo contrário – quando deixava que se libertasse a sua agressividade nos negócios, desde que nunca cruzasse a fronteira da grosseria. Os homens de negócios de Nova Iorque – os *verdadeiros*, não os diletantes das classes mais altas – não respeitavam os adversários que não demonstrassem um certo poder de controvérsia. Ao mesmo tempo, Matthew aprendera a temperar o seu vigor com diplomacia, ao constatar que ganhar uma discussão não queria necessariamente dizer que a sua opinião seria seguida. A *sedução* era uma qualidade que lhe não era intrínseca, dada a sua natureza reservada. Mas fazia por adquiri-la esforçadamente, ao verificar que representava um preciosíssimo instrumento no seu trabalho.

De início, Thomas Bowman apoiara Matthew a cada instante e orientara-o em duas ou três

negociações delicadas. E o jovem estava-lhe muito grato pelo seu auxílio. E também não podia deixar de apreciar o seu controverso padrão, não obstante os seus defeitos – porque sentia haver certa dose de verdade quando Bowman reivindicava que eles eram parecidos.

Mas como fora possível que um homem como Bowman tivesse produzido uma filha como Daisy era um dos grandes mistérios da vida...

– Necessito de algum tempo para considerar o assunto – disse Matthew finalmente.

– E o que é que há para considerar? – protestou Bowman. – Já te disse que... – Calou-se ao ver a expressão de Matthew. – Pronto, seja. Suponho que não há necessidade de uma resposta imediata. Podemos voltar a falar sobre isto mais tarde.

– Falou com Mr. Swift? – perguntou Lillian logo que Marcus entrou no quarto.

Ela havia adormecido profundamente enquanto o esperava e lutava agora por assumir uma posição sentada na cama.

– Sim, querida, falei com ele – respondeu Marcus pesarosamente, despindo o casaco que logo depositou sobre os braços de uma cadeira Luís XIV.

– E eu estava certa, não é verdade? Ele é abominável. Detestável! Conte-me o que foi que ele lhe disse!

Marcus olhou a sua mulher, grávida, tão bonita com o longo cabelo solto e os olhos ainda pesados do sono, e o seu coração falhou uma batida.

– Ainda não... Primeiro quero olhar para si por um momento.

Lillian sorriu, enfiando os dedos na sua belíssima cabeleira escura.

– Estou *horrível*.

– Não... – aproximou-se dela num sussurro. – Cada pedaço seu é delicioso. – Deslizou amorosamente as mãos pelas curvas abundantes do corpo dela, sossegando-a mais do que outra qualquer emoção. – O que é que eu posso fazer por si? – murmurou-lhe.

Ela continuou a sorrir.

– Um simples olhar sobre mim, *my lord*, revelará que já fez o *suficiente*...

Envolvendo-o nos seus braços delicados, fê-lo descansar a cabeça contra os seios.

– Westcliff... – murmurou para o cabelo dele. – Nunca poderia ter um bebé de ninguém senão de si.

– Eis-me tranquilizado.

– Sinto-me tão... invadida! E desconfortável como tudo. É feio dizer que abomino estar grávida?

– Claro que não – replicou Marcus, a voz amortecida entre os seios dela. – Eu próprio também detestaria.

Lillian riu-se, largou-o e recostou-se nas almofadas.

– Vamos, Marcus, *por favor*, agora conte-me coisas do Mr. Swift. Sempre quero saber o que foi dito entre si e aquele horrível espantalho andante!

– Eu não lhe chamaria precisamente um espantalho. Creio mesmo que ele terá mudado sobremaneira desde a última vez que a Lillian o viu.

– Hmm... – Lillian não pareceu ficar satisfeita com tal revelação. – Mas continua a não dever nada à beleza, não é verdade?

– Uma vez que raramente sou solicitado para apreciar a beleza masculina – disse Marcus muito sério –, não estou qualificado para ser um juiz competente na matéria. Mas creio poder afirmar que ninguém pode acusar Mr. Swift de não dever nada à beleza.

– Quer dizer que... o considera *atraente*?!

– Creio que muita gente o consideraria atraente, sim.

Lillian ergueu a mão espalmada em frente ao rosto dele.

– Quantos dedos vê aqui?

– Três – respondeu Marcus, divertido. – O que vem a ser isso, querida?

– Estou a verificar a sua visão. Creio que lhe está a falhar, meu amor. Vamos, siga os movimentos do meu dedo...

– E porque não segue antes o movimento do meu? – sugeriu ele, agarrando-lhe na camisa de noite.

Ela segurou-lhe a mão e olhou-o nos olhos sorridentes.

– Marcus, estou a falar *a sério*! O futuro da Daisy está em perigo. Diga-me o que ficou acordado.

– Bom... digamos que tive ocasião de informar Mr. Swift *muito a sério* que não permitirei que alguém torne Daisy infeliz. E exigi que ele me desse a sua palavra em como não casaria com ela.

– Oh, graças a Deus! – disse Lillian com um suspiro de alívio.

– Mas ele recusou.

– Ele... quê?! – disse ela, atónita. – Mas... ninguém lhe recusa nada!

– Aparentemente Mr. Swift não foi avisado desse princípio.

– Marcus, vai ter de fazer alguma coisa! Não pode permitir que a Daisy seja intimidada e forçada a casar com esse Swift?...

– Pois sim, meu amor, eu prometo que a Daisy não será forçada a casar com quem quer que seja contra sua vontade. Contudo... – Westcliff hesitou, procurando exatamente que parte da verdade é que poderia admitir. – ... a minha opinião acerca de Matthew Swift é um tanto diferente da sua.

Ela franziu o sobrolho.

– A minha opinião é *mais certa* do que a sua. Eu conheço-o há muito mais tempo!

– Conheceu-o há anos – observou Marcus, imparcial. – Mas a verdade é que as pessoas mudam, Lillian. E eu creio que muitas das qualidades que seu Pai tem vindo a apregoar acerca deste rapaz sejam reais.

– *Et tu*, Marcus?!

Marcus não pôde deixar de rir com a tirada teatral da mulher. Metendo a mão por baixo dos cobertores, agarrou num dos pés nus dela, puxou-o para o colo e tratou de lho massajar com firmes

golpes dos polegares. Ela suspirou e deixou-se descontrair entre as almofadas.

O conde meditou sobre o que até ali tinha aprendido acerca de Swift: era um jovem inteligente, hábil e com boas maneiras. Do género que refletia sempre antes de falar. E Marcus sempre se sentira confortável perante homens assim.

À primeira vista, emparejar Matthew Swift com Daisy Bowman parecia de facto bastante inadequado. Mas Marcus não partilhava totalmente da opinião de Lillian quando afirmava que a irmã deveria casar com um homem possuidor da mesma natureza romântica e sensível. Em sua opinião, não haveria equilíbrio em tal união: ao fim e ao cabo todo o navio precisava de uma âncora...

– Vamos ter de mandar Daisy para Londres o mais depressa possível – dizia Lillian em tom decidido. – Estamos em plena *saison* e ela para aqui está... enterrada no Hampshire, longe de todos os bailes e eventos...

– Foi *ela* que escolheu vir para cá – recordou-lhe Marcus, apoderando-se do outro pé. – Ouvi-a afirmar por mais de uma vez que jamais se consolaria se acaso perdesse o nascimento do nosso bebé.

– Ora, ora! Pois eu preferia que ela perdesse esse momento e conhecesse homens interessantes, bons partidos, ao invés de ficar aqui comigo, condenada a que o prazo estipulado pelo nosso Pai termine e ela tenha de casar com Matthew Swift e se mude com ele para Nova Iorque! E a partir desse dia é que eu nunca mais a vejo...

– Já tinha pensado nisso – disse Marcus. – E foi precisamente por essa razão que eu me encarreguei de convidar um certo número de *pretendentes aceitáveis* para a caça ao veado em Stony Cross Park.

– *A sério?! –* exclamou Lillian, levantando a cabeça da almofada.

– O mais possível. St. Vincent e eu elaborámos uma lista e analisámos longamente os méritos de cada pretendente. Elegemos uma dúzia. Qualquer deles seria um excelente partido para a sua irmã.

– Oh, Marcus... sou uma abençoada, realmente! Tenho o mais inteligente, o mais maravilhoso dos maridos!

Ele deitou água na fervura com um sorriso, lembrando a acesa discussão que tinha tido lugar.

– Deixe que lhe diga que St. Vincent é do mais esquisito e exigente que se pode imaginar. Estou em crer que se fosse mulher, nenhum homem seria suficientemente digno dele.

– Mas é que nunca são! – declarou Lillian muito convencida. – E é por isso que nós, mulheres, temos um lema sagrado: *aponta alto e depois resigna-te*.

– Ah... estou a ver. Foi isso que fez comigo? – perguntou ele, franzindo o nariz.

Ela sorriu-lhe:

– Não, *my lord*. Eu aponte *altíssimo* e ganhei muito mais do que tinha estipulado.

E não conseguiu sustentar o riso quando ele trepou para cima dela, beijando-a sem cerimónia.

Ainda não tinha nascido o sol quando um grupo de hóspedes aficionados da pesca à truta se juntou para um pequeno-almoço breve no terraço das traseiras, para desde logo saírem, vestidos de

tweed e sarja grossa e camisas brancas de linho, seguidos de criados estremunhados carregados com canas de pesca, cestos e caixas de madeira cheias de anzóis, iscos artificiais e toda a espécie de parafernália, até ao riacho das trutas. Os pescadores iriam estar ausentes durante boa parte da manhã, enquanto as senhoras dormiam.

Todas as senhoras à exceção de Daisy. Ela adorava pescar, mas sabia sem ser necessário perguntar que não seria bem-vinda naquele grupo estritamente masculino. E não obstante ela e Lillian terem ido muitas vezes pescar sozinhas no passado, a verdade é que a irmã mais velha não estava em condições de o fazer agora. E Daisy fizera o possível para convencer Evie e Annabelle a acompanhá-la até ao lago artificial que Westcliff mantinha generosamente povoado de trutas, mas nenhuma delas parecera particularmente entusiasmada com a ideia.

– Verão que é divertido – insistira Daisy. – Eu ensino-as a arremessar a linha – é muito fácil, na verdade. Não me digam que tencionam ficar em casa numa manhã tão bonita de primavera!

Mas, conforme se veio a verificar, Annabelle achou que dormir até tarde era uma excelente ideia. E, uma vez que St. Vincent, marido de Evie, decidira não ir à pesca, ela argumentou que preferia ficar na cama com ele...

– Ora, Evie, creia que se divertiria muito mais se viesse à pesca comigo – disse-lhe Daisy.

– Olhe que não, querida, olhe que não... – fora a resposta levemente maliciosa de Evie.

Sentindo-se abandonada e um pouco indignada, Daisy tomou o pequeno-almoço sozinha e dirigiu-se para o lago, carregando a sua cana favorita, de madeira flexível, com cabo de osso de baleia e carretel em forma de garra.

Estava uma manhã sublime, o ar vivo e suave. Arbustos de sálvia resistentes ao inverno lançavam os seus espigões azuis e púrpura por entre sebes de abrunheiros. A jovem atravessou um prado verde ceifado a que se seguiu um campo coberto de botões-de-ouro, milefólios e pétalas rosa-vivo de cravíneas bravas.

Ao contornar uma sebe de amoreiras, Daisy notou uma estranha agitação à beira da água... dois rapazolas com qualquer coisa entre eles... um animal ou um pássaro... um ganso! O bicho protestava com berros irados, batendo as asas violentamente contra os rapazes que riam.

– Eh lá! – gritou Daisy. – Que fazem? O que é que se passa?

Ao verem-se descobertos, os rapazes guincharam e desataram a fugir, afastando-se do lago e desaparecendo num ápice.

Daisy apressou o passo e aproximou-se da ave revoltada. Tratava-se de um enorme *Greylag* doméstico, uma espécie conhecida pela sua plumagem cinza, pescoço musculoso e agressivo bico laranja-fogo.

– Pobrezinho – murmurou Daisy ao reparar que uma pata do animal estava presa a alguma coisa.

Quando se aproximou, o bicho enervado lançou-se para a frente como que a querer atacá-la. Mas viu-se repentinamente preso ao que quer que fosse que lhe amarrava a pata. Daisy parou e poisou no chão o seu equipamento de pesca.

– Vou tentar ajudar-te – disse ela à ave irritada. – Mas essa tua atitude é um tanto desencorajadora. Se conseguisses refrear o teu mau-génio... – Inclinou-se para o ganso e investigou a fonte do problema. – Oh, diabo! – disse ela. – Com que então aqueles malandrecos estavam a obrigar-te a pescar para eles, não é verdade?

O ganso confirmou com um grasnido.

Os rapazolas tinham atado uma linha de pesca à volta da pata do ganso, que levava a uma colher de lata com um buraco na concha por onde passava um anzol. Não fosse por ter pena do pobre bicho, Daisy teria largado à gargalhada.

O truque era engenhoso. Atirado à água, o ganso teria de nadar para a margem, arrastando consigo a colher metálica que reluzia como se fosse um pequeno peixe. Uma truta atraída pelo engodo engolia o anzol e o ganso puxava-a para terra. Sucedera que o anzol tinha ficado preso a qualquer planta aquática, aprisionando o pobre animal.

Com movimentos lentos e voz suave, Daisy foi-se chegando à margem. A ave estacou e dedicou-se a fitá-la com um olho negro e brilhante.

– Lindo menino – cantarolou a jovem, estendendo cautelosamente a mão para a linha de pesca. – Bom Deus, mas que grande que tu és! Se tiveres um pouco de paciência, verás que eu... aí!

O ganso lançara-se subitamente para a frente e atacara-a no braço com uma bicada feroz, que mais parecia de um martelo.

Recuando precipitadamente, Daisy olhou a bicada no braço que já começara a anunciar uma equimose.

– Criatura ingrata! O que eu devia era ir-me embora e deixar-te a agonizar para aí!

Esfregando o braço, Daisy hesitava em tentar usar a sua cana de pesca para soltar a linha do ramo aquático... mas isso não lhe resolveria o problema de soltar a colher da pata da ave. Ia ter de regressar à mansão e encontrar alguém que a ajudasse.

Ao curvar-se para recuperar o seu equipamento de pesca, ouviu um som inesperado: alguém assobiava uma cantilena estranhamente familiar. Daisy pôs-se à escuta e reconheceu a melodia. Era uma canção muito popular em Nova Iorque quando de lá partira, chamada *O Fim de Um Dia Perfeito*. Alguém se aproximava, vindo da direção do rio. Era um homem de roupas encharcadas e um velho chapéu de abas largas, trazendo um cesto de pescador. Usava um casaco desportivo de tweed e calças grosseiras e era impossível não distinguir o modo como as roupas molhadas se colavam aos contornos delgados do seu corpo. Os sentidos de Daisy reagiram ao reconhecê-lo, galvanizando o seu pulso para um ritmo mais rápido.

O homem parou de assobiar ao vê-la. Os olhos dele eram mais azuis do que o rio ou do que o céu, surpreendentes na face bronzeada. Tirou o chapéu numa saudação, e o sol fez luzir as pesadas ondas escuras do seu cabelo.

Bolas!, pensou Daisy. Não só porque ele era a última pessoa que ela desejaria ver naquele momento, mas também por se ver forçada a admitir que Matthew Swift era extraordinariamente bem-

parecido. Não lhe agradou achá-lo fisicamente tão atraente. Nem tão-pouco gostou de sentir tal curiosidade acerca dele, um estranho desejo de se introduzir na sua privacidade e descobrir os seus segredos, prazeres e receios. Por que razão nunca se interessara por ele anteriormente? Quiçá devido à sua própria imaturidade. Talvez não fosse ele quem tinha mudado, mas sim ela.

Swift aproximou-se dela cautelosamente.

– Miss Bowman...

– Bom dia, Mr. Swift. Por que razão não está a pescar com os outros?

– O meu cesto está cheio. E uma vez que já pesquei bastante mais do que eles, iria embarçá-los se acaso continuasse.

– Modéstia não lhe falta – disse ela secamente. – E onde está a sua cana de pesca?

– Lord Westcliff ficou com ela.

– Porquê?!

Swift poisou o cesto no chão e enfiou o chapéu.

– Trouxe-a comigo dos Estados Unidos. É uma cana articulada, em nogueira e com a ponta em freixo flexível, carretel *Kentucky* multiplicador e cabo com manivela balanceada.

– Os carretéis multiplicadores não resultam – disse Daisy.

– Os carretéis *britânicos* não, de facto – corrigiu-a ele. – Mas nos Estados Unidos fizemos uns melhoramentos. E assim que Westcliff me viu a fazer o lançamento diretamente do carretel, tirou-me praticamente a cana das mãos e nunca mais a largou. Está a pescar com ela neste momento.

Conhecendo a paixão do cunhado pelas últimas novidades em tecnologia, Daisy esboçou um sorriso amarelo. Sentia os olhos de Swift fixos nela e não queria devolver-lhe o olhar, mas deu por si a fixá-lo atentamente.

Era perturbador conciliar a sua recordação do rapazola odioso que em tempos tinha conhecido, com aquele robusto exemplar de masculinidade. Ele fazia lembrar um *penny* de cobre novinho, acabado de sair do cunho, reluzente e perfeito. A luz da manhã deslizava-lhe pela pele, fazendo-lhe brilhar as pestanas e os pequenos leques de linhas que irradiavam dos cantos dos olhos. Só desejava tocar naquele rosto, fazê-lo sorrir e sentir-lhe a curva dos lábios sob os dedos.

O silêncio prolongou-se ao ponto de se tornar forçado e embaraçoso... até ser interrompido pelo brado imperioso do ganso.

Swift olhou o vulto maciço da ave.

– Vejo que tem companhia.

Quando Daisy explicou o que os rapazes tinham feito com o pobre bicho, Swift soltou uma risada:

– Mas que espertalhões!

O comentário não deixou Daisy bem impressionada.

– Já tentei ajudá-lo – disse ela –, mas quando tentei aproximar-me, ele bicou-me. Esperava que um animal doméstico fosse mais recetivo ao meu contacto.

– Estes *Greylags* não são conhecidos pelo seu temperamento sociável – explicou Swift. – Particularmente os machos. Terá sem dúvida querido mostrar-lhe quem manda aqui.

– Opinião demonstrada – disse Daisy esfregando o braço.

Ele franziu o sobrolho ao reparar na nódoa negra que alastrava no braço dela.

– Foi aí que ele bicou?... Deixe-me ver.

– Não há necessidade, isto não é nada – começou ela, mas ele já avançara.

Os seus longos dedos rodearam-lhe o pulso e o polegar da outra mão passou suavemente ao lado do hematoma, agora roxo.

– Faz nódoas negras com facilidade, não? – murmurou ele, baixando a cabeça para o braço dela.

O coração de Daisy disparou uma série de batidas antes de evoluir para um ritmo rápido. Ele cheirava a ar livre – sol, água, relva... E no mais fundo da fragrância dele subsistia o incenso irresistível do homem quente e suado. Lutou contra o instinto de se acolher nos braços dele, contra o seu corpo... sentir a mão dele no seu peito. Aquele anseio mudo chocou-a. Levantando a cabeça, Daisy teve a surpresa de encontrar os olhos azuis dele a pouca distância dos dela.

– Eu... – Nervosamente, afastou-se. – O que havemos de fazer agora?

– Ao ganso? – Ele encolheu os ombros. – Podemos torcer-lhe o pescoço e levá-lo para casa para o jantar.

Aquela sugestão fez Daisy e o *Greylag* olharem para ele, indignados.

– Essa brincadeira foi de extremo mau gosto, Mr. Swift.

– Mas não era uma brincadeira.

Ofendida, Daisy interpôs-se entre Swift e o ganso.

– Eu trato sozinha da situação, *muito obrigada*. Pode retirar-se.

– Pois eu não a aconselharia a fazer dele um animal de estimação. Eventualmente acabará no seu prato, se ficar em Stony Cross Park o tempo suficiente.

– Não receio parecer hipócrita – retorquiu ela. – Mas recuso-me a comer um ganso com quem tenho relações de amizade.

Embora ele não tivesse sorrido, Daisy sentiu que ele achara engraçado o seu comentário.

– Postas de lado as considerações filosóficas – disse ele –, resta-lhe o dilema prático de como libertar a pata da criatura. E atrevo-me a apostar que ficará cheia de nódoas negras.

– Se conseguisse agarrá-lo com força, eu podia tentar alcançar a colher e...

– Nem por todo o chá da China! – disse Swift com convicção.

– Essa expressão sempre me pareceu descabida e disparatada – disse ela.

– Em termos de produção mundial, a Índia produz bastante mais chá do que a China.

Swift conteve um sorriso enquanto considerava o assunto.

– Visto a China ser o maior produtor mundial de cânhamo, suponho que se poderia dizer «Nem por todo o cânhamo da China»... mas não soa da mesma maneira. Mas seja qual for a expressão que prefira, eu não tenciono de forma alguma ajudar esse ganso.

E dito isto, baixou-se para pegar no cesto de pesca.

– Por favor... – disse Daisy.

Swift dirigiu-lhe um olhar de sofrimento.

– *Por favor...* – repetiu ela.

Nenhum cavalheiro digno desse nome poderia recusar auxílio a uma senhora que usara *duas* vezes aquelas palavras.

Murmurando qualquer coisa de indecifrável entre dentes, Swift poisou de novo o cesto no chão.

Um sorriso de triunfo assomou aos lábios de Daisy.

– Muito agradecida.

Mas o sorriso esmoreceu-se-lhe ao ouvi-lo retorquir:

– Mas vai ficar a dever-me esta, fique ciente.

– Com certeza – anuiu ela. – Nem eu jamais esperaria que o senhor fizesse alguma coisa de graça.

– E quando eu decidir cobrar o pagamento, não pense sequer em recusar. Seja o que for.

– Dentro da razão, é claro! Não vou aceitar... *casar consigo*, por exemplo, só porque o senhor me ajudou a salvar um pobre ganso armadilhado.

– Pode crer que a minha cobrança nada terá a ver com o casamento – disse ele, sombrio.

E tratou de tirar o casaco, com alguma dificuldade em separar o tweed verde-azeitona ainda molhado dos largos ombros

– Mas... o que é que... está a fazer?! – perguntou Daisy, alarmada.

– Não vou deixar essa ave demoníaca estragar-me o casaco – disse ele, algo exasperado.

– Ora, não vejo razão para um tal espalhafato por causa de meia dúzia de penas no seu casaco.

– Não são propriamente as *penas* que me preocupam – disse ele laconicamente.

– Ah... – disse Daisy, disfarçando um sorriso.

Ele observou-a enquanto despiu o casaco e o colete. A camisa branca aderiu ao seu peito largo, tornando-se mais húmida e quase translúcida ao colar-se à superfície musciosa do estômago para desaparecer sob o cós encharcado das calças. Um par de suspensórios brancos estiravam-se sobre os ombros dele e cruzavam a superfície poderosa das costas. Cuidadosamente, colocou a roupa que despira sobre o cesto de pesca para que não se sujasse de lama. Um sopro de brisa por cima da cabeça fez-lhe descer um caracol para a testa.

A estranheza daquela situação... o ganso revoltado, Matthew Swift encharcado e em mangas de camisa... provocou em Daisy uma risadinha nervosa. Levou apressadamente a mão à boca, mas a risada acabou por sair.

Ele abanou a cabeça, sorrindo também. Ela reparou que os sorrisos dele nunca duravam mais que escassos segundos, desaparecendo tão depressa como apareciam. Era como surpreender um fenómeno natural raro, como uma estrela cadente, breve e perturbante.

– Se contar este episódio caricato a alguém, seu diabrete, vai ter de se haver comigo.

As palavras soaram-lhe ameaçadoras, mas algo na voz dele... uma certa suavidade erótica...

fizeram-na sentir um arrepio na espinha.

– É óbvio que não vou contar a ninguém – declarou ela, ofegante. – A situação iria refletir-se tão mal para si como para mim, não é verdade?

Swift estendeu a mão para o bolso do casaco, extraiu um canivete e entregou-lho. Seria imaginação sua ou os dedos dele demoraram-se um segundo a mais na mão dela?

– E isto para que é? – perguntou ela confusa.

– Para cortar a linha da pata do ganso. Mas tenha atenção, a lâmina é extremamente afiada. Detestava vê-la cortar uma artéria acidentalmente.

– Não se preocupe, eu não faço mal ao ganso.

– Referia-me *a mim*, não ao animal.

Lançou um olhar desconfiado à ave que se debatia.

– Se te fizeres difícil – disse ele ao bicho –, à hora do jantar estás feito em paté.

O ganso levantou as asas ameaçadoramente, tentando mostrar-se o maior possível.

Swift avançou bruscamente e pôs um pé sobre a linha, encurtando o raio de ação do ganso. O bicho agitou as asas, sibilando, e logo parou um momento antes de se decidir atacar. Ele agarrou-o pelo pescoço, praguejando e tentando evitar o bico ameaçador. Uma azáfama de penas escondeu os dois por um momento.

– Está a estrangulá-lo, cuidado! – gritou Daisy ao ver que Swift conseguira agarrar o ganso pelo pescoço. Por sorte, Daisy não ouviu a resposta de Swift, perdida numa explosão de movimento, grasnidos e golpes de asas. Finalmente o homem conseguiu dominar a ave, transformada numa massa contorcida de penas e grasnadelas nos seus braços. Desgrenhado e coberto de penas, plumas e penugem, gritou para Daisy:

– Vamos, corte a linha!

Ela obedeceu prontamente, ajoelhando-se junto do par engalfinhado. Tentou agarrar na pata enlameada do ganso, que deu um berro e retirou-a com um safanão.

– Por amor de Deus, não seja medrosa – ouviu ela. – Agarre nisso e corte a linha de uma vez!

Se não houvesse entre eles quinze quilos de ganso enraivecido, Daisy teria fulminado Matthew Swift com o olhar. Assim, preferiu agarrar na pata distendida do animal e cautelosamente passar a ponta do canivete por baixo da linha. E ele tinha toda a razão: a lâmina era afiada de meter medo. Ao primeiro toque a jovem cortou a linha como por encanto.

– Já está! – exclamou triunfante, fechando o canivete. – Já pode libertar o pobrezinho, Mr. Swift.

– Fico-lhe muito grato – foi a resposta sardónica.

Mas quando Swift abriu os braços para libertar a ave, esta teve uma reação inesperada. Sedenta de vingança, e atribuindo ao seu captor todas as suas desgraças, a criatura torceu-se e aplicou-lhe uma estocada na face.

– Aaahhh! – gritou Swift, caindo para trás, sentado no chão e agarrado à cara, enquanto o ganso se retirava a grande velocidade com um grasnado triunfante.

– Mr. Swift!

Alarmada, Daisy precipitou-se para ele e saltando-lhe para o colo, puxou-lhe a mão.

– Oh... Deixe-me ver!

– Estou ótimo – disse ele esfregando um olho.

– Mas deixe-me ver – repetiu ela, agarrando-lhe o rosto entre as mãos.

– Decididamente... vou *exigir* picadinho de ganso para o jantar – murmurou ele, deixando que ela lhe voltasse o rosto de um lado para o outro.

– Nunca na vida! – Ela examinou cuidadosamente o pequeno corte ao lado da sobrancelha e limpou-lhe uma gota de sangue com a manga do vestido. – É *muito feio* comer alguém a quem se salvou a vida – disse ela com a voz tremente de riso. – Felizmente o malandro tinha má pontaria. Julgo que não vai ficar com um olho negro...

– Muito me apraz que ache tudo isto divertido – resmungou ele. – Tem noção de que está coberta de penas?

– E o senhor também.

Pedacinhos de lanugem e de penas cinzentas e brancas estavam presas no cabelo dele, de um castanho lustroso. E dela escapou um risinho, como bolhas subindo à superfície de um lago. Daisy começou a retirar penas e penugem do cabelo dele, sentindo nos dedos a sua firmeza macia.

Endireitando-se, Swift estendeu a mão para o cabelo dela que começara a soltar-se dos ganchos. Cuidadosamente, tirou penas dos cabelos negros dela.

Durante um minuto ou dois, em silêncio, entregaram-se àquela doce tarefa mútua. Daisy estava tão absorta que a falta de decoro da sua posição não lhe ocorreu de imediato. Pela primeira vez estavam suficientemente perto para ela se aperceber dos diferentes matizes de azul dos olhos dele, sublinhados de um tom cobalto que lhe rodeava a íris; e da textura da sua pele acetinada e doirada pelo sol, com a barba bem escanhoadada no queixo.

Mas descobriu que ele estava deliberadamente a evitar o seu olhar, concentrando-se em encontrar o mais pequeno traço de penugem no cabelo dela. De repente ela deu-se conta de uma espécie de comunicação fervilhante entre os seus corpos, da força sólida dele por baixo dela, da corrente incendiária da respiração dele na face dela. As roupas dele estavam húmidas e o calor da sua pele queimava onde quer que tocasse na dela.

Ambos ficaram imóveis ao mesmo tempo, presos num semiabraço, enquanto cada célula da pele de Daisy parecia encher-se de fogo líquido. Fascinada, desorientada, deixou-se relaxar naquela situação, sentindo-se latejar da cabeça aos pés. Não havia mais penas e contudo Daisy deu por si a entrelaçar docemente os dedos nas ondas escuras do cabelo dele.

Seria tão fácil para ele fazê-la rolar sob o seu corpo, pressionando-a com o seu peso sobre a terra húmida, joelhos contra joelhos através de camadas de roupa... disparando o instinto primitivo de ela se entregar a ele, deixando-o abrir-lhe as pernas à sua vontade.

Subitamente ela sentiu Swift tomar fôlego, deitar-lhe as mãos aos braços com força e sem

cerimónia arrancá-la do colo. Caindo na relva ao lado dele com um baque decisivo, Daisy tentou recuperar a sua presença de espírito. Em silêncio, apanhou do chão o canivete e entregou-lho.

Tendo guardado o canivete no bolso, ele empenhou-se em sacudir das pernas restos de penas e lama.

Espantada ao vê-lo manter-se sentado no chão, numa posição tão desconfortável, ela levantou-se.

– Bom... – disse, hesitante. – Eu... creio que terei de regressar à mansão pela porta das traseiras. Se a Mamã me vê neste estado dá-lhe uma síncope.

– Pois eu vou voltar para o rio – disse ele, um tanto rouco. – Quero ver como Westcliff se amanhou com o novo carretel. E quem sabe ainda pesque mais alguma coisa.

Daisy verificou, não sem surpresa, que ele estava deliberadamente a evitar a sua companhia.

– Cuidei que estivesse farto de estar enfiado em água gelada até à cintura – observou ela.

– Pois... aparentemente, não – resmungou ele, mantendo-se de costas para ela enquanto apanhava do chão o casaco e o colete.

Capítulo 5

Perplexa e um tanto aborrecida, Daisy afastou-se do lago artificial.

Não iria contar a ninguém o que acabara de acontecer, por mais que adorasse a ideia de divertir Lillian com o episódio do encontro com o ganso. Mas não lhe agradava ter de revelar que havia surpreendido uma faceta desconhecida de Matthew Swift e que se tinha permitido, por instantes, um *flirt* um tanto perigoso com ele. O que, a bem da verdade, não significava nada.

Embora Daisy fosse ainda bastante ingênua, sabia o suficiente de assuntos sexuais para perceber que o corpo de uma mulher podia perfeitamente reagir a um homem sem nenhum envolvimento do coração. Como lhe acontecera em tempos com Cam Rohan. O que a desconcertava era verificar que se sentira atraída da mesma maneira por Matthew Swift. Dois homens tão distintos, um romântico, o outro reservado. Um, um jovem cigano atraente que lhe espicaçara a imaginação com possibilidades exóticas... outro, um homem de negócios de olhos frios, ambicioso e pragmático.

Daisy vira uma quantidade infinita de homens em busca de poder durante os seus anos na Quinta Avenida. Esses exigiam perfeição, uma mulher que soubesse receber e organizar os melhores jantares e *soirées*, vestir os mais belos vestidos e gerar as crianças mais bonitas, que se entretinham a brincar calmamente lá em cima nos aposentos das crianças, enquanto os pais promoviam acordos de negócios cá em baixo no escritório.

E Matthew Swift, com a sua fabulosa energia, aquele que o seu pai havia acolhido pelo seu talento e espírito brilhante, seria o marido mais exigente que se poderia imaginar... Iria reclamar uma esposa que fundamentasse a sua vida em torno dos objetivos dele e que a julgaria severamente quando ela deixasse de lhe agradar. Não se antevia um grande futuro com um homem assim.

Mas, a bem da verdade, havia uma coisa que abonava a favor de Matthew Swift: ele tinha *realmente* ajudado o ganso.

Enquanto Daisy se esgueirava para dentro do solar, tomava banho e mudava de vestido, as amigas e a irmã tinham-se juntado na sala dos pequenos-almoços para o seu chá e torradas. Estavam todas

instaladas a uma mesa redonda junto da janela e olharam para Daisy quando ela entrou.

Annabelle segurava a bebé, Isabelle, contra o ombro, friccionando-lhe as costas para a acalmar. Algumas outras mesas estavam ocupadas, sobretudo por mulheres, embora estivesse presente uma meia dúzia de homens, entre os quais Lord St. Vincent.

– Bons dias! – disse Daisy alegremente, aproximando-se da irmã. – Dormiste bem, querida?

– Lindamente.

Lillian estava muito bonita, com os olhos frescos, o cabelo negro afastado do rosto e apanhado na nuca numa rede de seda cor-de-rosa.

– Dormi de janelas abertas e a brisa que vinha do lago era tão fresca... – acrescentou ela com um sorriso terno. – E tu? Sempre foste pescar esta manhã?

– Não – respondeu Daisy, muito desprendida. – Fui apenas passear.

Evie curvou-se para Annabelle para pegar na criança.

– Deixa-me pegar-lhe – disse.

A bebé mordia freneticamente o próprio punho, babando-se copiosamente. Pegando na criança, Evie explicou a Daisy:

– Tem os dentes a romper, pobrezinha.

– Tem estado agitadíssima toda a manhã – acrescentou Annabelle.

Daisy reparou que os seus luminosos olhos azuis pareciam um pouco cansados; eram os olhos de uma jovem mãe. Aquele toque de fadiga apenas conseguia acentuar a beleza de Annabelle, humanizando a perfeição de deusa dos seus traços.

– Não é ainda cedo de mais para a primeira dentição? – perguntou Daisy.

– Isabelle é uma Hunt – replicou Annabelle, toda ufana. – E os Hunt são uma raça particularmente robusta. Segundo o meu amadíssimo esposo, toda a gente da família nasceu praticamente com dentes... Mas ainda assim... cuido que devia levá-la daqui.

Efetivamente, uns quantos olhares reprovadores já se dirigiam naquela direção. Na época não era próprio as crianças, especialmente bebés, serem trazidas para junto dos adultos. A não ser que fosse estritamente para exibição – com a criança cheia de folhos e fitas brancas – a sujeitar-se rapidamente à aprovação geral para logo de seguida serem carregadas de novo para cima.

– Que disparate – repontou logo Lillian sem se preocupar em baixar o tom de voz. – A Isabelle não está a gritar nem a levantar a voz. Está apenas um pouco agitada. Cuido que não mata ninguém ter um pouco de tolerância.

– Que tal se experimentássemos de novo a colher? – murmurou Annabelle, com alguma ansiedade na sua voz bem timbrada.

Tirou uma colherinha de prata de dentro de uma pequena taça cheia de gelo picado e disse a Daisy:

– A minha mãe aconselhou-me isto – garante que sempre resultou com o meu irmão Jeremy.

Sentada ao lado de Evie, Daisy viu o bebé morder a colher gelada. A sua carinha redonda estava

vermelha e escorriam-lhe dos olhos algumas lágrimas. Gemia e ao ver-lhe a zona inflamada das gengivas, Daisy estremeceu de dó.

– Precisava de dormir – disse Annabelle –, mas as dores são fortes de mais.

– Pobrezinha...

Enquanto Evie tentava acalmar a bebé, do outro extremo da sala gerou-se um certo movimento, causado pela entrada de alguém.

Voltando-se na cadeira, Daisy entreviu a alta silhueta de Matthew Swift.

Com que então, não voltara para o rio! Esperara provavelmente que Daisy se tivesse afastado para depois se dirigir ao solar, evitando as obrigações de a acompanhar.

Tal como o seu pai, Swift não achara nela algo que fosse digno de interesse. Daisy disse para si própria que não se ralava nada, mas no fundo a ideia vexava-a.

Ele envergava agora um fato irrepreensivelmente engomado, cinzento-escuro, com um colete peito-de-rola e uma gravata preta de nó clássico, perfeito. Embora fosse agora moda usar o cabelo em ondas largas, esse estilo parecia não ter chegado à América. Matthew Swift estava impecavelmente barbeado e o seu brilhante cabelo castanho estava cortado curto dos lados e atrás, dando-lhe um atraente aspeto de juventude.

Daisy observou discretamente, enquanto se faziam as apresentações. Viu prazer na expressão dos homens mais velhos que com ele conversavam, bem como alguma inveja da parte dos mais jovens. E, claro, o interesse *coquette* das mulheres...

– Meu Deus... – murmurou Annabelle. – Quem é aquele?!

Lillian replicou, rabugenta:

– *Aquele* é Mr. Swift.

Tanto Annabelle como Evie abriram os olhos de espanto.

– Aquele Mr. Swift que a menina descreveu como um *saco de ossos*?! – indagou Evie.

– Aquele que considerava tão apetitoso quanto um molho de espinafres murchos?! – acrescentou Annabelle.

A expressão de Lillian evoluiu para um tom francamente mal-humorado. Desviando a sua atenção de Swift, deitou um torrão de açúcar no seu chá.

– Suponho que ele não seja tão... hediondo como eu o descrevi – admitiu ela. – Mas não se deixem enganar pelas aparências, minhas amigas. Quando o conhecerem mais intimamente, verão como muda a vossa impressão sobre o aspeto exterior.

– P-penso que há aqui vá-várias senhoras que gostariam de o conhecer tão bem por den-dentro como por fora – gaguejou Evie, provocando uma casquinada de Annabelle.

Daisy lançou um olhar rápido sobre o ombro e viu que era verdade. Havia entre as senhoras uma trepidação geral, risinhos, mãos brancas estendidas para serem apertadas.

– Toda esta agitação é só por ele ser americano e, por isso, uma novidade – murmurou Lillian. – Se aqui estivesse algum dos meus irmãos, todas se esqueceriam de Mr. Swift.

Embora Daisy tivesse gostado de poder concordar, a verdade é que estava certa de que os irmãos não provocariam o mesmo efeito do que Mr. Swift. Ainda que herdeiros de uma grande fortuna, os irmãos Bowman não gozavam da *finesse* social cuidadosamente cultivada de Matthew Swift.

– Ele está a olhar para aqui – avisou Annabelle, algo tensa.

– Está de testa franzida, como aliás toda a gente. A bebé está a fazer muito barulho. Vou levá-la daqui, e...

– Não, não vai – declarou Lillian, perentória. – Estou em *minha* casa e a menina é minha amiga. E quem se sentir incomodado pelo barulho da Isabelle é livre para se retirar quando quiser.

– Ele vem aí! – exclamou Evie. – Calem-se!

Daisy fixou o olhar na sua chávena de chá, de músculos tensos.

Swift aproximou-se da mesa, cumprimentando-as:

– *My lady* – disse para Lillian –, que prazer revê-la. Permita que renove os meus parabéns pelo seu enlace com Lord Westcliff. E... – Hesitou, porque embora Lillian estivesse obviamente grávida, seria descortês referir-se à sua condição. – ... pelo seu excelente aspeto.

– Ora... Eu estou do tamanho deste mundo e do outro – disse Lillian sem rodeios.

Swift pareceu reprimir um sorriso divertido.

– Nem por sombras – disse ele gentilmente, e olhou para Annabelle e Evie. Todas esperaram que Lillian fizesse as apresentações.

Lillian obedeceu, sem entusiasmo.

– Mr. Swift... – murmurou a jovem, agitando a mão na direção dele. – Mrs. Simon Hunt e Lady St. Vincent.

Swift inclinou-se sobre a mão de Annabelle e teria feito o mesmo com Evie se esta não estivesse a segurar a bebé.

Os resmungos e gemidos da bebé cresciam sem parar e em breve se transformariam num pranto convulsivo se não se fizesse alguma coisa.

– É a minha filha, Isabelle – disse Annabelle desculpando-se: – São os dentes...

Isto iria livrá-las dele num segundo, pensou Daisy. *Os homens têm horror a bebés que choram.*

– Ah...

Swift meteu a mão no bolso e remexeu vários objetos que chocalharam. Que diabo teria ele nas algibeiras? Então viram-no sacar do seu canivete, um pedaço de linha de pesca e um lenço imaculadamente branco.

– O que faz, Mr. Swift? – indagou Evie com um sorriso surpreendido.

– Uma improvisação.

Colocou um pouco de gelo moído no centro do lenço, apertou o tecido bem à volta e atou-o com a linha de pesca. Tendo guardado o canivete, levantou os braços para a bebé sem a menor hesitação.

Pasmada, Evie entregou-lhe a criança. As quatro mulheres observaram então, verdadeiramente atónitas, Swift a colocar a bebé contra o ombro como se nunca tivesse feito outra coisa na vida. E

deu-lhe o lenço cheio de gelo que ela começou a morder loucamente, embora continuasse a chorar.

Parecendo imune aos olhares fascinados de toda a gente na sala, Swift deslocou-se até à janela, murmurando baixinho ao ouvido da pequena Isabelle. Parecia estar a contar-lhe uma história qualquer. Ao fim de um minuto ou dois a criança calou-se.

– Oh Mr. Swift!... – disse Annabelle, maravilhada, pegando de novo na filha. – Mas que habilidade! Estou-lhe gratíssima...

– O que é que lhe disse? – perguntou Lillian.

Ele olhou-a e respondeu prontamente:

– Tratei de a tentar distrair o tempo suficiente para as gengivas ficarem dormentes. Por isso ofereci-lhe um relato detalhado do Acordo de Buttonwood de 1792.

Daisy falou-lhe pela primeira vez:

– O que é isso?

– O acordo de Buttonwood levou à formação do Conselho da Bolsa de Valores de Nova Iorque – esclareceu-a ele. – Pensei tratar-se de uma informação interessante, mas parece que Miss Isabelle perdeu o interesse quando eu comecei a explicar-lhe o Instrumento Financeiro com Risco de Capital Alavancado...

– Estou a ver – disse Daisy. – O senhor aborreceu a pobre criança até ela adormecer.

– Devia ter ouvido a minha descrição do desequilíbrio das forças do mercado que levaram ao *crash* de '37 – prosseguiu Swift. – Já me disseram que é mais eficaz do que o láudano.

Ao fixar aqueles olhos azuis cintilantes, Daisy não pode deixar de rir e ele lançou-lhe um daqueles seus belíssimos sorrisos estonteantes, que a fez inexplicavelmente corar.

A atenção dele permaneceu nela por um momento longo de mais, como se ele tivesse ficado fascinado por qualquer coisa que vira nos olhos dela. Abruptamente desviou o olhar e inclinou-se de novo para a mesa.

– Deixo-as por agora, minhas senhoras, foi um prazer. – Olhando para Annabelle, disse muito sério: – Tem uma filha encantadora, Mrs. Hunt. E creia que não lhe levo a mal a falta de interesse pela minha minuciosa exposição.

– É muito gentil da sua parte, *sir* – replicou Annabelle com um sorriso divertido.

Swift retirou-se para o outro lado da sala, enquanto as senhoras se interessavam subitamente em acrescentar colheres desnecessárias de açúcar no seu chá, ou a alisar os guardanapos no colo, sufocando os sorrisos.

Evie foi a primeira a falar:

– Tinha *toda* a razão – disse ela para Lillian. – Com efeito ele é *absolutamente horrroso!*

– Pois! – acrescentou Annabelle com ênfase. – Quando se olha para ele, a primeira imagem que vem ao espírito é a de um molho de espinafres murchos.

– Ora... calem-se – foi a reação de Lillian ao sarcasmo delas, enterrando os dentes numa torrada.

Nessa tarde, Lillian teimou em arrastar Daisy até ao relvado leste, onde a maioria dos jovens se reunira para uma partida de *bowls*. Normalmente, Daisy teria concordado, mas estava demasiado embrenhada numa parte excitante de um novo romance envolvendo uma perceptora de seu nome Honoria que acabara de se encontrar com um fantasma num sótão. «*Mas quem sois vós?*» perguntara Honoria tremendo, olhando o fantasma que se parecia extraordinariamente com o seu antigo amor, Lord Clayworth. O fantasma preparava-se para responder quando Lillian, decidida, arrancara o livro das mãos de Daisy, arrastando-a para fora da biblioteca.

– Bolas! – resmungou ela. – Bolas, bolas, Lillian! Tinha acabado de chegar justamente à parte melhor!...

– Neste preciso momento estão pelo menos uma boa meia dúzia de bons partidos a jogarem *bowls* lá fora – disse-lhe a irmã. – E jogar com eles é mais produtivo do que estares aqui enfiada a ler.

– Mas eu não percebo rigorosamente nada de *bowls*!

– Ótimo. Pede-lhes que te ensinem. Se há coisa que os homens adoram fazer é ensinar uma mulher a fazer seja o que for.

Aproximaram-se do enorme campo relvado, onde cadeiras e mesas haviam sido dispostas para todos os que desejassem assistir à partida. Um grupo de jogadores ocupava-se em fazer rebolar grandes bolas de madeira ao longo do campo, rindo quando um dos jogadores deixou cair a sua bola no estreito rego escavado à volta do relvado.

– Hmm... – disse Lillian, observando o grupinho. – Temos concorrência.

Daisy reconheceu as três mulheres a quem a irmã se referia: Miss Cassandra Leighton, Lady Miranda Dowden e Elspeth Higginson.

– Eu tinha decidido não convidar nenhuma mulher solteira para Stony Cross – lamentou-se Lillian –, mas Westcliff achou que seria demasiado óbvio. Felizmente tu és bem mais bonita do que qualquer uma delas. Embora sejas baixinha.

– Eu *não sou* baixinha! – protestou Daisy.

– És *petite*, então.

– Também não me agrada esse termo. Faz-me parecer... insignificante.

– É certamente melhor do que *atrofiada*, que é o único outro termo que me ocorre neste momento para descrever a tua falta de estatura. – Riu-se perante a carranca da irmã. – Não faças essa cara, querida. Estou a levar-te a um *bufete de solteirões* para tu escolheres o que mais te agradar... Oh, diabo!

– O que foi? O quê?

– *Ele* está a jogar.

Não foi necessário perguntar quem era *ele*. A contrariedade na voz de Lillian tornava a identidade *dele* perfeitamente clara.

Olhando o grupo, Daisy viu Matthew Swift no extremo do campo, acompanhado de alguns outros jogadores. Tal com os outros, vestia calças de cor clara, camisa branca e colete. Era magro e bem

constituído e a sua postura era relaxada, ainda que impregnada de autoconfiança.

Nada escapava ao seu olhar. Via-se que estava a levar o jogo muito a sério. Matthew Swift era um homem que jamais daria menos do que o seu melhor, mesmo num amistoso jogo ao ar livre.

Daisy poderia jurar que ele estava sempre em competição por alguma coisa, a cada momento da sua vida. E isso não coincidia em nada com a sua experiência no meio dos rapazes privilegiados da velha Boston ou da velha Nova Iorque, os herdeiros mimados eternamente conscientes de que não precisavam de trabalhar se não fosse necessário.

Perguntava a si própria se Swift alguma vez teria feito algo por puro divertimento.

– Estão a tentar determinar quem domina a situação – observou Lillian. – Ou seja: quem conseguirá empurrar o seu *bowl* para mais perto daquela bola branca lá ao fundo.

– Como é que percebes tanto do jogo? – perguntou Daisy.

Lillian esboçou um sorriso cínico.

– Westcliff ensinou-me a jogar. E é tão bom nisto que geralmente fica sentado a ver, porque ninguém mais ganha quando ele joga.

Aproximaram-se das cadeiras onde Westcliff estava sentado com Evie, Lord St. Vincent e os Craddock, um general na reserva e a mulher. Daisy dirigiu-se para uma cadeira vazia, mas Lillian empurrou-a para o relvado.

– Vai! – ordenou Lillian no mesmo tom de voz que usaria para mandar um cão apanhar um pau.

Daisy deitou um último pensamento saudoso para o seu romance interrompido e lá foi ela... Já conhecia pelo menos três dos cavalheiros presentes, de ocasiões anteriores. Na verdade, como possíveis pretendentes, não eram maus. Havia um Mr. Hollingberry, de aspeto agradável nos seus trinta e tal anos, um tanto entroncado mas atraente apesar de tudo. E Mr. Mardening, de estrutura atlética, forte cabelo loiro ondulado e olhos verdes.

Havia também dois cavalheiros que ela nunca vira em Stony Cross, Mr. Alan Rickett, de aspeto intelectual com os seus óculos e o casaco ligeiramente amarrotado... e Lord Llandrindon, um bonito cavalheiro moreno de estatura média.

Llandrindon aproximou-se imediatamente de Daisy, oferecendo-se prontamente para lhe explicar as regras do jogo. Daisy tentou evitar olhar por cima do ombro dele para Matthew Swift, que estava rodeado pelas outras mulheres. Davam risadinhas e namoriscavam-no descaradamente, pedindo-lhe a opinião sobre como manusear convenientemente o *bowl* ou quantos passos dar antes de o fazer rolar pelo relvado.

Ele parecia nem notar a presença de Daisy. Mas quando ela voltou costas para apanhar do chão uma das bolas de madeira, sentiu um forte formigueiro na nuca. E soube que ele estava a olhar para ela.

Daisy estava arrependidíssima de lhe ter pedido auxílio no caso do ganso armadilhado. Aquele episódio tinha dado origem a qualquer coisa fora do seu controle, uma sensação perturbadora que ela não conseguia afastar. *Para de ser ridícula*, disse Daisy para consigo. *Dá atenção ao jogo!* E forçou-

se por escutar atentamente as explicações de Lord Llandrindon acerca da estratégia do jogo.

Enquanto observava a ação no relvado, Westcliff comentou, num murmúrio:

– Daisy está a dar-se bem com Llandrindon, ao que parece. E ele é uma das alternativas mais prometedoras. A idade está certa, é elegante, polido e tem ótimo feitio.

Lillian avaliava a figura distante de Llandrindon com ar apreciador. Efetivamente, ele até tinha a altura certa, não sendo demasiado alto para Daisy que detestava ter pessoas pairando sobre ela.

– Ele tem um nome algo estranho... – comentou ela. – De onde será ele?

– De Thurso – respondeu Lord St. Vincent, sentado do outro lado de Evie.

Estabelecera-se entre Lillian e St. Vincent uma espécie de armistício dúbio, após o forte conflito do passado. Embora soubesse que nunca iria realmente gostar dele, Lillian prosaicamente decidira que St. Vincent teria de ser tolerado, visto ser amigo de Westcliff há anos.

Lillian sabia que, se pedisse ao marido para romper aquela amizade, ele acederia por amor a ela, mas ela amava-o demasiado para lhe pedir tal sacrifício. E St. Vincent era um bom amigo para Marcus. Com a sua perspicácia, inteligência e humor arguto, ajudava a trazer um certo equilíbrio à vida sobrecarregada de responsabilidade do marido. Marcus, um dos homens mais poderosos de Inglaterra, tinha absoluta necessidade de um amigo que não o levasse demasiado a sério.

Outro ponto a favor de St. Vincent era que ele parecia ser um bom marido para Evie. Para dizer a verdade, ele parecia adorá-la. Nunca ninguém teria imaginado juntá-los – Evie, a tímida *solteirona* e St. Vincent, o libertino impiedoso – e contudo tinha-se estabelecido uma ligação extraordinária entre os dois.

St. Vincent era sofisticado e seguro de si, e possuía uma beleza masculina tão impressionante que por vezes olhar para ele fazia perder o fôlego. Mas bastava uma palavra de Evie para o fazer acorrer junto dela. Embora a relação entre eles fosse mais calma, menos demonstrativa do que a dos Hunt ou dos Westcliff existia, sem dúvida, entre os dois uma paixão intensa e misteriosa.

E, enquanto Evie fosse feliz, Lillian seria sempre cordial para com St. Vincent.

– Thurso... – repetiu Lillian suspeitosa, olhando de St. Vincent para o marido. – Isso não me parece inglês.

Os dois homens trocaram um olhar e Marcus respondeu tranquilamente.

– Por acaso, é na Escócia.

– Llandrindon é escocês?! Mas ele nem sequer tem sotaque!

– Passou a maior parte dos seus anos de formação em colégios ingleses e, a seguir, Oxford – disse St. Vincent.

– Hmm...

O conhecimento de Lillian acerca da geografia da Escócia era escasso e nunca tinha sequer ouvido falar de Thurso.

– E onde é isso precisamente? Perto da fronteira?

Westcliff respondeu evitando olhá-la:

– Um tanto mais a norte do que isso... Perto das Ilhas Orkney.

– *Na costa norte do Continente?!*

Lillian não queria acreditar no que ouvia. Foi-lhe necessário um grande esforço para impedir a sua voz de ultrapassar um murmúrio furibundo:

– Por que não resolvemos já degredar a Daisy para a Sibéria?! Certamente que até é mais quente... Deus do Céu, como é que vocês dois podem ter escolhido Llandrindon como candidato a marido?!

– Tive forçosamente de o incluir – protestou St. Vincent. – É dono de três *gigantescas* propriedades rurais e de uma *manada* de puro-sangues. E, de cada vez que vem ao meu clube, os meus lucros por noite alcançam as cinco mil libras, pelo menos.

– Um grande esbanjador, conclui-se... – disse Lillian, sombria.

– O que o torna ainda mais atraente como marido para Daisy – replicou St. Vincent.

– Mais tarde ou mais cedo precisará do dinheiro da vossa família.

– E o que me rala a mim que ele seja ou não um bom partido? O meu *primordial objetivo* é conservar a minha irmã *neste país!* Quando é que eu jamais voltarei a estar com a Daisy se ela for para o raio da Escócia, não me dirão?

– Sempre é mais perto do que a América do Norte – observou Westcliff, à laia de consolação.

Lillian voltou-se para Evie na esperança de encontrar uma aliada:

– Evie, diga qualquer coisa, que diabo!

– Nada disto tem importância – disse Evie, curvando-se para desenredar com ternura um fio de cabelo preso num brinco de Lillian. – A Daisy não vai casar com ele.

– Porque diz isso? – quis saber Lillian, desconfiada.

– É um pressentimento... – respondeu Evie com um sorriso enigmático.

*

No seu afã de acabar com o jogo e poder voltar ao seu romance, Daisy apanhara o jeito ao *bowls in lawn* num instante. O primeiro jogador fez rolar a bola branca, chamada *jack*, até ao fim da pista de relva sem a deixar resvalar para os lados. O objetivo seguinte seria fazer rolar três bolas de madeira, os *bowls*, até o mais próximo possível do *jack*.

O único impedimento era que os *bowls* eram deliberadamente menos arredondados de um lado, razão pela qual não podiam nunca girar em linha reta. Daisy aprendera desde logo a compensar a assimetria dos *bowls* apontando ligeiramente para a direita ou para a esquerda, conforme necessário. Aquele tratava-se de um campo extremamente deslizante, com relva curta e solo rijo, o que calhava bem já que Daisy estava ansiosa por acabar com aquilo e voltar para *Honorina* e o seu fantasma.

Uma vez que existia igual número de homens e de mulheres, os jogadores estavam divididos por casais. Daisy fazia par com Llandrindon, que era um jogador exímio.

– É bastante eficiente nisto, Miss Bowman! – exclamou Lord Llandrindon a dado momento. – Está mesmo certa de nunca ter jogado?

– Nunca – disse Daisy, visivelmente contente. Pegando numa bola de madeira, virou o lado achatado para a direita. – Devem ser as suas engenhosas instruções, *my lord*.

Avançou dois passos até à linha de lançamento e largou o projétil num hábil lançamento torcido, que atirou um dos *bowls* adversários para fora do caminho e parou precisamente a escassas polegadas do alvo. Tinham ganho a partida.

– Fantástico! – disse Mr. Rickett, parando para limpar os óculos. Voltou a pô-los e sorriu para Daisy: – Move-se com tamanha graciosidade, Miss Bowman... É um prazer testemunhar a sua destreza.

– Receio que nada tenha a ver com destreza – disse Daisy, modesta. – Cuido que não passará de sorte de principiante...

Lady Miranda, uma jovem loira e esbelta com uma pele de porcelana, examinava apreensiva uma das mãos delicadas.

– Oh... penso que parti uma unha – queixou-se.

– Permita que a ajude a sentar-se – disse Rickett quase em pânico, como se ela tivesse partido um braço e não uma unha.

E lá saíram ambos do relvado.

Daisy refletiu, pesarosa, que devia ter perdido o jogo de propósito e assim já não teria de jogar mais. Mas teria sido desleal para com o parceiro perder um jogo intencionalmente. E Lord Llandrindon parecia positivamente radiante com aquele sucesso.

– Vamos ver agora com quem temos de nos bater no último *round* – disse ele.

Ficaram a assistir à competição entre os dois últimos pares, Mr. Swift e Miss Leighton, contra Mr. Mardling e Miss Higginson. Mardling era um jogador irregular – conseguindo jogadas brilhantes a que se seguiam verdadeiros desastres – enquanto Miss Higginson era mais consistente. Cassandra Leighton, por sua vez, era péssima, o que muito a divertia, fazendo-a soltar gargalhadas escancaradas ao longo de todo o jogo, descontroladamente. Aquele riso continuado era profundamente enervante, mas não parecia incomodar o seu parceiro, Matthew Swift.

Swift era um jogador tático e agressivo, considerando cada jogada cuidadosamente e demonstrando uma grande economia de movimentos quando jogava. Daisy reparou que ele não dava mostras da mínima misericórdia quando se lhe apresentava a oportunidade de atirar para fora da pista os *bowls* dos outros jogadores, ou de mudar a posição do *jack* em desvantagem deles.

– É um jogador temível – comentou Lord Llandrindon em voz baixa para Daisy, com os olhos a brilhar. – Acha que podemos vencê-lo?

Subitamente Daisy esqueceu-se completamente do romance que a aguardava dentro de casa. A perspectiva de jogar contra Matthew Swift encheu-a de um inesperado entusiasmo.

– É duvidoso. Mas penso que será de tentar... não acha?

Llandrindon riu, encantado:

– Sem a mais pequena dúvida.

Swift e Miss Leighton ganharam o jogo e os outros abandonaram o campo, com saudações bem-humoradas.

Os quatro jogadores que restavam recuperaram os *bowls* e o *jack* e regressaram à linha de partida. Cada par teria direito a quatro jogadas, duas para cada jogador.

Quando Daisy se voltou para encarar Matthew Swift, ele olhou para ela pela primeira vez desde que ela chegara. Aquele olhar, direto e desafiador, fez palpar fortemente o coração da jovem, fazendo-lhe o sangue zunir nas veias. O cabelo dele, despenteado, caía-lhe sobre a testa e a tez aquecida pelo sol brilhava com uma subtil suspeita de transpiração.

– Lancemos uma moeda ao ar para apurar quem começa – sugeriu Lord Llandrindon.

Swift acedeu com um baixar de cabeça, desviando os olhos de Daisy.

Cassandra Leighton guinchou de alegria quando ela e Swift ganharam o iniciar do jogo. Habilmente, Swift lançou o *jack* para o topo do relvado numa posição irrepreensível.

Miss Leighton pegou num *bowl*, segurando-o bem junto ao peito, num gesto que Daisy suspeitou ser uma manigância deliberada para chamar a atenção para as suas formas generosas.

– Tem de me guiar, Mr. Swift – disse ela, fazendo deslizar contra ele um olhar desamparado por entre farfalhudas pestanas. – Devo atirar com o lado chato do *bowl* virado para a esquerda ou para a direita?

Swift aproximou-se dela e posicionou o *bowl* nas suas mãos. Miss Leighton irradiou deleite com a atenção dedicada. Ele murmurou qualquer conselho, apontando o caminho ideal do *bowl*, enquanto ela se inclinava para ele até as duas cabeças quase se tocarem. Do peito de Daisy subiu uma espiral de irritação que lhe apertou os músculos da garganta como se fosse um saca-rolhas.

Finalmente, Swift afastou-se. A jovem avançou graciosamente alguns passos e lançou a bola. Mas o impulso foi fraco e o *bowl* bamboleou, parando mesmo a meio da faixa de relva. O que restava da partida iria certamente ser assaz mais difícil com aquilo ali a estorvar... a não ser que um deles se decidisse a perder uma jogada para o tirar do caminho.

– Ora aí está... – murmurou Daisy para consigo.

Miss Leighton quase caía à força de gargalhadas.

– Ohh! Agora é que eu fiz uma grande asneira, não foi?

– Nem por sombras – disse Swift, descontraído. – Sem desafios, não tem graça nenhuma.

Daisy, irritada, estranhava vê-lo ser tão amável com Miss Leighton. Jamais lhe passaria pela cabeça que ele fosse o género de homem atraído por mulheres apatetadas.

– É a sua vez – disse Lord Llandrindon entregando-lhe um *bowl*.

Ela curvou os dedos à volta da superfície da madeira rude do *bowl* e rodou-a até a sentir bem leve nas mãos. Olhando para a mancha branca do *jack* na distância, visualizou o caminho que pretendia que o seu projétil seguisse. Deu três passos, um balanço do braço para trás e um forte impulso para a

frente. O *bowl* disparou pelo lado do relvado, evitando habilmente o projétil de Miss Leighton e no último segundo executando uma curva que o fez parar precisamente em frente do alvo.

– Bravo! – exclamou Llandrindon, enquanto os espectadores aplaudiam e davam vivas.

Daisy desfechou um olhar rápido para Matthew Swift que a observava com um pálido sorriso, sujeitando-a a um escrutínio que parecia penetrá-la até aos ossos. O tempo parou, como se tivesse sido cravado com pregos de diamante. Nunca ninguém olhara para Daisy daquele modo.

– Fez aquilo *de propósito*? – perguntou-lhe baixinho. – Ou foi um golpe de sorte?

– De propósito – respondeu Daisy.

– Duvido.

– Porquê? – eriçou-se ela.

– Porque nunca um principiante absoluto poderia ter planeado e executado uma jogada daquelas.

– Estará por acaso a acusar-me de mentir, Mr. Swift?

Sem esperar pela resposta, Daisy gritou para a irmã, que os observava do grupo de cadeiras:

– Lillian, alguma vez eu tinha jogado isto antes, que tu saibas?

– Claro que não – foi a resposta enfática.

Voltando-se de novo para Swift, Daisy desafiou-o com um olhar.

– Para fazer aquela jogada – disse Swift –, teria de ter calculado a velocidade sobre a relva, o ângulo necessário para compensar o viés do *bowl* e o ponto de desaceleração onde o trajeto do *bowl* iria mudar. Enquanto teria igualmente de considerar a possibilidade de uma mudança de vento. Já para não referir que teria de ter a experiência de executar uma tão exímia jogada, claro.

– É assim que o senhor joga? – indagou Daisy, desprendida. – Pois eu limito-me a visionar o modo como quero que o *bowl* siga... e depois faço o lançamento. Tão simples quanto isto.

– Sorte e intuição? – disse ele com um ar superior. – Não se pode ganhar um jogo dessa maneira.

Como resposta, Daisy recuou cruzando os braços.

– É a sua vez – ripostou secamente.

Swift baixou-se e agarrou num *bowl* com uma mão só. Enquanto ajustava os dedos à volta do objeto, caminhou até à linha de lançamento e contemplou a pista relvada. Por mais vexada que estivesse, Daisy não pôde deixar de sentir borboletas no estômago ao observá-lo. Analisando aquela sensação, perguntava a si própria como fora possível ele ter adquirido uma tal influência física sobre ela, que a deixava *realmente* desconcertada. A vista dele, o modo como ele se movia, causavam-lhe uma vibração no mínimo embaraçosa.

Swift largou o *bowl* com um forte impulso. O projétil disparou obedientemente pela relva, imitando na perfeição o lançamento de Daisy, mas com um impulso mais calculado. Atingindo em cheio o *bowl* de Daisy que voou para fora do relvado, assumiu o lugar dela mesmo em frente ao *jack*.

– Ele atirou o meu *bowl* para dentro de água! – protestou Daisy. – Isso é... válido?

– Oh, sim... – disse Lord Llandrindon. – Poderá ser pouco cavalheiresco, sem dúvida, mas perfeitamente legal. O seu *bowl* é agora considerado um *bowl morto*.

– O meu *bowl* está morto?! – perguntou Daisy, indignada.

Swift respondeu ao olhar furibundo dela com uma mirada implacável.

– *Nunca inflijas ao teu inimigo uma pequena afronta.*

– Só o senhor citaria Maquiavel durante uma partida de *bowls* – disse Daisy de dentes cerrados.

– Perdão – interrompeu Lord Llandrindon polidamente –, mas parece-me que é a minha vez.

Vendo que nenhum dos dois lhe prestava atenção, encolheu os ombros e dirigiu-se à linha de partida. O seu *bowl* deslizou pelo relvado e parou para lá da meta.

– Eu só jogo para ganhar – disse Swift para Daisy.

– Meu Deus – disse ela, exasperada. – O senhor parece o meu Pai a falar! Já alguma vez considerou que certas pessoas apenas jogam para se divertir? Como uma atividade agradável para passar o tempo? Ou tudo tem de ser reduzido a um caso de vida ou de morte?

– Se não se está determinado a ganhar, qualquer jogo deixa de ter sentido.

Vendo que tinha saído completamente da esfera de atenção de Swift, Cassandra Leighton procurou intervir:

– Parece-me que sou eu agora a jogar, Mr. Swift. Podia ter a gentileza de me alcançar um *bowl*, por favor?

Swift obedeceu quase sem olhar para ela, toda a sua atenção focada no rosto tenso de Daisy.

– Aqui tem – disse ele bruscamente, enfiando o *bowl* nas mãos de Miss Leighton.

– Talvez me possa dar alguma orientação... – começou Miss Leighton, mas a sua voz foi esmorecendo, enquanto Daisy e Swift continuavam a brigar.

– Muito bem, Mr. Swift – disse Daisy, serena. – Visto o senhor não ser capaz de desfrutar de uma simples partida de *bowl* sem o transformar numa guerra... será isso mesmo que terá: *guerra*. Vamos jogar a pontos.

Ela não estava certa de ter avançado – ou teria sido ele? – mas, subitamente, estavam os dois muito juntos, o rosto dele curvado sobre o dela.

– Não vai conseguir ganhar-me – declarou ele em voz baixa. – É nova nisto e *mulher*, ainda por cima. Não será justo a não ser que eu tenha alguma desvantagem.

– A sua parceira é Miss Leighton, recordo-lhe – disse ela, sibilante. – Na minha opinião isso é *desvantagem suficiente*. E está a insinuar que as mulheres não conseguem jogar tão bem quanto os homens?

– Não. Estou a *afirmar claramente* que não conseguem.

Daisy sentiu a força daquele ultraje, potenciada por um desejo imperioso de o agredir.

– Que comece a guerra – repetiu ela ferozmente, afastando-se para o seu lado do campo.

Anos depois ainda se falaria da partida de *lawn bowls* mais sanguinária jamais vista em Stony Cross.

A partida foi alargada até aos trinta pontos e depois aos cinquenta... e a seguir Daisy perdeu-lhe a

conta. Disputaram cada polegada de solo e cada regra do jogo. Ruminaram sobre cada jogada como se disso dependessem os destinos de nações. E acima de tudo consagraram-se especialmente a atirar os *bowls* um do outro para a vala de água.

– *Bowl morto!* – exultou Daisy, após ter executado um tiro perfeito que enviou o *bowl* de Mr. Swift para longe do relvado.

– Quiçá seja útil lembrar-lhe, Miss Bowman – disse-lhe ele –, que o objetivo deste jogo não é manter-me fora de campo. O que se espera de si é que coloque o seu *bowl* o mais perto possível do *jack*.

– Isso só será possível quando o senhor deixar de se empenhar tanto em *empurrar* os meus *bowls* para fora da pista, irra!

Daisy ouviu o gritinho sufocado de Miss Leighton perante tal linguagem. Aquilo realmente não parecia dela – Daisy *nunca* praguejava – mas as presentes circunstâncias tinham tornado impossível para ela manter a calma.

– Deixarei de “empurrar os seus *bowls* para fora da pista” quando a senhora parar de fazer o mesmo aos meus.

Por um segundo, Daisy considerou a proposta. Mas infelizmente era muito, *muito* mais divertido atirar os projéteis dele para dentro de água.

– Nem por todo o cânhamo da China, Mr. Swift.

– Muito bem.

Pegando num velho e desgastado *bowl*, Swift fê-lo rolar com um impulso impiedoso que provocou um contacto tão violento com o projétil dela, que se ouviu pelo ar um estrondoso *crack*.

Boquiaberta, Daisy viu as duas metades separadas do seu *bowl* caírem dentro da vala.

– O senhor *partiu* aquilo! – exclamou ela, voltando-se para ele de punhos cerrados. – E não era a sua vez de jogar! Miss Leighton é quem devia jogar a seguir, seu monstro desgraçado!

– Oh não... – murmurou Miss Leighton, atrapalhada. – Eu não me importo nada que Mr. Swift jogue em meu lugar... ele é tão melhor do que eu...

Calou-se ao ver que ninguém lhe estava a prestar atenção.

– É a sua vez – disse Swift para Lord Llandrindon, que parecia deveras impressionado pelo novo nível de ferocidade daquele jogo.

– Não, não é! – E Daisy arrancou o *bowl* das mãos de Llandrindon. – Ele é demasiado *cavalheiro* para arrear com o seu *bowl*. Mas eu não sou!

– Lá nisso tem razão – concordou Swift, mordaz. – A senhora decididamente nada tem de *cavalheiresco*.

Dirigindo-se à linha de lançamento, Daisy tomou balanço e largou o seu *bowl* com toda a força. O projétil voou pelo relvado e atirou com o *bowl* de Swift para fora, fazendo-o oscilar um tanto antes de cair na vala. Ela lançou um olhar vingativo a Swift que respondeu com uma vénia trocista.

– Esta agora... – disse Llandrindon –, a sua habilidade neste jogo é absolutamente notável, Miss

Bowman. Nunca tinha visto um principiante jogar tão bem. Como é que logra lançar sempre com tanto sucesso?

– Onde há uma vontade soberana, não pode haver grandes dificuldades – retorquiu ela.

E viu a cara de Swift abrir-se num súbito risinho ao reconhecer aquela citação de Maquiavel.

E o jogo prosseguiu. E prosseguiu... A tarde ia avançando. Gradualmente, Daisy apercebeu-se de que Lord Llandrindon, Miss Leighton e a maior parte dos espectadores se haviam retirado. E, claramente, Lord Westcliff teria gostado muito de fazer o mesmo não fosse Daisy e Swift reclamarem continuamente a sua arbitragem, ou uma simples mediação – visto a sua opinião ser a única em que ambos confiavam.

Passou uma hora, e mais outra... e o jogo revelava-se demasiado absorvente para qualquer dos adversários demonstrar sinais de fome, sede ou cansaço. A partir de determinada altura – Daisy não estava certa exatamente quando – a competitividade do parzinho evoluiu para uma apreciação relutante da competência do adversário. Quando Swift a cumprimentava por uma jogada particularmente hábil, ou quando ela dava por si a apreciar o espetáculo dos cálculos silenciosos dele, o modo como estreitava os olhos e punha a cabeça levemente de lado... ficava encantada. Não tinha havido muitas ocasiões em que a vida real de Daisy tivesse sido infinitamente mais animada do que a sua vida de fantasia. Mas esta era *sem dúvida* uma delas.

– Meninos...

A voz sardónica de Lord Westcliff fê-los olhá-lo com surpresa. O conde levantara-se da cadeira, tentando esticar os músculos dormentes.

– Receio que isto esteja a durar demasiado tempo para mim. Sintam-se à vontade para terminar o jogo, mas eu vou ter *mesmo* de pedir escusa.

– Mas quem vai arbitrar? – protestou Daisy.

– Visto que ninguém tem estado a marcar pontos há pelo menos uma boa meia hora – disse o conde secamente –, a minha opinião deixou de ser útil.

– Mas nós temos contado! – replicou Daisy, voltando-se para Swift. – Como estamos?

– Não faço ideia.

Ao cruzarem olhares, Daisy não pôde impedir-se de soltar um risinho embaraçado.

Nos olhos de Swift brilhou um certo divertimento.

– Creio que a senhora ganhou – disse simplesmente.

– Ah... não seja condescendente, Mr. Swift – respondeu Daisy. – O senhor vai claramente à frente. Eu lido bem com a derrota, creia-me. Faz parte do jogo.

– Não estou a ser condescendente. Temos andado... digamos taco-a-taco desde pelo menos... – Swift levou a mão ao bolso do colete e tirou um relógio – ... há duas horas.

– O que significa que muito provavelmente o senhor é que manteve a sua liderança do início.

– Que a senhora abalou após a terceira jogada.

– Oh, por amor de Deus! – ouviu-se a voz de Lillian.

Parecia um tanto irritada; tinha ido ao solar desfrutar de uma sesta, e regressava agora para os encontrar ainda no relvado.

– Estiveram toda a tarde a digladiar-se como um par de pavões e agora ainda querem discutir sobre quem ganhou?! Se ninguém põe um fim a isto, creio-vos capazes de ficar aqui a altercar até à meia-noite. Daisy, estás cheia de pó e o teu cabelo parece um ninho de ratos. Vem para dentro e arranja-te. *Já!*

– Não precisas de gritar... – respondeu Daisy, muito mansa e seguindo a irmã que se retirava.

Olhou por sobre o ombro para Matthew Swift... uma olhadela mais amistosa do que jamais lhe lançara; depois voltou-se e apressou o passo.

Swift tratou de começar a reunir os *bowls*.

– Deixe – disse Westcliff. – Os criados tratarão de pôr tudo em ordem. Será mais útil gastar o seu tempo a preparar-se para o jantar, que terá lugar, aproximadamente... dentro de uma hora.

Obedientemente, Matthew largou os *bowls* e seguiu para casa com Westcliff. Observou a figurinha de sílfide de Daisy até ela desaparecer de vista.

Westcliff não perdera o olhar fascinado de Swift.

– O senhor tem um estilo único de fazer a corte, deixe que lhe diga – comentou. – Eu jamais pensaria que vencer Miss Bowman em jogos de relvado iria conquistar o seu interesse... Mas aparentemente resultou.

Matthew contemplou o chão a seus pés, dominando a voz para um tom calmo e despreocupado.

– Eu *não estou* a cortejar Miss Bowman.

– Nesse caso, tudo indica que terei interpretado mal a sua aparente paixão pelo *bowls in lawn*.

Matthew optou pela defensiva:

– Admito que a acho... divertida. Mas isso não significa que quero casar com ela.

– As manas Bowman são muito perigosas nesse sentido. Quando uma delas consegue atrair o seu interesse, tudo o que irá pensar é que ela é a criatura mais irritante que jamais conheceu. Mas passado pouco tempo descobre que, por mais enfurecedora que ela seja, mal pode esperar por vê-la de novo. É como a progressão de uma doença incurável... espalha-se de um órgão para o outro. E o anseio começa... Todas as outras mulheres começam a parecer baças e entediantes em comparação. Começamos a desejá-la até cuidarmos que vamos enlouquecer. Não conseguimos deixar de pensar em nada mais do que...

– Não faço a mais pálida ideia do que está a falar – interrompeu-o Matthew, muito pálido.

Não estava prestes a sucumbir a uma doença incurável! Um homem podia escolher a sua vida! E, mau grado o que Westcliff pensava, aquilo não passava de um mero... anseio físico. Um anseio diabolicamente poderoso, de arrancar as tripas, um anseio físico que podia levar à loucura... mas que podia ser dominado por pura força de vontade.

– Se você o diz... – observou Westcliff, não parecendo minimamente convencido.

Capítulo 6

Em frente do espelho sobre a cómoda de cerejeira, Matthew atava cuidadosamente o laço formal branco com hábeis torcedelas e puxões. Estava com fome, mas a ideia de descer até ao salão de jantar enchia-o de apreensão. Sentia-se como se estivesse a caminhar numa estreita tábua suspensa muito alto no ar e qualquer tropeção o pudesse fazer despenhar-se para a morte.

Nunca deveria ter-se permitido aceitar o desafio de Daisy, jamais deveria ter ficado a jogar aquela maldita partida durante horas...

Mas Daisy surgira-lhe irresistível e ao longo da partida toda a sua atenção estivera focada unicamente nele – a tentação tinha sido impossível de ignorar. Ela era a mulher mais intrigante e mais provocante que ele jamais conhecera. Trovoada e arco-íris mesclados juntos num confortável embrulho para trazer no bolso.

Raios partissem o diabo, como ele desejaria tê-la na cama! Matthew não conseguia compreender como Llandrindon, ou qualquer outro homem ali, podia ser capaz de funcionar racionalmente na presença dela.

Mas já era tempo de controlar a situação. Ele tencionava fazer o que fosse preciso para a emparceirar com Llandrindon. Comparado com os outros celibatários presentes, aquele lorde escocês era claramente o mais distinto do grupo. Llandrindon e Daisy iriam ter uma vida calma e bem ordenada e, embora Llandrindon pudesse pisar o risco ocasionalmente – como fazia a maior parte dos homens que viviam dos seus rendimentos –, Daisy estaria demasiado ocupada com a sua família e os seus livros para sequer reparar. Ou, caso reparasse, aprenderia a fazer vista grossa às indiscrições do marido e a buscar consolo e refúgio nas suas próprias fantasias.

E Llandrindon nunca haveria de apreciar a sorte inimaginável de ter Daisy na sua vida...

Macambúzio, Matthew desceu e juntou-se à multidão elegante que se aproximava, antecipando a procissão até à sala de jantar. As senhoras traziam vestidos coloridos, enfeitados com bordados, contas e rendas. Os homens, vestidos de preto sóbrio e branco ofuscante, serviam de pano de fundo para a exibição das senhoras.

– Swift! – chamou Thomas Bowman logo queo viu entrar. – Chega aqui, meu caro. Quero que sejas tu a anunciar a estes rapazes a última estimativa da nossa produção.

Na opinião de Bowman nunca havia uma ocasião pouco própria para debater negócios. Obedientemente, Matthew juntou-se ao grupo de meia dúzia de homens que se formara a um canto e recitou os números pedidos pelo seu patrão.

Uma das especialidades mais úteis de Matthew era a capacidade de conservar longas listas de números na cabeça. *Adorava* números, os seus esquemas e os seus segredos, o modo como qualquer coisa de complexo podia ser reduzido a uma coisa simples. Na matemática, ao contrário da vida, havia sempre uma solução, uma resposta definitiva.

Mas, enquanto falava, Matthew apercebeu-se da presença de Daisy e das amigas, rodeando Lillian – e metade do seu cérebro desde logo paralisou por completo.

Daisy envergava um vestido amarelo-manteiga muito justo na cintura fina e que puxava as belíssimas formas dos seus seios pequenos para um corpete deveras decotado num resplandecente cetim pregueado. Um entrançado de fitas amarelas de cetim formava engenhosos cordões que mantinham o corpete no seu lugar. O seu cabelo negro fora puxado para o alto da cabeça, de onde caíam espirais encaracoladas até ao pescoço e ombros. A sua aparência era tão delicada quanto perfeita, como uma daquelas guarnições artísticas de açúcar no expositor das sobremesas, que nunca eram destinadas a ser comidas.

Matthew desejou puxar-lhe o corpete para baixo até lhe prender os braços com aqueles cordões de cetim. Desejava arrastar a língua pela sua pele pálida, encontrar-lhe as pontas dos seios, fazendo-a contorcer-se...

– Mas o senhor cuida realmente – interveio a voz de Mr. Mardling –, que há lugar para o mercado se expandir? Ao fim e ao cabo, estamos a falar das classes baixas. Seja qual for a sua nacionalidade, é um facto sobejamente conhecido que não gostam de tomar banho com frequência.

Matthew deslocou a sua atenção para o cavalheiro alto e bem vestido, cujo cabelo loiro brilhava sob a luz dos candelabros. Antes de responder, lembrou-se de que provavelmente ele não dizia aquilo por mal. As classes privilegiadas tinham frequentemente ideias falsas e preconcebidas acerca dos pobres, se é que se preocupavam de todo em considerá-los.

– Hoje em dia – disse Matthew calmamente –, os números correntes indicam que, logo que o sabão seja produzido em massa e vendido a preços razoáveis, o mercado aumentará aproximadamente dez por cento ao ano. Em todas as classes, as pessoas gostam de andar limpas, Mr. Mardling. O problema é que o sabonete de boa qualidade tem sido sempre considerado um bem de luxo, logo, de difícil acesso.

– Produção em massa... – Mardling matutou em voz alta, com a sua fâcies fina embrenhada em pensamentos. – Há fortes razões para objetar acerca dessa noção... parece ser uma maneira de possibilitar às classes baixas imitarem as classes superiores.

Matthew lançou um olhar discreto ao círculo de homens, notando que o topo da cabeça de

Bowman começava a ficar vermelho – que não era nada bom sinal – e que Westcliff se mantinha em silêncio e conservava indecifráveis os seus olhos negros.

– Mas é exatamente disso que se trata, Mr. Mardling – disse Matthew gravemente. – A produção em massa de produtos tais como o vestuário e o sabonete dará aos pobres a oportunidade de viver com os mesmos padrões de saúde e dignidade como o resto de nós.

– Mas assim sendo... como é que uma pessoa vai poder distinguir quem é quem?! – protestou Mardling.

Matthew lançou-lhe um olhar interrogativo.

– Receio não estar a compreender.

Llandrindon interveio na discussão.

– Penso que o que Mardling está a perguntar – disse ele –, é como é que alguém vai ser capaz de saber a diferença entre a caixeira de uma loja e uma senhora abastada, se ambas surgirem limpas e vestidas de modo semelhante. E se um cavalheiro não puder dizer quem elas são pela sua aparência, como é que ele há de saber como tratá-las?

Aturdido pelo pretensiosismo gritante da pergunta, Matthew teve de considerar cautelosamente a sua resposta:

– Sempre defendi que todas as mulheres devem ser tratadas com respeito, seja qual for a sua posição social.

– Muito bem visto! – disse Westcliff rapidamente, vendo que Llandrindon se preparava para responder.

Ninguém gostava de contrariar o conde, mas Mardling forçou-se a insistir:

– Diga-me, Westcliff: não vê nada de prejudicial em encorajar os pobres a tentarem erguer-se acima da sua posição? E em deixá-los fingir que não há diferença entre eles e nós próprios?

– O único mal que eu vejo – declarou Westcliff calmamente – é desencorajar as pessoas que querem melhorar-se, com medo de que possamos perder a nossa *auto-atribuída* superioridade.

Aquela declaração fez com que Matthew simpatizasse com o conde ainda mais do que até ali.

Preocupado com o caso da *putativa caixeira*, Llandrindon dirigiu-se a Mr. Mardling:

– Esteja descansado, Mardling, por melhor que uma mulher esteja vestida, um cavalheiro consegue sempre detetar as pistas que denunciam o seu verdadeiro estatuto. Uma senhora tem sempre um timbre de voz suave e bem modulado, enquanto uma caixeira fala em tom estridente e sotaque ordinário.

– É claro – respondeu Mardling, aliviado. Simulou um estremecimento de horror ao acrescentar: – Uma caixeira bem vestida a falar *cockney*... é como um riscar de unhas numa ardósia...

– Sim – concordou Llandrindon com uma risada. – Ou como uma vulgar margarida espetada num ramo de rosas...

Aquele comentário fora, nitidamente, pensado. Fez-se um silêncio súbito, em que Llandrindon percebeu que havia inadvertidamente insultado a filha de Bowman, ou por outra, o nome da sua filha.

– Uma flor versátil, a margarida... – comentou Matthew, quebrando o silêncio. – Linda, na sua frescura e simplicidade. Sempre achei que ficava bem em qualquer estilo de arranjo floral.

Todo o grupo se apressou a murmurar, em imediata concordância: «Realmente!» e «É bem verdade.»

Lord Westcliff lançou um olhar aprovador sobre Matthew.

Pouco tempo depois, fosse por planeamento prévio ou por uma mudança de lugares de última hora, Matthew descobriu que estava sentado à esquerda de Lord Westcliff na mesa principal. Via-se uma surpresa evidente no rosto de muitos convidados, ao notarem que tinha sido dado um lugar de honra a um jovem de posição indistinta.

Disfarçando a sua própria surpresa, Matthew viu que Thomas Bowman o olhava sorrindo com um orgulho paternal... enquanto Lillian mimoseava o marido com um discreto olhar feroz, que teria infundido terror no coração de um homem menos afoito.

Após um jantar rotineiro, os convidados dispersaram em vários grupos. Alguns homens optaram por desfrutar de um Porto e charuto no terraço das traseiras, algumas senhoras quiseram chá, enquanto outros se dirigiram para a ampla sala de estar para conversa e jogos de sociedade.

Quando se dirigia para o terraço, Matthew sentiu alguém bater-lhe no ombro. Baixou os olhos para o sorriso malicioso de Cassandra Leighton. Era uma rapariga muito animada, cujo principal talento parecia ser a habilidade de chamar atenção sobre si própria.

– Mr. Swift – disse ela. – Insisto para que se junte a nós na sala. Não lhe permitirei qualquer recusa. Lady Miranda e eu planeámos uns jogos de salão que sei que irá achar *muito* divertidos. – Baixou ligeiramente uma pálpebra num piscar de olhos manhoso. – Sabe, é que temos estado a conspirar...

– A conspirar... – repetiu Matthew desconfiado.

– Sim, a conspirar – disse ela com um risinho. – É que decidimos *portar-nos mal*, esta noite...

Matthew sempre detestara jogos de salão que exigiam uma determinada frivolidade pessoal que ele nunca lograra assumir. Ainda para mais, era geralmente sabido que na permissiva atmosfera de certa alta sociedade britânica, as penalidades destes joguinhos consistiam geralmente em truques e comportamentos potencialmente escandalosos. Matthew tinha uma aversão inata e muito sensível ao escândalo. E se alguma vez se visse enredado em algum, teria de ser por uma razão imperativa. *Jamais* como resultado de qualquer estúpido jogo de sociedade.

Mas antes que pudesse recusar, Matthew reparou em qualquer coisa na periferia da sua visão... um lampejo amarelo. Era Daisy, cuja mão se apoiava ligeiramente no braço de Lord Llandrindon ao cruzarem o átrio que dava acesso à sala de estar.

A parte lógica do cérebro de Matthew fez-lhe notar que, se Daisy ia envolver-se em qualquer comportamento escandaloso com Llandrindon, o mal era com ela. Mas uma parte mais profunda e mais primitiva do seu espírito reagiu com um ímpeto de possessividade que obrigou os seus pés a começarem a andar.

– Oh, ótimo! – gorjeou Cassandra Leighton, enfiando-lhe a mão na dobra do braço. – Vamos divertir-nos tanto!

Esta fora uma descoberta nova e inoportuna: que um instinto primordial pudesse abruptamente apoderar-se do corpo de Matthew. De sobranceiras franzidas, acompanhou Miss Leighton, que ia debitando uma torrente de disparates.

Um grupo de rapazes e raparigas estava reunido na sala, tagarelando e rindo. Sentia-se no ar uma forte expectativa. E também uma sensação de brejeirice, como se alguns dos presentes tivessem sido advertidos de que iam participar em qualquer coisa de atrevido e imprudente...

Matthew passou junto da porta e o seu olhar localizou de imediato Daisy. Estava sentada perto da lareira, com Llandrindon meio apoiado no braço da cadeira dela.

– Ora muito bem – anunciou Lady Miranda, sorrindo –, o primeiro jogo será uma partida de «Animais». – Parou, aguardando que os risinhos abrandassem antes de continuar: – Para quem não está familiarizado com as regras, elas são na verdade muito simples: cada senhora irá selecionar o seu parceiro e cada cavalheiro será encarregado de imitar um animal – cão, porco, burro e assim por diante. As senhoras irão então sair da sala, serão vendadas e quando regressarem vão tentar reconhecer os seus parceiros. Os cavalheiros ajudarão as senhoras produzindo o respetivo som. A última senhora que lograr encontrar o seu parceiro terá de *pagar uma multa*.

Matthew gemeu em silêncio. *Abominava* jogos que tinham por única finalidade obrigar os participantes a fazer figura de idiotas. Como qualquer pessoa que não gosta de ser ridicularizado, voluntariamente ou não, aquele era o género de situação que ele faria tudo por evitar.

Um olhar rápido para Daisy mostrou-lhe que ela não estava acometida de risinhos fúteis, como as outras mulheres. Pelo contrário, parecia ter tomado uma decisão: tentar ser como uma das outras, comportar-se como as cabeças ocas ao seu redor. – Que raio! Não admirava ser alcunhada de solteirona se era isso que se esperava de uma jovem casadoira.

– Mr. Swift, faço questão de o ter como parceiro! – soou o gritinho esganiçado de Miss Leighton.

– Um privilégio – respondeu Matthew polidamente, o que a fez rir como se ele tivesse dito a coisa mais cómica do mundo.

Matthew nunca conhecera uma mulher que risse com tanto afinco. Era de recear que entrasse em colapso histérico se não parasse por um momento.

Passaram à roda um chapéu com uma série de papelinhos dentro e Matthew retirou um, lendo:

– *Vaca* – informou ele Miss Leighton, a sua expressão fechada provocando nela um novo ataque de riso.

Sentindo que se preparava para fazer uma total figura de parvo, Matthew afastou-se, enquanto Miss Leighton e todas as outras senhoras saíam da sala.

Os homens distribuíram-se estrategicamente, fungando de riso à ideia de serem abalroados e mesmo *apalpados* por várias senhoras de olhos vendados.

Na sala ouviram-se vários chamamentos de ensaio:

– *Cocorocó!*...

– *Miaaaaau!*

– *Piu-piu-piu...!*

Seguiram-se mais risos desconchavados. Quando as senhoras vendadas entraram na sala, aquele espaço irrompeu em gritos de animais. Era como um zoológico enlouquecido. As senhoras puseram-se à procura dos seus pares, chocando com homens que zuniam, zurravam, ladravam e resfolegavam.

Matthew só pedia a Deus que Westcliff, Hunt ou – sobretudo! – Bowman, não entrassem por acaso na sala e o vissem naqueles preparos. Era coisa de que ele jamais se recomporia.

A sua dignidade sofreu um golpe mortal quando ouviu a voz de Cassandra Leighton:

– Onde andarás o *Senhor Vaca*?

Matthew suspirou.

– *Múúú...* – disse ele, descoroçoado.

O riso de Miss Leighton ecoou pela sala e ela apareceu gradualmente à vista, apalpando literalmente *todas* as formas masculinas de que se aproximava. Alguns guinchos, latidos e miados foram-se ouvindo, à medida que ela se deslocava pelo meio da multidão.

– Oh, Senhor *Vaaaaca*! – chamava ela. – Preciso de mais assistência da sua parte!

– *Múúú...* – mugiu Matthew.

– Outra vez!... – pediu ela.

Foi uma sorte para Cassandra Leighton estar vendada, o que a protegeu do olhar assassino de Matthew Swift.

– *Múúú...*

Risinho, risinho, risinho. Miss Leighton aproximou-se de braços estendidos e dedos abrindo-se e fechando-se no ar. Quando finalmente o alcançou, as mãos dela apalpavam-lhe a cintura e deslizaram para baixo. Matthew agarrou-lhe bruscamente os pulsos e puxou-lhos firmemente para cima.

– Ooohhh... Terei encontrado o *Senhor Vaca*? – indagou ela em tom lânguido, encostando-se a ele.

Ele empurrou-a com firmeza.

– Parece que sim.

– Viva eu! – gritou a jovem, tirando a venda.

Outros pares tinham-se já reunido e os *animais* foram-se calando paulatinamente à medida que iam sendo reconhecidos.

Finalmente ouviu-se um único som... uma tentativa desastrada de fazer ouvir uma espécie de vibração de um inseto. Um gafanhoto? Um grilo?

Matthew virou o pescoço para ver quem estava a fazer aquele barulho e quem seria a sua infeliz *parceira*. Houve exclamações e risos de simpatia. O grupo abriu alas para revelar Daisy Bowman retirando a venda, enquanto Lord Llandrindon tentava desculpar-se com um encolher de ombros.

– Isso *não é* o barulho de um grilo – protestou Daisy, corando. – Parecia mais... uma pessoa a

tossir!

– Perdoe... foi o melhor que pude fazer – disse Llandrindon, desconsolado.

Oh meu Deus! Matthew fechou os olhos por momentos. Tinha *mesmo* de ser Daisy...

Cassandra Leighton parecia radiante.

– Azar! – disse ela.

– Vamos, não discutam – disse Lady Miranda alegremente, avançando entre Daisy e Llandrindon.

– Compete-lhe a si a penalização, querida.

– E de que se trata propriamente? – quis saber Daisy, de sorriso apagado e sem esconder um certo alarme.

– Chama-se *fazer de encalhada* – esclareceu-a Lady Miranda. – A menina vai ter de ficar encostada à parede e retirar do chapéu o nome de um dos cavalheiros. Se ele recusar beijá-la, terá de se manter na mesma posição e continuar a retirar nomes até surgir alguém que aceite a sua oferta.

Daisy manteve um esboço de sorriso, embora tenha empalidecido mortalmente, deixando duas rosetas rubras no alto das faces.

Raios! pensou Matthew com ódio.

Aquilo representava um sério dilema; o incidente iria forçosamente dar origem a boatos que facilmente causariam um escândalo. E ele não podia permiti-lo. A bem da honra dela e da sua família. E da sua... mas isso era algo em que ele não queria pensar neste momento.

Automaticamente avançou, mas Miss Leighton agarrou-lhe o braço. As suas longas unhas espetaram-se no tecido da manga.

– Não pode interferir – avisou ela. – Quem joga tem de consentir pagar a penalização.

A jovem sorria ao dizer isto, mas havia nos seus olhos uma dureza que em nada agradou a Matthew. A intenção dela era claramente deliciar-se com cada segundo do vexame de Daisy Bowman.

Criaturas perigosas, as mulheres...

Olhando à volta da sala, Matthew viu a expectativa jubilosa no rosto dos homens. Nenhum deles pretendia abdicar de uma oportunidade de beijar Daisy Bowman. Matthew morria de desejo de espatifar todas aquelas cabeças umas contra as outras e sacar Daisy dali para fora. Fez-se silêncio em toda a sala, houve quem sustivesse a respiração, cheio de esperança... até que Daisy leu o nome no papelinho que acabara de retirar do chapéu sem sequer erguer os olhos.

– Mr. Swift.

E atirou o papel para dentro do chapéu, antes que alguém tencionasse confirmá-lo.

Matthew sentiu o coração bater-lhe violentamente no peito.

Não estava certo se a situação havia melhorado drasticamente ou se se tornara potencialmente fatal.

– Isso é *impossível!* – sibilou Miss Leighton. – *Não pode* ter saído o seu nome.

Matthew olhou-a de cima para baixo, quase distraído.

– E porque não?

– Porque eu *não pus* o seu nome no chapéu.

Ele manteve-se impassível.

– Pois obviamente alguém o fez – disse ele, arrancando o braço das garras dela.

Um silêncio nervoso apoderou-se da sala quando Matthew se aproximou de Daisy, para logo se ouvirem uns risinhos excitados por todo o grupo. Daisy controlava admiravelmente a sua expressão, mas viu-se no seu rosto uma mudança de cor. O seu corpo delicado estava tenso como a corda de um violino. Ela forçou um sorriso desprendido nos lábios. Mas Matthew pôde *ver-lhe* o palpar violento da pulsação no pescoço dela. E como desejou pôr a boca naquele latejar e afagá-lo com a língua...

Parando em frente dela, manteve-lhe o olhar fixamente, tentando adivinhar os seus pensamentos.

Quem, decididamente, dominava aquela situação?

Ostensivamente, era ele... mas fora Daisy a pronunciar o seu nome.

Ela escolhera-o. *Porquê?!*

– Eu ouvi-o durante o jogo – disse Daisy, tão baixo que nenhum dos outros conseguiu adivinhar as palavras. – O senhor parecia uma vaca com problemas digestivos.

– Pois a julgar pelo resultado, a minha vaca foi melhor do que o grilo de Lord Llandrindon – acentuou Matthew.

– Esse parecia *tudo* menos um grilo. A mim pareceu-me estar a tentar expulsar um catarro da garganta.

Matthew refreou a tempo uma risada súbita. Daisy ostentava uma expressão tão irritada e tão adorável que ele teve de fazer um esforço para não a apertar contra si. Ao invés disso, propôs:

– Que tal se despachássemos isto?

Arrependeu-se ao ver Daisy corar ainda mais. A sua pele branca tornava ainda mais evidente o escarlate de papoila nas faces dela.

Ouviram-se uns suspiros de respiração coletivo em todo o grupo quando Matthew avançou, até os dois corpos quase se tocarem. Daisy inclinou a cabeça para trás, de olhos fechados, os lábios ligeiramente franzidos. Pegando-lhe docemente na mão, Matthew levou-a aos lábios e depositou um beijo casto nas costas dos dedos dela.

Daisy abriu os olhos de repente. Parecia aturdida.

Do grupo chegaram mais risadas e gritinhos brincalhões de censura.

Depois de trocar uns gracejos bem-humorados com alguns dos cavalheiros, Matthew voltou-se para Daisy e disse, num tom agradável mas determinado:

– Acho que ouvi-a mencionar há pouco, Miss Bowman, o desejo de ir ver a sua irmã por esta hora. Posso servir-lhe de companhia até ela chegar?

– Mas o senhor não pode retirar-se! – exclamou Cassandra Leighton do fundo da sala. – Ainda agora começámos!

– Não, obrigada – disse Daisy para Matthew. – Estou certa de que a minha irmã pode esperar um pouco mais, enquanto me divirto por aqui.

Matthew lançou-lhe um olhar severo e penetrante e compreendeu, pela súbita mudança de expressão nos olhos dela, que Daisy tinha entendido.

Ele estava a cobrar o obséquio que lhe fizera.

Saia agora comigo, ordenava o olhar dele, *e sem discussão*.

Matthew também notou que Daisy gostaria muito de recusar acompanhá-lo, mas o seu sentido de honra não lho permitia. Uma dívida é uma dívida.

E viu-a engolir em seco.

– Por outro lado... – quase se engasgou para prosseguir: – ... já me esquecia de que prometi a Lillian ir tomar chá com ela.

Matthew apressou-se a oferecer-lhe o braço:

– Estou ao seu serviço, Miss Bowman.

Houve alguns protestos, mas quando eles cruzaram o limiar já o grupinho se dedicava afanosamente a organizar o jogo seguinte. Sabe Deus que pequenos escândalos se estariam a inventar naquela sala; mas enquanto nem ele nem Daisy estivessem envolvidos, Matthew estava-se *borrifando*.

Daisy retirou violentamente a mão do braço dele assim que entraram no átrio. Seguiram uns quantos metros até chegarem à porta aberta da biblioteca. Verificando que estava vazia, Daisy precipitou-se para dentro sem uma palavra.

Matthew entrou atrás dela e fechou a porta. Não era propriamente um ato correto, mas também não o seria serem ouvidos a discutir no átrio.

– Porque fez aquilo?! – Daisy exigiu saber, irritadíssima, virando-se para ele imediatamente.

– Afastá-la dos jogos?! – Desconcertado, Matthew adotou um tom de censura: – A senhora não devia lá ter estado e sabe-o perfeitamente!

Daisy estava tão furibunda que os seus olhos escuros pareciam dardejar chispas.

– E onde é que eu devia ter estado, Mr. Swift, a seu ver? Sozinha, a ler, na biblioteca?

– Teria sido preferível a causar um escândalo!

– Não, não seria! *Eu* estava exatamente onde devia estar, a fazer exatamente o mesmo que toda a gente! E tudo estava perfeito até *o senhor* me estragar a tarde!

– Eu?! – Matthew não podia crer nos seus ouvidos. – *Eu* é que lhe estraguei a tarde?!

– Claro que sim.

– Como?!

Ela olhou-o, acusadora:

– O senhor recusou-se a beijar-me.

– *Eu*?! – Apanhado de surpresa, olhou-a desorientado: – Mas eu beijei-a!

– Na mão... – disse Daisy com desdém. – O que não significa absolutamente nada.

Matthew ficou sem saber como tinha passado de vítima de uma atitude de superioridade hipócrita para alvo de um protesto afrontado.

– Devia estar-me grata, isso sim – balbuciou.

– Grata?! *De quê?*

– Não é óbvio? Eu salvei a sua reputação.

– Se me tivesse beijado – retorquiu Daisy –, isso só poderia ter *melhorado* a minha reputação. Mas o senhor rejeitou-me publicamente e agora toda a gente sabe que há em mim alguma coisa que não está bem.

– Eu não a rejeitei.

– Foi exatamente o que eu senti, seu canalha!

– Não sou nenhum canalha. Se a tivesse beijado em público, *aí sim*, tê-lo-ia sido, sem a menor dúvida. – Calou-se antes de acrescentar, completamente desorientado: – E não há rigorosamente nada em si que não esteja bem! Por que diabo é que há de pensar uma coisa dessas?

– Sou uma *solteirona*! Não há homem algum que me queira beijar.

Aquilo era de mais. Daisy Bowman estava furiosa por ele não ter feito aquilo com que tinha sonhado e almejado fazer durante anos da sua vida... Comportara-se como um *homem de honra*, para sua maldição, e em vez de ela se mostrar agradecida... estava furiosa?

– Sou assim tão pouco desejável? – Daisy estava fora de si. – Teria sido assim *tão repugnante*?!

Há tanto tempo que ele a desejava... Mil vezes ele se forçara a pensar em todas as razões que o impediam de jamais a possuir. E tinha sido muito mais fácil de suportar sabendo que ela o detestava, que não havia motivo de esperança. Mas a hipótese de que os sentimentos dela pudessem ter mudado, de que também ela o pudesse desejar enchia-o de uma sensação desnorteante.

Mais um minuto daquilo e ficaria desvairado.

– ... e a verdade é que eu não sei fazer o que diabo as mulheres devem fazer para atrair os homens! – dizia Daisy, irada. – E quando finalmente me é dada a esperança de ganhar um pouco de experiência, o senhor... – parou, franzindo a testa ao olhar a cara dele: – O que é que tem? Sente-se mal? Tem alguma dor?

Dor... Sim. O género de dor que um homem sente quando desejou uma mulher durante anos e de súbito se acha sozinho com ela, e forçado a ouvir as suas queixas por não a ter beijado, quando tudo em que pensava era arrancar-lhe as roupas e possui-la, ali mesmo, no chão.

Ela queria *experiência*? Matthew estava pronto a proporcionar-lhe a experiência de toda uma vida. O seu corpo estava tão insuportavelmente sensível e tenso que o simples roçar do tecido das calças era o bastante para o fazer estremecer. Lutando para se controlar, concentrou-se em respirar. Respirar fundo. Mas o resultado resultou apenas num acréscimo de ereção até sentir uma névoa rubra a limitar o seu campo de visão.

Não teve consciência de ter estendido os braços, mas subitamente as suas mãos estavam à volta dela, segurando-a por baixo dos braços, mesmo naquele sítio onde o cetim amarelo se impregnava do calor do seu corpo. Ela era leve e flexível como um gato... podia erguê-la tão facilmente, placá-la contra a parede...!

Os olhos escuros de Daisy estavam muito abertos, sobressaltados:

– O que é que está a fazer?!

– Quero a resposta a uma pergunta – disse Matthew com esforço. – Por que razão disse o meu nome, lá dentro...?

Um misto de emoções cruzou a face dela, numa sucessão rápida... surpresa, culpa, vergonha... fazendo enrubescer cada centímetro da sua pele.

– Não sei a que se refere... O seu nome estava no papel e eu não tive outro remédio senão...

– Isso é mentira – declarou ele num tom sem réplica.

E o seu coração parou quando ela se recusou a responder. Ela não ia negar. A sua pele rosada tornou-se carmesim.

– O meu nome não estava naquele papel – prosseguiu ele com esforço. – Mas a senhora disse-o. Porquê?

Ambos sabiam que só podia haver uma razão. Matthew fechou os olhos por uns segundos. O coração batia-lhe com tanta força e tão veloz que o sangue queimava-lhe o interior das veias.

Ouviu a voz hesitante de Daisy:

– Eu só queria saber o que o senhor... como é que o senhor... eu só queria...

Aquilo era uma tentação brutal. Matthew tentou obrigar-se a soltá-la, mas as suas mãos recusavam-se a largar as curvas suaves envoltas em cetim amarelo. Tê-la assim agarrada era bom de mais... Concentrou a sua atenção na boca dela, naquele entalhe subtil mas delicioso no centro do seu lábio inferior. *Um beijo*, pensou ele desesperado. Certamente poderia ter ao menos isso. Mas se começasse... não estava certo de conseguir parar.

– Daisy...

Ele tentou encontrar palavras para atenuar a situação, mas era-lhe difícil articular com coerência.

– Vou dizer a seu Pai... na primeira oportunidade... que não posso casar consigo sob que circunstâncias for...

Ela continuou a evitar olhá-lo.

– Porque é que não lho disse logo?

Porque queria obrigá-la a reparar nele.

Porque queria fingir, nem que por um fugaz momento, que aquilo com que ele jamais ousara sonhar estava mesmo ao seu alcance.

– Porque quis irritá-la.

– Pois saiba que foi bem-sucedido nesse intento!

– Mas eu nunca considereei seriamente essa hipótese, juro-lho. Eu... jamais poderia casar consigo.

– Porque sou uma *solteirona* – disse ela, ressentida.

– Daisy, não é nada disso...

– Sou indesejável...

– Daisy, quer parar...

– Nem digna de um mísero beijo...

– *Muito bem!* – gritou Matthew, perdendo finalmente o controlo. – Ganhou, raios a partam! Vou beijá-la!

– Para quê?

– Porque de outra forma jamais parará de se queixar!

– Agora é tarde! Devia ter-me beijado ali atrás, na sala, mas não quis! E agora que o senhor destruiu qualquer hipótese que eu jamais teria de ser beijada fosse por quem fosse, não vou contentar-me com um prémio de consolação de *meia-tigela*!

– Meia-tigela?!

Aquilo fora um erro. Um erro crasso. E Matthew viu que Daisy dera conta disso no momento em que o dissera. Tinha selado irrevogavelmente a sua sentença.

– Eu q-queria di-dizer *contrariado* – gaguejou ela, quase sem fôlego, tentando esquivar-se dos braços dele. – É óbvio que o senhor não deseja beijar-me e por isso...

– A senhora disse *meia-tigela*! – Agarrou-a, estreitando-a com força contra si. – O que significa que eu agora tenho uma coisa a provar!

– Não tem tal – disse ela rapidamente. – É verdade. Não precisa...

Soltou um gritinho quando ele lhe encaixou a nuca com a mão, abafando qualquer som ao cravar a boca na dela.

Capítulo 7

Matthew soube que era um erro no instante em que as suas bocas se encontraram. Porque nada poderia superar a perfeição que era ter Daisy nos seus braços. Estava perdido para sempre. Que Deus lhe valesse, ele não se ralava.

A boca dela era macia e quente como a luz do sol, como a chama branca de um fogo de lenha. Daisy arquejou quando ele lhe tocou no lábio inferior com a ponta da língua. As mãos dela foram subindo devagar até aos ombros dele e então ele sentiu-lhe os dedos na nuca, enterrando-se-lhes nos cabelos para o impedir de se afastar. Não havia a mínima hipótese de isso acontecer; *nada* o poderia fazer parar.

Tremiam-lhe os dedos quando enquadrou a linha deliciosa do queixo dela na estrutura da sua mão aberta, inclinando-lhe docemente o rosto para cima. O sabor da boca dela, doce e indefinível, alimentou uma fome que ameaçava descontrolar-se totalmente... então ele pesquisou a seda húmida para lá dos lábios dela, mais forte e cada vez mais fundo até que a sentiu respirar em longos suspiros, moldando o seu corpo ao dele.

Ele fê-la sentir como era mais forte, mais pesado, com um braço musculado a apertá-la pelas costas, os pés afastados para a segurar entre as coxas poderosas. O peito dela estava sujeito por um espartilho acolchoado, e ele sentia-se prestes a ceder a um desejo selvagem de arrancar barbas e chumaços, para encontrar a carne mimosa que estava por baixo.

Em vez disso, enterrou os dedos no cabelo preso com ganchos e fê-la escorregar até ter o peso da cabeça dela enconchado na palma da mão, expondo à sua mercê a garganta pálida. Procurou aquele bater de pulso que lhe sentira antes e dragou suavemente com os lábios o caminho secreto dos nervos sob a pele. Ao tocar num ponto delicado, sentiu contra a boca a vibração de um gemido sufocado.

Aquilo era o que seria fazer amor com ela, pensou ele deslumbrado... o doce estremecimento da carne dela quando ele a penetrasse, o seu respirar caótico e delicado, os sons desamparados que lhe sussurravam na garganta. A pele dela, feminina e quente, cheirando a chá e a talco e um traço de sal. Procurou-lhe denovo a boca, abriu-lha, mergulhando naquela seda húmida, quente, com um sabor

íntimo que o punha doido.

Ela podia ter resistido, mas ele só encontrou uma cedência plácida e ainda mais doce, que o levou para lá de todos os limites. Começou a violar-lhe a boca com beijos profundos e revoltos, apertando o corpo dela ritmicamente contra o seu.

Sentiu as pernas dela afastarem-se sob o vestido, e a sua coxa encaixar-se perfeitamente entre as dele. Ela contorcia-se, num desejo inocente, a face ruborizada como uma papoila no fim do verão. E se Daisy tivesse percebido exatamente o que ele queria dela, teria feito mais do que corar. Teria desmaiado ali mesmo.

Afastando a boca da dela, Matthew pressionou o rosto contra o lado da cabeça de Lillian, dizendo, a custo:

– Creio que isto... põe fim a qualquer dúvida sobre se eu a acho desejável... ou não.

Daisy reuniu forças para se libertar, retorcendo-se dos braços dele até ficar de costas, olhando, sem ver, as filas de livros encadernados a couro na sua frente. Apoiou as mãos na estante de mogno, lutando para controlar o ritmo turbulento da respiração.

Matthew agarrou-a pelas costas e cobriu-lhe as mãos com as suas. Os ombros estreitos ficaram rígidos contra o peito dele, enquanto ele procurava a tenra fímbria da sua orelha.

– Não faça isso... – balbuciou ela, esforçando-se por se afastar.

Mas Matthew não pôde parar. Aproveitando o movimento da cabeça dela, passou os lábios ternamente pela curva penugenta da sua nuca. Libertou uma das mãos para colocar a palma na pele nua acima do colo, mesmo acima do nascimento dos seios dela. A mão livre de Daisy subiu para apertar mais os dedos dele contra o seu peito, como se precisasse dos esforços combinados de ambos para refrear o bater desaustinado do seu coração.

Matthew precisou de reunir toda a força dos seus músculos contra o impulso irresistível de agarrar nela e levá-la para o canapé mais próximo. Queria fazer amor com ela, enterrar-se até que recordações amargas se dissolvessem na doçura daquele corpo. Mas essa hipótese havia-lhe sido roubada muito antes de eles se terem encontrado.

Ele não tinha nada para lhe oferecer. A sua vida, o seu nome, a sua identidade... era tudo uma ilusão. E era só uma questão de tempo até que ela o descobrisse.

Para seu horror, percebeu que tinha inconscientemente apertado na mão as saias dela, como se se preparasse para lhas puxar para cima. O cetim caía em vagas douradas por entre os seus dedos. Imaginou o corpo dela envolto em todas aquelas roupas e laços... e o prazer perverso que seria despi-la completamente. Marcar o mapa do corpo dela com a boca e com os dedos, aprendendo cada curva e cada orifício, todos os lugares mais recônditos.

Olhando a sua mão como se ela pertencesse a outra pessoa, Matthew abriu os dedos um por um, deixando cair o cetim. Virou-a para si, mergulhando o olhar na maravilhosa profundidade daqueles olhos castanhos.

– Matthew... – disse ela a custo.

Era a primeira vez que ela pronunciava o seu nome. Dominou-se para esconder a intensidade da sua reação.

– Sim?

– O modo como se exprimiu há pouco... Não disse que não casaria comigo fossem quais fossem as circunstâncias... disse que *não podia*. Porquê?

– Visto isso não ir acontecer – disse ele –, os motivos são irrelevantes.

Daisy franziu a testa, entreabrindo os lábios de um modo que o fez desejar ardentemente beijá-los.

Afastou-se para a deixar partir.

Obedecendo àquele sinal silencioso, Daisy começou por passar ao seu lado, afastando-se.

Mas ao sentir o roçar do braço dela contra o seu, Matthew agarrou-a pelo pulso e de repente ela estava de novo nos seus braços. E ele não pôde impedir-se de tomar a boca dela na sua, beijando-a como se ela lhe pertencesse, como se estivesse dentro dela.

– *É isto que eu sinto por si* – disse-lhe ele com beijos ferozes, devoradores. – *É isto que eu quero...*

Sentiu uma tensão diferente no corpo dela, saboreou a excitação que lhe provocara e percebeu que poderia levá-la ao clímax, ali e agora, se lhe levantasse o vestido e...

Não, ordenou bruscamente a si próprio. Aquilo já tinha ido longe de mais. Percebendo quão perto estava de perder todo o controlo, Matthew arrancou a sua boca da dela com um gemido e empurrou-a para longe de si.

Daisy fugiu da biblioteca imediatamente. A fímbria do vestido amarelo seguiu atrás dela, enrolando-se à volta da ombreira da porta antes de desaparecer, como o último raio de sol deslizando para lá do horizonte.

E Matthew, desolado, ficou a pensar como é que iria interagir com ela dali em diante.

Era uma tradição há muito estabelecida para a dona de uma grande propriedade rural fazer o papel de *Ilustre Benévola* dos rendeiros e dos habitantes locais, o que significava dar assistência e conselhos e doação de bens de primeira necessidade tais como comida e roupas aos mais carenciados. Lillian tinha cumprido aqueles deveres de boa vontade até agora, mas o seu estado nesta altura tornava impossível tal obrigação.

Não era sequer de considerar pedir a Mercedes que a substituísse – Mercedes era demasiado ríspida e impaciente para desempenhar tal cargo. E detestava estar perto de gente doente. A sua presença deixava os idosos pouco à vontade e havia algo no seu tom de voz que inevitavelmente fazia chorar os bebés.

Posto isto, Daisy era a escolha ideal. Daisy não se importava nada de ir visitar os necessitados. Gostava de ir sozinha até à aldeia, conduzindo ela própria a pequena charrete puxada por um pónei, para entregar embrulhos e cântaros, ler para os que tinham problemas de visão e receber notícias dos aldeãos. E, o que era melhor, a natureza informal daquelas diligências implicava que não tinha de se

vestir à moda ou preocupar-se com etiquetas.

Havia ainda outra razão para Daisy gostar de ir à aldeia: mantinha-se ocupada e fora da mansão – e assim podia focar os seus pensamentos noutras coisas que não em Matthew Swift.

Tinham passado três dias desde aquele horrível jogo de salão e das suas consequências, nomeadamente ter sido beijada por Matthew Swift até perder o tino. Ele agora comportava-se perante ela como sempre o fizera antes: distante e cortês.

Daisy quase podia imaginar ter sido um sonho, se não fosse o facto de, sempre que estava perto dele, os seus nervos começarem a disparar faúlhas e o estômago a saltitar na vertical, para cima e para baixo, como um pardal bêbado.

Ela gostaria muito de poder desabafar com alguém, mas seria demasiado humilhante e, de certo modo uma traição – a quem, não tinha a certeza. Tudo o que ela sabia era que já nada estava certo. Deixara de conseguir dormir tranquilamente e, como resultado, durante o dia andava distraída e desatinada.

Pensando estar doente, Daisy tinha ido ter com a governanta e, ao descrever-lhe os seus sintomas, fora mimoseada com uma odiosa colher de óleo de fígado de bacalhau. Que não tinha ajudado minimamente... Mas o pior de tudo era não conseguir concentrar-se nos seus livros. Lia as mesmas páginas vezes e vezes sem conta e estas não tinham o mínimo poder de a interessar.

Daisy não fazia ideia de como se curar de uma tal maleita. Mas sabia que seria bom parar de pensar tanto nela e fazer qualquer coisa pelos outros.

Uma manhã subiu para a charrete aberta, puxada por um vigoroso pônei castanho chamado Hubert. O carro estava carregado de vasilhas de barro cheias de comida, peças de lã, queijos inteiros, grandes peças de carne de carneiro criado a nabo e mais bacon e chá e algumas garrafas de vinho do Porto.

As visitas eram geralmente muito agradáveis e os camponeses pareciam adorar a presença jovial de Daisy. Alguns deles fizeram-na rir ao descreverem muito à socapa como era nos tempos de outrora, quando era a mãe de Lord Westcliff que os ia visitar.

A condessa-viúva dispensava relutantemente as suas benesses, esperando grandes demonstrações de gratidão. Quando as mulheres não faziam uma vénia bastante profunda, ela perguntava-lhes de mau modo se sofriam de reumatismo nos joelhos. Além disso, esperava ser consultada acerca dos nomes que deviam dar aos filhos e instruía-os sobre quais deviam ser os seus ensinamentos quanto a religião e higiene. Mas o pior de tudo é que a Condessa trazia a comida misturada numa mixórdia muito pouco apetitosa – a carne os legumes, e os doces, tudo apinhado junto no mesmo recipiente.

– Santo Deus! – exclamou Daisy, dispondo sobre a mesa vasilhas e peças de fazenda. – Tudo isso se me afigura mais digno de uma bruxa má! Como nos contos de fadas...

E logo regalava as crianças com uma recitação dramática extraída de *Hansel e Gretel*, que as fazia esconderem-se debaixo da mesa, rindo e gritando, espreitando-a, deliciadas.

No final do dia da visita, Daisy enchera um pequeno bloco com notas: «seria possível encontrar

um especialista para vir observar a visão em declínio do velho Mr. Hernsley?» E: «poderiam os Blunt receber outro frasco daquele tónico aconselhado pela governanta para os problemas digestivos de Mr. Blunt?»

Tendo prometido expor todas aquelas questões diretamente a Lord e Lady Westcliff, Daisy subiu para a charrete agora vazia e rumou de novo até Stony Cross Park.

Aproximava-se o crepúsculo, as longas sombras de carvalhos e castanheiros cruzavam o caminho de terra batida que se afastava da aldeia.

Aquela vasta área da Inglaterra ainda não tinha sido desflorestada para alimentar as fábricas e empresas que tinham surgido nas principais cidades. Aqueles campos estavam ainda intactos, como de outro mundo, cruzados por caminhos semienterrados pelos ramos baixos carregados de folhas. Na sombra que se adensava, as árvores estavam coroadas de vapor e mistério, quais sentinelas num mundo de druidas, feiticeiros e unicórnios. Um mocho castanho deslizou por sobre a estrada, silencioso como uma traça no céu que já escurecia.

A vereda estava em silêncio, exceto pelo chocalhar das rodas e o *clop-clop* das ferraduras de Hubert. Daisy manteve pulso firme nas rédeas ao sentir o pônei apressar o passo. Hubert parecia nervoso, balouçando a cabeça de um lado para o outro.

– Calma, rapaz – disse Daisy, forçando-o a abrandar o passo quando o eixo da carruagem chocalhou sobre um trecho mais pedregoso. – Não gostas da floresta, pois não? Não te preocupes, estamos a chegar a caminho aberto.

A agitação do pônei continuou até a vegetação se tornar mais esparsa e as folhas por cima desaparecerem. Tinham entrado numa azinhaga cingida de um lado por uma floresta e do outro por um prado.

– Pronto, seu medricas – disse Daisy alegremente. – Nada de preocupante, estás a ver?

Mas a sua confiança era prematura.

Começaram a ouvir-se estalidos pesados vindos da floresta, galhos e ramos quebrados sob passos compactos. Hubert relinchou baixinho, apreensivo, voltando a cabeça para o ruído. Um grunhido forte fez levantarem-se os cabelos na nuca de Daisy.

Meu Deus, o que seria aquilo?!

Com uma espantosa brusquidão, um vulto enorme precipitou-se sobre a charrete, vindo da floresta.

Tudo aconteceu depressa de mais para Daisy poder compreender. Agarrou as rédeas com toda a força, enquanto Hubert se lançava para a frente com um relincho de pavor, fazendo o carro avançar chocalhando como se fosse um brinquedo de criança.

Daisy tentou em vão manter-se no lugar, mas quando a pequena charrete ultrapassou uma vala mais profunda, ela viu-se lançada para fora. Hubert continuou a correr o mais depressa que podia pela estrada e Daisy caiu na terra batida com extrema violência.

O choque cortou-lhe a respiração e ela sentiu-se sufocar. Teve a impressão de uma criatura

maciça, um monstro que avançava para ela, mas o som de um tiro rasgou o ar, fazendo-lhe zumbir os ouvidos.

O guincho arrepiante de um animal... e depois, nada.

Daisy tentou soerguer-se, mas logo caiu de bruços com um espasmo doloroso nos pulmões. Sentia o peito apertado como num torno. Pareceu-lhe que ia vomitar, mas lembrar-se de que *isso* é que iria doer muito, foi o bastante para se aguentar.

No instante seguinte, o tropel de vários cavalos fez vibrar o chão sob o rosto de Daisy. Capaz enfim de respirar de mansinho, firmou-se nos cotovelos e levantou o queixo.

Três cavaleiros – não, quatro! – galopavam na sua direção, levantando com os cascos nuvens de pó no caminho. Um dos homens saltou do cavalo antes mesmo de ele parar, precipitando-se para ela em poucas passadas.

Daisy pestanejou de surpresa quando ele caiu de joelhos e a levantou num só movimento. A cabeça dela caiu sobre o braço dele e a jovem deu por si atordoada, olhando o rosto muito próximo de Matthew Swift acima do seu.

– *Daisy...*

Ela nunca lhe tinha ouvido aquele tom, rouco e premente. Aninhando-a num só braço, percorreu o corpo dela com a mão livre, verificando rapidamente se havia fraturas.

– Está ferida?

Daisy tentou explicar que a queda só a tinha atordoado e ele pareceu interpretar corretamente aqueles sons incoerentes.

– Pronto – disse ele. – Não tente falar, respire devagar. – Sentindo-a agitar-se, aninhou-a nos braços. – Apoie-se em mim e descanse.

Passou-lhe a mão pelos cabelos, libertando-lhe o rosto. Percorreram-na pequenos arrepios de reação e ele abraçou-a mais forte.

– Devagar, querida. Calma... já está em segurança.

Daisy fechou os olhos, ocultando o seu assombro: Matthew Swift estava a murmurar-lhe palavras carinhosas, cingindo-a fortemente nos braços e os ossos dela pareciam derreter-se como açúcar em água quente.

Anos de brincadeiras brutas e brigas com os irmãos haviam ensinado Daisy a recompor-se rapidamente depois de uma queda. Em qualquer outra circunstância já se teria levantado e sacudido as roupas por esta altura. Mas todas as células do seu corpo saturadas de prazer tentavam prolongar aquele momento o mais possível. Os dedos dele afagaram-lhe as faces:

– Olhe para mim, querida... Diga-me onde dói.

Daisy levantou as pestanas e encontrou o rosto dele mesmo por cima do seu. Presa no fascínio daqueles extraordinários olhos azuis, ela sentiu-se flutuar em camadas de cor.

– Tem dentes bem bonitos... – disse ela meio atordoada. – Mas sabe, os seus olhos são ainda mais bonitos.

Swift, parecendo preocupado, passou-lhe o polegar pelo alto da face e aquele toque produziu nela uma onda rósea à superfície da pele.

– Consegue dizer-me o seu nome?

– Como assim? Já se esqueceu?!

– Não, quero saber se *a menina* se esqueceu.

– Nunca seria tão lerda que me esquecesse do meu próprio nome – disse ela, algo indignada. –

Chamo-me Daisy Bowman.

– E o dia do seu aniversário?

Ela teve um sorriso dúbio:

– Se eu lhe desse uma data errada, nunca o saberia, não é verdade?

– O dia dos seus anos? – insistiu ele.

– Cinco de março.

– Não brinque comigo, seu diabrete.

– Pronto, pronto! É o dia 12 de setembro. Como é que sabia?

Sem dar resposta, Swift levantou os olhos para os seus companheiros, que se haviam juntado à volta deles.

– Tem as pupilas do mesmo tamanho – disse ele – e está lúcida. Também não tem nada partido.

– Graças a Deus – soou a voz de Westcliff.

Por cima do ombro de Matthew Swift, Daisy viu o cunhado de pé por cima deles. À volta, estavam também Mr. Hardling e Lord Llandrindon, com expressões preocupadas.

Westcliff tinha uma espingarda na mão. Baixou-se, ficando de cócoras junto dela.

– Vínhamos mesmo a regressar de uma caçada de fim de tarde – disse o conde. – Foi por pura sorte que chegámos aqui quando foi atacada.

– Eu iria jurar que era um javali – disse Daisy, espantada.

– Mas não pode ser – disse Lord Llandrindon com um risinho condescendente. – A sua imaginação induziu-a em erro, Miss Bowman. Há séculos que deixou de haver porcos-bravos em Inglaterra.

– Mas eu vi... – começou Daisy, na defensiva.

– Está tudo certo – murmurou Swift, reforçando o seu abraço. – Eu também vi.

– Miss Bowman não está totalmente enganada – disse Westcliff, preocupado. – Temos tido um problema local com animais de criação extraviados, que deram origem a uma ou duas gerações de porcos selvagens. No mês passado uma amazona foi atacada por um deles.

– Quer dizer que fui atacada por um porco mal humorado?

Daisy assumiu com esforço uma posição sentada, Swift manteve um braço protetor nas suas costas, amparando-a contra o seu flanco quente.

Um último raio de sol brilhou sobre o horizonte, cegando-a temporariamente. Ao virar o rosto, Daisy sentiu o queixo de Swift roçar o seu cabelo.

– Mal-humorado e não só – disse Westcliff referindo-se ao javali. – Selvagem e por isso, perigoso. Os porcos domésticos em liberdade podem facilmente tornar-se agressivos e são bastante grandes. Eu calculo que o que vimos agora deve pesar pelo menos trezentas libras. – Vendo o ar perplexo de Swift, o Conde explicou: – Aproximadamente cento e vinte quilos.

Swift ajudou Daisy a levantar-se, amparando-a junto ao seu corpo.

– Devagar – murmurou ele. – Sente-se tonta? Nauseada?

Daisy sentia-se absolutamente bem. Mas era tão delicioso estar ali de pé encostada a ele que disse, ofegante:

– Talvez um pouco...

A mão dele segurou-lhe a cabeça, aninhando-a suavemente contra o ombro. A temperatura subiu-lhe ao sentir a proteção daquele abraço, a maravilhosa solidez do corpo dele. Tudo aquilo vindo de Matthew Swift, o homem *menos* romântico que ela jamais conhecera...

Até ali, aquela estadia em Inglaterra só trazia surpresa após surpresa.

– Eu levo-a a casa – murmurou Swift ao ouvido dela, ao que a sua pele reagiu com arrepios de deleite. – Acha que consegue ir montada à minha frente?

Como tudo mudara de repente, pensou Daisy, para que ela sentisse aquela imprudente palpitação à perspectiva de tal proposta... Ia poder recostar-se nos braços de Matthew enquanto ele a arrebatava no seu cavalo, e assim poderia dar-se ao luxo de se abandonar secretamente a uma ou duas fantasias. Podia pretender ser uma aventureira, a ser raptada por um vilão sedutor...

– Receio que isso não seja minimamente prudente – interveio Lord Llandrindon com uma gargalhadinha. – Considerando o estado de espírito entre vós dois...

Daisy ficou lívida, pensando logo que ele se referia àqueles momentos tórridos na biblioteca. Mas não havia hipótese de Llandrindon saber disso. Ela não contara a ninguém e Swift era fechado como uma ostra no respeitante à sua vida privada. Não, Llandrindon só *podia* estar a referir-se à rivalidade entre eles durante a partida de *bowls*.

– Acho que será preferível ser *eu* a acompanhar Miss Bowman até casa – disse Llandrindon, ainda sarcástico. – Para evitar qualquer cena de violência.

Daisy lançou uma olhadela à expressão risonha do visconde, desejando que ele se tivesse mantido calado. Abriu a boca para protestar, mas Swift já tinha respondido.

– É capaz de ter razão, *my lord*.

Ora bolas! Daisy, desapontada, sentiu frio quando Swift a fez afastar-se do abrigo cálido do seu corpo com um gesto doce.

Westcliff olhou em volta, com ar preocupado.

– Tenho absolutamente de encontrar o animal para o abater.

– Oh! Espero que não seja por minha causa – disse Daisy, angustiada.

– Há sangue no chão – replicou o conde. – O animal está ferido. É melhor abatê-lo do que deixá-lo sofrer.

Mr. Mardling foi buscar a sua espingarda, dizendo:

– Eu vou consigo, *my lord!*

Entretanto Lord Llandrindon montara já o seu cavalo.

– Dê-me cá – disse ele a Swift –, que eu trato de a levar de volta ao solar sã e salva.

Swift inclinou para cima o rosto de Daisy e extraiu da algibeira um lenço branco.

– Se ainda se sentir atordoada quando chegarmos a casa – disse ele limpando cuidadosamente as marcas de terra no rosto dela –, eu mando chamar o médico. Estamos entendidos?

Apesar do seu tom autoritário, havia no seu olhar uma ternura esquiva que fez Daisy desejar enfiar-se dentro do casaco dele e refugiar-se no bater do seu coração.

– Também vem? – perguntou ela. – Ou fica com Lord Westcliff?

– Vou seguir já atrás de si. – Metendo o lenço no bolso, Swift baixou-se e pegou nela facilmente. – Agarre-se a mim.

Daisy pôs-lhe os braços à roda do pescoço e o seu punho vibrou ao roçar a pele quente da nuca dele e os caracóis sedosos do seu cabelo. Ele levava-a como se ela não pesasse nada, o peito dele sólido como uma rocha, o seu bafo fresco e brando contra o rosto dela. A custo refreou a sua vontade de roçar o nariz pelo pescoço dele.

Confundida pela força da sua atração por ele, Daisy manteve-se em silêncio enquanto Swift a erguia, entregando-a nos braços de Lord Llandrindon que montava um imponente baio. O visconde instalou-a à sua frente, onde o rebordo da sela se cravou na sua coxa.

Llandrindon era um bonito homem, elegante, de cabelo escuro e feições harmoniosas. Mas o toque dos seus braços à roda dela, o seu peito enxuto, o seu perfume... fosse por que razão fosse, não estava *certo*. O prender da mão dele na sua cintura era-lhe estranho e quase... *intrometido*.

Daisy sentiu vontade de chorar de pura frustração por não o querer a ele, em vez de o homem que lhe estava interdito.

– Mas... o que foi que sucedeu?! – perguntou Lillian quando Daisy entrou na sala de estar. Ela estava reclinada num sofá, folheando um jornal. – Parece que foste abalroada por uma carruagem!

– Tive um encontro com um porco mal-humorado.

Lillian sorriu, pousando o jornal.

– E esse quem foi?...

– Não se trata de uma metáfora: tratou-se *realmente* de um porco-bravo.

Daisy sentou-se numa cadeira de braços e contou a sua aventura, interpretando-a a uma luz humorística.

– Mas ficaste bem, realmente? – perguntou Lillian preocupada.

– Perfeitamente bem – assegurou Daisy. – E o pónei também. Chegou ao estábulo ao mesmo tempo que Lord Llandrindon e eu.

– Isso é que foi uma sorte.

– Sim, o *Hubert* foi esperto a encontrar o caminho de casa.

– Não estou a falar do raio do pónei, Daisy! Refiro-me a teres vindo no cavalo de Lord Llandrindon. Não que eu te encoraje a namoriscá-lo, mas por outro lado...

– Não era com ele que eu gostava de ter cavalgado...

Daisy olhou a sua saia suja de terra, concentrando-se em arrancar uma crina de cavalo cravada na musselina da blusa.

– Não serei eu quem te censurá por isso – disse Lillian. – Llandrindon é simpático, mas um tanto inócuo. Estou convicta de que terias ficado mais entusiasmada por regressar com Mr. Mardling.

– Não – disse Daisy. – Fiquei encantada por *não ter* regressado com esse. Com quem eu queria *realmente* ter vindo montada era...

– Não! – Lillian tapou os ouvidos. – Não digas! Eu não quero ouvir!

Daisy olhou a irmã com ceticismo.

– Estás segura? Não queres mesmo saber?

Lillian fez uma careta:

– Chiça! Rai's parta' o diabo! C'um caneco!

– Quando o bebé nascer – interrompeu Daisy com um sorrisinho –, vais ter *realmente* de deixar de usar essa linguagem.

– Por isso é que me dou largas, enquanto ele não nasce.

– Estás assim tão certa de que é um *ele*?

– Será melhor que seja, porque Westcliff precisa de um herdeiro e eu *juro por Deus* que não volto a passar por isto outra vez. – Lillian esfregou a palma da mão nos olhos fatigados. – Bom, visto que o único que faltava era Matthew Swift – resmungou ela –, presumo que era com *esse* que querias ter vindo à garupa...

– Sim, era. Porque... ele atrai-me.

Foi um alívio dizê-lo alto. A garganta de Daisy, ultimamente tão apertada, dilatou-se finalmente, permitindo-lhe um longo suspiro repousante.

– Queres dizer... *fisicamente*?

– E não só.

Lillian apoiou a cara na mão, fechada num punho de nós salientes.

– Será por o Papá desejar esse casamento? Queres obter à viva força a sua aprovação?

– Oh, não...! Pelo contrário, a sua aprovação é um ponto *contra* Mr. Swift. Pouco me rala se lhe agrada ou não, sei perfeitamente que isso é impossível!

– Então não entendo porque te interessas por um homem que, obviamente, é tão errado para ti! Tu não és nenhuma estouvada, Daisy. És impulsiva, talvez. Romântica de certeza. Mas também és suficientemente prática e inteligente para compreender as consequências de te envolveres com um homem como ele. O que eu penso é que o teu problema é sentires-te *desesperada*. És a única de entre nós que ainda está solteira... e depois o Papá impôs-te aquele seu ultimato idiota e tu...

– Eu *não estou* desesperada!

– Se estás a considerar a ideia de casar com Matthew Swift, afianço-te que isso é um sintoma de extremo desespero!

Daisy jamais fora acusada de ser temperamental – essa distinção fora sempre apanágio de Lillian. Mas a indignação encheu-lhe o peito como o vapor de uma chaleira cheia de água a ferver e foi-lhe extremamente difícil impedir-se de explodir.

Contudo bastou-lhe olhar para a barriga da irmã para recuperar a calma. A pobre Lillian estava a lidar com vários desconfortos e incertezas desconhecidos, e agora Daisy estava a deitar achas na fogueira...

– Eu não disse que queria casar com ele, pois não? Quero apenas saber mais coisas acerca dele. Acerca do género de homem que ele é. Não vejo nenhum mal nisso.

– Mas não vais saber coisa alguma! – argumentou Lillian cheia de razão. – Essa é que é essa! Ele não vai mostrar-te nada daquilo que realmente é, vai enganar-te. O seu talento na vida é justamente descobrir o que as pessoas querem e *fabricar* essas coisas, tudo para seu benefício. Repara como ele se transformou no filho que o nosso Pai sempre quis! E agora vai fingir ser o género de homem que *tu* sempre quiseste. É lógico!

– Mas como pode ele saber... – tentou Daisy mas Lillian interrompeu-a num impulso rude, incapaz de ter uma discussão minimamente racional.

– Ele não se interessa por *ti*, mana, pelo teu coração, pela tua inteligência, pela pessoa que és... O que ele quer é controlar ações na companhia e vê em ti um meio de o obter! Certamente que irá fazer tudo para que gostes dele... vai seduzir-te, encantar-te até te ver de cabeça perdida... até *àquele* dia, depois do casamento, em que finalmente descobrirás que tudo não passou de uma ilusão! Ele é como o nosso Pai, Daisy! Vai esmagar-te, ou transformar-te numa pessoa como a nossa Mãe! É essa a vida que tu queres?!

– Claro que não!

Pela primeira vez na sua vida Daisy constatou que não podia falar com a irmã mais velha acerca de um assunto importante.

Havia tantas coisas que ela queria dizer... que nem tudo o que Matthew Swift dissera e fizera fora calculado. Que ele poderia ter insistido em levá-la ele próprio a casa e, em vez disso, entregara-a a Lord Llandrindon de mão beijada e sem um protesto. Daisy também queria contar como Swift a beijara, que tinha sido esplendoroso, e como aquilo a perturbara...

Mas não havia modo de discutir com Lillian, quando ela estava naquele estado. Era como uma corrida em círculos.

O silêncio envolveu-as como um cobertor sufocante.

– E então? – perguntou Lillian, triunfante. – O que pensas fazer?

Daisy levantou-se, sacudindo um resto de pó das mangas do vestido e disse:

– Para começar, creio que vou tomar um banho.

– Ora, Lillian, não desconverses!

– O que gostarias *tu* que eu fizesse? – perguntou Daisy com uma cortesia que deu a Lillian que pensar.

– Que digas a Matthew Swift que ele mete nojo aos cães e que não há um raio de uma hipótese em pensares em casar com ele!

Capítulo 8

– ... e depois ela *saiu porta fora!* – disse Lillian, indignada. – Sem me dizer o que ia fazer, ou o que realmente se passava. E eu *sei* que há coisas que ela não me disse.

– Querida – interrompeu Annabelle carinhosamente –, tem a certeza de que lhe deu oportunidade para ela contar tudo?

– Mas *é claro* que sim, Annabelle! Eu estava aqui sentada à frente dela. Estava consciente e tenho duas orelhas: quer melhor oportunidade?

Inquieta e sem poder dormir, Lillian descobrira que Annabelle também estava acordada, depois de ter deitado a filha. Tinham-se visto uma à outra pelas sacadas dos respetivos quartos e fizeram sinal para se encontrarem em baixo. Era meia-noite. Por sugestão de Annabelle, foram passear pela galeria de arte dos Marsdens, uma longa sala retangular forrada com os austeros retratos da família e de inestimáveis obras de arte. Vestidas com os seus robes, evoluíram pela galeria de braço dado a uma velocidade reduzida, comandada pelo passo arrastado de Lillian. Lillian via-se cada vez mais frequentemente procurando refúgio em Annabelle no decurso da sua gravidez. A amiga compreendia melhor do que ninguém tudo aquilo por que ela estava a passar, tendo ela própria experimentado o mesmo há pouco tempo. E a sua presença calma tinha o invariável condão de a reconfortar.

– O que eu quero dizer – continuou Annabelle –, é que é possível que tenha estado tão interessada em contar à Daisy como é que *se sente*, que se tenha esquecido de lhe perguntar como é que *ela* se sentia.

Lillian protestou indignada:

– Mas ela... mas *eu* é que... – parou, reconsiderando. – Tem razão – admitiu ela, rabugenta. – Pois... foi isso mesmo. Mas é que eu fiquei tão chocada perante ideia de Daisy se sentir atraída por Matthew Swift que nem quis discutir a questão. Só queria dizer-lhe o que ela devia fazer e... ponto final no assunto!

Tinham chegado ao fim da galeria e ladeavam agora uma fila de paisagens.

– A menina acha que terá havido alguma intimidade entre eles? – perguntou Annabelle, mas ao

ver Lillian alarmada, especificou: – Tal como um beijo... um abraço...

– *Oh meu Deus!* – Lillian abanou a cabeça. – Não sei... A Daisy é tão inocente. Seria fácil para aquela serpente seduzi-la.

– Na minha opinião, ele está genuinamente encantado com ela. Quem não estaria? Ela é amorosa... e bonita e esperta...

– E rica – acrescentou Lillian, sombria.

Annabelle sorriu.

– A riqueza nunca prejudicou ninguém – concedeu ela. – Mas neste caso, eu cuido que há mais qualquer coisa.

– Como é que pode ter a certeza?

– Querida, é óbvio. Já viu como olham um para o outro? Há qualquer coisa... no ar.

Lillian franziu o rosto.

– Podemos parar por um momento? Doem-me as costas.

Annabelle reagiu imediatamente, ajudando-a a sentar-se num dos bancos estofados que corriam ao longo do centro da galeria.

– Quer-me parecer que não falta muito tempo para o bebé chegar – murmurou Annabelle. – Diria inclusive que vai chegar um pouco mais cedo do que o médico previu.

– Oxalá... Nunca desejei algo na vida com tanto anseio do que estar *des-grávida*.

Durante um momento, Lillian tentou ver a ponta dos chinelos por cima da curva da barriga. Mas abandonando o projeto, voltou ao assunto Daisy.

– Eu não vou ocultar-lhe a minha opinião – disse ela abruptamente. – Ao contrário de Daisy, eu vejo Matthew Swift tal como ele é.

– Eu penso que ela já está mais do que a par das opiniões, minha amiga – disse Annabelle sem rodeios. – Mas em última análise, será a decisão dela a prevalecer. Quer-me parecer que quando a menina tentava decidir-se em relação a Lord Westcliff, a Daisy não tentou influenciá-la nem num sentido nem noutro.

– A situação aqui é inteiramente diferente – protestou Lillian. – Matthew Swift é uma serpente! E ainda por cima, se a Daisy casar com ele, mais tarde ou mais cedo ele leva-a para os Estados Unidos e eu nunca mais a vejo!

– E gostava de a ter debaixo da sua asa para sempre... – murmurou Annabelle.

Lillian voltou-se para ela, fulminando-a com uma expressão de poucos amigos.

– Estará a sugerir que eu sou egoísta ao ponto de pretender impedi-la de seguir a sua vida, só para a ter sempre junto de mim?

Impassível perante aquela explosão Annabelle continuou, com um sorriso:

– Vocês sempre foram muito chegadas, não é verdade? Sempre foram a única fonte de amor e companheirismo uma da outra. Mas tudo isso mudou, querida. Tem agora a sua família, um marido e um bebé a chegar... Devia desejar o mesmo para a sua irmã.

Lillian sentia o nariz a arder. Desviou o olhar, mas para seu vexame, sentiu os olhos quentes e húmidos.

– Eu *prometo* gostar do próximo homem em que ela estiver interessada. Seja ele quem for! Desde que não seja Mr. Swift!

– A menina jamais haveria de gostar de qualquer homem em que ela estivesse interessada. – Annabelle passou-lhe um braço à volta dos ombros, enquanto acrescentava com ternura: – Tem noção de que é muito possessiva, querida?

– E a menina é uma grande chata – respondeu Lillian encostando a cabeça ao ombro de Annabelle. E continuou a fungar, enquanto a amiga a envolvia num género de abraço firme e reconfortante, de que a própria mãe de Lillian nunca fora capaz. Chorar era um alívio, mas também era algo embaraçoso

– Detesto ser chorona – murmurou ela.

– Isso é apenas devido ao seu estado – acalmou-a Annabelle. – É perfeitamente natural. Vai voltar a ser como era logo que nasça o bebé, garanto-lhe.

– E vai ser um rapaz – disse Lillian limpando os olhos com as costas da mão. – E mais tarde arranjamos um casamento entre os nossos rebentos, para que a Isabelle venha a ser viscondessa.

– Julguei que não acreditava em casamentos arranjados.

– E até agora, não. Mas os nossos filhos não podem ser deixados à solta quanto a uma decisão tão importante como com quem casar.

– Tem toda a razão. Temos de nos encarregar disso por eles.

E com algumas risadinhas, Lillian sentiu aliviar-se um pouco a sua disposição.

– Tenho uma ideia – disse Annabelle. – Vamos à cozinha dar uma vista de olhos! Aposto que ainda restou alguma tarte de groselha da sobremesa. Para não falar daquele delicioso pudim de morango...

Lillian ergueu a cabeça e limpou o nariz com a manga.

– Acha realmente que um doce ou dois me podem fazer sentir melhor?

Annabelle sorriu.

– Mal não pode fazer.

Lillian meditou um segundo.

– Então vamos lá!

E deixou que a amiga a ajudasse a levantar-se do banco.

O ar da manhã entrou pelas janelas logo que os criados abriram de par em par os pesados reposteiros da entrada, prendendo-os com os cordões enfeitados com borlas de seda. Daisy encaminhou-se para a sala dos pequenos-almoços, calculando que havia poucas hipóteses de algum dos hóspedes já ter despertado. Ela tentara dormir o mais tempo possível, mas inundava-lhe as veias uma energia inquietante, que exigia um escape imediato... Até que finalmente saltou da cama e vestiu-se.

A criadagem atarefada polia madeiras e metais, varria tapetes, carregava baldes e cestos com roupa. Mais longe ouviam-se tilintar painéis e salvas de metal, para a comida que estava a ser preparada na cozinha para os pequenos-almoços.

A porta do escritório particular de Lord Westcliff estava aberta e Daisy, ao passar, aproveitou para espreitar a sala apainelada a madeira. Era uma bela sala, vasta mas sóbria, com uma série de janelas de vitral que lançavam um arco-íris de luz ao longo do tapete. Daisy parou com um sorriso, vendo alguém sentado à secretária maciça. Uma cabeça escura e ombros largos em silhueta identificavam-no como sendo Mr. Hunt, que frequentemente se servia do escritório de Westcliff quando se hospedava em Stony Cross.

– Bom dia – começou ela, parando quando o vulto se virou para a olhar.

Sentiu um choque ao perceber que não era Mr. Hunt, mas sim Matthew Swift.

Ele levantou-se da cadeira e Daisy disse:

– Não, por favor, desculpe ter interrompido...

A voz falhou-lhe ao notar que havia nele qualquer coisa de diferente. Trazia um par de óculos finos, de armação de aço.

Óculos, naquele rosto de feições fortes... e o cabelo em desalinho, como se ele tivesse estado distraidamente a puxar pela madeixa da frente. Tudo aquilo, combinado com uma plenitude de músculos e virilidade, era espantosamente... erótico.

– Quando é que começou a usar óculos? – perguntou Daisy, a custo.

– Há um ano, mais ou menos. – Ele sorriu, um tanto intimidado, e tirou-os com um gesto da mão.

– Preciso deles para ler. Demasiadas noites passadas a examinar contratos e relatórios.

– Ficam-lhe... muito bem.

– Deveras?

Continuando a sorrir, Swift sacudiu a cabeça como se nunca lhe tivesse ocorrido preocupar-se com a sua aparência. E enfiou os óculos no bolso do colete.

– Como se sente? – perguntou baixinho.

Daisy demorou um momento a entender que ele se referia à sua queda da charrete.

– Oh, estou ótima, obrigada.

Ele olhava-a daquele seu modo especial, concentrado, determinado, que sempre a fazia sentir-se pouco à vontade. Mas naquele momento, o olhar dele não parecia crítico. De facto, olhava-a como se ela fosse a única coisa no mundo digna de ser vislumbrada. Daisy pôs-se a manusear nervosamente a saia do seu vestido de musselina, rosa pálido com florinhas.

– Está a pé muito cedo – disse ele.

– É o meu costume. Não percebo porque é que algumas pessoas ficam na cama de manhã até tão tarde. Ao fim e ao cabo, não se pode estar na cama a dormir durante tanto tempo...

Assim que acabou de falar, ocorreu-lhe que havia outras coisas a fazer na cama além de dormir... e corou até mais não poder.

Misericordiosamente, ele não fez troça dela, embora ela pensasse ter visto um sorriso subtil passar-lhe pelos cantos da boca. Afastando o assunto arriscado dos hábitos da cama, ele apontou para um monte de papéis sobre a mesa atrás dele.

– Estou a preparar-me para ir a Bristol muito em breve. Há problemas a rever antes de nos decidirmos a construir por lá uma nova fábrica.

– Lord Westcliff já concordou com que seja o senhor a desenvolver o projeto?

– Efetivamente. Mas tudo indica que terei de me haver com um comité de avaliação.

– O meu cunhado costuma ser um tanto controlador – confirmou Daisy. – Mas assim que ele vir como o senhor é digno de confiança, prevejo que vá soltando as rédeas consideravelmente.

Ele lançou-lhe um olhar curioso.

– Isso quase parece um elogio, Miss Bowman.

Ela encolheu os ombros com desdém.

– Sejam quais forem os seus defeitos, a sua confiabilidade é lendária. O meu Pai sempre disse que podemos acertar os relógios pelas suas idas e vindas.

Ao que ele comentou, irónico:

– *Confiabilidade*... Ora aí está a definição de uma personalidade excitante.

Em tempos, Daisy teria concordado com aquela observação sarcástica. Quando se dizia de um homem que ele era *confiável* ou *boa pessoa* era obsequiá-lo com um elogio deslavado. Mas ela já tinha passado três temporadas a observar os caprichos de cavalheiros que eram pura e simplesmente devassos, inconscientes ou irresponsáveis. A *confiabilidade* era uma qualidade maravilhosa num homem. Até se sentiu espantada por só agora a conseguir apreciar.

– Mr. Swift... – Daisy tentou manifestar uma natural indiferença, sem grande resultado. – Tenho andando a pensar numa coisa...

– Ah sim?

Receu um pouco quando ela se aproximou, como se fosse imperativo manter uma certa distância entre os dois.

Daisy observou-o com atenção enquanto falava:

– Visto não haver possibilidade de o senhor e eu... que o casamento está fora de... Perguntava a minha própria *quando* é o que o senhor planeia casar-se?

Ele pareceu confuso, mas logo assumiu uma expressão totalmente neutra:

– A bem da verdade... *nunca*. Não penso que o casamento seja solução para mim.

– *Nunca?!*

– Nunca.

– Mas por que não? – exigiu ela saber. – Será que dá um excessivo valor à sua liberdade? Ou pretende seguir uma carreira de *Don Juan*?!

Swift soltou uma gargalhada tão genuína e calorosa que Daisy sentiu como que uma carícia de veludo pela sua espinha abaixo.

– Não! Sempre pensei que seria uma perda de tempo perseguir montes de mulheres quando uma boa mulher chega perfeitamente.

– Como define *boa mulher*?

– Está a perguntar com que género de mulher eu quereria casar?

Aquele seu sorriso demorou muito mais tempo do que o costume, fazendo vibrar os cabelos mais finos na nuca de Daisy.

– Cuido que iria saber... quando a encontrasse.

Tentando parecer indiferente, Daisy afastou-se até às janelas de vitrais. Levantou a mão, fingindo-se absorta no mosaico de luzes coloridas na brancura da sua pele.

– Até sou capaz de prever como ela seria – disse ela, mantendo-se de costas para ele. – Mais alta do que eu, para começar.

– Como a maior parte das mulheres – fez ele notar.

– E prendada e útil – continuou Daisy. – Jamais uma sonhadora... E iria dominar completamente todos os assuntos práticos e dirigir a criadagem na perfeição... e *nunca* se deixaria enganar nas peixarias comprando peixe fora do prazo.

– Se eu tivesse alguma opinião sobre o casamento – disse Swift –, a menina acaba de me tirar completamente da ideia.

– Não terá dificuldade em encontrá-la – continuou Daisy, como se ele não tivesse dito nada. – Há centenas de mulheres assim em Manhattan. Talvez milhares, mesmo.

– O que a faz pensar que eu havia de querer uma esposa convencional?

Ela sentiu um formigueiro nas costas ao senti-lo aproximar-se por trás.

– Porque o senhor é tal e qual o meu pai.

– Não inteiramente.

– E se alguma vez se casasse com alguém diferente da mulher que eu acabo de descrever, iria acabar eventualmente por considerá-la... uma parasita.

A pressão suave das mãos de Swift fechou-se sobre os ombros dela. Voltou Daisy de frente para si. Os seus olhos azuis eram tão calorosos quando ele encontrou os dela, que Daisy teve a desconfortável suspeita de que ele lia os seus pensamentos como se ela fosse um livro aberto.

– Prefiro pensar – disse ele, devagar –, que nunca seria capaz de ser tão cruel. Ou tão estúpido.

O seu olhar desceu até à fração exposta do decote dela. Com a maior ternura, passou ambos os polegares ao longo da forma alada das clavículas, até ela sentir a pele de galinha que se formava por baixo das suas mangas de balão.

– Tudo o que pediria a uma esposa – murmurou ele –, é que ela me tivesse alguma afeição. Que se sentisse feliz por me ver chegar a casa ao fim do dia...

– Isso não é pedir muito – disse ela com a respiração entrecortada.

– Ah não?

Os dedos dele tinham chegado à base da garganta dela, que vibrou com o seu engolir em seco. Ele

pestanejou e retirou as mãos imediatamente; e não parecia saber o que fazer com elas, até que as enterrou nas algibeiras do casaco.

E contudo não se afastou. Daisy imaginou por momentos que ele sentia a mesma tensão do que ela, uma carência inexplicável que só podia ser apaziguada com um contacto mais próximo.

Mas dominou-se, tossicando para aclarar a garganta e endireitou-se para atingir toda a sua estatura de metro e meio, mais coisa menos coisa.

– Mr. Swift...

– Sim, Miss Bowman?

– Tenho um favor a pedir-lhe.

– E de que se trata? – disse ele, subitamente atento.

– Assim que disser definitivamente a meu Pai que não vai casar comigo, ele vai ficar... desapontado. Sabe como ele é.

– Sei muito bem – disse Swift secamente.

Qualquer pessoa que tivesse contactado com Thomas Bowman poderia testemunhar que, para ele, qualquer desapontamento era apenas uma breve pausa a caminho do mais raivoso dos ressentimentos.

– Pois eu receio que isso vá resultar em alguma repercussão desagradável para mim – prosseguiu Daisy. – Meu Pai já não está muito satisfeito por eu não ter desencantado um candidato à altura. Se ele se convencer de que eu fiz deliberadamente algo para fazer gorar os seus planos acerca de nós dois... bom, isso vai tornar a minha situação muito difícil.

– Compreendo. – Swift conhecia o pai dela talvez melhor do que a própria Daisy. – Eu não lhe digo nada – disse calmamente. – E farei o que puder para tornar as coisas mais fáceis para si. Vou partir para Bristol dentro de dois dias, o máximo três. Llandrindon e os outros homens... nenhum deles é idiota. Têm uma ideia acerca da razão pela qual foram convidados para aqui e não teriam vindo se não estivessem interessados. Posto isto, não deverá faltar muito tempo para que a menina receba uma proposta de um deles.

Daisy pensou que talvez devesse celebrar a rapidez dele em empurrá-la para os braços de outro homem. Estranhamente, o entusiasmo dele fê-la sentir-se azeda e mais irritável do que uma vespa.

E quando uma pessoa se sentia como uma vespa, a inclinação natural era de ferrear.

– Aprecio essa informação – disse ela. – Muito obrigada. Foi-me de facto muito útil, Mr. Swift. E especialmente ao prover-me de alguma experiência, de que muito necessitava. A próxima vez que eu beijar um homem – Lord Llandrindon, por exemplo – estarei bem mais informada acerca do que fazer.

A satisfação vingativa de Daisy subiu vários pontos ao ver o modo como a boca dele se comprimiu.

– Não tem de quê – rosnou ele.

Apercebendo-se de que as mãos dele tinham subido ligeiramente, como se ele estivesse prestes a abaná-la ou a estrangulá-la, Daisy ofereceu-lhe o seu sorriso mais cativante e fugiu para fora do seu

alcance.

Com o avançar do dia, o sol da manhã foi sendo abafado por nuvens que se espalharam pelo céu como um grande tapete cinzento. A chuva começou a cair tenazmente, transformando as estradas de terra batida em rios de lama, voltando a encher pauis e pântanos, enviando pessoas e animais numa correria até aos respetivos abrigos.

Isto era o Hampshire na primavera, matreiro e caprichoso, pregando partidas aos mais confiantes. Se uma pessoa se precavia a sair com guarda-chuva numa manhã chuvosa, o Hampshire iria produzir um dia de sol com uma varinha de condão. Se alguém se aventurava a ir passear sem guarda-chuva, era certo e sabido que o céu lançaria baldes de água para cima da cabeça.

Os convidados estavam reunidos em grupos que se alternavam constantemente... uns na sala de música, outros na sala de bilhar, alguns no salão de jogos ou na sala de chá, ou assistindo a representações teatrais de amador. Várias senhoras ocupavam-se dos seus bordados ou rendas, enquanto os cavalheiros liam, conversavam e bebiam na biblioteca. Nenhuma conversa passava sem pelo menos uma alusão ao tempo e a quando aquela trovoadra iria acabar.

Geralmente, Daisy adorava os dias de chuva. Estar enrolada junto da lareira com um livro era o maior prazer que se podia imaginar. Mas ela ainda se sentia presa num estado de desassossego, em que as palavras impressas haviam perdido a sua magia. E assim vagueava de sala em sala, observando discretamente o comportamento dos outros convidados. Parando no limiar da sala de bilhar, espreitou os cavalheiros que remoinhavam preguiçosamente à volta da mesa com bebidas e tacos na mão. Os cliques das bolas de marfim proporcionavam um fundo sonoro arrítmico ao zum-zum da conversação masculina. Mas a sua atenção foi atraída pela visão de Matthew Swift em mangas de camisa, executando uma tacada primorosa.

As mãos dele eram hábeis no taco, os seus olhos azuis estreitavam-se quando ele se concentrava na disposição das bolas sobre a mesa. Aquele caracol eternamente rebelde tinha-lhe mais uma vez pendido sobre a testa... e Daisy ansiava por lho puxar para trás. Quando Swift enfiou concisamente a bola numa bolsa lateral, houve uma difusão de aplausos, alguns risos e ruídos de moedas que mudavam de mãos. Swift endireitou-se com um dos seus sorrisos esquivos e teve um comentário para o seu adversário, que se revelou ser Lord Westcliff.

Westcliff riu com o comentário e rodeou a mesa, com um charuto por acender entre os dentes, considerando as suas opções. A sensação de um divertimento masculino relaxado era óbvia naquela sala.

Ao dar a volta à mesa, Westcliff entreviu Daisy espreitando por entre portas. Piscou-lhe o olho. Ela recuou como uma tartaruga que se retrai na sua concha.

Sentiu-se ridícula, a deslizar assim furtivamente pelo solar, tentando roubar olhadelas de relance a Matthew Swift.

Insultando-se abundantemente, Daisy afastou-se da sala de bilhar, atravessando a entrada principal

até à grande escadaria. Subiu os degraus a correr e não parou enquanto não chegou à saleta dos Marsden.

Anabelle e Evie estavam com Lillian, que se encontrava meio enrolada no sofá. Estava pálida e tensa, a testa ligeiramente enrugada e os seus braços delgados enrolados à volta do estômago.

– Passaram vinte minutos – disse Evie, de olhos pregados no relógio sobre a consola da lareira.

– Ainda não estão a aparecer com regularidade – fez notar Annabelle.

Escovava o cabelo a Lillian e entrançou-o rapidamente, com os seus longos dedos manuseando com destreza as pesadas madeixas negras.

– Quem é que não está a aparecer com regularidade? – perguntou Daisy com uma alegria forçada ao entrar na sala. – E porque é que estão todas a olhar para o... – Empalideceu ao perceber, subitamente. – Oh, meu Deus! As dores de parto já começaram, Lillian?

A irmã abanou a cabeça, com ar abatido.

– Não são verdadeiras dores... E só uma espécie de aperto na barriga. Começaram depois do almoço e depois tive outro uma hora depois e outro meia hora depois e agora... este chegou após vinte minutos.

– Lord Westcliff já sabe? – perguntou Daisy, um tanto ofegante. – Querem que eu vá dizer-lhe?

– *Não!* – disseram em coro as outras três mulheres.

– Não há necessidade de ir apoquentá-lo por enquanto – acrescentou Lillian sem grande convicção.

– Deixem-no entretido esta tarde com os amigos. Logo que souber, vem por aí acima a dar ordens e a andar de um lado para o outro, sem dar descanso a ninguém. Especialmente a mim.

– E a Mamã?... Não querem que mande chamá-la?

Daisy tinha de perguntar, embora estivesse certa da resposta. Mercedes não era o género de pessoa reconfortante e apesar de ter tido cinco filhos, ficava melindrada à menção de qualquer espécie de função corporal.

– Já me dói que baste – disse Lillian secamente. – Não lhe digam nada por enquanto. Sentir-se-ia obrigada a ficar aqui sentada comigo para manter as aparências... e isso sim, pôr-me-ia nervosa como o raio! Neste momento apenas preciso de vocês três.

Apesar do seu tom sarcástico, agarrou na mão de Daisy, apertando-a com força. Um parto era uma coisa assustadora, especialmente quando se passava por ele pela primeira vez, e Lillian não constituía exceção.

– Annabelle diz que isto pode prolongar-se durante dias – disse ela para Daisy, levando os olhos ao céu comicamente. – O que quer dizer que eu posso não estar tão bem disposta como de costume.

– Deixa lá, querida. Não nos poupes. – Mantendo nas suas a mão de Lillian, Daisy deixou-se escorregar de joelhos até à carpete que tinha debaixo dos pés.

O quarto estava envolto em silêncio, salvo pelo tiquetaque do relógio e a passagem da escova pelo cabelo de Lillian. Entre as mãos dadas das irmãs, o bater dos pulsos misturava-se num ritmo

firme. Daisy já não sabia se era ela que transmitia conforto à irmã ou se o recebia.

Esta era a hora de Lillian e Daisy tinha receio por ela, pelas dores e possíveis complicações... e pelo facto de que a vida nunca mais seria a mesma.

Olhou para Evie, que lhe enviou um sorriso, e para Annabelle, cuja expressão se mantinha tranquilizantemente calma. Elas iriam sempre ajudar-se mutuamente durante todos os desafios e alegrias e receios das suas vidas, pensou Daisy. E de repente sentiu-se transbordada de amor por todas elas.

– Nunca hei de viver longe de vós – disse ela. – Quero que nós as quatro estejamos sempre juntas. Eu não poderia suportar perder nenhuma de vocês.

Sentiu a ponta do chinelo de Annabelle tocando-lhe na perna afetuosamente.

– Daisy... nunca se pode perder uma verdadeira amiga.

Capítulo 9

Ao fim da tarde, a tempestade evoluiu de uma já habitual chuvada de primavera para uma perturbante borrasca. A chuva forte e batida pelo vento fustigava as janelas e abatia-se sobre as árvores e as cercas vivas meticulosamente aparadas, enquanto o céu se via rasgado por impressionantes relâmpagos. As quatro amigas mantiveram-se instaladas na ala privada dos Marsden, controlando as contrações de Lillian – que sucediam agora em intervalos regulares de dez minutos. A jovem parturiente mostrava-se prostrada e ansiosa, ainda que se esforçasse por escondê-lo. Daisy suspeitava que a irmã sentisse dificuldades em entregar-se ao processo, inevitável e irreversível, que tomara conta do seu corpo.

– É impossível que se sinta confortável nesse canapé – disse finalmente Annabelle, ajudando Lillian a erguer-se. – Venha, querida. Chegou o momento de passar para a cama.

– Acha que devo? – murmurou Daisy, pensando que Lord Westcliff deveria ser finalmente convocado.

– Sim, acho que deve – disse Annabelle docemente.

Aliviada perante a perspectiva de vir finalmente a *fazer* alguma coisa, ao invés de se deixar ficar ali sentada, inerte e inútil, Daisy quis saber:

– E que fazemos? Mandamos vir lençóis? Toalhas?

– Sim, sim – disse Annabelle, prendendo um braço firme em volta das costas da amiga. – E uma tesoura fervida e uma botija de água quente. E há que pedir à governanta que providencie óleo de valeriana, e uma infusão à base de folhas secas de orelha-de-leão e bolsa-de-pastor.

Enquanto as outras amparavam Lillian e a conduziam ao quarto principal, Daisy correu escada abaixo. Irrompeu pela sala de bilhar e, ao encontrá-la vazia, correu à biblioteca e ao salão principal. Nada... Parecia que Westcliff havia desaparecido da face da terra. Controlando a impaciência e o nervosismo, obrigou-se a caminhar calmamente pelo corredor, cruzando-se com alguns convidados, até chegar ao escritório de Westcliff. Para seu profundo alívio encontrou-o lá, reunido com o pai dela, Mr. Hunt e Matthew Swift. Pareciam envolvidos numa animada conversa que incluía termos

como *deficiências da distribuição em rede e lucros por unidade de produção*.

Apercebendo-se da presença dela à porta do escritório, os homens ergueram o olhar. Westcliff levantou-se de imediato da secretária.

– *My lord* – disse Daisy, esforçando-se por manter a voz controlada –, seria possível dar-lhe uma palavrinha?

Ainda que se esforçasse por manter um tom sereno, algo na expressão dela terá alertado o conde, que não hesitou em dirigir-se à cunhada.

– Sim, Daisy?

– Trata-se da minha irmã – sussurrou-lhe ela. – Tudo indica ter entrado em trabalho de parto.

Westcliff assumiu uma expressão tão surpresa e abalada que deixou Daisy impressionada.

– É demasiado cedo – murmurou ele.

– Aparentemente o bebé não partilha dessa opinião.

– Mas... não é possível. Ela ainda não terminou o tempo!

O conde parecia profundamente indignado pelo facto de o seu filho não ter consultado o calendário antes de resolver vir ao mundo.

– Não será bem assim – retorquiu Daisy sensatamente. – É possível que o médico tenha feito mal as contas. E, a bem dizer, tudo não passa de uma conjectura... uma suposição.

O rosto de Westcliff assumiu uma carranca de desagrado.

– Pois eu esperava dele algo mais preciso! Estamos a praticamente *um mês* da data prevista! – Ocorreu-lhe algo que o fez empalidecer: – A criança é prematura?

Ainda que Daisy também partilhasse secretamente dessa preocupação, deu por si a abanar veementemente a cabeça.

– Algumas mulheres exibem ventres mais proeminentes, outras menos. E a minha irmã é extremamente magra. Estou certa de que o bebé está bem. – Ofereceu-lhe um sorriso encorajador antes de acrescentar: – A Lillian está com contrações há quase cinco horas, ocorrendo agora a cada dez minutos. E segundo Annabelle, isso significa que...

– Ela está em trabalho de parto *há horas* e ninguém me disse nada?! – explodiu Westcliff em tom ultrajado.

– Bom, *tecnicamente* não podemos falar de trabalho de parto enquanto as contrações não ocorram em intervalos regulares, e ela pediu-nos expressamente que não o incomodássemos até que...

Westcliff soltou uma praga que fez Daisy estremecer de susto. Voltou-se para Simon Hunt, exibindo um indicador autoritário ainda que levemente trémulo.

– Médico! – berrou, antes de sair disparado do escritório.

Simon Hunt não pareceu minimamente surpreendido pela rude reação do seu amigo.

– Coitado – limitou-se a dizer, com um leve sorriso.

– Por que razão ele lhe chamou *médico*? – quis saber Thomas Bowman, confuso, denunciando uma tarde abusiva de consumo de brandy.

– Cuido que me terá pedido que *mande vir* o médico – respondeu Hunt. – O que tenciono fazer imediatamente.

Malogradamente, a tentativa de convocar o médico, um respeitável velhote que vivia na vila, revelou-se complicada. O lacaio enviado para o trazer à mansão regressou pouco depois com o inquietante relato de que, no breve percurso da porta de casa até à carruagem de Westcliff, o médico havia sofrido uma queda que o deixara ferido.

– *My lord* – disse o lacaio a Westcliff em tom pesaroso –, o doutor escorregou no pavimento molhado e caiu antes que eu pudesse ampará-lo. Feriu a perna e afiançou-me que ainda que não a tenha fraturado, é-lhe de todo impossível mover-se para vir em auxílio de Lady Westcliff.

Um brilho raivoso surgiu nos olhos escuros de Westcliff ao dirigir-se ao pobre e angustiado rapaz.

– E por que diabos não o amparaste pelo braço? C’os diabos, o homem é um *fóssil ambulante*! Parece-me óbvio que jamais lhe deveria ser permitido caminhar sozinho pelo pavimento molhado!

– Se é assim tão frágil – observou Simon Hunt –, como é que essa velha relíquia poderia revelar-se de alguma utilidade a Lady Westcliff?

Westcliff olhou-o, carrancudo.

– O homem entende mais de partos e nascimentos do que qualquer outra criatura viva de Portsmouth. Já trouxe a este mundo gerações e gerações de Marsdens!

– Pois tudo indica que o mais recente descendente Marsden tenciona vir ao mundo sozinho – ironizou Lord St. Vincent. E dirigindo-se ao lacaio: – Ou será que o médico sugeriu alguém em alternativa?

– Com efeito, *my lord* – disse o rapaz, visivelmente desconfortável. – Ele recomendou uma parteira da vila.

– Então trata de a ir buscar imediatamente! – berrou-lhe Westcliff.

– Foi o que fiz de imediato, *my lord*. Mas acontece que a mulher me surgiu... visivelmente embriagada.

– Trá-la na mesma! – disse Westcliff, impaciente. – Neste momento até eu me sinto tentado a emborcar uma garrafa inteira de brandy!

– Mas *my lord*... – titubeou o lacaio – acontece que ela me pareceu algo mais do que *ligeiramente* alcoolizada.

O conde olhou-o, incrédulo:

– Raios! Que queres dizer com isso?

– Ela... está em crer que é a Rainha. Berrou comigo por lhe ter invadido os aposentos reais.

Seguiu-se um breve silêncio, enquanto o grupo parecia tentar digerir aquela informação.

– Eu ainda mato alguém! – berrou o conde para ninguém em particular.

Até que um grito de Lillian vindo de dentro do quarto o fez empalidecer.

– *Marcus!*

– A caminho, querida! – gritou-lhe ele, voltando-se para encarar o lacaio com expressão ameaçadora: – Traz-me alguém – sibilou-lhe. – Um médico. Uma parteira. O raio de uma cartomante! Mas traz-me alguém... *já!*

Enquanto Westcliff desaparecia para o interior do quarto, o ar pareceu estremecer e fumegar, como que no rescaldo de um forte relâmpago. E aguardando pela sua deixa, um trovão ribombou lá fora, fazendo tremer os lustres e vibrar o soalho.

O lacaio parecia à beira das lágrimas.

– Dez anos ao serviço de sua senhoria e agora... vou ser dispensado!

– Regressa à casa do médico – disse Simon Hunt em tom firme. – E informa-te sobre o estado da perna dele. Acaso não tenha melhorado, pede-lhe que indique... sei lá, algum estudante ou aprendiz que possa vir substituí-lo. E manda selar-me um cavalo. Eu próprio irei à vila tentar desencantar alguém.

Matthew Swift, que até então se mantivera em silêncio, indagou-lhe:

– Por que estrada conta seguir?

– Tomarei a direção leste – respondeu-lhe Hunt.

– E eu sigo para oeste.

Daisy olhou para Swift, num misto de surpresa e gratidão. A tempestade tornava extremamente perigoso qualquer percurso, a pé ou a cavalo, já para não referir o enorme desconforto. O facto de Swift se mostrar decidido a aguentar uma tal provação a bem de Lillian, que não escondia que o detestava, fê-lo subir muitos pontos na consideração da jovem.

Lord St. Vincent suspirou, acabando por dizer friamente:

– Bom, cuido que isso me deixa na incumbência de seguir para sul. Ela *não devia* prestar-se a dar à luz a meio de um dilúvio de proporções bíblicas...

– Preferes ficar a fazer companhia a Westcliff? – perguntou Hunt em tom sardónico.

St. Vincent lançou-lhe um olhar cúmplice e divertido, antes de dizer:

– Vou buscar o meu chapéu.

Duas horas passaram desde a partida dos homens, enquanto o trabalho de parto de Lillian progredia a olhos vistos. As dores tornaram-se tão fortes que ela mal podia respirar. Agarrou a mão do marido com uma força capaz de lhe partir os ossos, e no entanto ele mal parecia sentir. Westcliff revelou-se calmo e reconfortante, limpando-lhe o rosto com um pano sempre fresco, dando-lhe a beber pequenos goles da infusão de ervas medicinais, colocando-lhe almofadas sob as pernas e a zona lombar para a ajudar a relaxar.

Annabelle revelou-se tão eficiente que Daisy duvidou que qualquer parteira fizesse melhor. Colocava a botija de água ora sob as costas ora sobre o ventre de Lillian, falava com ela quando as contrações chegavam, lembrando-lhe de que se ela própria havia conseguido sobreviver a um tal suplício, Lillian certamente que também conseguiria.

Lillian estremecia no rescaldo de cada contração mais forte.

Annabelle segurava-lhe firmemente a mão, murmurando:

– Não tem de ficar calada, minha querida. Berrar e praguejar ajuda muito, creia-me.

Lillian limitou-se a abanar debilmente a cabeça.

– Eu... não disponho de... força anímica para berrar. Prefiro conter-me... para poupar as forças.

– Sucedeu o mesmo comigo. Ainda que devo alertá-la que as pessoas não se mostram tão simpáticas ou compassivas se optar por aguentar tudo estoicamente.

– Não quero simpatia... nem compaixão – arquejou Lillian, cerrando os olhos à chegada de outra contração. – Só quero... que isto *acabe*...

Ao ver a expressão tensa de Westcliff, Daisy deu por si a pensar que querendo ou não empatia, Lillian recebia do marido uma enorme dose dela.

– Não era suposto estar aqui, sabia? – disse Lillian a Westcliff, assim que a contração passou. – Devia estar lá em baixo, andando de um lado para o outro e bebendo como se não houvesse amanhã.

– Por Deus, mulher – murmurou ele, limpando-lhe a testa com um pano seco. – Fui eu lhe fiz isto. Jamais a deixaria enfrentar sozinha as consequências.

Aquilo produziu um sorriso débil nos lábios secos de Lillian.

OuvIU-se um forte bater na porta, e Daisy precipitou-se a abri-la. Através de uma pequena fresta, apercebeu-se da presença de Matthew Swift, ensopado, enlameado e sem alento – e sentiu uma enorme onda de alívio percorrê-la.

– Graças a Deus! – exclamou. – Ainda nenhum dos outros regressou, e tão-pouco o lacaio. Trouxe alguém consigo?

– Sim e não.

A experiência ensinara a Daisy que quando alguém respondia «sim e não» os resultados raramente eram os desejados.

– Como assim? – perguntou-lhe nervosamente.

– Ele está mesmo aí a subir, foi apenas tratar de se lavar. As estradas transformaram-se em verdadeiros lodaçais – com poças fundíssimas por todo o lado – e com todos aqueles raios e coriscos... foi um milagre o cavalo não se ter espantado ou quebrado uma perna.

Swift tirou o chapéu e limpou a testa com a manga, deixando um trilho de lama pelo rosto.

– Mas encontrou um médico? – insistiu Daisy, tirando uma toalha limpa do cesto de roupa junto à porta e estendendo-lha.

– Não. Os vizinhos informaram-me que o médico se ausentou para Brighton por uma quinzena.

– Então e uma parteira?

– Estava ocupadíssima – disse Swift, pesaroso. – A tratar de ajudar outras duas mulheres da vila que entraram também em trabalho de parto. Ela disse que é comum isto suceder durante uma borrasca como a de hoje – parece que algo no ar acelera o processo.

Daisy olhou-o, visivelmente confusa:

– Mas então... quem foi que trouxe?

Um homem calvo e de doces olhos castanhos surgiu ao lado de Swift. Estava molhado mas limpo – pelo menos mais limpo do que Swift –, e tinha uma aparência respeitável.

– Boa noite, Miss – murmurou timidamente.

– Chama-se Merrit – disse Swift a Daisy. – E é... veterinário.

– É o quê?!

Ainda que Daisy mantivesse a porta quase fechada, a conversa era passível de ser ouvida por quem estava lá dentro.

E como era de esperar, a voz aguda de Lillian ouviu-se vinda da cama:

– Trouxeram-me um *médico de animais*?!

– Foi-me altamente recomendado – disse Swift.

Uma vez que Lillian se encontrava coberta com a roupa de cama, Daisy abriu um pouco mais a porta para permitir à irmã uma melhor visão do homem.

– Que tipo de experiência tem? – Lillian exigiu saber de Merrit.

– Ontem ajudei uma cadela bulldog a parir. E antes disso...

– Chega perfeitamente – disse Westcliff rapidamente ao sentir Lillian apertar-lhe a mão perante a iminência de uma nova contração. – Avance.

Daisy deu passagem ao homem, e saiu do quarto levando outra toalha seca.

– Teria ido até outra vila próxima – disse Swift, numa voz rouca que indicava preocupação. – Duvido que Merrit sirva para alguma coisa. Mas as estradas ficaram intransitáveis e eu não podia regressar sem trazer alguém.

Fechou os olhos por uns segundos, o rosto contraído de cansaço, e Daisy apercebeu-se de quão extenuante fora o percurso a cavalo pelo meio da tempestade.

Extremamente responsável, pensou ela. Enrolando uma ponta da toalha entre os dedos, limpou-lhe a sujidade do rosto e enxugou-lhe suavemente os vestígios de chuva na barba hirsuta e não escanhoadada. Aquele sombreado escuro sobre as maxilas dele fascinava-a... e só desejou poder acariciá-lo.

Swift manteve-se imóvel, de cabeça baixa.

– Só espero que os outros tenham mais sucesso do que eu em encontrar um médico – suspirou tristemente.

– Não se me afigura provável que cheguem a tempo – retorquiu ela. – As coisas progrediram muito rapidamente na última hora.

Subitamente ele afastou a cabeça, como se os suaves toques dela no seu rosto o incomodassem.

– Não vai voltar para dentro?

Daisy abanou a cabeça:

– A minha presença é *de trop*, como se costuma dizer. A Lillian detesta ver-se rodeada de gente, e o apoio de Annabelle é bem mais necessário do que o meu. Mas vou aguardar por aqui, para o

caso... para o caso de ela chamar por mim.

Aceitando a toalha que ela lhe estendia, Swift esfregou a zona da nuca – onde a chuva lhe empapara o cabelo espesso, tornando-o negro e lúcido como o pelo de um leão-marinho.

– Num instante virei fazer-lhe companhia – disse ele. – Vou apenas lavar-me e mudar de roupa.

– Os meus pais e Lady Vincent encontram-se na ala Marsden, aguardando os acontecimentos – disse Daisy. – Se quiser, pode juntar-se a eles – é bem mais confortável do que ficar aqui.

Mas quando Swift regressou, foi para junto de Daisy.

Ela estava sentada no chão do corredor, encostada à parede e de pernas cruzadas. Perdida em pensamentos, nem deu por ele aproximar-se até o ver junto de si. Vestido de lavado e com o cabelo ainda húmido de um banho recente, baixou o olhar para ela.

– Posso?

Daisy não entendeu a que é que ele se referia, mas deu por si a assentir com a cabeça. Swift baixou-se e sentou-se ao lado dela, numa postura semelhante. Daisy jamais se vira sentada assim, tão próxima de um cavalheiro, e nunca na vida se imaginara naqueles preparos com Matthew Swift. Solidário, ele estendeu-lhe um cálice cheio de um líquido vermelho-ameixa.

Surpresa, Daisy aceitou-o e levou-o cautelosamente ao nariz.

– Madeira – disse ela com um sorriso. – Agradecida... Ainda que seja prematura qualquer celebração, visto o bebé ainda não ter chegado.

– A ideia não é celebrar, mas antes ajudá-la a relaxar.

– Como soube que é o meu vinho favorito?

Ele encolheu os ombros:

– Um mero palpite.

Mas algo lhe dizia que não fora uma questão de sorte.

Não houve qualquer conversa entre os dois, apenas um silêncio estranhamente cúmplice.

– Que horas são? – perguntava ela de quando em vez, ao que ele verificava no seu relógio de bolso.

A dada altura, algo intrigada com o tilintar de objetos no bolso do casaco dele, a jovem perguntou-lhe do que se tratava.

– Cuido que ficará desapontada – disse Swift, esvaziando o bolso e colocando os objetos no colo dela.

– Caramba... o senhor é um homem providente! – comentou ela com um sorriso divertido.

Havia um canivete, um pequeno rolo de fio de pesca, umas quantas moedas, o aparo de uma pena, um par de óculos, uma caixinha miniatura de sabonete – Bowman's, obviamente – e um embrulhinho de papel de cera contendo pó de casca de salgueiro. Exibindo o saquinho entre os dedos, Daisy quis saber:

– Sofre de enxaquecas, Mr. Swift?

– Não. Mas o senhor seu Pai sim, sobretudo quando recebe más notícias. E geralmente sou eu o

mensageiro...

Daisy riu-se e pegou numa minúscula caixinha de fósforos em prata, da pilha de objetos no seu colo.

– Fósforos? Cuidei que não fumasse.

– Nunca se sabe quando um fogo se torna necessário.

Daisy pegou num cartãozinho porta-alfinetes e olhou para ele de modo inquisitivo.

– Uso-os para prender documentos – esclareceu-a ele. – Mas já me foram extremamente úteis noutras ocasiões.

Ela deixou que a voz denotasse uma certa provocação ao perguntar:

– Existe *alguma* emergência para a qual não esteja preparado, Mr. Swift?

– Miss Bowman... tivesse eu algibeiras suficientes poderia salvar o mundo.

Quiçá tenha sido o tom daquela frase – com um certo laivo de arrogância no intuito de a divertir – que deitou abaixo o que restava das defesas de Daisy. Soltoou uma gargalhada e sentiu uma onda de calor extremamente agradável invadi-la, embora tivesse a perfeita noção de que o facto de gostar dele não iria alterar minimamente as circunstâncias. Baixando de novo o olhar para o colo, examinou uma série de cartões de visita, atados com um cordel.

– Aconselharam-me a trazer cartões de visita, tanto pessoais como profissionais, para a Inglaterra – observou ele. – Ainda que não entenda muito bem qual a diferença.

– Não deve *nunca* deixar o seu cartão profissional quando é convidado para uma visita de carácter pessoal – advertiu-o ela. É extremamente mal visto por estas bandas, porque dá a ideia de estar a querer *vender* alguma coisa.

– E geralmente estou.

Daisy sorriu. Encontrou outro objeto estranho e pegou-lhe para o observar de perto.

Um botão.

Semicerrou os olhos ao examinar a frente do botão, onde se via um moinho incrustado. A parte de trás continha uma fina lamela de vidro presa com fio de cobre, no interior da qual se via uma minúscula mecha de cabelo preto.

Swift precipitou-se para lhe pegar, mas Daisy cerrou a mão sobre o botão, sentindo o coração acelerar.

– Estou a reconhecer isto – disse ela. – Faz parte de um conjunto. A minha mãe mandou fazer um colete para o papá, com cinco botões. Num mandou gravar um moinho, noutro uma árvore, noutro uma ponte... Recolheu uma mechazinha de cabelos de cada um dos filhos e guardou-as em cada um dos cinco botões. Recordo-me perfeitamente de a ver cortar-me um pouco dos meus, junto à nuca para não se notar...

Sem olhar para ela, Swift recolheu os seus objetos do colo de Daisy e guardou-os cuidadosamente nos bolsos do casaco.

No meio de um silêncio tenso e desconfortável, a jovem aguardou em vão por uma explicação.

Por fim estendeu a mão para a manga do casaco dele. Swift limitou-se a baixar o olhar para os dedos dela palpando o tecido.

– Como é que obteve este botão? – murmurou ela, confusa.

Swift aguardou tanto tempo antes de responder que ela chegou a temer que a explicação não viesse.

Finalmente ele falou, quase em surdina:

– O senhor seu pai... envergava amiúde esse colete nos nossos escritórios. Era muito admirado. Mas um dia... teve um acesso de fúria e pegou num frasco de tinta permanente para o lançar contra alguém... e inadvertidamente salpicou-se. O colete ficou arruinado. Ao invés de ter de confrontar a senhora sua mãe com o triste incidente, optou por dar-me o colete pedindo-me que me desfizesse discretamente dele.

– Mas o senhor guardou um botão...

Daisy sentiu o peito expandir-se até as pulsações do coração se tornarem quase intoleravelmente aceleradas.

– O do moinho... que era o meu! Diga-me, guardou esta mecha de cabelo meu todos estes anos?

Novo silêncio, longo e incómodo. E Daisy ficou sem saber se ele tencionava responder-lhe ou como, já que o momento se viu interrompido pela voz estridente de Annabelle vinda do fundo do corredor:

– *Daaaaaisyyyyyy!*

Sem largar o botão a jovem lutou para conseguir pôr-se de pé. Mas desde logo Swift se ergueu num movimento singelo, apressando-se a ajudá-la a levantar-se, com uma mão no seu frágil pulso. Ao vê-la levantada, manteve a sua mão presa à dela e observou-a com expressão enigmática.

Ao aperceber-se de que ele queria o botão de volta, Daisy soltou uma risada incrédula:

– É meu! – protestou.

Não por querer o raio do botão, mas por lhe parecer quase insuportável que ele possuísse aquele minúsculo pedacinho de si própria há já tantos anos... Chegava a rezear o que isso poderia significar.

Swift não se mexeu, nem falou, limitando-se a esperar com infinita paciência que Daisy abrisse os dedos e largasse o botão na mão dele. Guardou-o no bolso como se de uma joia preciosa se tratasse, e só então lhe soltou o pulso.

Aflita, Daisy correu finalmente para o quarto da irmã. Ao ouvir o choro estridente e tão típico de um recém-nascido, sentiu faltar-lhe a respiração, tal a alegria. Estava a escassos metros da porta do quarto e contudo pareceram-lhe milhas...

Annabelle recebeu-a à porta, tensa e cansada mas exibindo um sorriso radioso. E nos seus braços... uma trouxinha de linho branco! Emocionada, Daisy levou os dedos aos lábios e abanou levemente a cabeça, rindo ainda que com os olhos marejados de lágrimas.

– Deus seja louvado... – balbuciou, olhando fixamente para o bebé de rosto púrpura, olhos escuros e brilhantes e espesso cabelo preto.

– Cumprimente a sua sobrinha – disse Annabelle docemente, estendendo-lhe a criança.

Literalmente embasbacada e de mãos trémulas, Daisy recebeu a bebé com mil cuidados, assombrada com a sua leveza.

– A minha irmã... – conseguiu murmurar.

– A Lillian está ótima – retorquiu desde logo Annabelle. – Portou-se como uma verdadeira heroína.

Aconchegando a bebé contra o peito, Daisy entrou no quarto. Lillian estava deitada, as costas apoiadas a uma pilha de almofadas, de olhos fechados. Parecia tão pequena naquela cama enorme... o cabelo apanhado em duas tranças como uma jovem menina. Westcliff estava sentado junto dela, com a expressão de quem acabara de vencer sozinho a batalha de Waterloo.

O veterinário estava em frente ao lavatório, ensaboando as mãos. Lançou a Daisy um sorriso amistoso e ela devolveu-lho:

– Deixe-me cumprimentá-lo, Mr. Merrit. Parece que acrescentou uma nova espécie ao seu reportório.

Lillian entreabriu os olhos ao ouvir a voz da irmã.

– Daisy?

Daisy aproximou-se com a criança nos braços.

– Oh, Lillian, é a coisinha mais bonita que eu jamais vi!

A irmã esboçou um sorriso cansado.

– Concordo... Importavas-te de... – Não conteve um longo bocejo: – ... ir mostrá-la aos papás?

– Claro que sim. Como se chama ela?

– Merrit.

– Estás a dar-lhe... o nome do veterinário?!

– Provou-se de uma ajuda inestimável – respondeu Lillian. – E Westcliff concordou.

O conde aconchegou as roupas à mulher e beijou-lhe a testa.

– Nada de herdeiro... por enquanto – sussurrou-lhe Lillian. – Receio que tenhamos de tentar novamente.

– Oh, não! – retorquiu Westcliff roucamente. – *Jamais* voltarei a passar por isto.

Divertida, Daisy baixou o olhar para a pequena Merrit que dormia nos seus braços.

– Vou já mostrá-la a toda a gente – disse docemente.

Ao sair do quarto, deparou-se com o corredor vazio.

Matthew Swift desaparecera.

Pouco depois de acordar, na manhã seguinte, Daisy ficou a saber – não sem algum alívio – que Mr. Hunt e Lord St. Vincent haviam regressado em segurança a Stony Cross Park. St. Vincent seguira

para sul, deparando-se com o facto de a estrada se encontrar intransitável, mas Mr. Hunt fora mais afortunado; conseguira finalmente encontrar um médico numa aldeia vizinha, mas o homenzinho recusara-se terminantemente a acompanhá-lo a cavalo numa noite tão tormentosa. Pelo que a jovem ficou a saber, foi necessário uma enorme dose de persistência por parte de Hunt para lograr convencê-lo. Assim que chegaram a Stony Cross Manor, o médico tratou de examinar tanto Lillian como Merrit, proclamando-os a ambos em excelentes condições. No momento do parto, a bebé revelou-se sã e perfeita, ainda que pequena, e dona de uns potentíssimos pulmões.

Os convidados na mansão acolheram a feliz notícia com gáudio, ainda que com comentários pesarosos quanto ao sexo da criança. Mas ao ver a expressão de Westcliff exibindo a filha recém-nascida – e ouvindo-lhe as promessas sussurradas de que tencionava comprar-lhe póneis e castelos e reinos inteiros – Daisy soube que o seu cunhado não seria mais feliz se Merrit tivesse nascido rapaz.

Enquanto tomava o pequeno-almoço na salinha juntamente com Evie, Daisy sentiu-se vítima de um turbilhão de emoções fortes. Por um lado a enorme alegria de ser tia de uma menina tão perfeita, por outro o profundo alívio por ver a irmã bem, e por último... algum nervosismo. Sentia-se a um tempo leve e... ansiosa.

E tudo por causa de Matthew Swift.

Daisy agradecia a todos os santos o facto de ainda não lhe ter posto a vista em cima. Depois das variadas e curiosas descobertas da véspera, não estava certa de como reagiria na sua presença.

– Evie – disse ela em tom recatado. – Há algo de que preciso falar-lhe. Conversaria comigo nos jardins?

Agora que a tempestade acabara, o dia revelara-se ameno, ainda que com um céu cinzento.

– Claro... Mas não crê que esteja tudo assaz lamacento por lá?

– Percorremos os caminhos de gravilha. Mas tem mesmo de ser fora da mansão. É um assunto... demasiado privado.

Os olhos da ruivinha abriram-se de expectativa, e tratou de beber rapidamente o seu chá – ao ponto de quase escaldar a língua.

O jardim revelou-se bastante fustigado pela tempestade, com ramos e folhas e pedaços de arbustos espalhados por todo o lado, num contraste nítido com o seu habitual aspeto aprumado. Um forte odor a terra molhada e a pétalas encharcadas entrou pelas narinas das duas jovens que, inspirando vigorosamente, percorreram juntas um dos trilhos empedrados. Usavam xailes à volta dos ombros, sentindo a brisa empurrá-las impacientemente, como uma criança a exigir-lhes que acelerassem a passada.

Daisy raramente sentira um alívio tão profundo como agora, depois de desabafar com Evie. Pô-la a par de tudo o que se passara entre ela e Mr. Swift, não escondendo *o beijo*, e terminando com a revelação de que ele trazia consigo o botão, tão especial, que em tempos fora seu. Evie era a melhor e mais paciente ouvinte que Daisy jamais conhecera, quiçá devido ao seu problema de gaguez.

– Não sei o que pense, acredita? – desabafou Daisy tristemente. – E tão-pouco sei o que *sinto* em

relação a tudo isto. Não sei dizer por que razão sinto Mr. Swift tão diferente do que quando o conheci e muito menos por que me sinto tão atraída por ele. Era tão mais fácil detestá-lo... Mas ontem, quando vi aquele malfadado botão...

– Não lhe ocorreu até então que ele pudesse ter sentimentos por si – declarou Evie, pensativa.

– Precisamente.

– Daisy... será possível que os atos dele tenham sido calculados? Que ele ande a querer enganá-la, e o seu bo-botão no bolso dele não passe de um es-estra-tagema?

– Não. Se tivesse visto a expressão dele... Completamente desesperado para que eu não percebesse do que se tratava. Oh, Evie... tenho a terrível suspeita de que Matthew Swift possa de facto ser *tudo aquilo* que eu sempre desejei num homem!

– Mas se a menina o desposar, ele leva-a para a Nova Iorque – disse Evie.

– Sim, é a hipótese mais provável. E eu... *não posso*. Não quero viver afastada da minha irmã, nem de si... ou de Annabelle. E eu adoro a Inglaterra – aqui consigo ser mais *eu* do que alguma vez o fui em Nova Iorque.

Evie pareceu considerar atentamente a questão.

– Então... e se Mr. Swift considerar ficar por cá definitivamente?

– Jamais o fará. As oportunidades são de longe bem mais apelativas em Nova Iorque. Além de que, caso ficasse por cá, teria sempre a desvantagem de não ser um aristocrata.

– Mas se ele estiver disposto a tentar... – insistiu a ruivinha.

– Ainda assim... Eu jamais conseguiria vir a ser o tipo de esposa que ele necessitaria.

– Tenho para mim que os dois necessitam de ter uma conversa franca e direta – afirmou Evie, em tom decidido. – Mr. Swift é um homem maduro e inteligente – certamente não vai querer que a Daisy seja alguém que não é.

– Tudo isso é irrelevante, seja como for – suspirou Daisy desconsolada. – Ele tornou bem claro que jamais casará comigo, independentemente das circunstâncias. Julgo terem sido estas as suas palavras.

– E será a Daisy o problema, ou mais o conceito de casamento?

– Não sei dizer. Tudo o que sei é que ele deverá sentir algo por mim, uma vez que traz constantemente no bolso uma madeixa de cabelo meu.

Recordando a forma como os dedos dele se fecharam precipitadamente sobre o botão, Daisy sentiu um desagradável calafrio descer-lhe pela espinha.

– Evie... – indagou voltando-se para a amiga. – Como podemos saber que amamos alguém?

Evie considerou a pergunta enquanto ambas circundavam um buxo alto, pejado de prímulas de cores variadas.

– Creio que nestas alturas é suposto dizermos algo de útil e sensato, minha boa amiga... Mas a minha situação era abissalmente diferente da sua. St. Vincent e eu jamais contámos apaixonarmo-nos um pelo outro. Apanhou-nos a ambos desprevenidos.

– Sim, mas... como é que a Evie *soube*?

– No momento em que me apercebi de que ele estava disposto a morrer por mim. Jamais pensei que alguém, e muito menos St. Vincent, fosse capaz de um tal sacrifício. E isso ensinou-me que por mais que cuidemos conhecer uma pessoa, ela pode sempre surpreender-nos. Tudo pareceu alterar-se de um minuto para o outro – e subitamente ele tornou-se a coisa mais importante da minha vida. Importante não... *necessária*. Oh, se ao menos conseguisse expressar-me melhor!

– Eu entendo-a – murmurou Daisy, ainda que sentindo-se mais melancólica do que esclarecida.

Perguntava-se se jamais poderia vir a amar um homem com uma tal intensidade. Quem sabe se as suas próprias emoções estivessem demasiado canalizadas para a irmã e as amigas... e não lhe restasse espaço suficiente no coração para acolher outro alguém.

Chegaram a uma sebe alta de zimbro para lá da qual se estendia um trilho de laje que acompanhava uma das fachadas laterais da mansão. Enquanto tentavam abrir caminho por alguma brecha, ouviram duas vozes masculinas embrenhadas numa conversa. Não falavam alto, pelo contrário, mantinham um tom moderado que traía que algo de secreto – logo interessante – estava a ser debatido. Parando atrás da sebe, Daisy fez sinal a Evie para ficar quieta e calada.

– ... não se me afigura uma parideira minimamente decente – ouviu-se uma das vozes declarar.

O comentário foi recebido com uma objeção indignada:

– Ora, a mulher é tudo menos tímida! Parece dona de um espírito capaz de trepar sozinha o Monte Branco, munida apenas de um canivete suíço e um novelo de cordel! Os filhos dela serão natos e intrépidos desordeiros!

Daisy e Evie trocaram olhares de espanto mútuo. Ambas as vozes eram facilmente identificáveis: uma pertencente a Lord Llandrindon, e a outra a Matthew Swift.

– Deveras... – declarou Llandrindon em tom cético –, a impressão que tenho dela é a de uma rata-de-biblioteca profundamente desinteressante...

– De facto... adora e devora livros. Mas também lhe agrada uma boa aventura. É dona de uma imaginação notável, acompanhada de uma saúde de ferro e uma forte paixão pela vida. Não creia que encontrará uma jovem assim, tanto do seu lado do Atlântico como do meu.

– Nem nunca pretendi procurá-la do *seu lado* – observou Llandrindon secamente. – As jovens inglesas possuem todas as características que eu mais almejo numa esposa.

Literalmente de queixo caído, Daisy apercebeu-se de que estavam a falar *dela*. Sentiu-se dividida entre o prazer que lhe deu a descrição de si própria proferida por Matthew Swift e a indignação pelo facto de ele estar a tentar *vendê-la* a Lord Llandrindon! Como se se tratasse de um frasco de unguento impingido no meio da rua por um vendedor ambulante.

– Pois eu exijo uma esposa digna, composta... – prosseguiu Llandrindon. – Resguardada, sossegada...

– *Sossegada*? E que tal autêntica e inteligente? Uma jovem com confiança suficiente para ser ela mesma, ao invés de tentar imitar um mero ideal de subserviente feminilidade?

– Apraz-me fazer-lhe uma pergunta – disse o outro.

– Faça.

– Se ela é assim tão fantástica e maravilhosa, por que diabos não casa o senhor com ela?

Daisy conteve a respiração, ansiosa por ouvir a resposta de Swift.

Para sua profunda frustração, os dois homens afastaram-se e a voz dele soou abafada pela sebe espessa.

– Raios! – comentou em surdina, fazendo menção de os seguir.

Alarmada, Evie puxou-a para trás.

– Não – sussurrou asperamente. – Não abuse da nossa sorte, Daisy. Foi um milagre eles não terem dado por nós.

– Mas eu queria ouvir o resto da conversa!

– Também eu.

Fitaram-se mutuamente, de olhos esbugalhados.

– Daisy... – declarou Evie verdadeiramente maravilhada. – Muito sinceramente, creio que Matthew Swift está apaixonado por si.

Capítulo 10

Daisy jamais imaginou a comoção que iria gerar o facto de Matthew Swift estar enamorado dela. Mas foi o que aconteceu – ao ponto de quase virar o mundo do avesso.

– Se ele de facto está interessado em mim – comentou ela com Evie –, então por que razão me está a querer impingir a Lord Llandrindon? Ser-lhe-ia bem mais fácil, para não dizer útil, alinhar nos planos do meu Pai. Além de se ver generosamente recompensado. E se, ainda para mais, ele sente realmente algo por mim, não há nada que o impeça, não é assim?

– Talvez ele pretenda antes de mais tentar perceber se a menina também o ama.

– Não, a cabeça de Mr. Swift não funciona desse modo, assim como a de meu Pai. São homens de negócios. *Predadores*. Se Mr. Swift me quisesse *mesmo*, não perderia tempo a pedir-me permissão – assim como um leão não se preocupa em pedir gentilmente ao antílope que se torne na sua refeição.

– Correndo o risco de me repetir, creio que vocês dois deviam ter uma conversa franca – declarou a ruivinha.

– Ora, o mais certo seria ele pôr-se com evasivas e insinuações, tal como tem feito até agora. A não ser...

– A não ser?

– Que eu arranje maneira de ele baixar a guarda. E o force a ser honesto quanto ao que realmente sente por mim.

– E como tenciona consegui-lo?

– Não sei... Caramba, Evie! A menina sabe um milhar de vezes mais do que eu sobre os homens. É casada com um, vive rodeada deles no clube. Na sua esclarecida opinião, qual é a forma mais rápida de levar um homem aos limites da sanidade e fazê-lo admitir algo a que se recusa?

Parecendo agradada com a imagem de mulher mundana, Evie analisou a questão.

– Fazendo-lhe ciúmes, julgo eu. Já vi homens civilizados digladiarem-se como cães selvagens no beco das traseiras do clube pelos favores de uma senhora em particular.

– Hmm... Pergunto-me se Mr. Swift será suscetível de se sentir provocado pelo ciúme.

– Acredite que sim – disse-lhe Evie. – É homem e isso chega.

Nessa tarde, Daisy encurralou Lord Llandrindon, seguindo-o ao vê-lo entrar na biblioteca para arrumar um livro numa das prateleiras baixas.

– Boa tarde, *my lord* – cumprimentou-o alegremente, fingindo não se aperceber do brilho apreensivo na sua expressão.

Oferecendo-lhe o seu melhor sorriso, Daisy pensou que após a fervorosa campanha a seu favor por parte de Matthew Swift, o pobre Llandrindon deveria sentir-se qual raposa em plena caçada.

Recuperando rapidamente a compostura, Llandrindon devolveu-lhe o sorriso caloroso.

– Boa tarde, Miss Bowman. Posso perguntar-lhe sobre o estado da sua irmã e da criança?

– Estão ambas muito bem, obrigada. – Daisy aproximou-se para inspecionar o livro que ele tinha nas mãos. – *História da Cartografia Militar*. Bom, soa deveras... interessante.

– Oh, e é – garantiu-lhe ele. – E maravilhosamente educativo. Ainda que temo se perca bastante na tradução. Preferia tê-lo lido na versão alemã original para apreciar devidamente o significado pleno da obra.

– Acaso lê romances, *my lord*?

Ele pareceu genuinamente horrorizado com a pergunta.

– Oh, *nunca* leio romances. Fui ensinado em criança que devemos apenas ler livros que visem instruir-nos ou aperfeiçoar-nos o carácter.

A Daisy irritou-lhe o seu tom de superioridade.

– Lamentável – murmurou ela para si mesma.

– Perdão?

– Hmm, *notável* – emendou ela rapidamente.

Fingindo observar a lombada entalhada a dourado do volume, lançou-lhe aquilo que esperou ser um sorriso digno.

– Considera-se um leitor ávido, *my lord*?

– Esforço-me por nunca ser ávido em relação a coisa alguma. *Moderação em todas as coisas* é um dos meus mais valiosos lemas.

– Pois eu não acredito em lemas. Se acaso os tivesse, passaria os meus dias a contradizê-los.

Llandrindon soltou uma risada:

– Estará por acaso a admitir que é de natureza volátil?

– Prefiro considerar-me uma mente aberta – retorquiu ela. – Consigo discernir sensatez numa ampla variedade de opiniões.

– Ah...

Daisy praticamente conseguiu ler-lhe os pensamentos: a sua pretensa *mente aberta* colocava-a numa apreciação tudo menos favorável.

– Muito me agradaria ouvir outros dos seus lemas, *my lord*. Quem sabe ao longo de um passeio

pelos jardins?

– Eu... hmm...

Era imperdoavelmente ousado a uma jovem convidar um cavalheiro para um passeio ao invés do contrário. No entanto, a natureza cavalheiresca de Llandrindon jamais lhe permitiria recusar.

– Com certeza, Miss Bowman. Quem sabe amanhã...

– Agora seria perfeito! – disse ela alegremente.

– Agora... – foi a resposta murmurada dele. – Sim, parece-me muito bem.

Dando-lhe o braço antes sequer de ele lho oferecer, Daisy conduziu-o para o corredor.

– Vamos, então!

Não tendo alternativa senão permitir àquela jovem militantemente alegre arrastá-lo dali, Llandrindon em breve se viu a descer a ampla e majestosa escadaria que ia do terraço das traseiras para os jardins da mansão.

– *My lord* – disse Daisy –, tenho algo a confessar-lhe. Estou envolvida numa pequena conspiração e esperava conseguir a sua cumplicidade.

– Uma *pequena conspiração*? – indagou ele num tom vagamente aflito. – A minha *cumplicidade*? Bom, isso é...

– ... perfeitamente inofensivo, claro está – Daisy acabou a frase por ele. – O meu objetivo é... digamos que *encorajar* as atenções de *determinado* cavalheiro, uma vez que ele se tem mostrado algo reticente no que concerne a fazer-me a corte.

– Reticente?

A voz de Llandrindon era um mero sussurro.

A avaliação de Daisy sobre as capacidades mentais do homenzinho desceu vários graus, já que se tornou evidente que tudo o que ele conseguia fazer era repetir as palavras dela qual papagaio encabulado.

– Sim, reticente. Mas algo me diz que por debaixo daquela relutante superfície possa existir todo um outro sentimento.

Llandrindon, geralmente tão gracioso, tropeçou numa pedra mal assente do pavimento.

– E o que... poderá ter-lhe transmitido essa ideia, Miss Bowman?

– Mera intuição feminina.

– Miss Bowman – cuspiu o outro, cada vez mais encalacrado –, se alguma vez eu disse ou fiz alguma coisa que lhe tenha transmitido erroneamente a ideia de que... que...

– Não me refiro ao senhor, *obviamente* – disse Daisy num tom aparentemente ultrajado.

– Não? Então a quem se...

– Refiro-me a Mr. Swift.

A alegria súbita de Llandrindon foi praticamente palpável.

– Mr. Swift! Claro... Sim, Miss Bowman, ele passou horas a louvar-lhe as qualidades – não que me tenha sido desagradável ouvi-lo, é bom de ver.

Daisy sorriu-lhe:

– Pois eu temo que Mr. Swift permaneça reticente até que algo aconteça que o leve a lançar-se qual faisão sobre um campo de trigo. Mas se *my lord* não se importar de transmitir a sensação de que desenvolveu um interesse por mim – convidando-me para um passeio de carruagem, uma caminhada, uma ou outra dança – quem sabe isso não despoleta nele a intenção de se me declarar?

– Será para mim um enorme prazer, creia-me – disse Llandrindon, considerando o papel de conspirador bem mais atraente do que o de alvo matrimonial. – Afianço-lhe, Miss Bowman, que saberei fazer-lhe a corte de modo extremamente convincente.

– Gostaria que adiasse a sua viagem por uma semana.

Matthew, que tentava prender cinco folhas de papel com um alfinete, picou-se acidentalmente na ponta de um dedo. Ignorando a gota de sangue que lhe saía da pele, olhou para Westcliff sem entender. Nas últimas trinta e seis horas o homem havia estado em *reclusão total* com a esposa e a filha recém-nascida e eis que de repente decidia dar sinais de vida, precisamente na véspera da sua partida para Bristol, fazendo-lhe um pedido que não parecia fazer o menor sentido?

Matthew esforçou-se por manter a voz controlada:

– Posso perguntar-lhe a razão, *my lord*?

– Porque decidi acompanhá-lo. E os meus afazeres não me permitem partir já amanhã.

Tanto quanto Matthew sabia os correntes *afazeres* do conde envolviam apenas e exclusivamente Lillian e a bebé.

– Mas não vejo motivos para que me acompanhe – retorquiu ele, ofendido pela insinuação de que não conseguia lidar com os assuntos sozinho. – Eu mais do que ninguém conheço intimamente os variados aspetos do contrato em curso e tudo o que é necessário para...

– Mas não deixa de ser *estrangeiro* – disse o conde, de expressão inescrutável. – E a simples menção do meu nome abrir-lhe-á portas a que de outra forma jamais teria acesso.

– Se duvida das minhas capacidades de negociação...

– Não é isso que está em questão. Tenho total confiança nas suas capacidades que, na América, seriam mais do que suficientes. Porém, aqui, e envolvendo um negócio desta dimensão, irá necessitar do patrocínio de alguém altamente colocado na sociedade... Alguém como eu.

– Não estamos na era medieval, *my lord*. Deus me livre de precisar de me pavonear de braço dado com um lorde para me ser permitido singrar num negócio!

– Falando como braço integrante desse *pavonear* – retorquiu Westcliff sarcástico –, também não me agrada especialmente a ideia. Sobretudo tendo de cuidar de uma filha recém-nascida e de uma esposa que mal recuperou do parto.

– Mas eu não posso esperar uma semana! – explodiu Swift. – Tenho uma série de compromissos agendados, conto reunir-me com todas as partes interessadas, desde o arrais, aos proprietários da empresa, local de tratamento de águas e...

– Trate de remarcar esses encontros, assim sendo.

– Mas se cuida que não haverá reclamações...

– A notícia de que eu conto acompanhá-lo em todas as reuniões da próxima semana será mais do que suficiente para aquietar esses estados de espírito.

Proferida por qualquer outro homem, aquela declaração expressaria arrogância. Da boca de Westcliff era apenas a constatação de um facto.

– Mr. Bowman está a par desta sua decisão? – Matthew exigiu saber.

– Claro. E após ter ouvido a minha opinião sobre o assunto, concordou.

– E o que é suposto eu fazer aqui mais uma semana?

O conde ergueu um sobrolho, expressando a atitude de um homem cuja hospitalidade jamais fora posta em causa. Gente das mais diversas idades, nacionalidades e classes sociais *imploravam* por um convite para Stony Cross Park. Matthew seria provavelmente o único homem em Inglaterra a *não desejar* estar ali.

Mas Swift estava-se pouco ralando para Stony Cross Park. Estava há tempo de mais sem trabalhar *a sério* – estava farto de diversão fútil, de conversa fiada, de um cenário idílico perfumado pelo fresco ar do campo, da paz e do sossego. Desejava ardentemente alguma atividade, c'os diabos! Já para não referir o cheiro a carvão do ambiente da cidade e o clamor das ruas fervilhantes de trânsito.

E *acima de tudo* queria ver-se afastado de Daisy Bowman. Era uma constante tortura tê-la tão perto e não poder tocar-lhe. E era-lhe impossível tratá-la com serena cortesia quando na sua mente se sucediam vívidas imagens de ele a abraçá-la, a seduzi-la, a sua boca descobrindo as mais doces e vulneráveis zonas do corpo dela. E isso era apenas o início. Matthew desejava horas, dias, semanas a sós com ela... cobiçava-lhe todos os pensamentos e sorrisos e segredos. Ansiava pela liberdade de despir a sua alma perante ela.

Tudo o que jamais teria.

– Existe toda uma variedade de entretenimentos disponíveis na propriedade e seus arredores – retorquiu Westcliff em resposta à pergunta dele. – E se acaso desejar alguma companhia feminina em particular, sugiro uma visita à taberna da vila.

Matthew ouvira já da boca de alguns convidados de Stony Cross os mais fervorosos elogios a fabulosas noites de primavera passadas na companhia de um parzinho de criadas mamalhudas da taberna. Acaso pudesse ele satisfazer-se com algo assim tão simples... Uma fogosa meretriz da vila, ao invés de uma tentadora feiticeira que lhe havia lançado um qualquer sortilégio, envolvendo mente e coração.

Não era suposto o amor ser uma emoção inebriantemente feliz? Como os versos ridículos rabiscados nos cartões de S. Valentim, decorados com penas e flores e rendas? Mas *isto* não era nada assim. Tratava-se de um sentimento deprimente e febril, insistente e constante... um vício impossível de satisfazer.

Isto era um puro e imprudente desejo. E ele nunca fora um homem imprudente.

Matthew sabia que se ficasse em Stony Cross muito mais tempo, acabaria por fazer algo desastroso.

– Muito bem, mas ainda assim eu parto amanhã para Bristol – declarou ele em tom desesperado. – Remarcarei os encontros agendados e não farei nada sem o seu aval. Mas pelo menos poderei reunir informação – conhecer a firma de transportes local, passar-lhes em revista os cavalos e...

– Swift... – interrompeu-o o conde.

Algo no seu tom de voz, uma nota de... bondade?... simpatia?... levou Matthew Swift a colocar-se imediatamente na defensiva.

– Acredite que consigo entendê-lo bem melhor do que julga. E pela minha experiência, garanto-lhe que esse tipo de problemas não se resolvem evitando-os. É impossível fugirmos ou escondermos para sempre.

Matthew olhou estarecido para Westcliff. O conde podia estar a referir-se a Daisy ou ao seu próprio passado manchado. Fosse como fosse, teria certamente razão.

Não que isso mudasse alguma coisa...

– Por vezes fugir é a única solução – retorquiu ele bruscamente; e saiu da sala sem sequer olhar para trás.

Como já era de antever, Matthew não regressou a Bristol no dia seguinte. Sabia que iria arrepender-se daquela decisão... mas não fazia ideia de quanto.

Os dias que se seguiram representaram para Matthew – e provavelmente até aos fins dos seus dias – uma semana de insuportável suplício.

Tinha já ido ao inferno e regressado, em tempos bem remotos da sua vida, experimentara dor física e privação, passara fome e conhecera o medo irracional. Mas nada daquilo chegava perto da agonia de ter de assistir a Daisy Bowman a ser cortejada por Lord Llandrindon.

Tudo parecia indicar que as sementes que ele lançara na mente de Llandrindon acerca das maravilhosas virtudes da jovem haviam surtido um efeito tão forte quanto indesejado. Llandrindon não perdia Daisy de vista, constantemente junto dela, rindo e tagarelando, elogiando e namoriscando, o olhar percorrendo-lhe o corpo todo com ofensiva familiaridade. E – pior do que tudo! – Daisy parecia igualmente interessada e encantada, bebendo-lhe cada palavra, largando o que estivesse a fazer sempre que Llandrindon lhe surgia à vista.

Na segunda-feira saíram para um piquenique privado.

Na terça-feira deram um passeio de carruagem.

Na quarta-feira foram colher campainhas.

Na quinta-feira foram pescar para o lago, regressando todos enxovalhados e enlameados, os rostos vermelhos do sol, rindo a bandeiras despregadas de uma piada que não partilharam com mais ninguém.

Na sexta-feira dançaram horas a fio ao longo de uma *soirée* musical improvisada, parecendo tão

maravilhosamente entrosados que vários convidados comentaram que era um prazer vê-los juntos.

No sábado, Matthew acordou com vontade de assassinar alguém.

E a sua disposição não melhorou com a indigesta declaração de Thomas Bowman, logo após o pequeno-almoço.

– Ele está a ganhar-te – rosnou-lhe Bowman, levando-o para o escritório para uma conversa privada. – Aquele maldito escocês do Llandrindon tem passado os dias inteiros com a Daisy, derramando encantos e vomitando um chorrilho de tolices, daquelas que as mulheres adoram ouvir. Se acaso tinhas alguma intenção de casar com a minha filha, a tua oportunidade está por um fio, rapaz! Tudo tens feito para a evitar, sempre distante e taciturno, e não te vi em toda a semana com outra expressão que não a de um ogre maldito que assusta criancinhas e animais! A tua noção de cortejar uma mulher confirma tudo o que sempre ouvi sobre os bostonianos, livra!

– Quem sabe se Llandrindon não será um melhor partido para ela? – proferiu Matthew secamente. – Parecem desenvolver uma forte atração mútua.

– Que se dane a atração! Não é isso que está em causa, mas sim o casamento! – O topo da careca de Bowman começou a ficar vermelho. – Tens alguma ideia de tudo o que está aqui em causa?

– Financeiramente falando?

– Com certeza! Que outro interesse poderia haver?

Matthew lançou-lhe um olhar sarcástico:

– O coração da sua filha. A sua felicidade futura. A...

– Balelas! As pessoas não se casam para serem felizes. Ou, acaso pretendam que sim, em breve percebem que tudo não passa de uma mera e imbecil ilusão!

Não obstante o seu sombrio estado de espírito, Matthew sorriu ligeiramente.

– Se acaso a sua intenção é inspirar-me na direção do matrimónio... não está a resultar.

– Será *isto* inspiração suficiente?

Levando a mão ao bolso do colete, Bowman sacou de um reluzente dólar de prata e lançou-o na direção do outro com um piparote do polegar. Instintivamente, Matthew apanhou-o e fechou-a na mão.

– Casa com a Daisy, meu rapaz – disse Bowman –, e terás muitas dessas. Muitas mais do que conseguirás gastar em toda a tua vida.

Uma voz vinda da porta fê-los voltarem-se, e ambos reagiram com apreensão àquela imprevista aparição.

– Que maravilha...

Era Lillian, envergando um vestido de dia rosa claro e um xaile à volta dos ombros. Olhou o pai com uma expressão muito próxima do ódio, os olhos dois vidros vulcânicos de tão escuros.

– Haverá alguém na sua vida que lhe sirva de algo mais que um mero peão, meu Pai? – indagou asperamente.

– Esta é uma conversa entre homens – retorquiu Bowman, corando de culpa ou raiva, ou mesmo

uma combinação de ambas. – Não é nada que te diga respeito.

– A *minha irmã* diz-me respeito – disse Lillian, num tom baixo mas gélido. – E creia-me capaz de matá-lo, Pai, antes de o deixar torná-la infeliz.

E antes que Bowman pudesse reagir, ela virou-lhe costas e desapareceu pelo corredor.

Soltando uma praga surda, Bowman saiu do escritório e seguiu na direção oposta.

Vendo-se sozinho, Matthew lançou a moeda para cima da secretária.

– Todo este esforço... por um homem que nem quer saber! – murmurou Daisy para si mesma, acometida de um rasgo inflamado contra Matthew Swift.

Llandrinton encontrava-se a escassos metros dela, sentado na beira de uma das fontes do jardim, obedientemente imóvel enquanto a jovem ia esboçando o seu retrato. Daisy nunca fora particularmente versada no desenho, mas a verdade é que começavam a escassear as atividades para fazer com ele.

– Como disse? – perguntou-lhe ele de longe.

– Comentei que *my lord* tem uma cabeleira bonita de se ver.

Llandrinton era um tipo extremamente afável, simpático e surpreendentemente formal. E Daisy tinha de admitir que no esforço de deixar Matthew Swift louco de ciúmes, apenas tinha logrado deixar-se a si própria louca de tédio.

A jovem levou discretamente as costas da mão aos lábios, reprimindo um bocejo e fingindo estar embrenhada no desenho.

Esta última semana representara quiçá uma das mais infelizes de toda a sua vida. Dia após dia de arrastado tédio, pretendendo desfrutar da companhia de um homem que não podia ser mais desinteressante. A culpa não era de Llandrinton – o coitado esforçava-se ao máximo para a entreter – mas para Daisy era claro que nada tinham em comum e jamais teriam.

Nada disto parecia incomodar Llandrinton tanto quanto a ela. O lorde escocês tinha a capacidade de falar horas a fio acerca de... coisa nenhuma. Facilmente encheria páginas e páginas de jornais com mexericos sociais sobre gente que Daisy não conhecia. E lançava-se em longos e pormenorizados discursos acerca de temas tão triviais quanto o perfeito esquema de cores para a sala de caça da sua propriedade escocesa de Thurso, ou as detalhadas e entediantes matérias dos estudos que completara. E nunca parecia existir um *sentido* digno desse nome em todos esses enfadonhos relatos.

Llandrinton também parecia igualmente desinteressado quanto ao que Daisy tinha para dizer. Não se ria com os seus relatos descrevendo as partidas que ela e a irmã faziam na infância, e se acaso ela dissesse algo do género «Repare naquela nuvem – tem a forma exata de um galo», ele fitava-a como se ela tivesse ensandecido.

Também não se mostrava nada agradado quando o tema em debate eram as diferenças sociais, nomeadamente no respeitante às leis. Daisy chegou a questionar as distinções, no mínimo curiosas,

que ele insistia em fazer entre *pobres dignos* e *pobres ingratos*.

– Por esse prisma, *my lord* – dissera-lhe ela – tudo indica que as leis foram concebidas para punir aqueles que mais ajuda necessitam.

– Muitas pessoas são pobres devido às escolhas que fizeram em nome das suas fraquezas morais e, conseqüentemente, ninguém as pode ajudar – fora a resposta dele.

– Como as mulheres perdidas, é isso que quer dizer? – retorquira ela. – Mas e se essas mulheres não tiveram outra opção senão...

– Recuso-me a falar consigo sobre mulheres perdidas – rematara ele, horrorizado.

Ou seja, as conversas com ele eram no mínimo *limitadas*. E, sobretudo, devido à manifesta dificuldade de Llandrinton em conseguir seguir as transições-relâmpago de Daisy entre assuntos. Muito depois de ela ter terminado de falar sobre uma coisa, ele ainda se mostrava confuso.

– Mas ainda estamos a falar no *caniche* da sua tia? – perguntara-lhe ele nessa mesma manhã, levando Daisy a retorquir em tom impaciente:

– Não, *my lord*, já acabei essa história há uns bons dez minutos – agora referia-me à minha última ida à ópera.

– Mas como foi que passou do *caniche* à ópera?

Daisy depressa se arrependeu de ter envolvido Llandrinton no seu esquema, ainda para mais tendo-se revelado perfeitamente inútil. Matthew Swift não demonstrara, por um segundo sequer, a mais pálida manifestação de ciúme – limitando-se a manter a sua eterna expressão fechada e insondável, mal olhando para ela nos últimos dias.

– Qual a razão dessa ruga na sua testa, docinho? – perguntou-lhe ele observando-a atentamente.

Docinho?! Ele jamais lhe adereçara qualquer termo carinhoso, levando Daisy a olhá-lo com desconfiança por sobre o caderno de desenho. E deu com ele a fitá-la de um modo que a deixou desconfortável.

– Não fale, por favor – disse ela muito séria. – Estou a desenhar-lhe o queixo.

Concentrando-se no seu esboço, Daisy achou que não estava nada mal, mas... seria a cabeça dele assim *tão* oval? E teria os olhos assim *tão* juntos? Era no mínimo curioso que alguém parecesse atraente à primeira vista, mas quando observado ao pormenor, feição a feição, grande parte do encanto parecia desvanecer-se. Decidiu que desenhar pessoas não era o seu forte. A partir de agora dedicar-se-ia exclusivamente às naturezas mortas.

– Esta semana surtiu em mim um efeito... estranho – ruminou Llandrinton em voz alta. – Sinto-me... diferente.

– Estará doente? – quis saber Daisy, preocupada, fechando o caderno. – Oh, que insensibilidade a minha! Obriguei-o a ficar sentado ao sol durante tanto tempo!

– Não, não, não há problema algum com a minha saúde. Referia-me a... Quer dizer, sinto-me... *maravilhosamente!* – Ele olhava-a de novo com a mesma expressão inquietante. – Melhor do que jamais me senti.

– Ah... é dos ares do campo, por certo. – Daisy levantou-se e alisou a saia antes de se dirigir a ele.

– São extremamente revigorantes.

– Não são os ares do campo que eu considero revigorantes – disse ele num tom baixo e suave. – É a menina, Miss Bowman.

O queixo dela caiu-lhe – literalmente.

– Eu?...

– A menina.

Ao vê-lo levantar-se e colocar-lhe docemente as mãos sobre os ombros, Daisy apenas conseguiu gaguejar:

– Eu... eu... *my lord*...

– Estes últimos dias na sua presença proporcionaram-me fortes razões para uma profunda reflexão.

Daisy olhou discretamente em seu redor, observando as sebes maravilhosamente aparadas e cobertas de rebentos de rosas-trepadeiras.

– Mr. Swift está por perto, é isso? – sussurrou-lhe ela. – É por isso que está a dizer... essas coisas?

– Não. Falo apenas por mim.

Llandrinton puxou-a ardentemente para si, até ter o caderno de desenho praticamente esborrachado entre os dois.

– Abriu-me os olhos, Miss Bowman! E fez-me enxergar o mundo de toda uma outra perspetiva! Agora quero ver formas nas nuvens e fazer algo digno de ser descrito num poema. Quero ler romances! Fazer da minha vida uma aventura...

– Mas que bem... – observou Daisy, debatendo-se discretamente no aperto dele.

– ... consigo!

Oh não!

– Está a brincar – disse ela debilmente.

– Estou enamorado – declarou ele.

– Estou indisponível.

– Estou determinado.

– Estou... surpresa.

– Criaturinha mais adorável! – exclamou. – É tudo aquilo que ele afirmou que era... Magia! Uma tempestade envolta num arco-íris! Arguta e encantadora e... desejável e...

– Espere! – Daisy olhou-o com perplexidade. – O Mat... Isto é, Mr. Swift disse-lhe isso?

– Sim, sim, sim!

E antes de ela poder falar ou respirar, Llandrinton baixou a cabeça e beijou-a. O caderno caiu das mãos de Daisy e ela deixou-se ficar, passiva nos braços dele, perguntando-se se iria sentir alguma coisa.

Objetivamente falando, não houve nada de errado naquele beijo. Não foi molhado nem seco de mais, nem demasiado brusco ou suave. Foi...

Insípido.

Bolas... Daisy afastou-se com um leve esgar apreensivo. Sentia-se culpada por ter desfrutado tão pouco. E ainda pior ficou quando se apercebeu de que Llandrinton pareceu ter *adorado*.

– Minha querida Miss Bowman... – murmurou ele, insinuante. – Nunca me disse que sabia tão docemente.

Fez menção de a beijar de novo e ela esquivou-se-lhe com um breve gritinho:

– *My lord*, por favor controle-se!

– Não consigo!

Ele perseguiu-a lentamente à volta da fonte, até ambos parecerem dois gatos prestes a engalfinharem-se. Ele avançou subitamente para ela, agarrando-a pela manga do vestido. Daisy livrou-se dele com um safanão brusco, ouvindo o som da musselina a rasgar-se pela costura do ombro... a que se seguiu um sonoro *splash!*

Daisy ficou espedaçada a olhar para o local onde outrora estivera Lord Llandrinton, cobrindo os olhos com as mãos, horrorizada, ao constatar o que se passara.

– *My lord?* – balbuciou ela, sem destapar os olhos. – Acabou de... cair dentro da fonte?

– Não! – foi a azeda resposta dele. – A menina *empurrou-me* para a fonte!

– Foi absolutamente sem intenção, creia-me – disse ela, obrigando-se a olhar para ele.

Llandrinton pôs-se de pé, completamente encharcado da cabeça aos pés, os bolsos do casaco cheios de água. E tudo parecia indicar que o mergulho forçado na fonte lhe esfriara consideravelmente os ímpetos.

Ele olhou-a num silêncio afrontado, até que de repente escancarou os olhos e levou a mão a um dos bolsos. Uma pequena rã saltou lá de dentro e mergulhou na fonte com um pulinho acrobático.

Daisy esforçou-se ao máximo por dominar a fortíssima vontade de rir, mas quanto mais tentava mais difícil se tornava... até que rebentou à gargalhada.

– Eu... lamento muito – disse ela, entre soluços e levando as mãos à boca, tentando conter o riso. – A sério, eu... oh, Deus!

E curvou-se para a frente, sendo-lhe impossível reprimir as irreprimíveis gargalhadas – até lhe virem lágrimas aos olhos.

A tensão entre os dois desvaneceu-se e Llandrinton começou a sorrir relutantemente. Saiu da fonte, ensopado até aos ossos.

– Dizem que quando se beija um sapo – disse ele secamente –, ele se transforma num príncipe. Malogradamente, no meu caso não parece ter surtido efeito.

Daisy sentiu um súbito assomo de pena e simpatia por ele, ainda que continuando a lutar por reprimir o riso soluçante. Aproximando-se lentamente dele, levou-lhe as mãos ao rosto molhado e plantou-lhe um beijo rápido e amistoso nos lábios.

Ele estranhou-lhe o gesto, escancarando os olhos.

– O senhor é o príncipe encantado de alguém, asseguro-lhe – disse ela com um sorriso terno. – Mas não o meu. Contudo, quando a mulher certa o descobrir... será verdadeiramente afortunada.

E com isto baixou-se para apanhar o caderno de desenho, regressando à mansão sem olhar para trás.

Foi por um simples acaso do destino que Daisy resolveu escolher *aquele* caminho específico de regresso a casa. Em breve se viu nas traseiras do Anexo dos Solteiros. A pequena habitação encontrava-se algo afastada da mansão, mas suficientemente próxima do penhasco sobre o rio para poder oferecer a sua magnífica paisagem. Alguns dos hóspedes haviam optado por se instalarem lá, aproveitando a privacidade que a casa lhes proporcionava, mas agora encontrava-se deserta, uma vez que a festa da caça tivera lugar na véspera e a maioria dos convidados tinha já abalado.

À exceção de Matthew Swift, claro...

Preocupada com os seus pensamentos, Daisy percorreu penosamente o caminho sinuoso junto ao muro de xisto que delimitava o penhasco. A sua boa disposição alterou-se para um estado taciturno ao pensar no pai, determinado em casá-la com Matthew Swift... e em Lillian, que a queria ver casada com qualquer alminha *que não* Matthew Swift... e na mãe, que não se satisfaria com menos do que um nobre. Mercedes não ia gostar nada de saber que Daisy rechaçara Lord Llandrindon.

Passando em revista a última semana, a jovem apercebeu-se de que os seus intentos para captar a atenção de Matthew não eram uma brincadeira. Importava-lhe muitíssimo. Jamais quisera tanto algo na vida como a oportunidade de lhe poder falar sinceramente, honestamente, sem nada esconder. Mas ao invés de conseguir que os sentimentos dele ascendessem à superfície, apenas tinha logrado desenterrar os dela.

Quando estava com ele sentia a promessa de algo mais maravilhoso, mais excitante do que qualquer coisa que tivesse lido ou sonhado...

Algo real.

Era incrível como um homem que ela sempre vira como frio e desapaixonado se pudesse ter transformado numa alma tão terna, sensível e *sensual*. Alguém que carregara secretamente no bolso uma madeixa dela...

Sentindo alguém a aproximar-se, Daisy ergueu o olhar e sentiu todo o corpo estremecer.

Matthew caminhava, vindo da mansão, de expressão sombria e passada larga e decidida.

Um homem apressado sem destino algum.

Ao vê-la parou abruptamente, de expressão alterada, vazia...

Olharam-se mutuamente, num momento carregado de silêncio tenso.

Daisy apressou-se a baixar o olhar – a alternativa era correr para ele num pranto incontido. E a intensidade do seu próprio desejo chocou-a.

– Mr. Swift – disse, numa voz pouco firme.

– Miss Bowman.

Ele olhou-a como se preferisse estar em qualquer lado menos junto dela.

Daisy sentiu os nervos em franja de expectativa, ao vê-lo estender a mão para o seu caderno de desenho.

Sem pensar, deixou que ele lhe pegasse.

Ele baixou uns olhos semicerrados para o caderno, aberto num esboço de Lord Llandrinton.

– Por que razão o desenhou com barba? – quis saber.

– Não se trata de barba alguma – ripostou ela secamente. – É um mero sombreado.

– Pois a mim parece que ele não se escanhoa há meses.

– Não lhe pedi a opinião sobre a minha arte – lançou-lhe ela. Tentou tirar-lhe o caderno da mão mas ele impediu-a. – Solte! – exigiu, puxando o caderno com todas as suas forças. – Ou...

– Ou o quê? – quis saber o jovem, visivelmente divertido. – Decide desenhar-me *a mim*?

Largou o caderno com uma brusquidão tal que a fez cambalear para trás, e ergueu as mãos, numa atitude defensiva.

– Não! *Tudo* menos isso.

De estribeiras perdidas, Daisy avançou para ele e bateu-lhe no peito com o caderno. Odiava que ele a fizesse sentir tão... *viva*. Odiava o modo como os seus sentidos pareciam beber da presença dele, qual pedaço de terra ressequida absorvendo chuva. Detestava aquele rosto belo, aquele corpo viril, aquela boca mais... tentadora que qualquer boca merecia ser.

O sorriso escarninho de Matthew desvaneceu-se ao reparar no rasgão no ombro do vestido dela.

– Que aconteceu ao seu vestido?

– Não foi nada. Tive um... bom, chamemos-lhe uma *ligeira alteração* com Lord Llandrinton.

Aquele foi o modo mais inocente que ocorreu a Daisy para descrever o incidente na fonte, o qual se revelara obviamente inofensivo. Ela estava certa de que não havia como conotar nada de indecente à expressão *ligeira alteração*.

Todavia, para ele a expressão pareceu assumir todo um outro sentido. O seu rosto tornou-se subitamente sombrio e assustador, os olhos azuis literalmente incendiados.

– Vou matá-lo – disse ele, numa voz gutural. – Ele atreveu-se a... *onde está ele*?!

– Não, não – disse logo Daisy, preocupada. – Entendeu-me mal – não foi nada disso...

Largando o caderno de desenho, lançou-se a ele, recorrendo a todas as suas forças para o conseguir deter, impedindo-o de avançar pelo jardim. Mas mais lhe teria valido tentar deter um toiro enraivecido. Às primeiras passadas de Swift, Daisy viu-se literalmente arrastada com ele.

– *Espere!* Que direito julga ter de se meter em algo que apenas a mim diz respeito?

Respirando com dificuldade, Matthew deteve-se e baixou o olhar para o rosto dela, afogueado de indignação.

– Ele... tocou-lhe? Forçou-a a...

– O senhor faz-me lembrar um daqueles sabujos de rua esfaimados que não comem nem deixam

comer! – gritou-lhe ela, furiosa. – Se não me quer, que diabos lhe interessa que outro alguém me queira? Deixe-me em paz e dedique antes esse fervor aos seus malditos planos megalómanos de construção de fábricas! Espero que se torne o homem mais rico do mundo, que obtenha tudo aquilo que deseje, e pode ser que um belo dia olhe em volta e conclua que ninguém o ama e que é terrivelmente...

As palavras morreram-lhe nos lábios, esmagados pelo beijo dele, a boca impiedosa e castigadora. Ela sentiu uma forte descarga elétrica percorrê-la, e virou o rosto, fugindo daquela apaixonada investida.

– ... infeliz! – conseguiu terminar com um forte arquejo, antes de ele lhe tomar a cabeça entre as mãos para a beijar de novo.

Desta vez ele foi mais terno, lutando para conseguir obter o ângulo adequado. O coração descompassado da jovem enviou-lhe uma onda quente de prazer que lhe percorreu as veias. Tentou em vão libertar-se daquelas mãos fortes, cravando-lhe as unhas nas veias dos pulsos – que descobriu não estarem menos palpitantes do que as suas.

Sempre que Daisy pensava que o beijo ia terminar, ele procurava-a mais intensamente. Ela não teve como não lhe responder, apaixonadamente, sentindo os joelhos fraquejarem ao ponto de temer desfalecer no meio da relva, qual boneca de trapos.

Quebrando o contacto entre os lábios, ela conseguiu murmurar:

– Matthew... leve-me daqui... vamos para outro sítio.

– Não.

– Sim. Preciso de ficar a sós consigo.

Arfando de pura angústia, Matthew estreitou-a contra o peito musculado – deixando que ela lhe sentisse o toque desesperado dos lábios na nuca.

– Não confio em mim próprio o suficiente para isso – disse ele por fim.

– Apenas para conversarmos. Por favor! Não podemos ficar aqui assim, à vista de toda gente. E se me deixar agora... *eu morro!*

Ainda que excitado e perturbado, Matthew não conseguiu conter uma risada perante a dramática declaração.

– Morre agora...

– Só quero conversar – insistiu ela, agarrando-se mais a ele. – Eu... Eu não o tento, prometo.

– Querida... – disse ele, soltando um suspiro entre dentes. – A Daisy tenta-me só de estar na mesma sala que eu.

Ela sentiu a garganta escaldante, como se tivesse engolido um raio de sol. Apercebendo-se de que a sua premente insistência poderia levá-lo a afastar-se dela, Daisy nada mais disse. Deixou-se ficar assim, pressionada contra o peito dele, deixando que a comunicação silenciosa dos seus corpos o fizesse mudar de ideias.

Com um gemido surdo, Matthew deu-lhe a mão e conduziu-a para o anexo dos solteiros.

– Que Deus nos livre e guarde de sermos vistos.

Daisy ainda se sentiu tentada a agradecer, alegando que nesse caso seriam forçados a casar, mas achou por bem ficar calada, seguindo-lhe os passos ligeiros.

Capítulo 11

Lá dentro estava frio e escuro. A pequena casa era forrada a painéis de pau-rosa reluzentes e mobilada com móveis pesados. As janelas tinham cortinados de veludo de cores vivas com bonitas franjas de seda. Sem largar a mão de Daisy, Matthew fê-la atravessar a sala até a um quarto nas traseiras.

Assim que entrou, ela apercebeu-se de que se tratava do quarto dele. Sentiu um arrepio de excitação insinuar-se por entre as fitas do corpete. O quarto apresentava-se limpo e arrumado, cheirando a encerado, e a janela era apenas coberta por uma leve cortina de renda em tom creme que deixava entrar a luz do dia.

Sobre uma cómoda viam-se uns quantos artigos pessoais; um pente, uma escova de dentes, uma caixinha de pó dentário e um sabonete; junto ao lavatório: navalha e assentador.

Nada de cremes, brilhantinas ou colónias; nenhuma joia ou alfinete de gravata. Dificilmente o poderiam considerar um *dandy*.

Matthew fechou a porta e voltou-se para ela. Parecia enorme naquele quarto tão exíguo, a sua estrutura larga fazendo o cenário que os rodeava parecer desproporcionado. Daisy sentiu a boca secar ao observá-lo. Queria tanto aproximar-se dele... sentir-lhe toda a pele na sua.

– O que há de facto entre si e Llandrindon? – Matthew exigiu saber.

– Nada. Uma mera amizade apenas. Pelo menos da minha parte.

– E da dele?

– Eu suspeito que... Bom, tudo parece indicar que ele não seria avesso a... Ora, entende-me.

– Entendo-a, sim – disse ele secamente. – E por mais que não suporte esse desgraçado, a verdade é que não posso culpá-lo por desejá-la. Sobretudo depois de tudo o que a Daisy tem feito para o tentar e provocar, na última semana.

– Se está a querer insinuar que eu tenho agido como uma qualquer... *femme fatale*...

– Não tente negá-lo. Eu vi bem a maneira como o tem namoriscado. O modo como se inclina para ele quando conversam... os sorrisos, os vestidos provocantes...

– Vestidos provocantes?! – balbuciou Daisy, chocada.

– Como esse.

Daisy olhou para o simples vestido branco que envergava, que lhe cobria todo o decote e grande parte dos braços. Uma *freira* estaria decente e imaculada dentro dele! Não resistiu a olhá-lo com sarcasmo ao responder:

– Tenho passado a última semana a tentar fazer-lhe ciúmes, fique sabendo. Ter-me-ia poupado a uma série de trabalhos se tivesse assumido desde logo o que sente por mim.

– Tentou deliberadamente fazer-me ciúmes?! – explodiu ele. – E o que contava conseguir com isso, não me dirá? Ou será que deixar-me *completamente do avesso* é a sua noção de divertimento ideal?

Ela sentiu-se corar subitamente.

– Eu cuidei que pudesse sentir alguma coisa por mim e... esperava conseguir levá-lo a admiti-lo.

A boca de Matthew abriu-se e fechou-se, mas não conseguiu falar – levando Daisy a perguntar-se que tipo de emoção ele estaria a sentir. Segundos depois ele abanou a cabeça e encostou-se à cómoda como se necessitasse de um apoio físico.

– Está zangado? – indagou ela em tom apreensivo.

A voz dele soou estranhamente esmorecida:

– Dez por cento de mim está.

– E os restantes noventa por cento?

– Esses... estão a um ténue momento de a lançar para cima dessa cama e... – Viu-se forçado a engolir em seco antes de prosseguir: – A Daisy é demasiado inocente para se aperceber do risco que corre. Tenho recorrido aos meus últimos laivos de autocontrolo para não lhe pôr as mãos em cima. Não brinque comigo, querida. Para si é fácil torturar-me, mas advirto-a que atingi há muito o meu limite. Para acabar com a menor dúvida que ainda possa ter, sinto ciúmes de qualquer homem que se chegue a três metros de si. Sinto ciúmes da roupa que lhe cobre a pele e do ar que respira. Sinto ciúmes do mais breve momento que passa longe da minha vista.

Atordoada, Daisy conseguiu a custo murmurar:

– Pois olhe que... tem tido um enorme sucesso em disfarçá-lo.

– Ao longo dos anos tenho recolhido milhares de memórias suas, cada olhar, cada palavra que me dirigiu. Todas aquelas visitas à sua casa de família, os jantares, os dias de festa... mal conseguia aguardar o momento em que passava a porta de entrada e podia finalmente vê-la. – Os cantos da boca franziram-se numa expressão nostálgica e divertida. – Adorava vê-la lidar com a sua família, o seu humor subtil, a coragem que mostrava ao enfrentá-los... A Daisy sempre foi tudo aquilo que eu sempre acreditei que uma mulher deveria ser. E desejo-a desde que a vi pela primeira vez e a cada segundo da minha vida.

Daisy sentiu-se inundada de uma culpa agonizante.

– E eu que nunca fui simpática para consigo... – lamentou-se ela.

– E eu agradeço a Deus por isso. Caso tivesse sido, não duvido que me teria *incendiado* ali mesmo. – Ergueu uma mão ao vê-la fazer menção de avançar para ele. – Não. Por favor. Como já lhe disse uma vez, não posso casar consigo em circunstância alguma. E isso não vai mudar. Mas nada tem que ver com a *enormidade* do que eu sinto por si.

Ao percorrer-lhe a silhueta esbelta, os olhos viraram duas safiras liquefeitas.

– Meu Deus como eu a quero... – murmurou.

Daisy ardia de desejo, louca por se lançar nos braços dele.

– Eu também o quero... Tanto que não posso permitir que me deixe sem que eu entenda porquê.

– Se me fosse possível explicar-lhe as minhas razões, creia que já o teria feito.

Daisy obrigou-se a fazer a pergunta que mais temia:

– Já é casado, Matthew?... É isso?

Ele fulminou-a com o olhar.

– Por amor de Deus... não!

Uma forte onda de alívio tomou conta dela.

– Então não há nada que não se resolva... Desde que se abra comigo.

– Oh, Daisy, se ao menos fosse um pouco mais... mundana – disse ele de mau humor. – Não utilizaria expressões como «não há nada que não se resolva».

Dirigiu-se ao outro extremo da cómoda, deixando o caminho livre até à porta. Ficou em silêncio por um longo momento, como que a considerar uma questão grave.

Daisy manteve-se imóvel e em silêncio, captando-lhe o olhar. Tudo o que tinha para lhe oferecer era paciência. Aguardou sem uma palavra, quase sem pestanejar.

Matthew desviou o olhar do dela, assumindo uma expressão distante. Os olhos tornaram-se duros, dois discos de cobalto polido.

– Há muito, muito tempo – acabou por dizer –, fiz um inimigo, poderosíssimo, ainda que não por minha culpa. Devido à sua forte influência vi-me forçado a sair de Boston. E ainda hoje guardo razões para crer que esse homem, agravado e rancoroso, regressará um dia para me atormentar. Tenho vivido todos estes anos com essa espada sobre a minha cabeça. E não a quero por perto quando ela eventualmente for desferida.

– Mas... haverá certamente algo que se possa fazer – disse Daisy em tom fervoroso, determinada a enfrentar este putativo inimigo com todos os meios à sua disposição. – Se me explicar melhor... se me disser o nome dele e...

– Não. – A palavra saiu-lhe calma mas tão definitiva que a fez calar-se de imediato. – Fui o mais honesto que pude consigo, Daisy, creia-me. Espero que não traia a minha confiança. – Apontou a porta com um gesto largo e assertivo. – Agora é melhor que vá...

– Assim, sem mais? – murmurou ela, espantada. – Depois do que acabou de me contar, espera mesmo que eu o deixe?

– Sim. E tente que ninguém a veja.

– Não é justo que se limite a despejar o seu discurso sem me dar a oportunidade de...

– A vida raramente é justa – declarou ele. – Nem mesmo para uma Bowman.

Daisy sentiu os pensamentos correrem-lhe velozes, enquanto lhe observava o duro perfil. Aquilo não era mera teimosia da parte dele. Era convicção pura. Não deixara espaço para o diálogo, a menor abertura para negociação.

– Devo voltar para o Llandrindon, então? – indagou, na tentativa de o conseguir provocar.

– Sim.

Ela olhou-o com uma carranca:

– Oxalá fosse mais consistente. Há escassos minutos mostrou-se disposto a fazer picadinho dele.

– Se a Daisy o quer, não tenho direito a opor-me.

– Se me quer, tem todo o direito de fazer alguma coisa! – Ela dirigiu-se à porta, furiosa e determinada. – Por que razão se diz que as mulheres são irracionais, se os homens se provam mil vezes piores? Primeiro querem uma coisa, depois já não, por fim tomam decisões irracionais baseadas em segredos que não esclarecem, e é suposto que ninguém os questione porque a palavra de um homem é final e definitiva?!

Ao levar a mão à maçaneta reparou na chave na fechadura, o que a fez deter-se.

Olhou de relance para Matthew, firmemente plantado no outro extremo da cómoda, como que a querer manter uma distância segura entre ambos.

Se bem que Daisy fosse a mais sensata e calma dos Bowman, não tinha por hábito acobardar-se. E recusava-se a aceitar uma derrota sem retaliar.

– Força-me a tomar medidas drásticas, Matthew – disse ela no tom mais calmo que conseguiu.

A resposta dele foi igualmente serena:

– Não há nada que possa fazer.

Ele tinha-a deixado sem alternativas.

Ela rodou a chave na fechadura, removendo-a cuidadosamente.

Aquele *clique* decisivo soou anormalmente alto na quietude do quarto.

Placidamente, Daisy afastou do peito a parte de cima do corpete e inseriu a chave na fenda estreita.

Os olhos de Matthew abriram-se de espanto ao entender a intenção dela.

– *Não se atreveria!*

Antes que ele pudesse reagir, ela largou a chave certificando-se de que caía para dentro do corpete. Encolheu o estômago e o ventre até sentir o metal frio deslizar-lhe até ao umbigo.

– Raios!

Matthew precipitou-se para ela a velocidade relâmpago. Estendeu as mãos para lhe tocar, mas retirou-as subitamente como se tivesse tocado em brasa.

– Dê-me a chave – ordenou-lhe ele, quase espumando de raiva.

– Não posso.

– Falo a sério, Daisy!

– Eu também... Caiu e não tenho como chegar-lhe. Terei de despir o vestido.

Era óbvio que ele queria *matá-la*. Mas ela também lhe sentia a força do desejo. Os pulmões dele operavam como foles, e do corpo irradiava um calor abrasador.

Ele soltou um sussurro feroz:

– Não me faça isto.

Daisy aguardou pacientemente.

O movimento seguinte foi dele.

Voltou-lhe as costas e ela viu-lhe as costuras do casaco distenderem-se sob os músculos contraídos. Os punhos cerraram-se-lhe numa tentativa visível de se controlar. Inspirou bem fundo, uma e outra vez, e quando falou a voz saiu-lhe pesada como se acabasse de acordar de um sono profundo.

– Dispa o vestido.

Tentando não o confrontar mais do que o estritamente necessário, Daisy respondeu num tom pesaroso:

– Receio que sozinha não consiga. Abotoa atrás.

Matthew murmurou qualquer coisa de indecifrável, num tom que soou no mínimo ofensivo. Após um silêncio que a Daisy pareceu eterno, voltou-se para ela. Dir-se-ia que a sua maxila fora moldada em ferro fundido.

– Não creia que me verga assim tão facilmente. Eu *vou* resistir-lhe, Daisy. São muitos anos de prática. Volte-se.

Daisy obedeceu. Ao inclinar a cabeça para a frente pôde sentir-lhe o olhar escaldante percorrer-lhe a fileira infindável de botões de madrepérola.

– Como é que *já* consegue despir-se? – resmungou ele. – Nunca vi tanto botão num simples vestido.

– É elegante.

– É ridículo.

– Pode sempre enviar uma carta de reclamação para a *Godey's Lady's Book* – sugeriu ela.

Soltando uma risada de desprezo, Matthew começou pelo botão de cima, esforçando-se por desabotoá-lo sem lhe tocar na pele.

– Ajuda muito se meter os dedos pela abertura do vestido – declarou Daisy. – E então consegue fazer passar o botão pela casa e...

– Calada – lançou-lhe ele.

E ela fechou a boca.

Matthew debateu-se com os botões ainda um bom minuto até que, com um resmungo contrariado, decidiu seguir o conselho dela, enfiando dois dedos entre o vestido e a sua pele. Ao sentir-lhe os nós dos dedos pela espinha, Daisy estremeceu de prazer.

Os progressos dele revelaram-se dolorosamente lentos. Daisy sentia-o debater-se vezes sem conta

com os mesmos botões.

– Deixa que me sente, por favor? – pediu-lhe ela suavemente. – Começo a ficar cansada de estar em pé.

– Não há onde se sentar.

– Há sim.

Afastando-se dele, Daisy dirigiu-se à cama de dossel e tentou subir, mas malogradamente tratava-se de uma *Sheraton* antiga, deliberadamente alta não só para evitar as correntes de ar de inverno como para permitir albergar por baixo um estrado rodado com um segundo colchão. Uma vez que o colchão lhe dava pelo peito, Daisy esforçou-se por içar-se, de mãos firmemente apoiadas no colchão.

A gravidade desafiou-a.

– Habitualmente – disse ela tentando trepar, os pés abanando freneticamente – ... estas camas altas... – Agarrada de unhas e dentes à colcha tentava içar-se – ... têm sempre um degrau amovível para nos ajudar... a subir. – Lutando para prender um joelho no rebordo do colchão, prosseguiu: – Bom Deus... se alguém cair desta cama a meio da noite... será certamente *fatal*.

Sentiu as mãos de Matthew na cintura.

– A cama não é assim tão alta – disse ele, pegando-lhe como se se tratasse de uma criança e depositando-a em cima do colchão. – É a Daisy que é... minorca.

– Eu não sou minorca, sou... verticalmente desfavorecida.

– Como queira. Sente-se direita.

Daisy sentiu o colchão vergar-se sob o peso dele, agora sentado atrás dela e com as mãos de novo nas costas do seu vestido.

Sentindo um leve tremor nos dedos dele sobre a sua pele, ela viu-se tentada a observar:

– Nunca antes me senti atraída por homens altos, mas você faz-me sentir...

– Se não ficar calada, juro que ainda acabo por estrangulá-la.

Daisy esboçou um sorriso e calou-se, ficando a ouvir a respiração dele tornar-se mais pesada, menos controlada. Pelo contrário, os seus dedos tornaram-se mais seguros na sua tarefa, trabalhando com destreza a fileira de botões até que ela sentiu o vestido abrir-se e as mangas caírem-lhe dos ombros.

– Onde está? – rosnou ele.

– A chave?

O tom dele soou mortífero:

– Sim, Daisy. A chave...

– Caiu-me para o interior do corpete. O que significa... que terei igualmente de o despir.

Não houve qualquer reação àquela declaração, qualquer som ou movimento. Daisy voltou-se para olhar para ele.

Parecia estonteado, os olhos de um azul quase sobrenatural contra o vermelho das faces. Ela apercebeu-se de que ele travava uma duríssima batalha interior para evitar tocar-lhe.

Também ela afogueada, com um misto de excitação e vergonha, retirou completamente os braços das mangas. Depois fez descer o vestido sobre as ancas, libertando-se das variadas camadas de cambraia branca até as ver cair em cascata sobre o chão do quarto.

Matthew olhou o vestido caído como se se tratasse de uma qualquer espécie de fauna exótica que ele jamais havia visto. Lentamente o seu olhar recaiu sobre Daisy, e não conseguiu evitar que um protesto incoerente lhe saísse da garganta ao vê-la desapertar o corpete.

Daisy sentiu-se a um tempo tímida e perversa ao despir-se em frente dele. Mas encorajou-a o modo como ele parecia incapaz de desviar o olhar dela, como que enfeitiçado por cada novo centímetro de pele revelada. Assim que o último colchete de metal se soltou, ela lançou o emaranhado de rendas, fitas e atilhos para o chão. Tudo o que lhe restava sobre os seios era uma combinação enxovalhada.

A chave havia-lhe caído no colo. Fechando os dedos em torno do frio objeto ela arriscou um olhar cauteloso sobre Matthew.

Estava de olhos fechados, a testa sulcada de pequenas rugas de sofrida concentração.

– Isto *não vai* acontecer – murmurou, mais para si mesmo do que para ela.

Daisy inclinou-se sobre ele para lhe enfiar a chave no bolso do casaco. Segurando a bainha da longa combinação, despiu-a pela cabeça. Sentiu uma eletrizante descarga sobre o peito nu, tão nervosa que não conteve o bater dos dentes.

– Acabei de despir a combinação. Não quer olhar?

– Não.

Mas os seus olhos abriram-se, e o olhar fixou-se-lhe nos pequenos seios de pontas rosa-claro. Ela ouviu-lhe o sibilar do fôlego entre os dentes, enquanto permanecia sentado sem mover um músculo, limitando-se a fitá-la. Segundos depois levou a mão à gravata para a desapertar, desabotoando de seguida o colete e a camisa. Daisy sentiu cada centímetro de pele a ruborizar, mas conseguiu controlar-se ao ponto de se chegar a ele e tirar-lhe o casaco dos ombros.

Matthew movia-se como num sonho, retirando muito lentamente os braços das mangas do casaco, depois do colete.

Daisy abriu-lhe a camisa com uma determinação tão estranha quanto ousada, o olhar bebendo da magnífica visão daquele peito e torso. A pele brilhava-lhe como cetim, estirando-se sobre os poderosos músculos. Ela levou a ponta dos dedos às costelas dele, percorrendo-lhe o trilha sedoso que terminava no umbigo.

De súbito, Matthew agarrou-lhe a mão, visivelmente indeciso quanto a afastá-la ou pressioná-la mais de encontro à pele arrepiada.

Ela fechou os dedos sobre os dele e olhou bem no fundo do azul dos seus olhos.

– Matthew... – sussurrou-lhe. – Estou aqui. Sou sua. Quero fazer tudo aquilo que sempre imaginou fazer comigo.

Ele deixou de respirar. A determinação desvaneceu-se, quebrando-se-lhe toda e qualquer intenção.

De repente nada mais lhe importou que não as exigências de um desejo que há muito insistia em combater. Com um forte ronco de resignação, rendeu-se, erguendo-a para o colo. Um calor húmido inundava-lhes as peças de roupa que ainda envergavam, e Daisy ficou sem alento ao sentir uma estranha dureza, para ela absolutamente nova, de encontro à entrada suave do seu corpo.

Matthew tomou-lhe a boca na sua, enquanto as mãos lhe percorriam todo o corpo, em urgência desesperada. Quando os dedos dele se aninharam na curva suave de um dos seus seios, Daisy sentiu uma descarga de sangue afluir-lhe ao corpo todo e uma mordida na carne, tão aguda quanto volátil. Debateu-se atabalhoadamente com a camisa dele, tentando desesperadamente arrancar-lha do corpo.

Ele fê-la deitar-se sobre a cama, o mais suavemente que lhe foi possível, e tratou ele próprio de se livrar da camisa, expondo os magníficos contornos do peito e dos ombros perante o olhar deslumbrado dela. Baixou o corpo para o dela, e Daisy gemeu de prazer só pelo simples contacto daquela pele nua de encontro à sua. Sentiu-se impregnada do cheiro dele, tão familiar, um odor luxuriante a homem... e a lavado. Ele tomou-lhe a boca com beijos sensualmente lascivos, as mãos percorrendo-lhe suavemente o corpo semidespido. O polegar dele desenhava-lhe um círculo lento em torno do mamilo, intumescendo-o, escurecendo-o, até a ver a arfar numa prece desamparada.

Lendo-lhe a súplica velada, ele baixou a cabeça e tomou na boca um dos seus mamilos. Abocanhava-o suavemente, a língua dele enviando doces ondas de calor à superfície da sua pele. Daisy gemeu e estremeceu nos braços dele. Sentiu-se percorrida por eletrizantes espasmos pelo corpo todo, enquanto ele abocanhava agora o seu outro seio, beijando voluptuosamente o bico rosáceo.

– Sabe o que eu quero de si? – ouviu-o murmurar roucamente ao ouvido. – Tem noção do que pode acontecer se não pararmos *agora* com isto?

– Sim.

Matthew ergueu a cabeça e dedicou-lhe um olhar cético.

– Não sou tão inocente quanto possa pensar – justificou-se ela com expressão séria. – Eu sou *muito* instruída.

Ao vê-lo voltar a cabeça, Daisy pressentiu-lhe o conter de um sorriso. Até que a olhou de novo, numa expressão penetrantemente terna.

– Daisy Bowman – disse ele, algo trémulo. – De bom grado passaria a eternidade no inferno em troca de *uma hora* consigo.

– É esse o tempo que dura? Uma hora?

A resposta dele soou implacável:

– Querida, a esta altura creia que será um milagre se conseguir durar um minuto.

Ela enrolou os braços à volta do pescoço dele.

– Vai ter de fazer amor comigo – declarou ela em tom contundente. – Pois de contrário, jamais deixará de me ouvir queixar.

Matthew aninhou o corpo dela no seu, e beijou-lhe a testa, e ficou calado durante tanto tempo que Daisy chegou a pensar que ele a ia rejeitar. Mas eis que lhe sentiu a mão quente deslizar-lhe pelo

corpo, e o seu coração deu um pulo de excitação.

Ofegante, Daisy sentiu o estômago elevar-se e descer, e uma onda de vergonha inundar-lhe o corpo sob o tecido delicado do cetim. Ela sentiu-o tocar-lhe no íntimo toção dos pelos púbicos, aplainando os pequenos caracóis contra o montinho quente e vulnerável. Brincou com eles, afofando-os, e a ponta do dedo anelar roçou-lhe um ponto tão sensível que a fez praticamente *saltar* de surpresa. Olhando-lhe fixamente o rosto afogueado, Matthew entreabriu suavemente a fenda cerrada, murmurando:

– Daisy, meu amor... É tão suave... tão delicada... onde deverei tocar-lhe? Aqui?... Ou talvez... aqui?

– Aí – arquejou ela em tom de súplica, quando os dedos dele encontraram o ponto certo. – Oh, sim... aí mesmo...

A boca dele moveu-se em quentes e vorazes beijos que desceram pela garganta dela... depois pelos seios... enquanto os dedos se insinuavam com mais premência entre as suas coxas. À medida que ele a acariciava, agora tão intimamente, Daisy apercebeu-se – não sem algum desconcerto – de que aquele seu cerne tão secreto se ia tornando mais e mais húmido. Jamais esperara algo assim. O que a fez perguntar-se se estaria de facto assim tão bem informada como julgava.

Consternada, quis dizer alguma coisa mas viu-se abruptamente silenciada ao senti-lo penetrá-la docemente com um dedo. Ora aí estava *outra coisa* que ela jamais esperara!

A cabeça de Matthew emergiu de entre os seios dela, os olhos quentes e sonolentos. Observou o rosto dela enquanto a massajava suavemente num ritmo suavemente hábil que a ia deixando num indescritível estado de êxtase. Daisy ergueu-se para ele, gemendo de prazer, devolvendo-lhe os beijos num fervor descontrolado.

– Gosta... assim? – sussurrou-lhe ele.

– Oh, sim! Eu... – Esforçou-se por conseguir articular, entre arquejos impossíveis de conter: – Eu pensei... que iria doer.

– Para já não... – Um sorriso aflorou-lhe os lábios. – Posteriormente, contudo, poderá vir a ter razões de queixa. – Um fio bruxuleante de transpiração assomou-lhe no rosto ao sentir as contrações do sexo dela contra o seu dedo. – Não sei se conseguirei ser meigo... – disse ele entre dois gemidos. – Esperei tanto por este momento...

– Confio em si – murmurou ela.

Matthew abanou a cabeça, retirando a mão.

– Ah, Daisy, a sua ingenuidade desconcerta-me... Está na cama com o último homem em quem deveria confiar... e prestes a cometer o pior erro da sua vida.

– É essa a sua ideia de conversa de sedução?

– Quis apenas adverti-la uma última vez. Agora está predestinada.

– Estou? Ótimo!

Daisy apressou-se a ajudá-lo ao vê-lo retirar-lhe as meias e as ceroulas.

O olhar dela brilhou ao vê-lo desabotoar as calças. Curiosa mas tímida, levou a mão ao cinto para o ajudar. Matthew deixou escapar um breve arquejo de ternura ao sentir-lhe a mão pequena e fria insinuar-se pelo cós das calças, ainda abotoadas. E ao senti-la afagar-lhe cuidadosamente a sua imponente ereção, ele não pôde evitar estremecer, provocando em Daisy um sorriso de ternura e satisfação.

Matthew abanou de novo a cabeça, soltando uma risadinha nervosa.

– Daisy... eu preferia que não fizesse isso... para já.

– Oh... Estou a fazer mal? – quis saber ela, visivelmente preocupada.

– Não, não – Puxou-a para si, beijando-lhe a face, a orelha, o cabelo. – Fá-lo maravilhosamente.

As mãos dele correram sôfregas pelo corpo dela, fazendo-a recostar-se novamente contra as almofadas. Despiu-se e encaixou o corpo no dela, fazendo-a tremer só de sentir as deliciosas texturas do torso dele... a pilosidade, a suavidade e o calor. Havia ocorrido demasiadas sensações ao mesmo tempo – e ela não conseguia apreendê-las todas – a invasão quente e húmida da boca dele, os seus longos dedos persuasivos, o roçar do cabelo dele nos seus seios, no seu ventre...

A carícia aveludada da língua dele pela cavidade do seu umbigo fez atear línguas de fogo no interior das suas veias. Vagamente consciente da zona que a boca dele atravessava, Daisy estremeceu debaixo dele.

Não parecendo aperceber-se de onde a estava a beijar, Matthew insistia, deslizando cada vez mais para baixo, até que Daisy soltou um gritinho abafado, puxando-lhe a cabeça para cima.

– O que foi? – disse ele, erguendo-se sobre os cotovelos.

Rubra de vergonha, ela teve dificuldade em expressar os seus receios:

– Estava demasiado próximo do meu... Bom, o Matthew, acidentalmente...

A voz esmoreceu-se-lhe ao entrever um estranho brilho nos olhos dele. Matthew ainda tentou baixar a cabeça para dissimular a sua expressão, e foi acometido de um tremor que lhe fez vibrar os ombros. Respondeu com extremo cuidado, mantendo o olhar afastado do dela:

– Não foi acidentalmente. Era minha intenção fazê-lo.

Daisy mostrou-se incrédula:

– Mas ia beijar-me mesmo no...

Calou-se, vendo uma expressão divertida dançando-lhe nos olhos azuis. Ele não estava minimamente embaraçado, estava *divertido*.

– Não está chocada, espero – indagou ele cautelosamente. – Não alegou há pouco ser... *muito instruída*?

– Sim, mas... nunca, *jamaís*, alguém escreveu sobre algo *assim*.

Ele limitou-se a encolher os ombros, de olhar brilhante:

– Que sei eu? A Daisy é que é a autoridade em literatura.

– Está a troçar de mim?

– Só um pouquinho, talvez – sussurrou-lhe ele, beijando-lhe de novo o ventre.

Daisy deu por si a tagarelar nervosamente ao sentir a boca dele aflorar-lhe a anca.

– Em certos romances que li, há determinadas partes do corpo, é claro, que... – Inspirou rapidamente à sensação dos dentes dele percorrendo-lhe docemente o interior da coxa. – Mas... como é tudo descrito tão... *eufemisticamente*... cuido não ter entendido bem... oh, *por favor*, não penso que deva fazer *isso*!

– E que me diz... a *isto*?

– Isso... definitivamente *não*!

Contorceu-se para se esquivar a ele.

Mas as mãos de Matthew engancharam-se nos joelhos dela, afastando-os para lhe permitir fazer coisas... absolutamente diabólicas com a língua. Daisy não conseguiu evitar estremecer quando ele descobriu a carne sensível que há pouco afagara, e a boca dele revelava-se tão suave... tão quente e exigente, sugando e lambendo... possuindo-a com a boca até ela se ver acometida de um estranho e incontrolável latejar, levando-a a implorar-lhe que parasse – mas logrando apenas que ele a atormentasse mais e mais... lambendo, chupando, afocinhando cada vez mais fundo... Até que ela se viu tomada de um intenso arroubo que a fez gritar e chorar de puro alívio.

Um longo momento passado, Matthew ergueu-se finalmente e abraçou-a. Num ímpeto, Daisy cativou-o, enrolando pernas e braços em torno dele. E ele ali ficou, instalado entre as suas coxas abertas, tremendo pelo esforço de ser meigo. Daisy viu-se invadida de um súbito e incontrolável ensejo de o repelir, e Matthew murmurou-lhe palavras doces, tentando acalmá-la, ignorando-lhe os empurrões e cingindo-a fortemente nos braços.

Quando finalmente ela pareceu aquietada, ele ficou imóvel, tentando não a magoar. Estava tão dolorosamente duro dentro dela... e Daisy tentou absorver a estranha sensação de se ver possuída, de se ver totalmente indefesa... e ao mesmo tempo... senti-lo *completamente seu* naquele momento. Apercebeu-se de que lhe tomara o espírito e o coração, tanto quanto o corpo. Desejosa de lhe proporcionar um prazer semelhante ao que recebera, arqueou as ancas.

– Daisy... não, espere...

Mas ela ignorou-lhe a súplica, subindo e descendo as ancas, desesperada por se ver colada a ele. Matthew não conteve um grunhido e tratou de a acompanhar, baixando e elevando o torso num ritmo delicado. Esmagando a boca na dela, estremeceu violentamente pela intensidade do seu clímax.

Ficaram ambos em silêncio longos minutos depois, com Matthew estreitando-a nos braços e embalando-a de encontro ao ombro. Por fim, saiu de dentro dela lenta e cuidadosamente, e calou-a com um beijo ao ouvi-la protestar.

– Deixe que cuide de si...

Daisy não entendeu o que ele queria dizer, mas sentia-se tão exausta e enervada que optou por deixar-se ficar quieta e de olhos fechados, enquanto ele se levantava da cama. Em breve ele regressou com uma toalha húmida, passando-a suavemente pelas gotas de transpiração que afloravam o estômago e o interior das coxas dela.

Quando Matthew se deitou ao seu lado, Daisy aninhou-se nele, suspirando de prazer quando ele tratou de subir os lençóis sobre os seus corpos. Chegou-se a ele, encostando o ouvido ao suave palpar do seu coração.

Daisy achava que deveria sentir vergonha por se ter trancado no quarto dele, exigindo-lhe que a seduzisse. Mas a verdade é que se sentia... triunfante. E estranhamente insegura, como que em equilíbrio instável sobre um novo estado de intimidade que ultrapassava o meramente físico.

Queria saber *tudo* sobre ele – nunca na vida sentira uma tão *devoradora* curiosidade acerca de outra pessoa. Mas quem sabe fosse necessário um pouco de paciência – e sobretudo de tempo – até ambos poderem ajustar-se às novas circunstâncias.

Enquanto sentia o calor dos dois corpos mesclar-se sob os lençóis, Daisy viu-se acometida de uma profunda e urgente necessidade de dormir. Jamais imaginara o supremo prazer de adormecer calmamente nos braços de um homem, inalando o seu odor, envolta pela solidez do seu abraço.

– Não adormeça – ouviu-o sussurrar. – Temos de a fazer sair daqui.

– Não estou a dormir, apenas a... – Um longo e incontido bocejo interrompeu-a. – ... a descansar os olhos.

– Mas só por um minuto, sim?

As mãos dele acariciaram-lhe o cabelo, depois a suave linha das costas. E foi tudo do que ela precisou para se deixar cair numa densa e doce inconsciência.

Daisy acordou ao som do bater da chuva sobre o telhado, e sob o sopro de uma brisa pesada e húmida que entrava pela janela aberta. O tempo no Hampshire decidira arrefecer a tarde com uma chuvada espontânea e inesperada, daquelas que geralmente não duravam mais de meia hora e deixavam o solo esponjoso e perfumado.

Pestanejando, Daisy esforçou-se por identificar o ambiente pouco familiar que a rodeava: o quarto masculino... a ardente novidade de um corpo nu e musculado nas suas costas. E o sopro do fôlego de alguém no seu cabelo. Tensa e apanhada de surpresa, deixou-se ficar imóvel perguntando-se se Matthew estaria acordado. A sua respiração pareceu-lhe regular, mas aos poucos ela sentiu-lhe o braço deslizar de debaixo dela, depois os dedos acariciando-lhe o ventre.

Suavemente ele puxou-a para si e ali ficaram os dois, olhando a chuva em silêncio. Daisy tentou recordar-se de algum momento na sua vida em que se tivesse sentido tão segura e feliz. Não, decidiu. *Nada* era minimamente comparável a isto.

Sentindo-lhe o sorriso cocegar-lhe o braço, Matthew murmurou:

– Gosta da chuva...

– Sim.

Docemente, explorou com os dedos do pé a superfície velosa da perna dele, surpreendo-a a extensão dos seus gémeos.

– Há coisas que se tornam mais agradáveis quando chove. Como ler, por exemplo. Ou dormir... Ou *isto*.

– Estar na cama comigo?

O tom dele soou divertido. Daisy assentiu.

– Faz-me sentir sermos as únicas duas pessoas existentes no mundo.

Ele traçou com um dedo a aveludada linha da clavícula dela, depois o lado do pescoço.

– Eu... magoei-a, Daisy? – sussurrou-lhe.

– Bom, devo confessar que foi algo desagradável quando... – Um leve ruborizar fê-la calar-se. –

Mas... já contava que assim fosse. As minhas amigas elucidaram-me que tudo melhora significativamente depois da primeira vez.

As pontas dos seus dedos afagaram-lhe o lóbulo e a curva enrubescida da face dela. Daisy pressentiu-lhe um sorriso na voz ao ouvi-lo dizer:

– Darei o meu melhor para que isso efetivamente se verifique.

– Lamenta o que aconteceu?

– Bom Deus, não!

Levou o frágil punho dela aos lábios e abriu-lho com um beijo, levando-lhe a palma da mão aberta ao próprio rosto.

– Foi sempre tudo o mais que desejei da vida. E algo que estava certo de que jamais teria. Estou surpreso. Chocado, até. Mas arrependido *nunca*.

Daisy voltou-se para ele e aninhou-se, apertando a coxa dele entre as suas.

A chuva gerava agora uma melodia rápida e ligeira de encontro à fachada da casa, fazendo entrar alguns chuviscos pela janela aberta. Só a ideia de ter de sair da cama provocou nela um arrepio, e Matthew puxou a manta para cima, cobrindo-lhe o ombro nu.

– Daisy – perguntou por fim, sem o menor calor na voz. – Onde está o raio da chave?

– Pu-la na algibeira do seu casaco – disse ela, em tom solícito. – Não reparou? Não?... Bom, imagino que estivesse demasiado *distraído* na altura. – Passou a mão pelo peito dele, a palma aberta aflorando-lhe levemente um mamilo. – Estará sem dúvida arreliado comigo por eu nos ter trancado neste quarto...

– Furioso – acedeu ele. – Mas faço questão de que o faça todas as noites depois de casarmos.

– Ah... nós vamos casar? – sussurrou-lhe ela, erguendo a cabeça.

Ainda que de olhar caloroso, a voz de Matthew soou algo fria:

– Sim, vamos casar. Se bem que muito provavelmente ainda virá a odiar-me por isso.

– E por que razão eu haveria de... *ah!*

Daisy lembrou-se do que ele lhe dissera sobre o facto de o seu passado vir forçosamente assombrar-lhe os seus dias.

– Jamais o odiarei – disse ela. – E saiba que não temo os seus segredos, Matthew Swift. Venha o que vier, enfrentá-lo-emos juntos. Ainda que deva saber que eu considero exasperante esse seu hábito de lançar comentários dúbios e recusar-se a explicá-los.

Ele soltou uma risada que lhe fez estremecer o peito sob a mão de Daisy.

– Essa será certamente apenas uma das razões pelas quais me acha exasperante.

– Verdade. – Trepou para cima dele e arranhou-lhe suavemente o peito qual gatinha brincalhona. –

Mas agradam-me os homens exasperantes. Muito mais do que os meramente simpáticos.

Dois sulcos surgiram-lhe entre as sobrancelhas ao indagar:

– Como Llandrindon?

– Sim. Ele é sem sombra de dúvida bem mais simpático do que *o senhor*.

Com gentileza, Daisy aflorou-lhe o mamilo com a boca e passou a língua sobre o bico.

– Isto deixa-o tão... *louco* quanto me deixa a mim?

– Não. Ainda que muito aprecie o seu esforço. – Olhou-a com a cabeça de lado: – Lord Landrindon chegou alguma vez a beijá-la?

Ela assentiu lentamente, a cabeça enquadrada entre as mãos dele.

– Uma vez apenas.

Matthew sentiu a voz embargar-se-lhe pelo ciúme.

– E gostou?

– Quis muito. E esforcei-me para tal. – Cerrou os olhos e voltou a face para a palma dele. – Mas não foi *de todo* o mesmo que os seus beijos.

– Daisy... – murmurou ele, voltando-se de lado para ela de forma a mantê-la cativa entre as suas pernas. – Creia que nada fiz para que isto acontecesse, muito pelo contrário. – Os dedos dele investigaram as arestas delicadas da face dela, a curva sorridente dos seus lábios. – Mas agora até me parece impossível ter conseguido aguentar tanto tempo.

Os nervos dela, amainados que estavam, reacenderam-se sob a carícia dos dedos dele.

– Matthew... que vai suceder a seguir? Tenciona falar com o Pai?

– Ainda não. No intuito de salvaguardar pelo menos um mínimo de decoro, terei de aguardar até regressar de Bristol. Por essa altura a maioria dos hóspedes terá já partido, e a sua família ver-se-á em condições de lidar com a situação em relativa privacidade.

– O Papá ficará extático, não duvido. Mas a Mamã... vai ter um badagaio. E a Lillian...

– Vai explodir de raiva.

Daisy suspirou tristemente:

– E os meus irmãos... também não lhe têm grande apreço.

– Deveras? – disse ele, ironicamente surpreso.

Daisy olhou-o fixamente, visivelmente preocupada.

– E se acaso vier a mudar de opinião a meu respeito? E se no seu regresso me comunicar que estava enganado, que não pensa casar comigo, e...

– Não – disse Matthew afagando-lhe as ondas negras do cabelo em desalinho. – Não há como voltar atrás. Tomei-lhe a inocência, Daisy. Nem morto eu fugiria à minha responsabilidade.

Desiludida pela sua escolha de palavras, Daisy franziu a testa.

– O que foi? – perguntou ele.

– A forma como falou... a sua *responsabilidade*... como se se tratasse da *expição* por um erro terrível. Não é a coisa mais romântica de se dizer, sobretudo nas presentes circunstâncias.

– Oh... – Matthew esboçou um sorriso nervoso. – Eu não sou o mais romântico dos homens, minha querida. Por esta altura já deve ter percebido. – Inclinou-se para lhe beijar o lado do pescoço e morder-lhe a orelha. – Mas sou *responsável* por si a partir de agora. – Foi descendo, beijando-lhe o ombro. – Pela sua segurança... o seu bem-estar... o seu prazer... e eu encaro as minhas responsabilidades muito a sério.

Abocanhou-lhe os seios, sugando suavemente os bicos tesos, as mãos afastando-lhe as coxas e brincando docemente no meio delas.

Daisy não evitou soltar um gemido de prazer, e ele sorriu.

– Adoro os sons que faz... – murmurou-lhe. – Quando lhe toco assim... e assim... e a forma como grita quando atinge o clímax...

Ela sentiu-se corar. Esforçou-se por ficar calada, mas no segundo seguinte já ele lhe arrancava um novo prazeroso gemido.

– Matthew...

Sentiu encarquilharem-se os dedos dos pés à medida que ele fazia descer os lábios pelo corpo dela, coçando-lhe o umbigo.

A voz dele soou abafada pela manta que lhe cobria a cabeça:

– Sim, minha tagarela?

– Vai fazer-me... – Suprimiu um arquejo ao senti-lo afastar-lhe os joelhos. – *Aquilo...*?

– Tudo indica que sim.

– Mas nós já...

Aquela súbita estranheza de o ver determinado a fazer amor com ela duas vezes seguidas dissipou-se de imediato. Ela sentiu-o perscrutar-lhe docemente a suave linha da virilha, e o interior das coxas... e quase perdeu o tino. Aquele meigo lambe... as provocadoras investidas da sua língua... brincando com a abertura sensível e dorida do corpo dela... insinuando-se até alcançar o ponto que a fazia gemer e suspirar... oh, sim, *ai*...

Ele provocava-a com enlouquecedora delicadeza, retirando-se lentamente, para desde logo regressar com lambidas quentes e rápidas... levando-a a apertar-lhe a cabeça entre as coxas, mantendo-a ali, arquejando e estremecendo e pulsando de prazer.

Matthew elevou-a a um nível impossível de êxtase, para lá da tempestade, para lá do próprio céu... e quando finalmente ela retomou a consciência, viu-se nos braços dele, o coração descompassado aquietado pelo doce som da chuva de primavera.

Capítulo 12

Como a maior parte dos hóspedes partiria na manhã seguinte, o jantar naquela noite foi longo e elaborado. Duas mesas compridas postas com copos de cristal e faiança de Sèvres oscilavam sob a luz dos lustres e candelabros. Um exército de lacaios com fardas de cerimónia em azul, amarelo mostarda e preto com galões doirados moviam-se habilmente por entre os convidados, enchendo copos e servindo cada prato com tranquila eficiência.

Era um espetáculo magnífico. Infelizmente, Daisy nunca se sentira tão pouco interessada na comida. Lamentava não conseguir fazer jus à refeição, que incluía salmão da Escócia, assados fumegantes, lombos de veado acompanhados de salsichas e molejas, e elaborados pratos de legumes cozinhados com natas, manteiga e trufas. Como sobremesa havia bandejas de frutos de luxo: framboesas, nectarinas, cerejas, pêssegos e ananases, bem como uma quantidade *obscena* de bolos, tartes e cremes.

Daisy forçou-se a comer, rir e conversar de um modo tão natural quanto possível, mas não se revelou nada fácil. Matthew estava sentado alguns lugares afastado, do lado oposto da mesa, e de cada vez que os seus olhares se encontravam ela quase se engasgava com o que estivesse a comer.

À sua volta girava a conversa, a que ela respondia vagamente, enquanto o seu espírito permanecia fixado na memória do que acontecera poucas horas antes. Os que a conheciam bem, a irmã e as amigas, pareciam notar que ela não estava em si. Até Westcliff lhe lançara alguns olhares especulativos.

Daisy sentia-se acalorada no salão reluzente e abafado, e o sangue subia-lhe facilmente às faces. O seu corpo estava hipersensível, a roupa interior fazia-lhe comichão, o espartilho era-lhe insuportável, as ligas beliscavam-lhe as coxas. De cada vez que se mexia, havia reminiscências daquela tarde com Matthew: a zona dolorida entre as pernas, o ardor e picadas em sítios inesperados. E contudo o seu corpo ansiava por mais: pelas mãos de Matthew, pela sua boca insaciável, pela sua rijeza dentro dela...

Sentindo de novo as faces afogueadas, Daisy dedicou-se a barrar com manteiga um pouco de pão.

Lançou um olhar para Matthew que conversava com uma senhora à sua esquerda.

Ao sentir a mirada furtiva de Daisy, Matthew olhou na sua direção.

O azul profundo dos seus olhos pareceu iluminar-se e o peito moveu-se com uma inalação mais profunda. Dirigiu de novo a atenção para a sua vizinha, focando nela um interesse lisonjeiro que provocou na senhora o mais efusivo dos risos.

Daisy levou o copo de vinho aos lábios e obrigou-se a escutar com atenção a conversa à sua direita... qualquer coisa acerca de uma excursão à região dos Lagos e às Terras Altas da Escócia. Mas logo o seu pensamento regressou à sua própria situação.

Não se arrependia da sua decisão... mas não era ingénua ao ponto de acreditar que tudo seria fácil dali em diante. Pelo contrário. Havia o problema de onde iriam viver, e se Matthew a levasse de novo para Nova Iorque, ela poderia aprender a ser feliz... mesmo tão longe da irmã e das amigas. Também havia que considerar uma questão sem resposta: seria ela uma esposa adequada para um homem que se movia tão plenamente num mundo onde ela jamais encontrara modo de se ajustar? E por último, a questão não menos importante, quais eram os segredos que Matthew escondia na sua vida?

Mas Daisy recordava sobretudo a nota quente e vibrante na voz dele quando dissera: *a Daisy sempre foi tudo aquilo que eu sempre acreditei que uma mulher deveria ser.*

Matthew era o único homem que a tinha desejado tal como era. (Llandrindon não contava porque a sua paixoneta crescera depressa de mais e iria obviamente apagar-se com a mesma velocidade.)

Nesse aspeto, pensava Daisy, o seu casamento com Matthew não seria diferente do de Lillian com Lord Westcliff. Como dois seres de vontade forte e sensibilidades deveras diferentes, Lillian e Westcliff discutiam e negociavam frequentemente... o que não parecia enfraquecer o seu casamento. Pelo contrário – de facto, a sua união parecia tanto melhor por causa disso mesmo.

Considerando o casamento das suas amigas... Annabelle e Mr. Hunt viviam na harmonia de índoles semelhantes... Evie e Lord St. Vincent, com as suas naturezas opostas, eram tão necessários às respetivas existências como o dia e a noite...

Era impossível afirmar que qualquer daqueles emparelhamentos era superior aos outros.

Talvez, não obstante tudo o que ela ouvira dizer acerca do ideal de um casamento perfeito, tal coisa não existisse. Talvez cada casamento fosse uma criação única.

Era uma ideia reconfortante.

E que a enchia de esperança.

Após aquele jantar interminável, Daisy pretextou uma dor de cabeça para não ter de suportar o ritual de chá e coscuvilhice. E até nem era mentira – a combinação das luzes, ruído e tensão produzira nas suas têmporas um martelar doloroso. Com um sorriso tenso, apresentou as suas desculpas e dirigiu-se à escadaria principal.

Mas ao entrar no hall, ouviu a voz da irmã:

– Daisy? Quero falar contigo.

Daisy conhecia a irmã suficientemente bem para reconhecer a tensão na sua voz. A sua irmã mas velha era suspicaz e ansiosa e gostava de debater questões e problemas até que tudo tivesse sido exaustivamente discutido.

Mas Daisy estava demasiado cansada.

– Agora não, por favor – disse ela dirigindo à irmã um sorriso conciliador. – Isso não pode esperar?

– Não.

– Tenho uma forte dor de cabeça.

– Também eu. Mas vamos ter de falar.

Daisy encolheu os ombros, exasperada. Após toda a sua paciência para com Lillian, anos de incontestável apoio e lealdade, não lhe parecia ser de mais pedir que ela se coibisse de a apoquentar.

– Eu vou-me deitar – declarou Daisy, com um olhar firme que desafiava a irmã a discordar. – Não quero explicar coisíssima nenhuma, especialmente quando é óbvio que não tens intenção de me ouvir. Boa noite. – Ao ver o olhar magoado da irmã, acrescentou com ternura: – Adoro-te.

Pôs-se em bicos dos pés para beijar a irmã na face e dirigiu-se para a escadaria.

Lillian lutou contra a tentação de seguir Daisy pelas escadas acima. Consciente de alguém atrás de si, voltou-se e viu Annabelle e Evie, ambas com um olhar de solidariedade.

– Ela não quer falar comigo – suspirou, desalentada.

Evie, que geralmente hesitava em tocar-lhe, enfiou o braço no de Lillian.

– Va-vamos até à estufa das laranjeiras – sugeriu docemente.

Aquela estufa era de longe a área preferida de Lillian em todo o solar: as paredes consistiam em grandes janelas de vidro, o chão era um trabalho sublime de serralharia, um gradeamento que deixava passar o ar morno, aquecido em fornos lá por baixo. Limoeiros e laranjeiras enchiam a sala de um fresco aroma cítrico, enquanto andaimes sustentando plantas tropicais associavam perfumadas notas exóticas ao ambiente. Lá de fora, grandes tochas acesas enviavam sombras intrincadas por toda a sala.

As três amigas sentaram-se num pequeno grupo de cadeiras. Os ombros de Lillian descaíram ao declarar, taciturna:

– Eu penso que eles já fizeram... *aquilo*.

– Quem é que fez o quê? – quis saber Evie.

– Daisy e Mr. Swift – murmurou Annabelle, com indícios de um sorriso. – Estamos especulando sobre o facto de eles terem tido... mútuo conhecimento carnal.

– E o que nos poderá levar a pensar isso? – indagou Evie, perplexa.

– Bom, a Evie estava sentada na outra mesa, querida, por isso não lhe foi possível aperceber-se, mas durante o jantar houve... – Annabelle levantou as sobrancelhas significativamente – ... *correntezas ocultas*.

– Oh... – Evie encolheu os ombros. – Então ainda bem que eu estava na outra mesa. Nunca fui boa a interpretar esse tipo de coisas.

– Aquelas *correntezas* eram tão *óbvias* – disse Lillian com ar sofredor. – Não podiam ser mais explícitas se Mr. Swift tivesse saltado para cima da mesa e feito um anúncio.

– Mr. Swift nunca seria tão ordinário – disse Evie, convicta. – Apesar de ser americano.

O rosto de Lillian assumiu um aspeto feroz:

– Que é feito da rapariga que afirmava que «jamais poderia ser feliz com um industrial sem alma?» E a mesma que dizia que só queria que nós quatro nunca nos separássemos? C’os diabos, não acredito que a Daisy fez uma coisa destas! Estava tudo a correr tão bem com Lord Llandrindon!... Onde é que ela tinha a cabeça para dormir com o Matthew Swift?!

– Duvido que tenham dormido alguma coisa... – arriscou Annabelle com os olhos brilhantes de riso.

Lillian fulminou-a com o olhar:

– Parece impossível que tenha o mau gosto de achar graça a este tipo de coisas, Annabelle...

– A Daisy nunca esteve interessada em Lord Llandrindon – arriscou Evie, tentando evitar uma discussão. – Apenas se aproveitou dele para provocar Mr. Swift.

– Como é que sabe?! – perguntaram as duas em coro.

– Bom, eu... – Evie teve um gesto desamparado com as mãos. – Na semana pa-passada, mais ou menos inadvertidamen-mente... sugeri que ela t-tentasse fazer-lhe ciúmes. E resultou.

Lillian engoliu em seco várias vezes antes de conseguir falar:

– Nunca vi coisa mais asinina, mais disparatada, mais... mais...

– Porquê, Evie?! – perguntou Annabelle num tom mais comedido.

– Daisy e eu ouvimos Mr. Swift a fa-falar com Lord Llandrindon. Mr. Swift estava a tentar convencê-lo a fazer a cor-corte a Daisy, e depois tornou-se óbvio que Mr. Swift a queria para ele...

– Pois eu aposto que foi tudo planeado! – disse Lillian com brusquidão. – Ele terá de ter percebido, de uma maneira ou de outra, que vocês estavam a ouvir. Tratou-se tão simplesmente de um conluio sinistro e infame e vocês... caíram!

– Não me parece nada – replicou Evie. Ao ver o rosto vermelho de Lillian, perguntou, apreensiva: – Vai gritar comigo?

Lillian abanou a cabeça e mergulhou o rosto entre as mãos.

– Eu seria capaz de gritar como uma louca, se soubesse que isso faria alguma diferença – disse ela através dos dedos entrecruzados. – Mas como estou praticamente certa de que Daisy esteve intimamente ligada a esse... réptil, não há provavelmente nada que alguém possa fazer para a salvar agora.

– Quiçá ela não esteja interessada em ser salva. Já pensou nisso? – fez notar Evie.

– Só se estiver completamente louca – rosnou Lillian, exasperada.

Annabelle concordou:

– É óbvio que a Daisy se envolveu intimamente com um homem – um homem bonito, jovem, rico e inteligente que, ao que tudo indica, está enamorado dela. O que é que ela pode estar a pensar, por amor de Deus?

Sorriu compassivamente ao ouvir a resposta inconveniente de Lillian, e poisou a mão carinhosa entre as omoplatas da amiga.

– Querida – murmurou –, como sabe, tempos houve em que para mim não era importante casar com um homem que eu amasse, ou não... a mim bastava-me conseguir tirar a minha família da situação desesperada em que se via envolvida. Mas quando pensei no que seria partilhar a cama com o meu marido... passar com ele o resto dos meus dias... percebi que Simon era a única escolha possível.

Calou-se e subitamente brilharam lágrimas nos seus olhos: a linda Annabelle, sempre senhora de si, que raramente chorava... Suspirou antes de prosseguir, de voz embargada:

– Quando estou doente, quando estou assustada, quando preciso de algo, seja o que for... sei que ele há de mover céus e terra para que tudo fique bem. Confio nele com todas as fibras do meu ser... E quando olho para a criança que criámos, vendo-nos, eu e ele, misturados nela para sempre... bom Deus, como me sinto grata por ter casado com Simon! Todas nós pudemos escolher os nossos maridos, Lillian. Deve conceder a Daisy a mesma liberdade.

Lillian, irritada, sacudiu a cabeça.

– Matthew Swift não é do mesmo calibre que os nossos maridos. Nem sequer da mesma cepa que Lord St. Vincent – que pode ter sido um malandro, um devasso mulherengo, mas pelo menos tem coração. – Calou-se um instante e depois murmurou: – Não queria ofendê-la, Evie.

– Não tem importância – disse a ruivinha com lábios trémulos, como que a tentar suprimir uma risada.

– A questão – inquietava-se Lillian –, é que não posso estar mais de acordo com que a Daisy tenha liberdade de escolha, contanto que não faça a escolha errada.

– Querida – começou Annabelle, numa tentativa cuidada de corrigir o seu erro de lógica; mas Evie interrompeu-a suavemente: – Eu pen-penso que a Daisy tem o direito de co-cometer um erro. E a nós, como amigas, resta-nos mostrarmo-nos disponíveis para a ajudar caso ela nos peça.

– E como é que poderemos ajudá-la se ela acabar na *porcaria* de Nova Iorque, não me dirá? – retorquiu Lillian.

Evie e Annabelle deixaram de ter argumentos para discussão depois daquilo. Tacitamente acordaram que havia determinados problemas que não se podiam resolver com meras palavras – e determinados receios impossíveis de apaziguar. E fizeram o que as amigas fazem, esgotadas todas as alternativas: sentaram-se junto de Lillian num apoio silencioso... deixando-a perceber que estavam lá para ela.

Um banho quente ajudou consideravelmente a apaziguar a terrível tensão no corpo de Daisy, e aos

poucos acalmar-lhe os nervos. Ela deixou-se ficar imersa na água fumegante até se sentir latejante, sufocada de calor, e ver dissipada a dor de cabeça. Retemperada, saiu da banheira e enfiou-se numa simples camisa de noite de cambraia branca. Acabava de escovar o cabelo quando duas criadas entraram no quarto para esvaziar e levar a banheira.

Passou calma e lentamente as cerdas pelo longo cabelo até os caracóis formarem um sedoso e brilhante rio de ébano. Olhou a porta entreaberta da varanda do seu quarto, admirando o céu sem estrelas, da cor de ameixas pretas.

Pensativa, ouviu o clique da porta do quarto atrás de si. Pensando tratar-se de uma das criadas regressando para levar uma toalha esquecida ou algo assim, nem sequer virou a cabeça.

De súbito sentiu um leve toque no ombro, seguido do calor de uma mão grande e forte deslizando pelo seu colo. Sobressaltada, levantou-se e viu-se docemente puxada para um corpo firmemente masculino.

A voz cava de Matthew cocegu-lhe o ouvido:

– Em que estava a pensar?

– Em si, é claro...

Daisy repousou a face no ombro dele, afagando com os dedos a superfície velosa do seu antebraço, até ao rebordo da manga arregaçada da camisa. O olhar dela recaiu de novo na vista lá de fora.

– Este quarto pertenceu outrora a uma das irmãs do conde – disse. – Contaram-me que o amante dela – um moço de estrebaria, mais concretamente – costumava trepar até à varanda para a visitar. Exatamente como Romeu.

– Espero que a recompensa tenha valido o risco – disse ele.

– O Matthew arriscar-se-ia a tanto por mim?

– Se fosse a única forma de poder estar consigo. Mas não faz muito sentido escalar dois andares até uma varanda, havendo uma porta disponível.

– Usar a porta não é nem de perto nem de longe tão romântico...

– E partir o pescoço tão-pouco.

– Mas que pragmático – observou ela com um risinho, voltando-se de novo para ele.

As roupas de Matthew cheiravam ao ar fresco da noite, bem como ao odor levemente acre do tabaco. Certamente teria estado no terraço das traseiras após o jantar, fumando e conversando com os outros cavalheiros. Cingindo-o mais fortemente nos seus braços, ela inspirou a fragrância a goma da camisa dele, o aroma a lavado da sua pele, que lhe era já tão familiar.

– Adoro o seu cheiro – murmurou-lhe, de olhos cerrados. – Poderia entrar de olhos vendados numa sala apinhada de centenas de homens... e desde logo o descobriria.

– Isso é outro jogo de salão? – brincou ele, fazendo-a rir.

Daisy pegou-lhe na mão e levou-o em direção à cama.

– Venha deitar-se comigo.

Resistindo-lhe, Matthew abanou a cabeça:

– Não posso demorar. Westcliff e eu partimos aos primeiros raios da madrugada. – O seu olhar faminto percorreu-lhe a camisa de noite enxovalhada. – E se nos aproximarmos daquela cama, não poderei evitar fazer amor consigo.

– E de bom grado eu acolheria essa ideia... – disse Daisy timidamente.

Ele puxou-a para os seus braços abraçando-a ternamente.

– Não tão próximo da sua primeira vez... Precisa de descansar.

– Então... que razão o trouxe aqui?

Daisy sentiu a face dele esfregar-se suavemente na sua nuca. Mesmo depois de tudo o que acontecera entre eles, ainda lhe parecia impossível que Matthew Swift a abraçasse tão docemente.

– Quis apenas desejar-lhe uma boa noite – murmurou ele. – E dizer-lhe que...

Inquisitiva, Daisy ergueu o olhar para ele e Matthew roubou-lhe um beijo, como se não conseguisse evitá-lo.

– ... não precisa de recear que eu venha a mudar de ideias em relação a casar consigo – disse ele.

– Aliás... terá, isso sim, a maior dificuldade em livrar-se de mim a partir de agora.

– Sim – disse Daisy sorrindo-lhe com ternura. – Sei bem quão *confiável* é.

Forçando-se a deixá-la, Matthew dirigiu-se relutantemente para a porta.

Abriu-a cautelosamente e olhou um e outro lado do corredor, certificando-se de que não passava ninguém.

– Matthew... – murmurou ela.

Ele olhou-a por cima do ombro:

– Sim?

– Volte depressa para mim.

O que quer que ele tenha visto no rosto dela fez os seus olhos azuis cintilarem no ambiente envolto em mistério e sombras. Dirigiu-lhe um breve aceno e saiu... enquanto ainda lhe era possível.

Capítulo 13

Matthew rapidamente descobriu que visitar Bristol com Lord Westcliff era de longe *um outro assunto* do que ficar na cidade portuária sozinho. De início ele planeava instalar-se numa estalagem situada no centro, mas com Westcliff como companheiro, viu-se instalado como residente temporário na casa de uma abastada família de armadores. Adicionalmente, apercebeu-se de que lhes fora feito um interminável rol de convites por parte das famílias mais ricas da cidade para que se instalassem em suas casas – todas elas mais do que dispostas a acolher o conde com toda a pompa e circunstância.

Toda a gente era amiga de Westcliff, ou gostaria de sê-lo. Era esse o poder de um nome ancestralmente aristocrático. Mas, verdade seja dita, era muito mais do que um nome e título nobiliárquico aquilo que inspirava um tal entusiasmo pelo Conde de Westcliff... Politicamente, era tido como um progressista, já para não falar do seu lendário talento para os negócios, ambos os predicados fazendo dele um homem extremamente admirado e requisitado pela sociedade de Bristol.

A cidade, ultrapassada apenas por Londres no que toca ao volume do comércio, atravessava uma fase explosiva de desenvolvimento. À medida que as zonas comerciais se expandiam – e as antigas muralhas históricas se iam dismantelando –, trilhos e caminhos estreitos viam-se subitamente alargados, dando lugar a amplas estradas e vias públicas que brotavam como cogumelos, quase diariamente. Mais importante, fora recentemente inaugurado ao longo do porto um moderno sistema ferroviário que ligava a estação de Temple Mead à zona das docas e, como resultado, não havia na Europa um melhor paraíso para se estabelecer um negócio no ramo industrial.

Matthew vira-se forçado a admitir a Westcliff que a presença dele em muito contribuíra para que as reuniões e os negócios decorressem mais céleres e bem-sucedidos. O nome *Westcliff* não se limitava a abrir portas – inspirava as pessoas a oferecerem o edifício inteiro! E, acima de tudo, Matthew rapidamente se apercebeu de que tinha muito a aprender com o conde, que se revelava uma verdadeira *enciclopédia ambulante* no que dizia respeito à indústria e aos negócios em geral.

Quando o assunto em debate era a indústria de locomotivas, por exemplo, o conde não só se

mostrava versado nos princípios básicos do design e da engenharia, como conseguia facilmente enumerar as dezenas de diferentes espécies de parafusos utilizados nas suas mais recentes locomotivas de bitola larga.

Modéstia à parte, Matthew nunca conhecera outro homem que rivalizasse com a sua própria capacidade de entender e reter vastas quantidades de conhecimento técnico. A não ser Westcliff. O que gerava conversas vívidas e interessantíssimas, nem que fosse apenas para os dois. Qualquer outra alma de Deus que se aventurasse a fazer parte da discussão ver-se-ia fatalmente ressonando ao cabo de cinco minutos...

Pela parte que lhe tocava, Matthew embarcara na estadia de uma semana em Bristol com um duplo propósito: oficialmente, para atingir determinados objetivos de negócio, mas a versão não oficial resumia-se a *o que fazer de Matthew Swift*.

Para Marcus revelara-se extremamente difícil separar-se de Lillian. Ele tinha vindo a descobrir que se as questões da puericultura e infância eram perfeitamente banais quando implicavam os outros, tornavam-se monumentalmente importantes quando se viam envolvidas a sua própria mulher e filha. Tudo na sua bebé o fascinava: os padrões do sono e do acordar, o primeiro banho, o modo como encarquilhava os dedinhos dos pés, a visão dela a mamar no peito de Lillian...

Ainda que não fosse inédito uma senhora de classe superior amamentar o filho ao peito, o mais comum era contratar-se uma ama de leite para esse fim. No entanto, Lillian mudara drasticamente de ideias no segundo em que Merrit viera ao mundo. «Ela prefere-me a mim», dissera a Marcus. E ele nem ousara argumentar que a bebé dificilmente teria algo a dizer sobre esse assunto e que resultaria igualmente satisfeita com uma ama de leite.

O pânico sentido por Marcus de que sua mulher pudesse vir a sucumbir de sepsia puerperal foi-se desvanecendo dia após dia, à medida que Lillian regressava ao seu estado natural: saudável, magra e vigorosa. O seu alívio foi monumental. Marcus jamais experimentara um amor tão esmagador por uma pessoa, e tão-pouco esperara que Lillian se tornasse tão rapidamente o requisito mais primordial para a sua felicidade. Tudo aquilo que lhe fosse humanamente possível fazer por ela seria feito. E perante a angústia e preocupação manifestadas por Lillian pela sua irmã mais nova, o conde decidira-se a obter determinadas conclusões definitivas em relação a Matthew Swift.

Ao longo da reunião com os representantes da Great Western Railway, a que se juntaram o mestre-de-doca e uma série de conselheiros e administradores, Marcus viu Swift subir vários pontos na sua consideração: até agora ele apenas o vira interagir com os convidados endinheirados de Stony Cross, mas tornou-se desde logo aparente que o jovem lograva relacionar-se admiravelmente com um vasto leque de pessoas, dos mais velhos aristocratas aos mais jovens e enérgicos estivadores. Quando se tratava de negociar, Swift revelava-se agressivo – sem nunca deixar de ser cavalheiro. Era calmo, firme e sensível, mas também dono de um apurado sentido de humor que fazia questão de utilizar em seu proveito.

Marcus conseguia facilmente perceber a influência de Thomas Bowman na tenacidade de

Matthew, bem como na determinação em fazer prevalecer a sua opinião. Mas ao contrário de Bowman, o jovem demonstrava uma confiança e uma presença natural notáveis, a que os outros intuitivamente reagiam. Swift iria safar-se muito bem em Bristol, concluía o conde. Era o ambiente ideal para um jovem ambicioso, oferecendo tantas, se não mais oportunidades do que Londres.

Agora... até que ponto Matthew Swift era adequado a Daisy... bom, isso já era bem mais ambíguo. Marcus detestava fazer juízos de valor no tocante a assuntos dessa natureza, tendo aprendido por experiência própria de que não era infalível. A sua oposição inicial ao enlace de Annabelle com Simon Hunt era a prova viva disso mesmo. Mas inevitavelmente... *havia* que fazer juízos. Daisy merecia um marido à altura.

Após o encontro com os representantes da ferrovia, Marcus e Swift percorreram a pé a Corn Street, ao longo de um mercado coberto, onde se alinhavam dezenas de bancas de fruta e vegetais. Recentemente o pavimento fora elevado de forma a proteger os pedestres dos salpicos de lama e do lixo das ruas. Viam-se lojas de ambos os lados, vendendo artigos dos mais variados, como livros, artigos de toilette e peças de vidro feitas do arenito local.

Parando em frente a uma taberna, os dois homens decidiram-se a entrar para uma refeição ligeira. O espaço estava apinhado de homens dos mais diferentes géneros, desde o comerciante mais abastado ao mais humilde operário de estaleiro.

Curiosamente descontraído naquele ambiente estridente, Marcus levou aos lábios a sua caneca de cerveja preta, típica de Bristol. Fresca e amarga, escorregou-lhe rapidamente pela garganta, deixando um ressaibo adocicado.

Enquanto Marcus considerava as várias maneiras de abordar o assunto *Daisy*, Swift surpreendeu-o com uma declaração explosiva:

– *My lord*, há algo que gostaria de discutir consigo.

Marcus assumiu a sua melhor expressão encorajadora, dizendo:

– Sou todo ouvidos.

– Bom... Aconteceu que Miss Bowman e eu chegámos a um... acordo. Consideradas as vantagens mais óbvias de ambos os lados, tomei a pragmática e sensata decisão de...

– Há quanto tempo está apaixonado por ela? – interrompeu-o Marcus, secretamente divertido.

Swift deixou escapar um suspiro tenso:

– Há anos – admitiu, passando a mão pelo cabelo curto e espesso e deixando-o todo em pé. – Mas só bem recentemente entendi do que se tratava.

– E a minha cunhada corresponde-lhe?

– Creio que sim... – Swift interrompeu-se e deu um gole na sua cerveja. Pareceu juvenil e perturbado ao admitir: – Mas não estou certo de que... Enfim, quem sabe a seu tempo... oh, diabos!

– Em minha opinião, não lhe será difícil conquistar o afeto de Daisy – disse Marcus num tom mais gentil que o planeado. – Do que me foi dado a observar, parece-me uma união perfeita, e para ambas as partes.

Swift olhou para ele com um sorriso irónico:

– Não pensa que ela ficaria melhor com um *gentleman rural* com veia de poeta?

– Cuido que isso seria desastroso. Tudo o que Daisy menos precisa é de um marido tão... *pouco mundano* quanto ela.

Levando a mão à base de madeira onde repousavam alguns petiscos, Marcus escolheu um pedaço de queijo Wensleydale que enfiou entre duas fatias de pão. Olhou especulativamente para Swift, perguntando-se por que razão o jovem parecia tão desagradado com a situação. A maioria dos homens que Marcus conhecia exibiria um muito maior entusiasmo perante a ideia de desposarem a mulher que amavam...

– Bowman ficará bem agradado com a ideia – observou o conde, observando atentamente a reação de Swift.

– Agradar-lhe nunca fez parte desta equação. E qualquer comentário em contrário constitui um grave subestimar de tudo aquilo que Miss Bowman tem para oferecer.

– Não precisa de saltar em defesa dela, meu caro – retorquiu Marcus em tom amistoso. – A Daisy é uma criaturinha adorável, para não dizer belíssima. Tivesse ela um pouco mais de confiança – e bastante menos sensibilidade – já teria aprendido por esta altura como atrair *de olhos fechados* o sexo oposto. Mas, justiça lhe seja feita, ela não tem o temperamento necessário para encarar o amor como um jogo. E poucos homens têm a sagacidade e inteligência suficientes para apreciar a sinceridade numa mulher.

– Eu tenho – afirmou Matthew secamente.

– Afigura-se-me que sim, de facto.

Marcus sentiu um rasgo de simpatia e solidariedade pelo dilema que o jovem sentado à sua frente parecia enfrentar. Como homem sensível e manifestamente avesso ao melodrama, era no mínimo embaraçoso para Swift descobrir-se atingido pela seta do Cupido.

– Ainda que não tenha pedido o meu apoio para o enlace, saiba que pode contar com ele.

– Mesmo que Lady Westcliff se oponha?

À simples menção do nome da mulher, Westcliff sentiu um aperto no peito. Sentia muito mais a falta dela do que alguma vez esperara.

– Lady Westcliff – respondeu ele secamente – irá certamente reconciliar-se com o facto de alguma vez, por remota que seja, as coisas poderem não acontecer como ela gostaria. E se ao longo do tempo o senhor se provar um bom marido para Daisy, a irmã vai acabar, sem dúvida, por mudar de opinião. Para além de inteligente, é uma mulher imparcial.

Mas Swift continuava preocupado.

– *My lord...*

As mãos dele cravaram-se nervosamente nas pegadas da tábua de madeira e ele dedicou-se a olhá-la fixamente, parecendo incapaz de prosseguir.

Vendo-lhe o rosto ensombrado pela angústia, Marcus parou de mastigar. O seu instinto dizia-lhe

que algo de muito errado se passava. *Raios!* pensou, *Será que nada que envolva os Bowman consegue ser simples?*

– O que diria de um homem que assentou toda a sua vida numa mentira... e ainda assim essa vida logrou tornar-se mais digna do que jamais a outra, a verdadeira, conseguiria ser?

Marcus acabou de mastigar e engoliu com esforço, perdendo mais alguns segundos num longo gole de cerveja.

– Mas... tudo está dependente de uma falsidade? – perguntou finalmente.

– Sim.

– E esse homem... roubou a alguém o que lhe era de legítimo direito? Causou de alguma forma danos físicos ou emocionais a outrem?

– Não – disse Swift, olhando-o diretamente nos olhos. – Mas envolveu-se em alguns problemas de ordem legal.

Aquilo representou um certo alívio para Marcus. A sua experiência de vida provaria-lhe que mesmo o melhor dos homens não podia ocasionalmente evitar um problema legal de qualquer ordem. Talvez Swift se tivesse deixado levar por algum negócio duvidoso, ou ter-se envolvido em quaisquer indiscrições de juventude que se provariam vergonhosas se trazidas à luz, tantos anos depois...

Naturalmente, Marcus não encarava as questões de honra de ânimo leve, e notícias de sarilhos legais do passado era algo que ninguém gostaria de ouvir acerca de um putativo cunhado. Mas por outro lado, Swift aparentava ser um homem bem formado e de forte carácter. E Marcus descobrira nele muitas coisas dignas de agrado.

– Assim sendo, temo ter de voltar atrás com a minha oferta de apoio – disse o conde cautelosamente. – Pelo menos até ficar ao corrente de todos os pormenores desta história. Há algo mais que possa contar-me?

Swift abanou a cabeça pesarosamente.

– Lamento. Meu Deus, oxalá pudesse.

– Nem mesmo com a minha palavra de honra de que não trairei a sua confiança?

– Não – murmurou o jovem. – E mais uma vez, lamento muito.

Marcus suspirou profundamente e recostou-se na cadeira.

– Malogradamente... não posso resolver ou sequer mitigar um problema não fazendo ideia de que raio se trata. Por outro lado, acredito que toda a gente merece uma segunda oportunidade. Dito isto... exijo a sua palavra noutra questão.

Swift ergueu a cabeça para ele, os olhos azuis profundamente entristecidos:

– Sim, *my lord*?

– Porá Daisy a par de tudo antes de casar com ela. Vai contar-lhe tudo o que há para ser contado, e deixá-la decidir se quer ou não seguir em frente. *Não fará dela sua mulher* sem a confrontar com a verdade nua e crua.

Swift nem pestanejou:

– Tem a minha palavra.

– Ótimo.

Marcus fez sinal ao taberneiro para que se aproximasse da mesa. Depois disto precisava decididamente de algo mais forte do que cerveja preta.

Capítulo 14

Com a partida de Westcliff e Matthew Swift para Bristol, a propriedade revelava-se anormalmente calma. Para alívio de Lillian e de Daisy, Westcliff havia sugerido que os pais delas acompanhassem uma família vizinha numa excursão até Stratford-on-Avon. Por ocasião do 280º aniversário de Shakespeare, iriam assistir a um festival de uma semana de banquetes, peças de teatro, conferências e eventos musicais em honra do Poeta. Precisamente *como* é que Westcliff conseguira aguilhoar os Bowman para essa sortida era um mistério para Daisy.

– Os nossos pais não podiam estar *menos* interessados no Poeta – comentou Daisy para Lillian logo que a carruagem com os pais desapareceu no horizonte. – E não posso acreditar que o Pai tenha preferido ir a um festival, em vez de ir a Bristol.

– Westcliff não tinha a mínima intenção de que o Pai fosse com eles – disse Lillian com um sorriso retorcido.

– Porquê? Ao fim e ao cabo, o negócio é do Pai.

– Pois sim, mas quando se trata de negociar, o Pai é demasiado rude para o gosto dos britânicos e torna mais difícil chegar-se a um entendimento. Foi por isso que Westcliff organizou a viagem a Stratford com tanta prontidão que o pai não teve hipótese de objetar. E quando Westcliff informou a Mãe – por acaso, claro... – acerca de todas as famílias nobres com quem ela se cruzaria no Festival, o Pai não teve hipótese de escapar.

– Penso que Westcliff e Mr. Swift se hão de safar bem em Bristol – disse Daisy.

A expressão de Lillian tornou-se subitamente mais circunspecta.

– Sem a menor dúvida.

Daisy já tinha reparado que, sem as amigas a servirem de amortecedor, Lillian e ela tinham-se entregado ultimamente a um modo de comunicação excessivamente cauteloso. E ela detestava aquilo. Tinham sido sempre tão livres e abertas uma com a outra! Mas de repente pareciam ambas empenhadas em evitar certos assuntos, como se tentassem esconder um elefante numa saleta. Uma manada de elefantes, para dizer a verdade.

Lillian não perguntara a Daisy se ela se entregara a Matthew Swift. Melhor dizendo, Lillian parecia pouco inclinada a falar de Matthew. Tão-pouco perguntara por que razão a relação promissora com Lord Llandrindon se tinha evaporado ou por que Daisy não parecia interessada em ir para Londres para participar no fim da temporada social de eventos.

Daisy também não desejava discutir nenhum desses assuntos. Apesar das declarações tranquilizantes de Matthew antes de partir, ela sentia-se agitada e inquieta, e a última coisa que ela desejava era envolver-se numa discussão com a irmã.

E assim ambas concentraram-se em Merritt, fazendo turnos para a ter nos braços, para a vestir e para lhe dar banho, como se de uma boneca se tratasse. Embora houvesse duas amas a tempo inteiro para cuidar da bebé, Lillian demonstrara relutância em lhas confiar. A verdade é que *adorava* estar com a criança.

Antes de partir, Mercedes recomendara que não habituassem a bebé a estar muito tempo ao colo.

– Vais estragá-la, criar-lhe maus hábitos – dissera ela a Lillian. – E depois ninguém vai ser capaz de a deitar no berço.

Lillian respondera que não havia falta de braços em Stony Cross Manor e que Merritt andaria ao colo tanto tempo quanto desejasse.

– Quero que a infância dela seja diferente da nossa – dissera Lillian a Daisy, enquanto empurravam o carrinho de bebé num passeio pelo jardim. – As únicas recordações que eu tenho dos nossos pais são ver a Mãe a vestir-se para uma festa ou sermos levadas ao escritório do Pai para confessar a nossa última travessura. E de sermos postas de castigo, claro...

– Lembras-te – disse Daisy com um sorriso –, como a Mãe se punha a gritar, quando andávamos de patins nos passeios e fazíamos cair as pessoas?

– Exceto quando se tratava dos Astor, nesse caso não fazia mal – casquinou Lillian.

– E quando os gémeos plantaram aquele jardimzito e nós desenterrámos as batatas todas antes que estivessem maduras?

– E ir pescar a Long Island... e apanhar caranguejos...

– E jogar *rounders*...

Aquela sessãozinha de “lembras-te de quando” encheu de gozo as irmãs.

– Quem havia de dizer – disse Daisy com um sorriso –, que acabarias por te casar com um nobre britânico e eu... seria uma solteirona?

– Não digas disparates – disse Lillian. – Tu, obviamente, não vais ficar solteira.

E aquilo foi o mais próximo que ficaram de discutir a relação de Daisy com Matthew Swift. Contudo, considerando irregular o comedimento de Lillian, Daisy percebeu que a irmã queria a todo o custo evitar uma discussão com ela. E se isso significava ter de incluir Matthew Swift na família, Lillian faria o possível por tolerá-lo. Sabendo quão difícil era para a irmã reprimir as suas opiniões, Daisy sentiu um impulso de a abraçar. Mas, ao invés, avançou para agarrar as pegadas do carrinho de bebé.

– É a minha vez de empurrar – disse ela.

E continuaram a passear.

Daisy retomou as suas reminiscências:

– E lembrás-te de quando virámos a canoa no lago?

– Com a nossa precetora lá dentro! – acrescentou Lillian. E riram-se ambas.

Os Bowman foram os primeiros a regressar no sábado. Como seria de esperar, o festival shakespeariano havia sido uma rematada tortura para Thomas.

– Onde anda o Swift? – perguntou ele, mal entrou em casa. – E onde está o Westcliff? Quero um relatório das negociações.

– Ainda não chegaram – disse Lillian encontrando-se com ele no átrio de entrada. E, encarando o pai com um olhar brandamente cáustico: – E não quer perguntar como é que eu estou, Papá? Não quer saber como vai a bebé?

– Vejo perfeitamente com os meus próprios olhos que estás bem – replicou Bowman. – E calculo que a bebé também esteja bem, de contrário já me terias informado. Quando é que Swift e Westcliff são esperados?

Lillian levantou os olhos ao céu.

– De um momento para o outro.

Mas aparentemente os viajantes tinham deparado com um contratempo, provavelmente como resultado das dificuldades de deslocação na primavera. O tempo era imprevisível, as estradas muitas vezes intransitáveis e os cavalos sujeitos a atolarem-se na lama.

Como a tarde avançasse e ainda não houvesse sinal de Westcliff e Matthew, Lillian declarou que seria melhor que jantassem, para não aborrecer a cozinheira.

Aquele jantar não era de cerimónia, alargado apenas aos Bowman e a duas famílias locais, incluindo o Pastor e a sua esposa. A meio da refeição, o mordomo entrou na sala de jantar e murmurou qualquer coisa ao ouvido de Lillian. Ela sorriu, corando, com os olhos brilhantes, ao informar os convivas que Westcliff chegara e em breve se lhes juntaria.

Daisy manteve uma expressão calma, como se tivesse uma máscara afixada no rosto. Mas por baixo era uma expectativa tumultuosa que lhe corria nas veias. Vendo que os talheres lhe tremiam nas mãos, poisou-os e colocou as mãos no regaço. Seguiu a conversa apenas com uma parte do espírito; a outra parte estava fixada na porta.

Quando os dois homens finalmente surgiram na sala, após se terem lavado e mudado a roupa de viagem, o coração de Daisy batia tão depressa que não lhe permitia respirar fundo.

O olhar de Matthew varreu toda a mesa e fez uma vénia, tal como Westcliff. Ambos pareciam recompostos e frescos após a viagem. Pareciam ter estado ausentes por sete minutos, em vez de sete dias.

Antes de se dirigir ao seu lugar no topo da mesa, Westcliff aproximou-se de Lillian. Como ele

não era dado a demonstrações de afeto em público, toda a gente, incluindo Lillian, ficou espantada quando ele lhe tomou a cara entre as mãos e a beijou em cheio na boca. Ela corou e murmurou qualquer coisa, referindo-se ao facto de o Pastor estar presente, o que fez rir Westcliff.

Entretanto Matthew tomou o lugar vazio ao lado de Daisy.

– Miss Bowman... – murmurou ele.

Daisy não conseguiu dizer palavra. Levantou o olhar para os olhos sorridentes dele e sentiu uma emoção que brotava dela como de uma fonte de calor. Obrigou-se a desviar os olhos antes que fizesse uma tolice qualquer. Mas permaneceu intensamente consciente do corpo dele ao lado do seu.

Westcliff e Matthew divertiram o grupo com o relato de como a carruagem deles tinha ficado presa na lama. Felizmente tinham sido salvos por um fazendeiro que passava numa carroça puxada a bois, mas durante o processo de libertação do veículo, todos os participantes haviam ficado cobertos de lama dos pés à cabeça. E aparentemente aquele episódio tinha levado o boi a um estado de espírito bastante desagradável. No final da história toda a gente à mesa se fartava de rir.

A conversa depois enveredou pelo assunto do Festival de Shakespeare e Thomas Bowman alargou-se no relato da visita a Stratford-on-Avon. Matthew fez uma pergunta ou duas, parecendo totalmente imerso na conversa.

Subitamente, Daisy foi sobressaltada ao sentir a mão deslizar para o seu colo por baixo da mesa. Os seus dedos fecharam-se sobre os dela num aperto suave. Entretanto, ele ia tomando parte na conversa, falando e sorrindo com naturalidade. Daisy pegou no seu copo de vinho com a mão livre e levou-o aos lábios. Bebeu um gole, depois outro, e quase se engasgou ao sentir Matthew brincando levemente com os seus dedos por baixo da mesa. Sensações que há uma semana se vinham mantendo em repouso subitamente acordaram para uma vida vibrante.

Ainda sem a olhar, Matthew fez escorregar docemente qualquer coisa pelo seu dedo anelar, a todo o comprimento, até à base. A seguir restituiu a mão dela ao colo, no momento em que um criado lhes enchia de novo os copos. Daisy baixou os olhos para a sua mão, pestanejando à vista de uma resplandecente safira amarela rodeada de pequenos diamantes. Parecia tal e qual uma flor de pétalas brancas. Fechou os dedos com força e desviou o rosto para disfarçar o prazer que a fez corar.

– Agrada-lhe? – murmurou Matthew.

– Oh, sim, sim...!

E foi tudo o que se disseram um ao outro durante o jantar. E ainda bem. Havia demasiadas coisas para dizer, todas exclusivamente privadas. Daisy preparou-se para os longos rituais do costume depois do jantar, consistindo em Porto ou chá, mas ficou agradavelmente surpreendida ao ver que toda a gente, incluindo o seu pai, estava inclinada a retirar-se cedo. Logo que se tornou nítido que o velho Pastor e a sua esposa estavam prontos para voltar para casa, o grupo dispersou-se sem mais demora.

Ao retirar-se com Daisy da sala de jantar, Matthew murmurou:

– Vou ter de trepar pela parede exterior esta noite ou vai deixar encostada a porta do seu quarto?

– A porta – respondeu Daisy sucintamente.

– Graças a Deus!

Cerca de uma hora depois, Matthew experimentou cautelosamente o puxador da porta do quarto de Daisy e esgueirou-se lá para dentro. O quatinho estava iluminado por uma luz de cabeceira, cuja chama dançava na brisa que vinha da janela.

Daisy estava sentada na cama a ler. O seu cabelo estava cuidadosamente preso atrás numa trança que lhe passava por cima do ombro. Vestia uma pudica camisa-de-noite branca, com um intrincado bordado de ninhos-de-abelha à frente – e parecia tão pura e inocente que Matthew sentiu-se à beira de cometer um crime por ir até ela com o desejo correndo em vagas ardentes por todo o corpo. Mas quando ela desviou as atenções do livro, aqueles olhos escuros atraíram-no irresistivelmente para mais perto.

Daisy pôs o livro de lado, deixando que a luz iluminasse o seu perfil. A pele dela parecia fresca e perfeita como marfim polido. E ele desejou aquecê-la com as mãos.

A boca de Daisy curvou-se para cima como se ela lhe tivesse adivinhado os pensamentos. A safira amarela brilhou-lhe na mão quando ela abriu a cama, afastando a roupa. Matthew ficou momentaneamente surpreso pela sua própria reação àquele gesto, sinal de possessividade primordial. Lentamente obedeceu àquele convite para entrar na cama.

Sentou-se na borda do colchão com os nervos em franja, enquanto Daisy subia as fraldas da camisa de noite e deslizava para o colo dele com a delicadeza de um gato. Aquele doce perfume de mulher encheu-lhe as narinas e o peso dela aninhou-se sobre as suas coxas. Deitando-lhe ao pescoço os braços delicados, ela disse gravemente:

– Tive saudades suas.

Com as palmas das mãos ele desenhava a forma do corpo dela, as curvas suaves, a cintura fina, as nádegas firmes em forma de coração. Mas por mais irresistíveis que ele achasse os encantos físicos de Daisy, naquele momento eles não o afetaram tanto como a inteligência viva e calorosa da sua natureza.

– Eu também tive saudades suas.

Daisy meteu-lhe os dedos pelos cabelos e aquele toque tão delicioso enviou-lhe choques de prazer da base do seu crânio até à raiz do corpo. A voz dela tornou-se provocante:

– Conheceu muitas mulheres em Bristol? Lord Westcliff contou uma história qualquer acerca de um jantar... e a *soirée* que se seguiu dada pelo dono da casa.

– Não me lembro de mulher alguma. – Matthew mal conseguia pensar, dominado pelo desejo que o contorcia. – A Daisy é a única que eu sempre desejei.

Ela tocou o nariz dele com a ponta do seu, numa carícia subtil.

– Mas não foi propriamente um celibatário, no passado.

– Não – admitiu ele, fechando os olhos ao sentir contra a pele a carícia do hálito dela. – É um sentimento tremendo de solidão desejar que fosse outra a mulher que se tem nos braços. Pouco antes

de sair de Nova Iorque descobri que todas as mulheres com quem eu tinha estado nos últimos sete anos eram parecidas consigo, de uma maneira ou de outra. Uma tinha os seus olhos, outra as suas mãos ou o seu cabelo... Pensei que ia levar o resto dos meus dias à procura de pequenas lembranças de si. Pensei...

A boca dela colou-se à dele, absorvendo aquela crua confissão. Os lábios entreabriram-se e ele não precisou de outro convite para a beijar, o doce ingresso da língua dele na boca dela foi-se aprofundando lentamente até tê-la tomado por completo. As formas macias dos seus seios roçavam o peito dele a cada respiração.

Ele deitou-a para trás, agarrando a bainha da camisa e puxando-a para cima. Ela ajudou-o a tirá-la, contorcendo-se um pouco para a puxar pela cabeça. A graciosidade daquele movimento enviou como que fogo através das veias já sobreaquecidas de Matthew. Ali estava Daisy nua perante si, aquele rubor espalhando-se pelo corpo todo e revestido pelo bruxulear da luz da vela, os braços apertados pudicamente ao longo do corpo... Ele não conseguiu tirar os olhos dela enquanto arrancava de si toda a sua roupa.

Estendendo-se ao longo dela, Matthew empenhou-se em libertar Daisy da sua timidez. Acariciou-lhe os ombros, a garganta, a asa vulnerável das clavículas. Gradualmente, o calor da sua pele transferiu-se para a de Daisy e a carne dela pareceu inflamar-se sob aquela carícia paciente. Arquejando, ela enrolou o corpo à volta do dele e ele calou-a com a boca murmurando que as janelas estavam abertas e ela não podia fazer barulho.

A boca dele sulcou lentamente caminho até aos seios dela, apoderando-se dos brandos mamilos que logo endureceram ao serem sugados. Ao ouvir os sons constrangidos que partiam dela, ele sorriu e rodeou insistentemente o mamilo com a língua. Brincou com ela até a sentir apertar a própria boca com a mão, arquejante.

Por fim Daisy virou-se para o lado, enterrando o rosto nos lençóis com um gemido atormentado.

– Não posso – murmurou ela, estremecendo. – Não sou capaz de ficar calada!

Matthew riu baixinho e beijou-lhe o centro da espinha dorsal.

– Mas eu é que não vou parar – murmurou, virando-a de novo para si. – Pense no desastre que seria se fôssemos apanhados.

– Matthew, por favor!

– Chiu!

Deixou que a boca lhe percorresse novamente o corpo todo, sem o menor constrangimento, beijando-a, mordendo-a com ternura até ela se contorcer numa confusão agitada. Por vezes ela rebolava para longe, os dedos finos enterrados no colchão como as garras de um gato. Mas de cada vez ele fazia-a voltar-se de costas, murmurando incitamentos e promessas, colando a boca à dela para a calar, enquanto os seus dedos ágeis lhe brincavam pelo corpo, enchendo e acalmando a sua carne inchada. Quando ela ficou rígida de membros, a pele luzidia de suor, Matthew finalmente instalou-se entre as coxas dela que tremiam.

O corpo de Daisy ficou tenso ao sentir a dureza dele a mover-se intimamente dentro dela... e então ela começou a gemer, afogueada ao senti-lo procurar o ritmo certo. E ele soube que o encontrara quando os joelhos dela se ergueram com força, encaixando-lhe as ancas instintivamente.

– Isso mesmo, segure-me – murmurou Matthew, acometendo-a uma e outra vez, até ela sentir os seus músculos mais íntimos começarem a vibrar violentamente.

Ele jamais conhecera um tal êxtase, mergulhando naquele aperto delicioso dela, enterrando-se cada vez mais fundo, enquanto ela desamparadamente subia ao encontro do peso do corpo dele. E ele seguia-lhe todos os movimentos, dando-lhe o que ela precisava, ambos concentrados no prazer dela.

Daisy tapou de novo a boca com a mão, de olhos muito abertos. Agarrando-lhe o pulso, Matthew tirou-lhe a mão da boca, e abriu-lha com a sua, mergulhando profundamente a língua. Os arrepios violentos dela trouxeram-lhe o clímax, arrancando-lhe do peito um longo gemido, enquanto ejaculava forte e copiosamente, em trepidações de abalar a alma.

Com o fim dos últimos espasmos, Matthew sentiu-se dominado por uma letargia como nunca sentira. Só a ideia de esmagar Daisy com o seu peso o espicou para sair de cima dela e rebolar para o outro lado. Ela soltou um suspiro de desapontamento e estendeu o braço, procurando o calor do corpo dele. Ele moveu-se no mesmo sentido, encostando a cabeça dela no seu braço e, com algum esforço, conseguiu puxar as roupas da cama desgrenhadas para os tapar a ambos.

A tentação de adormecer era esmagadora, mas ele não ousou permitir-se tal imprudência. Não confiava em si o suficiente para acordar antes que a criada viesse de manhã acender a lareira. Estava completamente saciado; e contudo, sentir a figurinha frágil de Daisy aconchegada nele era demasiado tentador para lhe resistir.

– Tenho de ir – murmurou, contra o cabelo dela.

– Não! Fique... – ela voltou a cara, sufocando com a boca a pele nua do peito dele. – Fique o resto da noite. Fique para sempre...

Ele sorriu, beijando-lhe a têmpora:

– Bem gostava... Mas quer-me parecer que a sua família iria objetar a que eu a tivesse desonrado antes sequer de estarmos noivos como deve ser.

– Eu não me sinto desonrada.

– Mas sinto-me eu – suspirou Matthew.

Daisy sorriu:

– Nesse caso, vou ter de casar consigo. – A mão dela moveu-se sobre o corpo dele, numa tentativa de exploração antes de acrescentar: – Ironicamente... esta é a primeira vez que eu faço qualquer coisa para agradar a meu Pai.

Com um bichanar ternurento, Matthew apertou Daisy para mais perto de si.

Conhecia o seu pai melhor do que ninguém, tendo tido a ocasião de presenciar as suas iras, o seu enlevo consigo próprio, os seus critérios impossíveis de contentar. E contudo apreciava tudo o que Bowman exigia de si próprio para lograr construir uma impressionante fortuna a partir do zero,

todos os sacrifícios que forçosamente tivera de fazer. Bowman afastara tudo o que poderia travar-lhe o caminho para *todos* os seus projetos. Incluindo a intimidade com a mulher e os filhos...

Pela primeira vez ocorreu a Matthew que Bowman e a sua família poderiam beneficiar de alguém que atuasse como mediador, para facilitar a comunicação entre eles. Se tal coisa estivesse em seu poder, ele encontraria modo de o proporcionar.

– A Daisy é que é a melhor coisa que ele jamais fez – murmurou. – E um dia ele vai acabar por se aperceber disso.

Sentiu na pele o sorriso dela.

– Duvido. Em todo o caso é muito amável da sua parte dizer isso. Mas sabe uma coisa? Não precisa de se preocupar... já há muito me reconciliei com a maneira de ser dele.

Mais uma vez Matthew ficou surpreendido com a intensidade dos sentimentos que ela lhe inspirava e do seu desejo sem limites de a fazer feliz.

– Tudo o que precisar... – murmurou. – Seja o que for que precise ou queira, eu providencio-o para si. Basta-lhe dizer-me...

Daisy espreguiçou-se longamente e um agradável arrepio correu-lhe pelos membros. Tocou nos lábios dele com os dedos, gozando a macieza.

– Quero saber qual foi o seu desejo quando lançou a moeda de cinco dólares para o poço, naquele dia...

– Só isso? – Ele sorriu sob aqueles dedos exploradores. – Desejei que encontrasse alguém que a desejasse tanto como eu. Mas já sabia que isso não ia acontecer.

Ela levantou a cabeça para o olhar nos olhos:

– E por que não?

– Porque sabia que ninguém poderia jamais desejá-la tanto como eu.

Daisy soergueu-se mais e deixou que o seu cabelo caísse como uma cortina negra à volta dos dois.

– E o seu desejo, qual foi? – perguntou Matthew penteando com os dedos aquela massa bruxuleante de cabelo.

– Que eu pudesse encontrar o homem certo para casar comigo. – E com um sorriso doce que quase fez parar o coração dele: – E então... o Matthew apareceu.

Capítulo 15

Após um longo sono fora dos seus hábitos, Matthew aventurou-se a descer, cruzando-se com a criada que limpava vastas extensões de chão de pedra, carpetes e soalhos de madeira, enquanto outros examinavam candeeiros, substituíam velas e poliam os metais.

Logo que Matthew se aproximou da salinha dos pequenos-almoços, uma criada propôs levar-lhe uma bandeja com a refeição para o terraço das traseiras, se assim o desejasse. Como o dia se apresentava esplêndido, Matthew aceitou a proposta.

Sentado a uma das mesas da frente, passou algum tempo a observar os progressos de uma pequena lebre castanha que saltitava pelo relvado cuidadosamente aparado.

Aquela calma contemplação foi interrompida pelo som das portas de vidro a correrem. Matthew, que esperava pela criada trazendo o pequeno-almoço, ficou surpreendido ao assistir à chegada – muito menos bem-vinda – de Lillian Bowman. Suprimiu um ranger de dentes, sabendo imediatamente que Westcliff a tinha informado acerca do seu noivado com Daisy.

Parecia contudo que o conde lograra ter exercido uma influência algo calmante sobre a sua mulher. Não que Lillian tivesse um ar satisfeito, claro... mas Matthew já se deu por feliz ao ver que ela se aproximava dele sem um machado na mão.

Para já.

Lillian fez-lhe sinal para que ficasse sentado quando ela se aproximou. Mas, pelo sim pelo não, ele levantou-se.

A expressão dela era determinada e absolutamente controlada quando disse:

– Não precisa de olhar para mim como se eu fosse uma das pragas do Egito, Mr. Swift. Eu por vezes sou capaz de discorrer racionalmente. Posso ter uma palavra consigo?

E sentou-se antes que ele tivesse tempo para lhe alcançar uma cadeira.

Olhando-a cautelosamente, Matthew reocupou a sua cadeira e esperou que ela falasse. Apesar da atmosfera de cortar à faca, ele teve de reprimir um sorriso ao reparar que muitas vezes tinha visto aquela expressão na cara de Thomas Bowman. Lillian estava firmemente decidida a levar a sua

avante, mas não negligenciava o facto de que uma discussão aos gritos – por mais gratificante que fosse – jamais teria bom êxito.

– Ambos estamos conscientes – começou Lillian com forçada compostura –, de que, embora eu não possa impedir este maldito casamento de se realizar, posso transformar todo o processo em algo de muito desagradável. Especialmente para si.

– Sim, calculo que sim.

A resposta de Matthew não continha nenhum sarcasmo. Fosse qual fosse a sua opinião acerca de Lillian, ele sabia que o amor dela pela irmã era intocável.

– Nesse caso, vamos dispensar os pezinhos de lã – disse Lillian –, e ter uma conversa de homem para homem.

Matthew reprimiu um sorriso:

– Ótimo! – respondeu ele no seu estilo mais pragmático. – Vamos a isso.

De repente deu por si a pensar que era possível vir a gostar de Lillian. Quanto mais não fosse, sabia-se sempre o que esperar dela.

– A única razão que me pode levar a tolerar a ideia de ter o senhor como cunhado – continuou Lillian –, é porque o meu marido parece ter boa impressão de si. E eu estou disposta a ter a opinião dele em consideração. Embora ele não seja infalível, claro.

– Essa é a primeira vez que eu ouço alguém fazer esse reparo acerca do Conde.

– Sim... precisamente. – Lillian surpreendeu-o com um leve sorriso. – Foi por isso que ele casou comigo. A minha tendência para considerá-lo um simples mortal é como que um alívio no meio de uma adoração generalizada. – Os seus olhos escuros, mais redondos e menos exóticos que os de Daisy, fitaram os dele com um olhar perscrutador. – Westcliff pediu-me que tentasse ser imparcial. O que não é fácil quando se trata do futuro da minha irmã.

– *My lady* – disse Matthew veementemente –, se eu puder dar-lhe qualquer garantia capaz de sossegar o seu espírito...

– Não. Espere. Deixe-me transmitir-lhe, antes de mais nada, a minha opinião a seu respeito.

Matthew permaneceu polidamente em silêncio.

– O senhor sempre encarnou a pior faceta do meu Pai – disse ela. – Aquela frieza e ambição, o egocentrismo... Mas o senhor consegue ser *ainda pior*, porque logra disfarçá-lo melhor do que ele. Em suma, o senhor é o que o meu Pai teria sido, acaso fosse dotado do seu bom aspeto e alguma da sua sofisticação. Eu creio sinceramente que ao conquistá-lo, Daisy deve sentir de certo modo que, finalmente, levou a melhor sobre o Pai. – E continuou, franzindo as sobrancelhas: – A minha irmã sempre se sentiu compelida a amar as criaturas menos amáveis... os extraviados, os desajustados... Quando a Daisy ama alguém, não importa quantas vezes a traiu ou a desapontou, ela recebe-os de braços abertos. Mas o senhor não vai apreciar essa faceta, como o nosso Pai não aprecia. Vai extorquir dela o que lhe aprouver e dar-lhe muito pouco em troca. Mas quando – inevitavelmente – a magoar, eu vou estar à cabeça de uma lista de pessoas à espera de o trucidar. E quando eu tiver dado

cabo de si, nada restará para outros apanharem.

– Isso é que é imparcialidade! – disse Matthew. Ele admirava aquela sinceridade brutal, embora se sentisse atingido por ela. – Posso responder-lhe com a mesma franqueza que me demonstrou?

– Espero bem que sim.

– *My lady* não me conhece o suficiente para avaliar em que medida eu posso ou não posso ser como o senhor seu Pai. Não é crime ser-se ambicioso, especialmente quando se começou vindo do nada. E eu não sou frio: sou *de Boston*... O que significa que não sou dado a revelar as minhas emoções e expô-las à vista de todos. Quanto a ser egocêntrico, a senhora não tem modo de saber o que fiz – ou não fiz – pelos outros. Mas diabos me levem se vou recitar uma lista das minhas boas ações passadas, na esperança de ganhar a sua aprovação. – E encarou-a com um olhar senhor de si, antes de prosseguir: – Independentemente das suas opiniões, este casamento vai realizar-se, porque tanto Daisy como eu assim o desejamos. Posto isto não tenho razões para lhe mentir. Até podia declarar que não quero saber da Daisy para nada, e mesmo assim teria o que quero. Mas o facto é que estou apaixonado por ela. E já o estou há muito, muito tempo...

– Tem estado secretamente apaixonado pela minha irmã há anos?! – perguntou Lillian, arrasante de ceticismo. – Isso é deveras *conveniente*, não?

– Eu não definia o meu sentimento como *estar apaixonado*. Tudo o que sabia era que tinha uma... preferência persistente e arrasadora por ela.

– *Preferência?* – Lillian pareceu momentaneamente ultrajada e logo o surpreendeu com uma gargalhada: – Meu Deus, o senhor *é mesmo* de Boston!

– Quer acredite quer não – balbuciou Matthew –, eu jamais teria escolhido sentir o que sinto pela Daisy. Ter-me-ia sido bem mais... *conveniente* encontrar outra pessoa. O diabo sabe que eu mereço algum crédito por estar disposto a aceitar ter os Bowman como parentes por afinidade.

– *Touchée*.

Lillian continuou a sorrir, fitando-o com o queixo amparado na mão. Mas de repente a sua voz assumiu um tom delicadamente inquisitivo que fez levantar os cabelos da nuca dele:

– Só acho estranho que um *Swift de Boston* use a frase *vindo do nada*... Terei estado enganada todos estes anos por acreditar que o senhor provém de uma família de posses?

Bolas, que ela era esperta! Percebendo que se tinha descaído, Matthew respondeu calmamente:

– O ramo principal dos Swift é afluente. Mas eu sou um dos proverbiais parentes pobres, pelo que fui forçado a ter de abraçar uma profissão.

– E será que os *Swift afluentes* teriam permitido que os primos mais pobres se afundassem numa pobreza abjeta, como o senhor sugeriu?

– Um ligeiro exagero da minha parte – disse Matthew. – Mas estou certo de que isso não vai preocupá-la tanto que esqueça o ponto principal.

– Acho que consegui compreender aquilo a que chama o *ponto principal*, Mr. Swift. – Lillian abandonou a sua cadeira, obrigando-o a pôr-se de pé rapidamente. – Mais uma coisa: cuida realmente

que a Daisy será feliz se a levar de novo para Nova Iorque para viver consigo?

– Não – disse Matthew calmamente. Viu um lampejo de surpresa nos olhos dela. – É óbvio que a senhora e as amigas dela são essenciais para a sua felicidade.

– Nesse caso, o senhor... estaria disposto a fazer de Inglaterra a sua morada permanente? Ainda que meu Pai objetasse?

– Claro, se é isso que a Daisy quer. – Matthew tentou controlar um súbito ataque de indignação, mas não o conseguiu totalmente. – Com todo o respeito, *my lady*, eu não temo o mau génio do senhor seu pai, nem tão-pouco me vejo como marioneta de ninguém. O facto de trabalhar para ele não significa que desisti de fazer uso da vontade e o uso pleno do meu cérebro. Posso encontrar um excelente emprego que esteja ou não esteja ao serviço das empresas Bowman.

– Mr. Swift – disse Lillian sinceramente –, não calcula como é tentador para mim acreditar em si...

– E isso quer dizer...?

– Acho que quer dizer que vou tentar ser mais simpática consigo.

– A começar quando?

Um canto da boca dela ergueu-se ligeiramente:

– A começar... na semana que vem... talvez.

– Vou antegozar o momento – murmurou Matthew, voltando a sentar-se quando ela saiu.

Como era de supor, Mercedes Bowman recebeu a notícia do noivado da filha com Matthew Swift de má vontade. Tendo arranjado um casamento tão brilhante para a filha mais velha, tinha esperado fazer o mesmo para a mais nova. Para Mercedes, pouco importava que Matthew Swift fosse indubitavelmente adquirir uma fortuna considerável ao desenvolver interesses comerciais em dois continentes. E ainda tinha menos importância o facto de Daisy ter encontrado um homem que parecia entender e até deliciar-se com as suas excentricidades.

– Que importância tem ele ser bom a fazer dinheiro? – resmungara ela para as filhas no salão dos Marsden. – Manhattan estava *apinhada* de homens empreendedores com grandes fortunas. Por que razão viemos nós para aqui, senão para achar um cavalheiro com outras possibilidades? Como eu teria gostado, Daisy, que tivesses sido capaz de atrair um homem de requinte e boas famílias...

Lillian, dedicada a amamentar a bebé, respondeu, em tom sarcástico:

– Ora, Mamã... ainda que Daisy casasse com o Grão Duque de Luxemburgo, isso em nada alteraria o facto de os Bowman serem de baixa estirpe. E a nossa Avó – que Deus a tenha em descanso – era lavadeira nas docas. Essa preocupação com a nobreza é um pouco excessiva no nosso caso, não lhe parece? Vamos esquecer tudo isso e tentar mostrar-nos felizes pela Daisy.

Mercedes soprou de indignação, fazendo com que a sua cara estreita parecesse um fole inchado de atizar lareiras.

– Tu gostas tanto de Mr. Swift quanto eu! – retorquiu ela.

– É verdade – disse Lillian francamente –, mas por mais que eu deteste admiti-lo, estamos em minoria. Já verifiquei que Mr. Swift é adorado por toda a gente no hemisfério norte, incluindo Westcliff e os amigos, os meus amigos, os criados, os vizinhos...

– Estás a exagerar...

– Crianças pequenas e grandes, todos os animais e a ordem superior das plantas – terminou Lillian, sardónica. – E se os legumes pudessem falar, não duvido de que iriam dizer que também o apreciam...

Daisy, que estava sentada junto da janela com um livro, ergueu a cabeça com um sorriso zombeteiro:

– Os encantos dele não são extensíveis às aves de capoeira – disse ela. – Parece que há um problema com os gansos. – E voltando-se para a irmã: – Obrigada por seres tão obsquiosa, Lillian. Confesso que estava à espera de te ver fazer uma cena trágica acerca deste noivado.

A irmã deixou escapar um suspiro pesaroso:

– Tive de me reconciliar com o facto de que seria mais fácil empurrar uma ervilha com o nariz daqui até Londres do que tentar impedir este casamento. Além de que estarás bem mais acessível em Bristol do que com Lord Llandrindon em Thurso.

A menção a Lord Llandrindon quase trouxe lágrimas aos olhos de Mercedes.

– Ele dizia que havia paisagens lindas em Thurso – suspirou. – E a história dos Vikings. Eu teria gostado *tanto* de ouvir falar dos Vikings...

Lillian bufou:

– E desde quando é que a Mãe se interessa por pagãos belicosos com penteados ridículos?

Daisy levantou de novo os olhos do livro:

– Estamos a falar da Avó, outra vez?

Mercedes lançou-lhes um olhar furibundo.

– Parece que vou ter de aceitar com boa cara este casamento. O que me vale, como consolação, é que desta vez, pelo menos, vou poder organizar um casamento como deve ser.

Ela nunca perdoara a Lillian e Marcus terem fugido para casar em Gretna Green, privando-a assim das solenes festividades que ela sempre sonhara planear.

Lillian teve um sorriso cúmplice para Daisy:

– Olha que não te invejo, querida...

– Não vai ser agradável – avisou Daisy naquele mesmo dia. – Estava sentada com Matthew na margem de relva de uma pequena lagoa situada nos subúrbios ocidentais da aldeia. – A cerimónia é destinada a dar a conhecer os Bowman ao mundo.

– Os Bowman, apenas? – perguntou ele. – E não é suposto que eu faça parte da cerimónia?

– Ora, o noivo é a parte mais *insignificante* da cerimónia – disse ela, animadamente.

Tinha querido divertir Matthew, mas o seu sorriso não lhe chegou aos olhos. Ele ficou a olhar o

magnífico cenário com uma expressão distante.

A lagoa alimentava um velho moinho de pedra, agora desmantelado, com a sua roda de dois metros e meio – e que fora abandonado a favor de um moinho mais produtivo perto do centro da aldeia. Com o seu encantador telhado de duas águas e fachada de tábuas, exibia um charme rude que combinava muito bem com aquele cenário místico.

Enquanto Matthew lançava o seu anzol para dentro da lagoa com um hábil movimento do pulso, Daisy balançava os pés nus na água. De vez em quando o agitar dos seus dedos convidava os peixinhos a disparar para a frente.

Ela estudava Matthew, que parecia embrenhado em qualquer assunto inquietante. O seu perfil era forte e característico, com um nariz direito e firme, lábios bem definidos e uma maxila severamente perfeita. E ela encantou-se à vista do seu desalinho, a camisa molhada aqui e ali, as calças semeadas de folhas secas, o espesso cabelo em desordem, caindo-lhe sobre a testa.

Havia em Matthew uma dualidade fascinante que Daisy nunca encontrara noutro homem. Às vezes, ele era o homem de negócios agressivo, perspicaz e fechado que desbobinava com o maior à-vontade factos e números. Outras, ele era o amante suave e compreensivo que se desfazia do seu cinismo como de um casaco velho e se entregava com ela a debates animados sobre qual antiga cultura tinha a melhor mitologia, ou qual teria sido o legume favorito de Thomas Jefferson. (Enquanto Daisy estava convencida de que eram ervilhas, Matthew tinha desenvolvido uma excelente teoria acerca de tomates.)

Tinham longas conversas sobre assuntos tais como História e políticas progressistas. Para um homem com uma conservadora formação bostoniana, Matthew demonstrava uma consciência surpreendente das questões sociais e reformistas. Geralmente, na sua subida implacável da escada social, os homens mais empreendedores esqueciam-se dos que tinham sido deixados nos degraus inferiores. Daisy considerava um ponto a favor do carácter de Matthew o facto de ele se preocupar genuinamente com a sorte dos menos afortunados.

Nas suas discussões, tinham começado a fazer planos para o futuro: teriam de encontrar uma casa em Bristol suficientemente grande para receber família e amigos. Matthew insistia em que tivesse vista para o mar, uma biblioteca adequada aos livros de Daisy e – acrescentou gravemente – um muro alto à volta da casa para que ele pudesse arrebatá-la no jardim sem ser visto da rua.

Dona da sua própria casa... Daisy nunca tivera ocasião de o visionar antes. Mas a ideia de lhe ser permitido arranjar as coisas exatamente como queria, estabelecer uma casa que se ajustasse às suas preferências, começava a parecer-lhe extremamente convidativa.

Contudo, a comunicação entre eles deixava por vezes alguma coisa a desejar. Por cada pensamento que Matthew consentia em partilhar com Daisy, havia muitos mais que permaneciam inacessíveis. Por vezes, conversar com ele era como passear ao longo de um caminho sinuoso por todo o género de paisagens interessantes, só para embater diretamente contra uma parede de pedra.

Quando ela o pressionava para discutir o seu passado, ele limitava-se a fazer referências vagas a

Massachussets e de ter crescido perto do Rio Charles. Qualquer informação acerca da sua família era teimosamente recusada. Até ali não tinha dado mostras de desejar discutir quais os membros do clã Swift que iriam estar presentes na cerimónia do casamento. E, contudo, não iria certamente dar-se o caso de ele não estar devidamente representado.

Podia pensar-se que Matthew nunca *existira* antes de começar a trabalhar com o pai dela, aos vinte anos. Daisy ansiava por romper aquela teimosa barreira de segredos. Era de enlouquecer, sentir-se constantemente à beira de uma descoberta indefinível. A relação deles parecia a materialização de uma teoria de Hegel... qualquer coisa em constante processo de se tornar numa coisa diferente, mas nunca atingindo a conclusão.

Mas, voltando à realidade, Daisy decidiu ganhar de novo a atenção de Matthew:

– Mas, como é óbvio – disse ela em tom desprendido –, não somos obrigados a ter uma cerimónia clássica. Podemos simplesmente aderir ao sistema de compra e venda. O Matthew oferecer uma vaca ao meu Pai e está o negócio feito. Ou quiçá possam fazer um acordo por aperto de mão. E também há sempre aquele costume da antiga Grécia em que eu, como sacrifício, rapo o meu cabelo todo e ofereço-o a Artemisa, seguido por um banho ritual numa fonte sagrada...

Subitamente Daisy viu-se deitada de costas no chão, com o céu parcialmente oculto pelo corpo de Matthew. Soltou uma gargalhada entrecortada pela velocidade com que ele se livrara da cana de pesca e se precipitara sobre ela como uma ave de rapina. Os olhos dele brilhavam de más intenções.

– Eu podia considerar a troca por uma vaca e mesmo o aperto de mão – disse ele. – Mas recuso-me solenemente a casar com uma noiva calva.

Daisy gozava o peso dele a pressioná-la contra a erva molhada e o aroma da terra e das folhas esmagadas à sua volta.

– E quanto ao banho ritual? – perguntou ela.

– Isso pode ser. De facto, vendo bem... – Os dedos dele procuraram os botões da frente do vestido dela. – ... cuido inclusivamente que devia *ensaiar*. Eu ajudo.

Daisy retorcia-se, guinchando quando ele começou a abrir-lhe o vestido.

– Isto não é uma fonte sagrada, é um velho charco cheio de limos!...

Mas Matthew persistiu, casquinando gulosamente ao ver os esforços dela tentando libertar-se, enquanto ele lhe puxava o vestido desnudando-a até à cintura. Desafiando o decoro, e como concessão ao calor intempestivo que se fazia sentir, Daisy saíra de casa sem espartilho. Empurrou Matthew com toda a força mas ele fê-la rebolar, enrolada nele. O mundo girou loucamente, no céu o azul e o branco misturaram-se. E ela achou-se subitamente estatelada sobre o peito dele enquanto a camisa lhe era inexoravelmente arrancada pela cabeça.

– Matthew... – protestou ela, com a voz amortecida pela peça de linho.

Matthew tirou-lhe a camisa completamente e atirou-a para o lado. As suas mãos engancharam-na por baixo dos braços até ela ficar pendurada, indefesa como um gatinho. A respiração dele alterou-se ao ver-lhe os pálidos seios, pontuados de cor-de-rosa.

– Ponha-me no chão – insistiu Daisy, corando ao sentir-se exposta perante o olhar ávido dele.

Embora já tivesse feito amor com ele por duas vezes, ainda era demasiado inocente para se atrever a fazer amor nua a céu aberto.

Matthew obedeceu, puxando-a mais para cima até a sua boca poder fechar-se sobre um mamilo teso.

– Não – tentou ela dizer. – Não era isso que eu queria... *oh...*

Ele chupou-lhe os dois seios alternativamente usando quer a língua, quer os dentes, brincando, acelerando, acalmando. Após a pausa necessária para lhe retirar o resto das roupas, ele beijou-a profundamente. Ela puxava-lhe pela camisa, os dedos ineptos de excitação.

Matthew despiu a camisa e encostou o peito ao dela. A fricção cálida da pele dele arrasou com qualquer pensamento coerente para fora do alcance dela. Deitando-lhe os braços ao pescoço, a jovem esmagou a boca contra a dele, ansiosa e apaixonada.

E abriu os olhos surpreendida ao sentir contra os lábios o riso abafado dele.

– Um pouco de paciência, meu amor – murmurou ele. – Estou a tentar ir devagar...

– Porquê?! – perguntou Daisy, de boca seca.

Experimentalmente, levou a língua ao centro do lábio inferior e ele pestanejou ao seguir aquele pequeno movimento. A voz dele soou rouca:

– Porque lhe vai dar mais prazer.

– Não preciso de mais prazer – disse Daisy. – Isto é tudo o que eu consigo aguentar...

Ele riu baixinho. Agarrando-lhe o rosto entre as mãos, chegou-a mais a si. A ponta da sua língua encontrou a subtil depressão no centro do lábio dela e aí permaneceu, escaldante, fazendo-a inalar tremulamente. A boca dele colou-se à dela num beijo avassalador, perscrutando-a, afagando-a com a língua.

Pouco a pouco, deitou-a no chão, sobre a camisa que retirara. O tecido fino retivera o cheiro sedutor da sua pele e Daisy abandonou-se àquele incenso masculino que lhe era tão familiar. Fechou os olhos contra o fulgor doirado do sol, enquanto o corpo dele cobria o dela. Matthew desabotoara o cimo das calças e o tecido varreu todo o interior das coxas dela. Excitada pela sensação de estar nua entre as pernas semivestidas dele, Daisy entreabriu as coxas, deixando-o instalar-se.

– Quero ser parte de si – sussurrou ele. – Quero estar sempre consigo.

– Oh sim, sim... – agarrou-o com os braços e as pernas, envolvendo-o com toda a força.

Ele entrou nela devagar e onde antes houvera alguma contusão, havia agora unicamente prazer pela deliciosa pressão interior do corpo dele preenchendo o dela. Avançando mais fundo em subtis graus de resignação, Matthew resistia aos esforços dela para o apressar. Ela retorcia-se lutando para o absorver, arquejando de excitação e esforço, gemendo quando ele a agarrou pelas ancas, forçando-a a parar.

– Calma... – A voz dele era duma mansidão perversa. – Só um pouco de paciência...

Mas ela precisava dele todo e *já!* O seu corpo fremia, os nervos transbordavam de sensações

quase insuportáveis.

– Por favor... peço-lhe... – A boca dela exigia a dele a um ponto de mal poder balbuciar. – Não po-po posso ficar para aqui... assim... enquanto você...

– Pode sim. *Tem* de poder..

Torturou-a de desejo, mantendo-se quieto dentro dela, enquanto as suas mãos lhe passeavam pelo corpo numa astuta investigação. Debaixo dele, Daisy retorcia-se sem descanso; o seu desejo crescia a cada carícia persuasiva, deixando que os seus gemidos fossem absorvidos no jogo sensual da boca dele.

A cada mudança do seu movimento dentro dela a chama brilhava mais alta, mais viva, e ela arqueava-se intensamente para dentro dele, empurrando-o contra o seu peso.

Matthew cedeu, com um riso abafado, controlando agora o ritmo, cortejando-a com ataques longos e profundos. O corpo dele escaldava o dela, invadindo-a e dando-lhe um prazer incessante.

– Não há pressa, Daisy. – A voz dele tornou-se mais espessa e rouca. – Não há razão para... sim, assim mesmo... meu amor, sim... isso...

A cabeça dele tombou-lhe sobre o ombro. Os músculos dos seus braços incharam quando ele fincou as mãos no chão de cada lado dela, como se os quisesse prender a ambos na terra.

Daisy sentiu-se como um animal, pregada na relva pelo ritmo primitivo das ancas dele. O corpo dela apanhou e reteve um arco tenso, toda a sua carne colada à dele, buscando-o, retendo-o, os seus sentidos focados naquele longo estremecimento de satisfação que partia do sítio onde os corpos se juntavam e se alargava para fora até às pontas das mãos e dos pés.

Ao alcançar o seu próprio clímax, todo o corpo de Matthew estremeceu dentro do círculo estreito dos braços dela. E quando ele poisou a cabeça sobre o peito dela, varrendo-a com o estertor do seu bafo, uma corrente de volúpia percorreu o ponto onde ambos se uniam.

Daisy soube que ele a amava... podia senti-lo em cada batida do seu coração comprimido contra ela. Ele confessara-o a Westcliff e a Lillian mas, por qualquer razão, nunca o dissera à própria Daisy.

E para Daisy, o amor não era uma emoção para ser abordada com cautela. Ela queria lançar-se nele com todo o coração, com confiança e honestidade total... coisas para as quais aparentemente Matthew não estava preparado.

Mas um dia, prometeu ela a si própria, um dia não haveria mais barreiras entre eles. Um dia...

Capítulo 16

A festa do 1º de Maio era celebrada em Stony Cross há séculos, tendo começado por ser uma celebração pagã do fim do inverno e da renovação da fertilidade do solo. Evoluíra para um evento de três dias que incluía jogos, comezainas, bailaricos e todo o género de folguedos.

As boas famílias locais, agricultores e rendeiros e gente das vilas próximas misturavam-se livremente durante o festival, indiferentes aos protestos do clero e de outra gente mais conservadora que opinava que o festival de maio não era senão um pretexto para favorecer a fornicção e a embriaguez pública. Mas, como Lillian fez notar cinicamente a Daisy, parecia que quanto mais sonoras eram as queixas acerca dos pecados que ocorriam nessa ocasião, mais numeroso era o público que aí acorria.

O relvado oval da aldeia era iluminado por archotes. Mais longe, uma fogueira enorme lançava gigantescas plumas de fumo até ao céu coberto de nuvens. O dia estivera encoberto, o ar cheio de humidade e carregado de promessas de uma tempestade próxima. Mas felizmente a tempestade parecia estar a ser refreada pelas divindades pagãs e a festança ia tendo lugar como planeado.

Ao lado de Matthew, Daisy percorria a fila de tendinhas de madeira que tinham sido erguidas na Rua Direita, cheias de peças de pano, brinquedos, retrosarias, objetos de prata e de vidro. Estava determinada a ver e a gozar o mais possível num curto espaço de tempo, pois Westcliff aconselhara-os vivamente a voltar para casa muito antes da meia-noite.

– Quanto mais tarde for, maior é a tendência para os foliões perderem as estribeiras – dissera o conde expressamente. – Sob a influência do álcool e protegidas pelas máscaras as pessoas têm tendência a fazer coisas que nunca pensariam fazer à luz do dia.

– Ora, que mal tem um pequeno ritual de fertilidade aqui ou ali? – troçara Daisy, rindo. – Eu não sou assim tão inocente que...

– Vamos estar de volta cedo – interrompeu-a Matthew.

Agora que forçavam caminho através da aldeia exuberantemente apinhada de gente, Daisy compreendia o que Westcliff quisera dizer. Estava-se ainda num fim de tarde e já era visível que o

vinho que corria a rodos tratara de eliminar muitas inibições. As pessoas beijavam-se, discutiam, riam e brincavam. Alguns depunham coroas de flores na base dos carvalhos mais antigos, ou deitavam-lhes vinho nas raízes, ou...

– Santo Deus! – disse Daisy cuja atenção fora despertada por um espetáculo desconcertante, a alguma distância. – O que é que eles estarão a fazer àquela pobre árvore?

Matthew agarrou-lhe a cabeça com as mãos, dirigindo-lhe firmemente a cara noutra direção.

– Não olhe.

– Aquilo seria uma forma de culto às árvores, ou...

– Vamos ver aquela dança de roda – disse ele com um entusiasmo súbito, puxando-a para o outro lado do relvado.

Passaram devagar por homens que engoliam fogo, prestidigitadores e acrobatas, parando para comprar um odre de vinho novo. Daisy bebeu cuidadosamente pelo odre, mas uma gota escapou-se-lhe pelo canto da boca. Matthew sorriu levando a mão ao bolso por um lenço mas, pensando melhor, baixou a cabeça e limpou a gotícula com a língua.

– Era suposto *o senhor* proteger-me de coisas menos próprias – disse ela com um sorriso. – E afinal está a desencaminhar-me?

Ele passou levemente os nós dos dedos pelo rosto dela.

– Adorava desencaminhá-la, garanto-lhe – murmurou ele. – E vendo bem, adorava encaminhá-la diretamente até àquele bosque e... – Pareceu perder o rumo da conversa ao contemplar aqueles olhos doces. – Daisy Bowman... – murmurou ele – como eu desejava...

Mas ela nunca veio a saber qual seria o desejo dele, porque foi abruptamente empurrada contra ele por uma multidão que passava; toda a gente parecia interessada em ver um par de malabaristas que atiravam um ao outro paus e arcos pelo ar. O odre de vinho foi arrebatado das mãos de Daisy e atirado ao chão naquela onda e espezinhado por dezenas de pés. Matthew pôs-lhe os braços à roda por precaução.

– Deixei cair o vinho... – lamentou Daisy.

– Não faz mal. – Desceu a boca até à orelha dela, tocando-a levemente. – Podia ter-me subido à cabeça. E a Daisy teria a sua oportunidade de oiro para abusar de mim...

Daisy sorriu e encostou-se a ele, ficando deleitada com o calor e a rijeza daquele abraço.

– Serão os meus desígnios sobre si assim tão óbvios? – perguntou ela num tom abafado.

Ele esfregou com o nariz o espaço macio por trás da orelha dela.

– Receio que sim...

Com Daisy debaixo do braço, Matthew guiou-a por entre a multidão até às tendas, onde lhe comprou um cartucho de papel cheio de nozes... um coelhinho de maçapão... uma roca de prata para a bebé Merritt e uma boneca de trapos para a filha de Annabelle. Ao percorrerm a Rua Direita em direção à carruagem que os aguardava, Daisy foi interpelada por uma mulher espalhafatosamente vestida, com xaires de tecido metalizado e joias feitas de ouro batido.

O rosto da mulher era exatamente como as caras das bonecas que ela e Lillian faziam quando eram pequenas: esculpiam faces em maçãs descascadas e deixavam-nas secar até estarem cobertas de sulcos castanhos – que a seguir ornamentavam com contas pretas para os olhos e tufo macios de lã cardada para os cabelos... Sim, esta mulher parecia exatamente uma dessas bonecas.

– Permite que leia a sina à senhora, *sir*? – perguntou ela a Matthew.

Matthew levantou uma sobrancelha trocista em direção a Daisy. Ela sorriu, sabendo perfeitamente que ele não tinha a mínima paciência para misticismos, superstições e tudo o que tivesse a ver com o sobrenatural. Era demasiado prático para acreditar em coisas que não podiam ser empiricamente provadas.

– Lá por não acreditar em magia – disse Daisy a brincar –, não significa que não aconteça. Não gostava de dar uma espreitadela ao futuro?

– Prefiro esperar que ele se chegue a mim – foi a resposta.

– É só um *shilling*, *sir* – insistiu a cartomante.

Com um suspiro, Matthew mudou os embrulhos de mão e tirou uma moeda da algibeira.

– Este *shilling* – disse ele a Daisy –, seria muito mais bem gasto naquelas tendas, numa fita para o cabelo ou numa carpa fumada.

– Isso, vindo de alguém que atirou uma moeda de cinco dólares no poço dos desejos...

– Formular um desejo não teve nada que ver com isso – disse ele. – Só o fiz para lhe chamar a atenção.

– E chamou, creia – disse Daisy rindo. – *Mas...* – e olhou para ele significativamente – ... o seu desejo realizou-se, não é verdade? – Agarrou na moeda e entregou-a à quiromante. – Qual é o seu método de adivinhação? – perguntou ela, jovialmente. – Tem alguma bola de cristal? Usa cartas de *tarot* ou lê a palma da mão?

Como resposta, a mulher tirou da cintura das saias um espelho com costas de prata e estendeu-o a Daisy.

– Olhe para o seu reflexo – entoou ela solenemente. – É o portão de entrada para o mundo dos espíritos. Olhe fixamente – não desvie o olhar...

Matthew suspirou, elevando os olhos ao céu.

Obediente, Daisy olhou o seu reflexo, vendo a luz do archote a tremular nas suas feições.

– Não vai olhar para o espelho, também? – perguntou à mulher.

– Não – replicou a adivinha. – Basta-me ver os seus olhos.

E depois... silêncio. Na rua ao longe, cantavam-se as maias e tocava-se tambor. Ao olhar para os próprios olhos, Daisy viu brilhozinhos dourados da luz refletida, como se fossem faúlhas subindo de uma fogueira. Olhando intensamente, durante muito tempo, ela conseguia convencer-se de que aquele espelho era realmente o portal para um mundo místico. Talvez fosse a sua imaginação, mas podia realmente sentir a intensidade da concentração da cigana.

Subitamente, com um gesto abrupto que assustou Daisy, a mulher tirou-lhe o espelho das mãos.

- Nada a fazer – disse ela subitamente. – Não consigo ver nada. Vou restituir o seu dinheiro.
- Não há necessidade – disse Daisy pensativa. – A culpa não é sua, se o meu espírito é opaco. A voz de Matthew soou tão áspera, que se podia acender um fósforo raspando nela.
- Para nós, era melhor que inventasse qualquer coisa – disse ele à mulher.
- Ela não podia inventar – protestou Daisy. – Seria abusar do seu dom.

Observando de perto a cara enrugada da quiromante, Daisy achou que ela parecia sinceramente indisposta. Devia ter visto ou imaginado qualquer coisa que a deixara atormentada. O que, em si, já era provavelmente uma boa indicação para deixar as coisas como estavam... Mas Daisy conhecia-se a si própria suficientemente bem para saber que, se não descobrisse do que é que se tratava, a curiosidade levá-la-ia à loucura.

– Nós não queremos que restitua o dinheiro – disse ela. – Mas, por favor, *tem de me dizer* qualquer coisa. Se forem más notícias, não seria melhor eu saber?

– Nem sempre – disse a mulher, sombria.

Daisy aproximou-se mais dela até sentir um cheiro doce a figos e qualquer essência de ervas... folhas de louro? Manjerição?

– Eu *quero* saber – insistiu ela.

A mulher olhou-a longamente, como que avaliando-a. Finalmente, com grande relutância, disse:

Na noite de murmúrios mil

O presságio de um desmaio

Cruel promessa em abril

Coração partido em maio

Um coração partido? Daisy não gostou de ouvir aquilo.

Sentiu Matthew aproximar-se por trás dela e pôr-lhe a mão na cintura. Não precisou de lhe ver a cara para sentir o tom sardónico:

– Será que dois *shillings* poderão inspirar qualquer coisa de mais otimista? – perguntou ele.

A cigana não deu resposta. Enfiando o cabo do espelho na cintura, disse a Daisy:

– Faça-lhe um amuleto de cravo-da-índia cosido num pano de linho. Ele tem de o usar como proteção.

– Contra quê? – perguntou Daisy angustiada.

Mas a mulher já se ia afastando. Aquelas saias opulentamente coloridas moviam-se como juncos na água, enquanto ela se perdia no meio da multidão em busca de mais negócio.

Daisy voltou-se para Matthew, olhando a sua face impassível.

– Contra o que é que precisaria de proteção?

– Contra o tempo. – Levantou a palma da mão e Daisy reparou que grossos pingos de chuva gelada lhe tinham acabado de cair sobre a cabeça e os ombros.

– Tinha razão... – disse ela preocupada com aquela sentença agoirenta. – Eu devia ter optado pela carpa fumada, em vez de...

– Daisy... – a mão dele deslizou-lhe até à nuca. – Não acreditou naquelas balelas, pois não? Aquela criatura decorou uns tantos versos de pé quebrado para recitar em troca de um *shilling*. E a única razão por que ela nos deu um mau agouro foi por eu não ter fingido acreditar no seu espelho mágico...

– Sim, mas... ela até parecia genuinamente perturbada...

– Não havia nela nada de genuíno, e tão-pouco nas coisas que disse.

Matthew abraçou-a, sem fazer caso de quem pudesse observá-los. Ao levantar os olhos para o rosto dele, um grosso pinga de chuva veio estatelar-se-lhe na bochecha e outro ao canto da boca.

– Nada daquilo era verdade – disse ele baixinho.

Beijou-a com força, com uma espécie de urgência, ali mesmo no meio da rua, ambos saboreando o gosto da chuva entre os lábios.

– *Isto* sim, é que é verdade – murmurou ele.

Daisy abraçou-o avidamente, pondo-se em bicos dos pés para ajustar o seu corpo aos contornos firmes do dele. O monte de embrulhos ameaçava cair e Matthew lutou por retê-los enquanto a sua boca consumia a boca de Daisy. Ela parou o beijo com um riso súbito. Um trovão vigoroso abalou o chão debaixo dos seus pés.

Na sua visão periférica, as pessoas corriam a abrigar-se sob a cobertura das lojas e tendas.

– Desafio-o a uma corrida até à carruagem – disse ela a Matthew.

E, levantando as saias, largou a correr.

Capítulo 17

Quando a carruagem chegou ao fim do caminho de cascalho, a chuva caía em pesadas bátegas e o vento açoitava os lados do veículo. Ao pensar nos foliões da aldeia, Matthew refletiu, divertido, que muitas inclinações amorosas se teriam certamente afogado naquele dilúvio.

A carruagem parou. Ouvia-se a chuva rugindo no teto. Em princípio, um lacaio viria até à porta do veículo com um guarda-chuva, mas a força daquele dilúvio iria certamente arrancar-lho das mãos.

Matthew tirou o casaco e enrolou-o à volta de Daisy, puxando-o até lhe cobrir a cabeça e os ombros. Não seria resguardo suficiente, mas chegaria para a proteger no curto percurso entre a carruagem e a porta de entrada da mansão.

– Vai molhar-se – protestou Daisy, vendo-o em colete e mangas de camisa.

Ele riu:

– Não sou feito de açúcar.

– E eu também não.

– Ai isso é que é – murmurou ele, fazendo-a corar. Ele sorriu ao ver a carinha dela espreitando por entre as pregas do casaco, como um pequeno mocho dos bosques. – Vai levar o casaco – disse ele. – São só uns metros até à porta.

Ouviu-se bater à porta da carruagem que se abriu, revelando um lacaio lutando virilmente com um guarda-chuva – que um golpe de vento virou instantaneamente de dentro para fora. Matthew saltou da carruagem e ficou desde logo ensopado de chuva. Bateu no ombro do criado, dizendo:

– Entra para dentro de casa. Eu ajudo Miss Bowman a entrar.

O criado agradeceu e retirou-se rapidamente.

Voltando à carruagem, Matthew puxou Daisy para fora e colocou-a cuidadosamente no solo. Guiou-a por entre as poças de água e pelos degraus de pedra acima, não parando senão depois de atravessarem o limiar.

O calor e a luz do átrio de entrada envolveram-nos completamente. A camisa molhada colava-se aos ombros de Matthew e um arrepio de prazer consolou-o à ideia de se sentar perante o fogo de uma

lareira.

– Oh meu Deus! – disse Daisy, afastando-lhe da testa uma mecha de cabelo que pingava chuva. – Está completamente encharcado.

Uma criada entrou de rompante com um braçado de toalhas. Matthew esfregou o cabelo e a cara e baixou a cabeça para deixar que Daisy lhe alisasse o cabelo o melhor possível com os dedos.

Consciente de que alguém se aproximava, Matthew olhou sobre o ombro e viu Westcliff que entrava no hall. A sua expressão era severa, mas havia qualquer coisa nos seus olhos, um toque de preocupação, que lançou um arrepio apreensivo pelas veias de Matthew.

– Swift – disse o conde calmamente. – Recebemos esta tarde visitas inesperadas. Ainda não revelaram a sua intenção ao virem aqui sem aviso – mas dizem que é um assunto que lhe diz respeito a si.

O arrepio intensificou-se até parecer a Matthew que cristais de gelo se tinham formado dentro do seu corpo.

– Quem são eles?

– Um tal Wendell Baring, de Boston... e um par de polícias de Bow Street.

Matthew não se mexeu nem reagiu enquanto absorvia aquela notícia em silêncio. Uma onda nauseante de desespero percorreu-o dos pés à cabeça.

Meu Deus!... pensou ele. Como é que Waring o encontrara aqui em Inglaterra? Como é que...?! Oh meu Deus, que importava, tudo estava acabado!

Todos aqueles anos roubados ao destino... e agora o destino vinha cobrar a dívida. O coração batia-lhe no peito com um impulso louco de fugir, mas não havia para onde escapar e mesmo se houvesse – ele sentia-se exausto de viver no pavor de que aquele dia pudesse chegar.

Sentiu a mão de Daisy tomar a sua, mas não reagiu à pressão dos seus dedos. Olhou para Westcliff. E nos seus olhos havia qualquer coisa que fez o conde suspirar pesadamente.

– Diabo... – murmurou ele. – Não é boa coisa, pois não?

Matthew só conseguiu confirmar com um gesto de cabeça. Tirou a mão da de Daisy. Ela não tentou tocá-lo de novo: a sua perplexidade era quase tangível.

Após um longo momento, Westcliff endireitou os ombros.

– Bom. Então... – disse ele decisivamente –, vamos tratar do caso. Seja o que for, eu apoio-o como meu amigo.

Um breve riso incrédulo escapou a Matthew:

– Nem sequer sabe de que é que se trata...

– Eu não faço promessas vãs. Vamos lá, eles estão no salão principal.

Matthew assentiu, resoluto e de boca seca. Surpreendia-o estar a funcionar como se de nada se tratasse, como se todo o seu mundo não estivesse prestes a desaparecer de um sopro. Quase parecia que estava a ver-se de fora. O receio nunca lhe havia provocado uma sensação daquelas... Talvez porque nunca tivera tanto a perder.

Viu Daisy caminhando à sua frente, levantando o rosto para Westcliff que lhe murmurou qualquer coisa. Ela fez um simples aceno de cabeça, parecendo receber dele alguma tranquilidade.

Matthew baixou os olhos para o chão. A vista dela provocava-lhe uma dor intensa, como se estivesse a ser apunhalado por um estilete. Desejou o regresso de um entorpecimento envolvente – e, felizmente, foi o que aconteceu.

Entraram no salão. Matthew sentiu-se como o último dos condenados no Julgamento Final, ao ver Thomas, Mercedes e Lillian. O seu olhar varreu a sala ao ouvir uma voz de homem ladrar:

– É esse mesmo!

De repente sentiu uma dor aguda na cabeça e as pernas falharam-lhe como se se tivessem feito em areia. A luz encolheu como uma estrela que explode até à escuridão total, mas o seu espírito reagiu, atordoado, lutando por ser esclarecido.

Matthew apercebeu-se vagamente de que estava no chão – sentia o raspar áspero da carpete sob a face. Algo gotejava da sua boca, com um gosto salgado. Um gemido fraco vibrou-lhe na garganta. Concentrando-se na dor, conseguiu identificar a sua origem na base do crânio. Tinha sido atingido por uma cacetada na cabeça, dada por um objeto duro.

Uma luz intermitente passava-lhe pela vista, enquanto se sentia puxado para cima, esticado pelos braços. Alguém gritava... homens vociferando, um grito agudo de mulher... Matthew pestanejou para aclarar a vista, mas os seus olhos não paravam de verter água contra uma dor lancinante. Tinha os pulsos comprimidos num pesado aro de ferro. Algemas, concluiu, e o seu horrível – e familiar – peso encheu-o de pânico.

Gradualmente, as vozes foram-se tornando reconhecíveis aos seus ouvidos que zumbiam. Ouviu Westcliff encolerizado:

– ... atreve a vir a minha casa e agredir um dos meus convidados... o senhor sabe quem eu sou? Retire-lhe isso *imediatamente*... ou hei de vê-los todos a apodrecer em Newgate!

Outra voz:

– ... depois destes anos todos! Não vou arriscar a possibilidade de que ele escape!

Quem falava era Mr. Wendell Waring, o patriarca de uma poderosa família de New England: o segundo homem que Matthew mais desprezava – sendo o primeiro o próprio filho de Waring, Harry.

Estranho, como um som ou um cheiro conseguiam trazer tão facilmente de novo o passado, por mais que Matthew quisesse esquecê-lo...

– E *para onde*, precisamente, é que o senhor espera que ele fuja? – perguntou Westcliff, irritado.

– Eu tenho licença para me apoderar do preso por quaisquer meios da minha escolha. O senhor não tem direito a objetar.

Seria uma atenuação ridícula da realidade dizer que Westcliff não estava habituado a que alguém lhe dissesse que não tinha o direito de fazer alguma coisa, mormente na sua própria casa. E seria um eufemismo ainda mais grotesco dizer que Westcliff ficara *irritado*.

A discussão estalou, ainda mais violenta do que a trovada lá fora, mas Matthew perdeu-lhe o

rasto ao sentir um ligeiro toque na cara.

Sacudiu a cabeça para trás e ouviu o sussurro de Daisy:

– Não... esteja sossegado.

Tratava de lhe limpar o rosto com uma toalha seca, passando-a nos olhos e na boca, puxando-lhe para trás o cabelo húmido. Ele estava sentado com as mãos algemadas no colo, lutando para suster um grito de angústia ao olhar para ela.

Daisy estava lívida mas espantosamente calma. O sofrimento deixara-lhe marcas violáceas no alto das faces, num contraste duro com a sua pele tão branca. Ajoelhou-se na carpete ao lado da cadeira dele para examinar as algemas de metal nas suas mãos. Uma única barra de ferro rodeava-lhe o pulso, fechada com um cadeado e ligada a um gancho mais largo que um polícia iria usar para o conduzir.

Levantando a cabeça, Matthew registou a presença de dois polícias enormes, usando a farda de verão: calças brancas, casacas pretas e chapéus altos. Lá estavam eles, num silêncio soturno, enquanto Wendell Waring, Westcliff e Thomas Bowman discutiam acerbamente.

Daisy mexia nervosamente no cadeado das algemas. O coração de Matthew torceu-se dolorosamente ao verificar que ela estava a tentar forçá-lo com um gancho de cabelo. Os truques e a habilidade das manas Bowman para abrir fechaduras eram lendários, experimentados por anos de tentativas goradas dos pais para impor disciplina. Mas as mãos de Daisy tremiam demasiado para ela conseguir abrir a fechadura desconhecida – e revelava-se obviamente inútil tentar libertá-lo. Meu Deus, se ao menos ele pudesse eximi-la daquela triste condição, do seu passado de ignomínia... dele próprio.

– Não – disse ele baixinho. – Não vale a pena, Daisy... Daisy, por favor...

– Ora bem – disse um dos polícias ao aperceber-se da atividade de Daisy –, afaste-se do prisioneiro, Miss. – Percebendo que ela não lhe obedecia, ele deu uns passos para ela com as mãos levantadas. – Miss, já lhe disse para...

– *Não se atreva a tocar-lhe!* – gritou Lillian, com uma ferocidade que estabeleceu na sala um silêncio absoluto.

Até Westcliff e Waring pararam, numa imobilidade momentânea.

Dardejando um olhar assassino sobre o polícia estarecido, Lillian aproximou-se de Daisy, afastando-a para o lado.

– Antes que deem um passo que seja na minha direção – disse ela com um desprezo mordaz –, aconselho-os a que considerem o que fará às vossas carreiras saber-se que maltrataram a condessa de Westcliff na sua própria casa.

Extraiu um gancho do seu cabelo e tomou o lugar de Daisy, ajoelhando em frente de Matthew. Numa questão de segundos, o cadeado abriu-se com um clique e a alga caiu-lhe dos pulsos.

Antes que Matthew pudesse agradecer-lhe, Lillian levantou-se e retomou a sua diatribe contra os polícias.

– Que belo par fazem os senhores, acatando ordens de um ianque grosseirão para insultar a casa que vos ofereceu abrigo de uma tempestade... É óbvio que serão demasiado obtusos para estarem a par de todo o apoio financeiro e político que meu marido consagrou à Nova Polícia. Com um simples levantar de dedo, ele pode mandar substituir o Secretário de Estado, *bem como* o Chefe da Polícia de Bow Street num espaço de dias. Posto isto, se eu estivesse no vosso lugar pensaria duas vezes antes de...

– Peço perdão, *my lady*, mas teve mesmo de ser – interrompeu um dos polícias latagões. – Temos ordens expressas para levar Mr. Phaelan para Bow Street.

– E quem raio é Mr. Phaelan, criatura?!

Algo atordado com o uso fluente do praguejar demonstrado pela condessa, o polícia disse:

– Esse aí – murmurou, apontando para Matthew.

Consciente de que todos os olhos o fixavam, Matthew assumiu um rosto sem expressão.

Daisy foi a primeira a mexer-se. Tirou as algemas desativadas do colo de Matthew e foi até à porta, onde um pequeno grupo de criados curiosos se haviam aglomerado. Após uma breve troca de murmúrios, regressou para ocupar uma cadeira junto de Matthew.

– E pensar que eu tinha previsto uma noite sossegada em casa... – disse Lillian secamente, ocupando uma cadeira do outro lado de Matthew, como que para ajudar a defendê-lo.

Daisy murmurou para Matthew:

– É esse o seu nome? Matthew Phaelan?

Ele não respondeu: todos os músculos do seu corpo estavam tensos numa clara rejeição àquele nome.

– E é mesmo! – guinchou Wendell Waring.

Waring tinha a pouca sorte de ser um daqueles homens cuja voz fininha não se coadunava com as suas proporções avantajadas. Por outro lado, Waring distinguia-se, em porte e aparência, mercê de uma espessa cabeleira branca, suíças perfeitamente aparadas e de uma hirsuta barba branca. Tresandava a *velha Boston*, com o seu casaco de tweed de corte antigo mas de excelente qualidade, e aquele ar de autossuficiência que só poderia ter tido origem numa família orgulhosa das suas várias gerações de académicos de Harvard. Os seus olhos pareciam pedras de quartzo por talhar, duras, claras e completamente sem brilho.

Avançando até Westcliff, Waring estendeu-lhe energicamente uma mão cheia de papéis.

– Esta é a prova da minha autoridade – disse ele, cheio de veneno. – Aí tem uma cópia da requisição diplomática de uma detenção provisória vinda do Secretário de Estado da Tutela americano. A cópia de uma ordem do vosso próprio Secretário de Estado, *Sir James Graham*, para o Magistrado-Mor de Bow Street, para que seja publicada uma ordem de prisão contra Matthew Phaelan, também conhecido como Matthew Swift. Cópias de informações ajuramentadas que provam...

– Mr. Waring... – interrompeu Westcliff com uma brandura que de modo algum mitigava o

perigo latente na sua voz. – O senhor pode submergir-me com cópias de tudo o que quiser, desde ordens de prisão até à Bíblia de Guttenberg. Isso não quer dizer que eu vá entregar este homem nas suas mãos.

– Mas o senhor não tem escolha! Trata-se de um criminoso sentenciado, que será extraditado para os Estados Unidos, mau grado as objeções seja de quem for.

– *Não tenho escolha?! –* Os olhos escuros de Westcliff abriam-se mais e um forte rubor invadiu-lhe a face. – Rai's me partam se a minha paciência alguma vez foi testada até ao seu limite como está a ser agora! Esta propriedade onde o senhor se encontra está na posse da minha família há *cinco séculos* e neste território, nesta casa, *eu* é que sou a autoridade! Posto isto, aguardo que o senhor me comunique, da maneira mais deferente que lhe for possível, que queixas tem contra este homem.

Lord Westcliff enraivecido constituía um espetáculo impressionante. Matthew duvidava que mesmo Wendell Waring, que era amigo de presidentes e de gente influente, alguma vez tivesse encontrado um homem com mais *autoridade natural*. Os dois polícias encolheram-se, nitidamente pouco à vontade entre os dois homens.

Como se a vista de Matthew lhe fosse repugnante, Waring não o olhou enquanto dizia:

– Todos conheceis o homem ali sentado como Matthew Swift. Ele ludibriou e traiu toda a gente que o acaso o fez encontrar. O mundo será muito melhor quando ele for exterminado como o verme que é. Nesse dia...

– Perdoe-me, *sir* – interrompeu Daisy com uma cortesia formal que raiava a zombaria. – Mas eu, por mim, preferia ouvir a versão *não-embelezada*. Não tenho qualquer interesse pelas suas opiniões acerca da reputação de Mr. Swift.

– O apelido dele é *Phaelan* e não Swift – retorquiu Waring. – É filho de um bêbado irlandês. Foi levado para o Orfanato de Charles River em bebé, após a morte da mãe durante o parto. Eu tive a infelicidade de conhecer Matthew Phaelan quando o comprei, com a idade de onze anos, para servir de criado e companhia ao meu filho Harry.

– *Comprou-o?! –* repetiu Daisy com acrimónia.

– Eu não sabia que se podia comprar e vender órfãos.

– *Aluguei-o*, prefere assim? – disse Waring, virando-se para ela. – E quem é a menina, sua descarada, que se atreve a interromper os mais velhos?

De repente Thomas Bowman entrou na discussão, com o bigode estremecendo violentamente.

– É minha filha – rugiu ele. – E pode falar como muito bem entender!

Surpreendida pela defesa do pai, Daisy lançou-lhe um sorriso e logo voltou a sua atenção para Waring.

– Durante quanto tempo é que Mr. Phaelan esteve ao seu serviço? – perguntou.

– Por um período de sete anos. Serviu o meu filho Harry no colégio interno, fazendo-lhe recados, tratando dos seus objetos pessoais e vindo para casa com ele nas férias.

O seu olhar dirigiu-se a Matthew, subitamente vidrado por uma acusação extenuada. Agora que a

sua presa estava em segurança, parte da fúria de Waring evoluiu para uma resolução implacável. Parecia meramente um homem que tinha carregado um pesado fardo durante muito, muito, tempo.

– Mal imaginávamos que tínhamos acolhido uma serpente no nosso seio. Durante uma das estadias de Harry em casa durante as férias, uma fortuna em dinheiro e joias foi roubada do cofre da família. Um dos objetos foi um colar de diamantes que há um século pertencia à nossa família. O meu bisavô tinha-o adquirido à família da arquiduquesa da Áustria. O roubo só podia ter sido perpetrado por alguém da família ou por um criado de confiança que tivesse acesso à chave do cofre. Todas as provas apontavam para uma pessoa: Matthew Phaelan.

Matthew não reagia. A calma por fora, o caos por dentro. Continha-se com um esforço enorme, sabendo que não ganharia nada em tentar defender-se.

– Como é que sabe que a fechadura não foi aberta por um ladrão? – ouviu Lillian perguntar, calmamente.

– O cofre está equipado com um detetor na fechadura – replicou Waring –, que a faz travar automaticamente se ela for manipulada com um objeto estranho. Só a chave original é que pode abri-lo. E Phaelan sabia onde ela estava. Ocasionalmente mandavam-no ao cofre buscar dinheiro ou objetos pessoais.

– Ele não é um ladrão! – Matthew ouviu o grito irado de Daisy, que o defendia antes que ele pudesse defender-se a si próprio. – Jamais seria capaz de roubar fosse o que fosse a alguém.

– Um júri formado por doze pessoas credíveis não foi dessa opinião! – berrou Waring, cada vez mais furioso. – Phaelan foi acusado de roubo em primeiro grau e condenado a quinze anos de prisão. Escapou antes que o pudessem apanhar e desapareceu.

Plenamente convicto de que Daisy o iria finalmente abandonar, Matthew ficou atónito ao perceber que ela tinha vindo postar-se ao lado da sua cadeira. Exteriormente, não reagiu ao toque dela, mas os seus sentidos absorveram, esfomeados, o toque dos seus dedos.

– Como é que me encontrou? – perguntou ele com voz rouca, forçando-se a olhar para Waring.

O tempo tratara de mudar aquele homem, de vários e subtis modos. As rugas estavam mais profundamente inculcadas no seu rosto, os ossos mais proeminentes.

– Há anos que eu tenho homens à tua procura – disse Waring com um toque melodramático que os seus amigos de Boston teriam certamente achado excessivo. – Eu *sabia* que não podias manter-te escondido para sempre. A dada altura houve um generoso donativo anónimo consagrado ao Orfanato de Charles River – vi logo que estavas por trás disso, mas foi impossível furar a armadura de advogados e falsas frentes de negócio. Depois, veio-me à ideia que talvez te tivesses encarregado de encontrar o pai que te abandonara há tanto tempo. Acabámos por encontrá-lo e, pelo preço de umas bebidas, ele disse-nos tudo o que queríamos saber: o teu nome falso, a tua morada em Nova Iorque...

O desprezo de Waring escapou-se pelo ar como um enxame de moscas negras, enquanto acrescentava:

– Foste vendido pelo preço de cinco onças líquidas de whisky.

Matthew estremeceu. Sim, tinha encontrado o pai e resolvera, contra toda as cautelas, confiar nele. A necessidade de se relacionar com alguém, com qualquer coisa, revelara-se-lhe insuportável. O pai era o destroço de um ser humano – fora doloroso para Matthew constatar que pouco pudera fazer por ele, além de encontrar um sítio para ele viver e pagar pela sua subsistência.

Sempre que Matthew o conseguira visitar em segredo, encontrara garrafas empilhadas por todo o lado.

«Se alguma vez precisar de mim», dissera-lhe ele, enfiando-lhe um papel na mão, «mande procurarem-me nesta morada. Mas não a dê a ninguém, percebeu?»

E o pai, como uma criança na sua dependência, dissera que sim, que percebia.

Se alguma vez precisar de mim... Como Matthew desejara desesperadamente que alguém precisasse dele.

E este era o preço a pagar por aquela fraqueza.

– Swift – perguntou Thomas Bowman. – Há alguma verdade nesta história?

O seu rompante habitual estava temperado por uma nota de apelo.

– Nem tudo é verdade.

Matthew arriscou um olhar cauteloso pela sala. O que ele esperara encontrar nas expressões deles – acusação, medo, zanga – não estava lá. Mesmo Mercedes Bowman, que não era exatamente aquilo a que se poderia chamar uma mulher compassiva, olhava-o agora com o que ele quase juraria ser benevolência.

De repente ele descobriu que estava numa posição diferente daquela em que estivera todos aqueles anos atrás, quando era pobre e sem amigos. Na altura estivera armado só com a verdade, o que provara não ser grande coisa. Agora tinha dinheiro e influência própria, para não falar em aliados poderosos. E sobretudo Daisy, que ali estava junto ao seu ombro e cujo toque levava força e conforto às suas veias.

Os olhos de Matthew semicerraram-se de desafio ao enfrentar o olhar acusador de Wendell Waring. Quer quisesse quer não, Waring teria agora de ouvir a verdade.

Capítulo 18

– Eu era o criado de Harry Waring – começou Matthew, de mau modo. – E um bom criado, embora consciente de que ele me considerava abaixo de um ser humano. Para ele, os criados eram uma espécie de cães – eu apenas existia para sua conveniência. O meu trabalho consistia em assumir as culpas pelas suas asneiras, assumir os seus castigos, buscar e trazer aquilo que ele quisesse. Mesmo desde pequeno, Harry era um indivíduo imprestável e esbanjador que cuidava poder fazer tudo o que lhe apetecesse, dado o nome da sua família...

– Não permito que o insultem! – gritou Waring furioso.

– O senhor já teve a sua vez – berrou Thomas Bowman. – Agora quero ouvir a versão de Mr. Swift.

– Ele não se chama...

– Deixe-o falar! – disse Westcliff friamente.

Matthew endereçou ao conde um breve aceno de agradecimento. A sua atenção sofreu um desvio quando Daisy retomou o seu lugar na cadeira mais próxima. E foi arrastando-a lentamente para mais perto, até a perna direita dele ficar meio escondida nas pregas da saia dela.

– Acompanhei Harry na Boston Latin School, para as línguas clássicas – continuou Matthew. – E de seguida em Harvard. Dormia na cave, nas instalações dos criados. Estudei os apontamentos dos colegas de Harry, das aulas a que ele faltava, e compus dissertações em nome dele...

– Isso é mentira! – gritou Waring. – *Tu?! Que foste criado por velhas freiras num orfanato – estás doido se julgas que alguém acredita em ti!*

Matthew permitiu-se um sorriso trocista.

– Deixe que lhe diga que aprendi mais com essas *freiras velhas* do que Harry com o seu exército de professores particulares. Harry dizia sempre que não precisava de educação para nada, visto ter um nome e dinheiro. Mas eu... nada tinha, e a minha única esperança era aprender tudo o que pudesse, para o caso de um dia vir a subir na vida.

– Subir para *onde?! –* perguntou Waring desdenhoso. – Tu não passavas de um criado – *irlandês,*

ainda por cima – sem a menor esperança de vires a ser um cavalheiro.

Um meio-sorriso passou pela cara de Daisy:

– Mas foi isso precisamente o que ele fez em Nova Iorque, Mr. Waring. Matthew conquistou um lugar nos negócios e na sociedade e, obviamente, tornou-se um cavalheiro.

– A coberto de uma falsa identidade – replicou Waring. – Não passa de um aldrabão, não vê?

– Não – replicou Daisy olhando para Matthew com os seus olhos brilhantes. – Eu vejo um cavalheiro.

Matthew desejou beijar-lhe os pés. Mas desviou os olhos dos dela, continuando:

– Fiz tudo o que pude para manter Harry em Harvard, mas ele parecia furiosamente determinado a fazer-se expulsar. Bebia de mais, jogava a dinheiro... – Matthew hesitou ao lembrar-se de que havia senhoras presentes – ... e outras coisas que se tornaram piores. Gastava muito mais por mês do que a mesada que recebia, e as dívidas ao jogo tomaram tais proporções que até ele próprio começou a mostrar-se preocupado. Receava enfrentar as consequências, logo que o pai conhecesse a extensão do sarilho em que estava metido. Sendo como era, procurou uma saída fácil. O que explica as férias em casa, quando se deu o assalto ao cofre. Eu soube logo que o culpado era ele.

– Que chorrilho de mentiras nojentas!... – bradou Waring.

– Harry preferiu acusar-me – prosseguiu Matthew, ignorando-lhe a interrupção –, a admitir que havia roubado o dinheiro para pagar as suas dívidas de jogo. Decidiu sacrificar-me para salvar a própria pele. E claro que a família acreditou na palavra dele.

– A tua culpa ficou provada no julgamento! – disse Waring, estridente.

– *Nada* ficou provado! – Um ímpeto de raiva quase toldou Matthew, que teve de lutar para manter o controlo. Sentiu a mão de Daisy procurando a sua e apoderou-se dela com uma força excessiva, que mal conseguiu moderar. – Esse julgamento foi uma farsa despachada à pressa para impedir os jornais de se interessarem excessivamente pelo caso. O meu advogado, nomeado pelo tribunal, literalmente *dormiu* a maior parte do tempo. Não havia provas que me ligassem ao caso. O criado de um dos colegas de Harry tentou avançar com a declaração de que tinha ouvido Harry e dois dos seus amigos conspirando para me incriminar, mas teve receio de testemunhar em tribunal.

Vendo que os dedos de Daisy estavam a ficar brancos pela pressão dos seus, Matthew obrigou-se a largá-los. Com o polegar afagou os nós dos dedos dela.

– Tive um golpe de sorte – continuou, mais calmo –, quando um repórter do *Daily Advertiser* escreveu um artigo expondo as antigas dívidas de jogo de Harry, e comentando que, por coincidência, elas tinham sido liquidadas logo após o roubo. Como resultado desse artigo houve um crescente protesto público contra aquela manifesta caricatura da justiça.

– E ainda assim foi condenado? – perguntou Lillian indignada.

Matthew esboçou um sorriso desencantado:

– A justiça pode ser cega – disse ele –, mas adora o som do dinheiro. Os Waring eram demasiado poderosos e eu, um criado sem vintém.

– E como conseguiu fugir? – quis saber Daisy.– Isso foi uma surpresa para mim, como para toda a gente. Eu tinha sido enfiado no carro prisional, que deixou o tribunal antes do nascer do sol. O carro parou numa estrada deserta. Subitamente, a porta abriu-se e vi-me puxado para fora por meia dúzia de homens. Julguei que ia ser linchado. Mas eles declararam-se cidadãos decididos a reparar uma injustiça. Libertaram-me – os guardas não tiveram como oferecer resistência – e deram-me um cavalo. Fugi para Nova Iorque, vendi o cavalo e comecei uma vida nova.

– Porquê a escolha do nome Swift? – perguntou Daisy, por mera curiosidade.

– Por essa altura eu já tinha compreendido o valor de um nome respeitado. E os Swift são uma família extensa e com vários ramos, e assim cuidei tornar-se mais fácil de assumir sem um escrutínio apertado.

Nessa altura interveio Thomas Bowman, acicatado pela suspeita de ter sido profundamente traído:

– E por que razão vieste ter comigo pedindo-me emprego? Pensavas poder fazer de mim gato-sapato?

Matthew olhou-o de frente, recordando a sua primeira impressão acerca de Thomas Bowman... um homem poderoso, decidido a dar-lhe uma oportunidade e demasiado preocupado com os seus negócios para lhe fazer perguntas indiscretas. Astuto, teimoso, irascível, coerente... a figura masculina que mais influenciara Matthew em toda a sua vida.

– Nunca – disse ele sinceramente. – Sempre admirei o que o senhor havia conseguido na vida. Quis aprender consigo. E eu... – A voz embargou-se-lhe um pouco: – Acabei por olhá-lo com respeito e gratidão... e com um profundo afeto.

Bowman corou de alívio, assentindo com a cabeça e perscrutando Matthew com olhos brilhantes.

Waring aparentava o ar de um homem destruído, de postura desfeita como uma vidraça esfrangalhada, fitando Matthew e estremecendo de ódio:

– Estás a tentar sujar a memória do meu filho com as tuas mentiras – rosnou ele. – Mas eu não vou permiti-lo. Acreditaste que, vindo para um país estrangeiro, ninguém viria a...

– A *memória* do seu filho?! – interrompeu Matthew aturdido. – O Harry... morreu?

– Por tua culpa! Depois do julgamento formaram-se rumores, mentiras, dúvidas e desconfianças que jamais desapareceram. Todos os amigos de Harry se afastaram. Aquela nódoa na sua honra... destruiu-lhe a vida. Se tivesses confessado a tua culpa – se tivesses cumprido a devida pena – o Harry ainda estaria comigo. Mas as suspeitas imundas das pessoas não passaram com o tempo, e ter de viver nessa sombra... fez com que o Harry se matasse a beber e a viver de uma maneira irresponsável.

– Ao que parece – disse Lillian impiedosa –, o seu filho já fazia isso antes do julgamento.

Lillian tinha um talento especial para provocar as pessoas para lá do razoável. Waring não foi exceção.

– Este homem é um criminoso sentenciado! – Waring cresceu para ela. – Como se atreve a acreditar nele e não em mim?!

Westcliff aproximou-se dele em três passadas, mas Matthew já se havia colocado em frente de Lillian para a proteger da ira de Waring.

– Mr. Waring – disse a voz doce de Daisy –, queira acalmar-se, por favor. Bem vê que o seu procedimento não acarreta nada de bom para a sua causa...

Aquela lucidez calma pareceu tocá-lo. Encarando-a com uma expressão estranhamente suplicante, ele disse:

– O meu filho morreu. E o culpado foi Matthew Phaelan.

– Nada disto o irá trazer de volta – disse ela. – Tão-pouco deixar dele uma boa recordação.

– Vai trazer-me paz! – gritou Waring.

– Tem a certeza? – disse ela com uma expressão grave e compassiva. Mas via-se bem que isso não ia resultar; ele estava para lá da razão.

– Esperei muitos anos e viajei milhares de quilómetros até este momento – disse ele. – Não me podem negar isto. O senhor viu os papéis, Lord Westcliff. Mesmo o senhor não está acima da lei. Os polícias têm ordem para usar a força, caso seja necessário. Vai-mo entregar *agora*, esta noite.

– Não me parece. – Os olhos de Westcliff eram duros como aço. – Seria loucura viajar numa noite como esta. As tempestades de primavera no Hampshire podem ser violentas e imprevisíveis. Vai passar a noite em Stony Cross Park, enquanto eu considero o que há a fazer.

Os polícias pareceram um tanto aliviados com esta sugestão, pois ninguém na posse do seu juízo queria aventurar-se naquele dilúvio.

– E dar a Phaelan nova oportunidade de escapar? – perguntou Waring desdenhosamente. – Não. O senhor vai entregá-lo à minha custódia.

– Dou-lhe a minha palavra em como ele não vai fugir – disse Westcliff prontamente.

– A sua palavra não me serve – retorquiu Waring. – Parece-me claro que o senhor está do lado dele.

A palavra de um cavalheiro britânico era tudo. Duvidar dela era o maior insulto possível. Matthew ficou admirado por Westcliff não explodir imediatamente. A sua face tensa vibrou com o insulto.

– Agora é que foi... – murmurou Lillian que parecia prestes a explodir.

Mesmo durante as piores discussões com o marido, jamais ela ousara pôr em dúvida a sua honra.

– O senhor só logrará levar daqui este homem – disse Westcliff num tom fatal como o destino –, por cima do meu cadáver.

Naquele momento Matthew compreendeu que a situação tinha ido tão longe quanto possível. Viu a mão de Waring mergulhar na algibeira do casaco, onde um objeto pesado fazia pender o tecido, e viu brilhar a ponta de uma pistola. Claro! Uma arma seria uma alternativa segura no caso de a ação dos polícias se revelar ineficaz.

– Esperem – disse Matthew, num ímpeto.

Estava decidido a dizer ou fazer o que fosse necessário para evitar que a arma surgisse à luz do dia. Se isso acontecesse, a confrontação entraria numa escalada de gravidade de um grau tal, que

seria impossível um dos dois recuar.

– Eu acompanho-o. – Olhou para Waring de frente para o fazer relaxar. – Este processo já foi posto em marcha. Deus sabe que não posso evitá-lo.

– Não! – gritou Daisy, deitando-lhe os braços ao pescoço. – Com ele jamais estará em segurança!

– Vamos partir imediatamente – disse Matthew a Waring, desprendendo-se carinhosamente dos braços de Daisy e protegendo-a com o escudo do seu corpo.

– Eu não posso permitir... – começou Westcliff.

Matthew interrompeu-o com firmeza:

– É melhor assim, creia. – Desejava acima de tudo afastar o desvairado Waring e os dois polícias de Stony Cross Park. – Eu vou com eles e em Londres tudo se resolverá. Isto não é o local próprio nem a altura certa para discussões.

O conde praguejou discretamente. Como hábil estratega, entendeu que naquela altura não tinha o domínio da situação. Aquela batalha não podia ser ganha por meio de força bruta. Requeria dinheiro, uso de legalidades e puxar de cordelinhos políticos.

– Eu vou para Londres consigo – disse ele, concisamente.

– Impossível – replicou Waring. – A carruagem só dispõe de quatro lugares, apenas me leva a mim, os dois guardas e o prisioneiro.

– Eu sigo atrás na minha carruagem.

– E eu acompanho-o – disse Thomas Bowman, decidido.

Westcliff puxou Matthew de parte, pousando-lhe a mão no ombro num abraço paternal e dizendo-lhe baixinho:

– Conheço bem o magistrado de Bow Street. Vou fazer com que lhe seja apresentado logo que chegarmos a Londres – e, a meu pedido, será libertado imediatamente. Ficaremos na minha residência, enquanto aguardamos por uma requisição formal do embaixador americano. Entretanto, reunirei um regimento de advogados e todo o género de influência política de que disponho.

– Obrigado – disse Matthew, não conseguindo articular mais do que uma palavra.

– *My lord* – murmurou Daisy –, cuida que eles conseguirão extraditar Matthew?

– Nunca, absolutamente! – disse Westcliff com a cara fechada de uma certeza absoluta.

Daisy conseguiu exprimir um sopro de riso trémulo:

– Bom – disse ela –, nesse caso resta-me ter fé na sua palavra, *my lord*, mesmo se Mr. Waring não a tem.

– Quando eu tiver ajustado contas com Mr. Waring... – murmurou Westcliff abanando a cabeça. – Bom, com a sua licença, vou mandar atrelar a carruagem.

Enquanto ele se afastava, Daisy aproximou-se de Matthew, dizendo baixinho:

– Há agora tanta coisa que eu compreendo... Porque se recusava a dizer-me...

– Sim... – disse ele roucamente. – Eu sabia que não tinha o direito... sabia que a iria perder quando descobrisse.

– Pensava que eu não ia entender? – disse ela gravemente.

– Não faz ideia de tudo por que passei, Daisy. Ninguém acreditou em mim. Os factos não interessavam. E, tendo passado pelo pior inferno imaginável, não podia pensar que alguém jamais acreditasse na minha inocência.

– Matthew – disse ela com simplicidade –, eu sempre acreditarei em *tudo* o que me disser.

– Porquê? – murmurou ele.

– Porque o amo.

Aquelas palavras arrasaram-no.

– Não tem de dizer isso, Daisy. Ainda não...

– Amo-o – repetiu Daisy, agarrando-o com força pelo colete. – Devia ter-lho dito antes... mas quis esperar que confiasse em mim o suficiente para deixar de me esconder o seu passado. Mas agora que já sei o pior... – Calou-se, com um sorriso retorcido. – Porque isto é o pior, não é verdade?... Há mais alguma coisa que queira confessar?

Matthew acenou com a cabeça, aturdido:

– Sim... Não... É tudo.

Timidamente, Daisy perguntou:

– Não vai dizer que também me ama?

– Não tenho esse direito – disse ele. – Não, enquanto isto não ficar resolvido. Não, enquanto o meu nome não ficar...

– Diga-o! – disse Daisy puxando-o pelo colete.

– Amo-a... – murmurou ele. Céus, como era bom dizer-lhe aquilo...

Ela puxou-o mais, num gesto de posse, numa asserção. Ele resistiu, levando as mãos aos cotovelos dela, sentindo o calor da sua pele através do tecido húmido do vestido. E apesar da situação ser imprópria, o corpo dele pulsou de desejo. *Daisy, eu não quero deixá-la...*

– Eu também vou para Londres – disse ela num murmúrio decidido.

– Não. Fique com a sua irmã. Não quero vê-la envolvida nisto.

– Tarde de mais, não acha? Envolvida já eu estou, de corpo e alma. E, como sua noiva, tenho todo o interesse no resultado.

Matthew baixou a cabeça até à dela, roçando-lhe o cabelo com os lábios.

– Será mais difícil para mim consigo lá – disse ele baixinho.

– Preciso de saber que está a salvo aqui no Hampshire. – Tirou-lhe as mãos do colete e beijou-as ardentemente. – Vá amanhã ao poço por mim – murmurou-lhe docemente. – Vou precisar de outro desejo de cinco dólares.

As mãos dela apertaram as dele:

– Vou recorrer a um desejo de dez.

Matthew voltou-se ao sentir que alguém se aproximava. Era o par de polícias, que pareciam desanimados e insatisfeitos.

– É obrigatório os acusados usarem algemas durante o transporte até Bow Street – disse um deles, lançando a Daisy um olhar acusatório. – Peço-lhe perdão, Miss, mas o que fez com as algemas que foram retiradas a Mr. Phaelan?

Daisy lançou-lhe o seu olhar mais inocente:

– Dei-as a uma criada. Mas ela é muito distraída. Deve tê-las perdido.

– Onde cuida que eu as deva procurar? – disse o polícia com um suspiro de impaciência.

Sem mudar de expressão, ela respondeu:

– Sugiro uma procura aprofundada em todos os penicos.

Capítulo 19

Dada a pressa da partida, Marcus e Bowman tinham levado com eles poucos pertences para além de uma muda de roupa escolhida à pressa e os artigos de toilette mais básicos. Sentados em lados opostos da carruagem, pouco conversaram. Vento e chuva fustigavam o veículo e Marcus estava sinceramente preocupado com o cocheiro e os cavalos.

Era imprudente viajar com aquele tempo, mas Marcus jurara a si próprio não deixar que Matthew Swift... ou Phaelan... fosse arrebatado de Stony Cross sem nenhuma proteção. E era óbvio que a sede de vingança de Wendell Waring atingira o extremo do imaginável.

Como Daisy inteligentemente fizera notar a Waring, fazer outra pessoa pagar pelo crime que Harry cometera não lhe restituiria o filho, nem beneficiaria a sua memória. Mas no espírito de Waring, aquilo era a última coisa que ele podia fazer pelo filho. E talvez estivesse convencido de que pôr Matthew na prisão provaria a inocência de Harry.

Harry Waring tentara sacrificar Matthew para esconder a sua própria corrupção. Marcus recusava-se deixar que Wendell Waring conseguisse aquilo que o filho lograra falhar.

– Duvida dele? – perguntou Thomas Bowman de repente.

Parecia mais desnorteado do que Marcus alguma vez o vira. Tudo aquilo era sem dúvida extremamente doloroso para Bowman, que gostava de Matthew Swift como se fosse seu filho. Provavelmente, mais até do que amava os filhos. Não admirava que os dois tivessem criado uma forte ligação – Swift, era um rapaz sem pai e Bowman, precisava absolutamente de alguém a quem orientar e servir de mentor.

– Está a perguntar se eu duvido de Swift? Nem por sombras. Achei a versão dele infinitamente mais credível do que a de Waring.

– Também eu. E eu conheço o carácter de Swift. Posso assegurar-lhe que em todos os meus contactos com ele, durante todos estes anos, ele sempre foi exageradamente honesto e de bons princípios.

Marcus sorriu:

– Pode ser-se *exageradamente* honesto?

Bowman encolheu os ombros e o seu bigode estremeceu, relutantemente divertido.

– Bom... a honestidade extrema pode por vezes ser um risco prejudicial para os negócios.

Um relâmpago estralejou desconfortavelmente perto, fazendo estremecer os pelos da nuca de Marcus.

– Isto é uma loucura – murmurou. – Vão ter de parar na hospedaria mais próxima, se é que vão conseguir passar a fronteira do Hampshire. Algumas ribeiras deste condado são mais fortes do que certos rios. Se transbordarem, as estradas ficarão intransitáveis.

– Oxalá, com um raio! – disse Thomas Bowman com fervor. – Nada me agradaria mais do que ver Waring e esses dois palermas forçados a voltar para Stony Cross Manor com Swift.

A carruagem abrandou e parou abruptamente, enquanto a chuva batia como punhos no exterior lacado.

– O que foi?

Bowman levantou a cortina para ver para lá da janela, mas não conseguiu ver senão trevas e a chuva escorrendo pelo vidro.

– C’os diabos! – disse Marcus.

OuvIU-se bater, em pânico, à porta – que foi aberta com esforço, revelando a face lívida do cocheiro. Com o seu chapéu alto preto e a capa, que se sumiam nas trevas, parecia uma cabeça sem corpo.

– *My lord* – arquejou –, houve um acidente ali à frente na estrada – é melhor virem ver!

Marcus saltou para fora da carruagem, sendo desde logo atingido por um forte golpe de chuva gelada. Arrancou a lanterna da parede da carruagem e seguiu o cocheiro até um ribeiro que cruzava a estrada pouco adiante.

– Meu Deus... – murmurou Marcus.

A carruagem que levava Waring e Matthew parara numa ponte de uma só viga, um dos lados da qual se soltara da margem e estava agora pendurada diagonalmente sobre o ribeiro. A força da corrente fizera colapsar parte da ponte, deixando as rodas traseiras da carruagem meio submersas na água, enquanto a parelha de cavalos se debatia em vão para a arrancar dali. Balouçando na água para trás e para a frente, qual brinquedo de criança, a ponte ameaçava despegar-se da outra margem.

Não havia meio de alcançar a carruagem. A ponte separara-se do lado mais próximo deles e teria sido suicídio tentar atravessar a corrente.

– Meu Deus, não! – ouviu ele Thomas Bowman exclamar, horrorizado.

Não puderam senão assistir, impotentes, ao cocheiro da carruagem de Waring lutando por salvar a parelha, soltando freneticamente correias e rédeas do corpo da carruagem.

Ao mesmo tempo, a porta da carruagem, que já começara a afundar-se, abriu-com um empurrão e um vulto começou a arrastar-se para fora com dificuldade.

– É Swift? – perguntou Bowman aproximando-se o mais possível da carruagem.

Mas o seu berro foi engolido pelo barulho da trovoadas e o bramido da corrente e o ranger desesperado da ponte desintegrando-se.

Depois, tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. Os cavalos saíram, tropeçando, da ponte para a segurança da margem. Na ponte houve um movimento, uma sombra ou duas, e com uma lentidão arrepiante, quase majestática, a pesada carruagem deslizou para dentro de água. Ficou semissubmersa, retendo um poder de flutuação quase sumptuoso, durante uns momentos... e por fim as lanternas extinguiram-se e o veículo resvalou, deitado de lado, até a corrente furiosa o levar rio abaixo.

Daisy conseguira apenas dormir intermitentemente, incapaz de pôr fim aos seus tumultuosos pensamentos. Acordara várias vezes durante a noite, pensando no que poderia acontecer a Matthew. Receava pela sua segurança, e só o facto de saber que Westcliff estava com ele – ou perto, pelo menos – a mantinha relativamente calma.

Dava por si constantemente a reviver aquele momento em que Matthew tinha finalmente revelado os segredos do seu passado. Como ele parecera vulnerável e só! Que fardo fora o seu durante todos aqueles anos... e quanta coragem e determinação tinham sido necessárias para ele se reinventar a si próprio!

Daisy sentia que não ia ser capaz de aguardar no Hampshire por muito tempo. Queria desesperadamente ver Matthew, tranquilizá-lo, defendê-lo contra o mundo se necessário.

À tarde Mercedes perguntara-lhe se as revelações acerca de Matthew tinham afetado a sua decisão de casar com ele.

– Sim – respondera ela. – Tornaram-me ainda mais determinada do que antes.

Lillian juntara-se à conversa, admitindo que ela própria estava muito mais inclinada a gostar de Matthew Swift depois do que tinha sabido acerca dele.

– Embora fosse agradável saber qual vai ser o teu nome de casada – acrescentou ela.

– *Ora, o que há num nome?...* – recitara Daisy abrindo uma gaveta, donde tirou uma folha de papel de carta.

– Que fazes? – indagou Lillian. – Não me digas que vais escrever uma carta *agora*?!

– Não sei o que fazer – admitiu Daisy. – Penso que devia escrever a Annabelle e a Evie a contar isto.

– A seu tempo o saberão, contado por Westcliff – disse Lillian. – E não vão ficar nada surpreendidas, aposto.

– Porque dizes isso?

– Dada a tua queda para histórias com piruetas teatrais e personagens com passados misteriosos, a conclusão inevitável é que vocês dois não podiam ter um noivado calmo como toda a gente.

– Seja como for – replicou Daisy, impaciente –, um noivado calmo parece-me *muito desejável* neste momento.

Após um sono bastante inquieto, Daisy acordou de manhã quando alguém entrou no quarto. A princípio, julgou que era a criada para acender a lareira, mas era muito cedo para isso. Ainda não raiara a manhã e a chuva diminuía para um chuviscar mal humorado.

Mas era a irmã.

– Bom dia – resmungou Daisy sentando-se direita e espreguiçando-se. – Por que te levantaste tão cedo? A bebé acordou?

– Não, está a dormir sossegada – murmurou Lillian.

Vestindo um pesado robe de veludo, e com o cabelo apanhado numa trança larga, aproximou-se da cama com uma chávena fumegante na mão.

– Toma... bebe tudo.

Daisy obedeceu, vendo Lillian sentar-se na beira do colchão. Aquilo não era *nada* habitual.

Acontecera alguma coisa.

– O que foi? – perguntou à irmã, sentindo um arrepio pela espinha.

– Pode esperar até estares mais acordada.

Era cedo de mais para poder haver notícias chegadas de Londres, pensou Daisy. Aquilo não podia ter nada que ver com Matthew. Talvez a mãe delas estivesse doente. Quem sabe tivesse acontecido na aldeia qualquer coisa de terrível...

Após ter bebido um pouco do chá, Daisy curvou-se para poisar a chávena na mesa de cabeceira e virou para a irmã a sua atenção.

– Hoje não conto estar mais acordada do que isto – disse ela. – Podes dizer agora.

Lillian aclarou a garganta, sem grande resultado, e disse numa voz rouca:

– Westcliff e o nosso Pai estão de volta.

– Como?! – Daisy olhou a irmã, espantada. – Porque não estão em Londres com Matthew?

– Ele também não está em Londres.

– Então estão todos de volta?

Lillian sacudiu a cabeça:

– Não. Desculpa, estou a explicar-me mal... vou ser mais direta. Pouco depois de o Pai e Westcliff terem saído de Stony Cross, a carruagem teve de parar por causa de um acidente mais adiante, na ponte. Lembras-te daquela ponte velha, que até rangia, que tínhamos de atravessar para continuar na estrada principal?

– Aquela que transpõe o riacho?

– Sim. Bom, mas o riacho não tem nada de riacho neste momento. Graças à trovoadas, tornou-se num grande rio impetuoso. E aparentemente a corrente foi desgastando a ponte e... quando a carruagem de Mr. Waring tentou passar, abateu.

Daisy ficou transida. *A ponte abateu.* Repetiu as palavras para si mesma, mas pareciam tão

impossíveis de interpretar como se fossem ditas numa língua há muito esquecida. Fazendo um esforço para se recompor, ouviu-se perguntar:

– Salvaram-se todos?

– Todos menos Matthew – disse Lillian numa voz que tremia. – Ficou preso na carruagem que... foi rio abaixo.

– Ele está bem – disse Daisy automaticamente, e o seu coração começou a espinotear como o de um animal preso. – Ele sabe nadar. Provavelmente foi ter mais abaixo, nalgum baixio – alguém tem de ir à procura dele!

– Já andam à procura por todos os lados – disse Lillian. – Westcliff organizou uma equipa de busca a toda a escala. Passou a noite toda à procura, regressando apenas há pouco. A carruagem destruiu-se toda, à medida que foi rio abaixo. Nem sinais de Matthew. E... Daisy, um dos guardas confessou a Westcliff... – Calou-se e os olhos castanhos encheram-se de lágrimas: – E admitiu... – continuou com esforço: – ... que as mãos de Matthew estavam atadas.

As pernas de Daisy mexeram-se sob a roupa da cama e ela encolheu os joelhos até ao queixo, como se o seu corpo quisesse ocupar o menor espaço possível, esquivando-se a esta nova revelação.

– Mas porquê? – murmurou. – Não havia razão...

O queixo voluntarioso de Lillian tremia, enquanto ela tentava retomar o controlo sobre as suas emoções.

– Dada a história de Matthew, eles declararam que havia um sério risco de fuga. Mas eu penso que terá sido uma imposição do Waring, só por despeito.

Daisy sentia-se estonteada pelo ribombar da sua própria pulsação. Estava assustada e ao mesmo tempo parte de si própria estava estranhamente desprendida. Por instantes foi assolada por uma visão de Matthew lutando dentro da água negra, de mãos atadas, debatendo-se...

– *Não!* – disse ela apertando com as mãos o violento latejar nas suas têmporas.

Era como se lhe estivessem a cravar pregos no crânio. Tinha dificuldade em respirar.

– Ele... não teve hipótese, pois não?

Lillian sacudiu a cabeça e desviou os olhos. Gotas de água caíam-lhe dos olhos sobre a colcha.

Que estranho, pensou Daisy, que ela própria não estivesse a chorar também... Sentia uma pressão escaldante por trás dos olhos. Mas parecia que as suas lágrimas esperavam por algum pensamento ou palavra que despoletasse a sua libertação.

Daisy continuava a apertar as têmporas latejantes, quase cega por aquela dor de cabeça.

– É por Matthew que estás a chorar? – perguntou ela à irmã.

– É, sim. – Lillian tirou um lenço da manga do robe e assoou-se violentamente. – Mas é sobretudo por ti. – Curvou-se para envolver Daisy nos seus braços, como que para a proteger de todo o mal. – Eu adoro-te, Daisy.

– Eu também te adoro – disse Daisy, numa voz sumida, toda ela dolorida mas de olhos secos, arquejante.

As buscas mantiveram-se durante todo o dia e a noite que se seguiu, mas todos os rituais do costume, horas de dormir, de trabalhar ou de comer, tinham perdido o sentido. Só um incidente conseguiu trespassar o peso dormente que rodeava Daisy por todos os lados, e isso foi quando Westcliff se opôs a deixá-la ir ajudar nas buscas.

– Não vai ser útil para ninguém, Daisy – dissera Westcliff, demasiado exausto e atormentado para exercer o seu tato habitual. – É perigoso e difícil, naquele local, com a água tão alta. Na melhor das hipóteses, a Daisy pode representar uma distração; na pior, ficar ferida.

Daisy sabia que ele tinha razão, mas isso não impedia que ela se sentisse indignada. Esse sentimento, que a surpreendeu pela sua intensidade, ameaçava desintegrar o seu autocontrole, o que fez com que rapidamente se refugiasse em si própria.

O corpo de Matthew talvez nunca viesse a ser encontrado. Essa ideia era impossível de suportar, o terrível fado de ter de se resignar a uma coisa dessas. De certo modo, um desaparecimento era pior do que a morte – era como se ele nunca tivesse existido, eliminando o objeto de luto. Ela nunca tinha entendido por que razão algumas pessoas precisavam de ver o corpo de um ser amado depois de morto. Agora entendia. Era a única maneira de acabar com aquele pesadelo acordado... e talvez encontrar alívio em lágrimas e dor.

– Não deixo de pensar que *eu saberia*, se ele estivesse morto – disse ela a Lillian, sentada no chão junto da lareira.

Tinha um xaile velho à roda dos ombros, reconfortante na sua macieza urdida pelo tempo. Apesar do calor do fogo, das camadas de roupa que trazia e da caneca de chá com brandy que tinha entre as mãos, Daisy não conseguia aquecer.

– Eu devia *senti-lo*. Mas não sinto coisa alguma, é como... se me tivessem congelado viva. Quero-me esconder seja onde for. Não quero suportar isto. Não quero ser forte.

– Nem tens de o ser – murmurou Lillian.

– Claro que tenho! Porque a única escolha seria deixar-me estilhaçar em mil pedaços.

– Eu mantenho-te junta... Todos os teus pedacinhos.

A amostra de um sorriso tocou os lábios de Daisy contemplando a cara preocupada da irmã.

– Lillian – murmurou ela. – O que seria de mim sem ti?

– Nunca hás de ter de o descobrir.

Só por insistência da mãe e da irmã é que Daisy consentiu em provar o jantar. Bebeu um copo cheio de vinho, na esperança de fazer parar o remoinhar constante do seu espírito.

– Westcliff e o Pai devem estar a voltar – disse Lillian, tensa. – Não têm tido descanso e provavelmente ainda não comeram nada.

– Vamos para o salão – sugeriu Mercedes. – Podemos distrair-nos jogando às cartas ou então talvez possas ler alto um dos teus livros favoritos, Daisy.

Daisy dirigiu-lhe um sorriso triste

– Desculpe, Mamã, mas não consigo. Se não se importam, gostaria de subir para o meu quarto.

Sozinha.

Depois de se lavar e vestir para a noite, Daisy olhou para a cama. Apesar de estar cansada e um pouco tonta, toda ela rejeitava a noção de sono.

Em toda a casa reinava o silêncio, enquanto ela se dirigia para a sala de leitura. Os seus pés nus tocavam sombras que cruzavam a carpete como trepadeiras escuras. Um único lampião lançava um halo amarelo por toda a sala, e a luz refletida nos cristais facetados que pendiam do abajur enviava manchas brancas sobre as paredes forradas de papel florido. Ao lado do sofá alguém deixara uma pilha de despojos impressos: jornais, novelas, um delgado volume de poesia humorística que ela tinha lido a Matthew – para espreitar aqueles sorrisos indefiníveis a que ele era atreito.

Como era possível que tudo tivesse mudado tão depressa? Como é que a vida podia pegar em alguém arbitrariamente e lançá-lo num novo caminho indesejado e violento?

Daisy sentou-se no chão ao lado do monte de papéis e começou a separar os livros paulatinamente... um para ser restituído à biblioteca, outro para levar aos aldeãos em dia de visita... Mas desde logo concluiu que talvez não fosse sensato prosseguir, após tanto vinho. Em vez de formar duas pilhas bem arrumadinhas, aquele material acabou espalhado à volta dela, como sonhos abandonados.

Cruzando as pernas, Daisy encostou-se ao sofá apoiando a cabeça no assento estofado. Os seus dedos encontraram um volume encadernado em tecido. Olhou-o com olhos semicerrados. Um livro sempre fora uma porta para outro mundo... um mundo muito mais interessante e fantástico do que a realidade. Mas há bem pouco tempo ela acabara por descobrir que a vida podia ser ainda mais maravilhosa do que uma fantasia. E que o amor podia encher de magia o mundo real. Matthew era tudo o que ela jamais desejara. E tinha tido tão pouco tempo com ele...

O relógio por cima da lareira fornecia discretos tiquetaques com uma lentidão de avarento. Daisy começara a cabecear de sono, quando ouviu ranger a porta, para onde dirigiu um olhar entorpecido.

Um homem entrara na sala.

Fechara a porta e parara, contemplando a vista dela sentada no chão com os livros à sua volta.

Os olhos dela ergueram-se a custo até ao rosto dele. E ficou gelada... de medo, de ânsia e de terrível saudade.

Era Matthew, numa roupa rude, desconhecida, e a sua presença vital pareceu encher a sala.

Temendo que aquela visão desaparecesse, Daisy ficou imóvel, como morta. Os olhos ardiam-lhe e choravam, mas ela manteve-os abertos, não fosse ele desaparecer.

Ele aproximou-se, com todo o cuidado. Acercando-se, contemplou-a com imensa ternura e solicitude. Afastando para o lado os livros até que o espaço entre eles estivesse livre, murmurou:

– Sou eu, meu amor. Está tudo bem...

Apesar da boca seca, Daisy conseguiu responder:

– Se é um fantasma... espero que me assombre para sempre.

Matthew sentou-se no chão e pegou-lhe nas mãos geladas.

– Os fantasmas não se servem das portas, não é verdade? – perguntou ele com ternura, levando os dedos dela até à sua face arranhada e escalavrada.

O toque da pele dele contra os seus dedos foi para ela como que uma mensagem quase dolorosa da realidade. Com alívio, Daisy sentiu finalmente derreter-se aquele terrível entorpecimento, as suas emoções despertaram e o peito abriu-se-lhe em soluços sôfregos, como em carne viva.

Matthew abraçou-a firmemente contra si, murmurando-lhe ao ouvido. Daisy continuava a chorar e então ele apertou-a mais ainda, compreendendo que ela precisava daquela pressão dura, quase dolorosa, do corpo dele.

– É o Matthew *mesmo*... não é? – arquejou. – Não seja um sonho, por favor...

– Sou eu mesmo – disse Matthew comovido. – Não chore assim... sou eu... oh, Daisy, meu amor...

Agarrou-lhe a cabeça entre as mãos, murmurando-lhe junto à boca palavras de conforto, enquanto ela lutava por se juntar a ele ainda mais de perto. Ele deitou-a no chão, usando o peso tranquilizador do seu corpo para a dominar.

Os dedos dele entrelaçaram-se nos dela. Ofegante, Daisy voltou a cabeça para olhar o pulso dele, vermelho e traçado de vergões.

– Ataram-lhe os pulsos – disse, numa voz rouca que não parecia a dela. – Como é que se libertou?

Matthew beijou a bochecha lacrimosa dela.

– Canivete – resumiu ele.

Daisy insistia em olhar o pulso dele.

– Consegui tirar um canivete da algibeira e cortar as cordas enquanto ia rio abaixo numa... *carruagem afundada*?!

– Deixe que lhe diga que foi bastante mais simples do que a luta corpo a corpo com um ganso selvagem.

Ela soltou um risinho abafado que logo se tornou noutro soluço desgarrado. Matthew apanhou o som com a boca, afagando os lábios dela com os seus.

– Eu tratei logo de começar a cortar as cordas ao primeiro sinal de sarilho – continuou ele. – E ainda dispus de uns minutos antes que a carruagem caísse na água.

– Mas por que razão os outros não o ajudaram? – perguntou Daisy furiosa, limpando as faces à manga do roupão.

– Estavam demasiado ocupados a salvar a própria pele... Embora – acrescentou Matthew, lastimoso –, eu sempre pensasse que merecia um pouco mais de importância do que os cavalos. Mas quando a carruagem começou a descer com a corrente, eu já tinha ambas as mãos livres. O carro estava a desfazer-se em fanicos. Saltei para o rio e deixei-me ir com a corrente até à margem, mas entrementes fiquei um pouco... maltratado. Fui encontrado por um velhote que andava à procura do cão... levou-me para casa, e ele e a esposa cuidaram de mim. Eu perdi os sentidos e só retomei a

consciência um dia e meio depois. Por essa altura o casal já tinha sabido da busca de Westcliff e correram a informá-lo de onde eu me encontrava.

– Julguei que tinha morrido! – disse Daisy com a voz entrecortada. – Cuidei que jamais voltaria a vê-lo... Eu...

– Não, não... então? – Matthew afagou-lhe o cabelo e beijou-lhe o rosto, os olhos, a boca que tremia. – Eu hei de sempre voltar para si. Sou confiável, lembra-se?

– Pois... Se excluirmos... – Daisy teve de respirar fundo ao sentir a boca dele deslizar-lhe até ao pescoço – ... os vinte anos da sua vida antes de eu o conhecer, eu diria que é tão confiável, que é quase... – A língua dele passeava-lhe agora pela cova latejante na base do pescoço dela. – ... previsível.

– Sim... Calculo que tenha algumas queixas por causa daquele *pequeno detalhe* acerca da minha identidade falsa... e da condenação por furto agravado...

Os seus beijos subiam agora pela linha delicada do maxilar dela, absorvendo uma lágrima esquecida.

– Oh, não!... – disse ela ofegante. – Eu perdoei tudo antes mesmo de saber o que era.

– Meu amor... – murmurou Matthew, acariciando-a com a boca e as mãos.

Ela agarrou-se-lhe cegamente, incapaz de ficar suficientemente perto. Ele afastou a cara, olhando-a com intuição.

– Mas agora que todo este feio assunto levantou cabeça, terei de limpar o meu nome. Quer mesmo esperar por mim, Daisy?

– Não!

Ainda fungando, ela aplicou-se a desabotoar os botões de madeira do casaco emprestado que ele trazia.

– Ah não? – disse Matthew meio a brincar. – Descobriu que eu não sou tão boa rês como isso?

– Descobri que a vida é demasiado curta – ronronou-lhe ela, puxando-lhe pelo tecido rude da camisa –, para perder um único dia. Diabo dos botões!

Ele segurou as mãos dela com as suas.

– Creio que a sua família não vai ficar muito entusiasmada para a deixar casar com um evadido da justiça.

– O meu pai perdoa-lhe tudo. Além disso, não vai ser um evadido para sempre. O seu caso será julgado de novo, logo que os factos forem dados a conhecer. – Daisy libertou as mãos e agarrou-se a ele com toda a força. – Oh, Matthew, leve-me para Gretna Green! – suplicou. – Esta noite! Foi assim que a minha irmã se casou. Bem como a Evie! Fugir para casar é praticamente uma tradição das solteironas. Leve-me...

– Shhh... – Matthew envolveu-a com os braços. – Não quero fugir mais, meu amor – murmurou. – Vou ter finalmente de enfrentar o meu passado. Embora fosse bem mais fácil resolver os meus problemas se aquele biltre do Harry Waring não tivesse morrido.

– Mas ainda há quem saiba o que realmente se passou – disse Daisy ansiosa. – Os próprios amigos dele. E o tal criado que mencionou. E...

– Sim, bem sei. Não vamos falar de tudo isso agora. Deus sabe que vamos ter muito tempo nos próximos dias.

– Mas eu quero casar consigo – insistiu Daisy. – E não é mais tarde, é agora! Depois daquilo por que eu passei... pensando que tinha morrido... nada tem importância...

Um breve soluço desintegrou a última palavra.

Matthew alisou-lhe o cabelo e limpou-lhe com o dedo um rasto de lágrimas.

– Pronto, pronto... seja.. Eu falo com o seu pai. Não chore mais, Daisy...

Mas ela não conseguia fazer parar as novas lágrimas de alívio. E um novo tremor subiu-lhe aos ossos. Quanto mais ela tentava resistir, pior ficava.

– Meu amor, o que é que tem? – passou-lhe as mãos pelo corpo que tremia.

– Medo... Tenho tanto medo!

Ele soltou um gemido baixo, involuntário e embalou-lhe a cara entre as mãos, beijando-lhe as faces com uma pressão apaixonada.

– Porquê, querida?

– Tenho medo de que tudo isto seja um sonho. Tenho medo de acordar e... – Outro soluço: – ... e estar outra vez sozinha e descobrir que afinal nunca aqui estive e que...

– Não, eu estou aqui. Não me vou embora. – Desceu as mãos até aos ombros dela, puxando-lhe para baixo a camisa de noite, devagar, deliberadamente. – Deixe-me fazê-la sentir melhor, amor, deixe-me...

As mãos dele eram tão meigas sobre o corpo dela, acalmando-a, aturdindo-a... Aquele toque enviava setas de calor por todo o seu corpo e um gemido baixo saiu-lhe dos lábios.

Ao ouvir aquele som, Matthew inspirou fortemente, procurando controlar-se. Mas não conseguiu. Ali só havia carência. Perdido no desejo de lhe dar prazer, despiu-a ali mesmo no chão, afagando-a com as palmas das mãos, aquecendo-lhe a pele enregelada até a superfície pálida ficar impregnada de um rubor violento.

Tremendo desatinadamente, Daisy viu a luz da vela tremeluzir por sobre a cabeça dele, quando ele se baixou sobre o seu corpo, espalhando beijos sem pressa por caminhos novos... as suas pernas, o seu ventre nu, os seios palpitantes.

Por toda a parte onde ele a beijou, o tremor gelado dissolveu-se em calor. Ela suspirava, relaxando-se no ritmo lenitivo da boca e das mãos dele. Quando ela tateou para lhe abrir a camisa, ele estendeu a mão para ajudá-la. O tecido rude caiu, revelando uma pele acetinada e máscula. De certo modo foi tranquilizante para Daisy descobrir nele nódoas negras, prova de que ela não podia estar sonhando. Colou a sua boca aberta sobre uma delas, tocando-a cautelosamente com a língua.

Matthew puxou-a para si, passando a mão sobre a curva da cintura e da anca com uma sensualidade que provocou pele de galinha nas coxas dela. Daisy retorceu-se num misto de prazer e

desconforto quando a felpa rude da carpete roçou pela sua pele ultrassensível, causando minúsculas picadas de dor sobre as suas nádegas nuas.

Ao compreender o problema, Matthew riu baixinho e puxou-a para cima de si, para o seu colo. Transpirando e de boca seca, Daisy pressionou os seus seios contra o peito dele.

– Não pare... – murmurou.

A mão dele protegeu-lhe o rabo dolorido.

– Vai ficar arranhada.

– Não importa, eu só quero... quero...

– Isto? – ele posicionou-a, escarranchando-a no seu colo, fazendo-a sentir o tecido rude das calças dele rígido entre as coxas dela.

Envergonhada e excitada, Daisy fechou os olhos sentindo-o acariciar as dobras intrincadas do seu corpo, transpondo carinhosamente uma sensação de humidade sobre a pele escaldante dela.

Quando lhe pôs os braços à volta do pescoço, Daisy teve de enrolar os dedos de uma mão à volta do pulso da outra. E não fosse o suporte do braço dele nas suas costas, ela não teria conseguido ficar direita. Todas as suas sensações estavam focadas no ponto onde ele a tocava, o rodar do nó de um dedo à volta da minúscula cúspide sedosa e molhada...

– Não pare... – ouviu-se ela murmurar de novo.

Abriu os olhos num rompante ao sentir Matthew deslizar dois dedos dentro dela, e depois três, fazendo-a retorcer-se de desejo, como chamas alimentadas por mel ardente.

– Ainda receia que seja um sonho? – murmurou Matthew.

Ela engoliu em seco convulsivamente, abanando a cabeça.

– *Nunca* tive um sonho como este.

Os olhos deles franziam-se, divertidos, e ele retirou os dedos, deixando-a arrepiada de vazio. Ela gemeu, deixando cair a cabeça no ombro dele, que a abraçou em segurança contra o seu peito nu.

Daisy agarrou-se a ele e a sua visão foi-se enevoando até a sala ser um mosaico de luz amarela e sombra negra. Sentiu-se ser levantada, virada de costas, de joelhos contra a carpete enquanto ele a fazia ajoelhar-se em frente do sofá. O rosto apoiado de lado no estofado macio, os lábios separados para acomodar o seu fôlego esbaforido...

Então ele envolveu-a completamente com o seu corpo grande e sólido, ajustando-se por trás e à volta dela. E de repente estava a penetrá-la e o ajuste entre eles era apertado, escorregadio e primoroso.

Daisy reagiu surpreendida, mas as mãos dele vieram até às ancas dela, afagando-a para a encorajar, levando-a a confiar nele. E ela ficou quieta, de olhos fechados, enquanto o prazer subia por ela a cada lenta penetração. Então ele baixou uma das mãos pela frente dela até que os seus dedos lhe descobrissem o monte roliço do sexo, para o afagarem até ela atingir um clímax ofuscante, seguido de arrepios lancinantes de alívio.

Muito depois, Matthew vestiu a Daisy a sua camisa de noite e levou-a ao colo pela escuridão do

corredor até ao quarto dela. Enquanto ele a deitava na cama, ela sussurrou-lhe que ficasse.

– Não, meu amor. – Baixou-se sobre o corpo dela deitado no escuro. – Por muito que eu gostasse, não podemos ultrapassar tanto os limites do decoro.

– Mas eu não quero dormir sem si. – Daisy contemplou o rosto na sombra, mesmo por cima dela. – Eu não quero acordar sem si.

– Um dia... – Curvou-se para imprimir um beijo forte na boca dela. – Um dia vou poder vir ter consigo em qualquer altura, de dia ou de noite... vou poder abraçá-la todo o tempo que quiser. – A sua voz vacilou de emoção ao acrescentar: – Pode ficar certa.

No andar de baixo, o exausto Conde de Westcliff estava estendido num sofá, com a cabeça recostada no colo da sua mulher. Ao cabo de dois dias de incessantes buscas e de muito pouco sono, Marcus sentia-se consumido de exaustão até aos ossos. Contudo, estava grato por se ter evitado uma tragédia e por o noivo de Daisy ter sido resgatado em segurança.

Marcus estava igualmente um pouco surpreendido pela maneira como a sua esposa o tinha cumulado de atenções. Mal ele chegara a casa, Lillian empanturrara-o de sanduiches e brandy quente, limpara as manchas de terra do seu rosto com uma toalha húmida, aplicara-lhe bálsamo nos arranhões e ligaduras em dois ou três dedos feridos e até lhe descalçara as botas enlameadas.

– Parece-me em bem pior estado do que Mr. Swift – respondera ela quando ele jurara estar ótimo. – Pelo que ouvi dizer, ele passou os últimos dois dias deitado numa cama no casebre de um camponês, enquanto o Marcus andou a esquadrinhar por montes e vales... pela lama e de baixo de chuva.

– Ele não esteve propriamente deitado na cama – salientara Marcus. – Estava ferido.

– O que não invalida o facto de *o senhor* não ter tido descanso e praticamente não ter comido nada enquanto andou à procura dele.

Marcus submeteu-se às atenções dela, secretamente agradado pelo modo como ela velava por ele. Quando se vira sossegada acerca do modo como ele estava a ser alimentado e socorrido, Lillian instalara-o no sofá com a cabeça no seu colo. Marcus suspirara de contentamento, contemplando as altas chamas da lareira.

Os dedos finos de Lillian brincavam distraidamente com o cabelo dele, enquanto comentava:

– Já passou um bom bocado desde que Mr. Swift foi ter com Daisy. E está tudo tão silencioso!... Não quer ir lá acima ver como eles estão?

– Nem por todo o cânhamo da China – disse Marcus, repetindo uma das recentes frases favoritas de Daisy. – Sabe Deus o que eu poderia vir a interromper...

– Meu Deus! – Lillian parecia estarrecida. – Não me diga que eles...

– Não me admirava nada. – Marcus fez uma pausa deliberada antes de acrescentar: – Lembre-se de como nós costumávamos ser, minha querida.

Tal como ele calculara, aquela observação fê-la mudar de ideias instantaneamente.

– E ainda somos! – protestou ela.

– Não temos feito amor desde antes de a bebé nascer.

Marcus sentou-se direito, enchendo o olhar com a vista da sua jovem mulher e dos seus cabelos escuros à luz da lareira. Ela era – e sempre seria – a mulher mais tentadora que ele jamais conhecera. E foi com alguma frustração na voz que ele perguntou:

– Quanto tempo mais terei de esperar?

Colocando o cotovelo nas costas do sofá, Lillian apoiou a cabeça na mão e, com um sorriso apologetico disse:

– Segundo o médico, pelo menos mais duas semanas. Tenho pena... – Riu ao ver a expressão dele. – *Muita* pena! Vamos para cima?

– Se não é para irmos para a cama juntos, não vejo o interesse – resmungou ele.

– Eu ajudo-o a tomar banho. Posso mesmo esfregar-lhe as costas.

Ele ficou suficientemente intrigado pela proposta para perguntar:

– Só as costas?

– Estou aberta a negociações – disse Lillian, provocadoramente – ... como sempre.

Marcus inclinou-se para a apertar junto ao peito e suspirou:

– No estado em que estou, vou aceitar tudo o que puder receber.

– Meu pobre amigo... – Sorrindo sempre, Lillian voltou a cara para o beijar. – Mas não se esqueça... há coisas pelas quais vale a pena esperar.

Epílogo

Como veio a verificar-se Matthew e Daisy só casaram no final do outono. O Hampshire vestia-se de escarlate e laranja brilhante, os cães de caça trabalhavam quatro manhãs por semana e a fruta dos últimos cestos já havia sido colhida de árvores muito carregadas. Agora que o feno já fora ceifado, os estridentes codornizes tinham já abandonado os campos e o seu clamor fora substituído pelas notas cristalinas dos tordos-pintos e pelo tagarelar das escrevedeiras.

Durante todo o verão e uma boa parte do outono, Daisy suportara várias separações de Matthew, incluindo as viagens frequentes a Londres para preparar a sua situação legal. Com o precioso auxílio de Westcliff, os pedidos de extradição do governo americano foram firmemente indeferidos, permitindo que Matthew ficasse em Inglaterra. Tendo escolhido um par de excelentes advogados – e após tê-los posto ao corrente do caso – Matthew mandara-os a Boston para recorrer da sentença.

Entretanto, Matthew viajava e trabalhava sem cessar, supervisionando a construção da fábrica de Bristol, contratando operários e outro pessoal e instalando canais de distribuição por todo o país. Daisy tinha a sensação de que Matthew mudara tanto desde que os segredos do seu passado haviam sido revelados... parecia de certo modo mais livre, e mesmo mais carismático e seguro de si.

Ao testemunhar a energia sem limites de Matthew e o seu crescente rol de sucessos, Simon Hunt informara-o decididamente que logo que ele se cansasse de trabalhar para Bowman, seria muito bem-vindo na Consolidated Locomotive. O que incitara Thomas Bowman a propor a Matthew uma percentagem mais alta dos futuros lucros da companhia de sabões.

– Ainda hei de acabar milionário antes de atingir os trinta – dissera Matthew a Daisy. – Desde que consiga manter-me fora da prisão.

Daisy ficara tão admirada quanto comovida ao constatar que toda a sua família, incluindo a mãe, cerrara fileiras em defesa de Matthew. Se isto seria por causa de Daisy ou do seu pai, não era bem claro. Thomas Bowman, sempre tão severo em relação às pessoas, tinha imediatamente perdoado a Matthew tê-lo enganado. De facto, Bowman parecia considerar o agora genro ainda mais do que outrora, como um verdadeiro filho.

– É de imaginar – dissera Lillian a Daisy – que se Matthew Swift cometesse um assassinato a sangue frio, o Papá diria logo: «Bom, o rapaz lá deve ter tido uma excelente razão...»

Tendo descoberto que manter-se ocupada ajudava o tempo a passar mais depressa, Daisy dedicou-se a procurar uma casa em Bristol. Acabou por decidir-se por uma enorme vivenda à beira-mar, outrora pertencente a um abastado armador e à sua família. Acompanhada pela mãe e pela irmã – que gostavam de fazer compras e gastar dinheiro muito mais do que ela –, Daisy adquiriu móveis grandes e confortáveis, cortinados e tecidos de tons fortes. E, claro, assegurou-se de que haveria mesas de leitura e estantes para livros em praticamente todas as salas.

O que facilitava as coisas era que Matthew corria a ir ter com ela sempre que lograva escapar-se por um dia ou dois. Não havia agora o menor constrangimento entre os dois, nem segredos, nem receios. Partilhando longas conversas, passeando pela paisagem ensonada daquele verão, retiravam um infinito prazer na companhia um do outro. E nas noites em que Matthew vinha ter com Daisy para fazerem amor, ele enchia os sentidos dela de um prazer incomensurável e o seu coração de alegria.

– Tenho-me esforçado por manter-me longe de si – murmurou ele uma noite, afagando-a, enquanto o luar traçava listas sobre o monte sombreado das roupas da cama.

– Porquê? – indagou Daisy, rebolando para cima dele até se ver deitada sobre a superfície musculada do seu peito.

Ele brincou com a cascata escura do cabelo dela.

– Porque não devia vir ter consigo assim até estarmos casados. Corremos o sério risco de...

Daisy silenciou-o com a boca e não parou enquanto a respiração dele não se tornou ofegante e a sua pele nua e quente como a estufa de fogão por baixo dela. Ergueu a cabeça para olhar para os olhos cintilantes dele.

– Tudo ou nada – murmurou ela. – É assim que eu o quero.

Finalmente chegou a tão aguardada notícia dos advogados de Matthew de que um painel de três juízes de Boston havia examinado os autos do processo, subvertido a condenação e negado provimento ao litígio. Tinham igualmente decretado que o processo não podia ser reaberto, anulando assim quaisquer esperanças da família Waring de prolongar aquela provação.

Matthew recebera a notícia com notável compostura, aceitando as congratulações de meio mundo e agradecendo aos Bowman e aos Westcliff todo o seu inestimável apoio. Foi apenas privadamente com Daisy que ele perdeu a compostura: o seu alívio revelava-se demasiado para ser estoicamente contido. E ela dera-lhe todo o conforto possível, numa troca tão crua e tão íntima que haveria de ficar para sempre apenas entre eles.

E agora chegara o dia do casamento.

A cerimónia na capela do solar de Stony Cross fora desapiedadamente longa, com o vigário determinado a impressionar a multidão de convidados abastados e importantes, muitos deles vindos de Londres e alguns de Nova Iorque.

A cerimónia incluía um interminável sermão, uma quantidade jamais ouvida de hinos e *três* leituras das Escrituras de deixar entorpecidos os assentos dos convidados.

Daisy aguardou pacientemente no seu pesado vestido de cetim cor de champanhe, com os pés tinindo nos sapatos de salto alto bordados a pérolas. Estava meio cega pelo intrincado véu de rendas valencianas, igualmente semeadas de pérolas. O casamento acabou por constituir uma prova de resistência. Ela fez os possíveis por se manter solene e recatada, mas ao lançar uma olhadela a Matthew, alto e lindo no seu fraque e rígida gravata branca... sentiu que o coração quase lhe saltava do peito, de pura felicidade.

Ao concluir os votos, apesar de estrita recomendação prévia de que o noivo *não devia* beijar a noiva, e uma vez esse costume *nunca* ser seguido na melhor sociedade... Matthew puxou a noiva para si e plantou-lhe um ardente beijo na boca, à vista de toda a gente. Ouviram-se um ou dois arquejos escandalosos e logo um sorriso amistoso percorreu a multidão.

Daisy olhou para cima, para os olhos cintilantes do marido.

– O senhor está a ser escandaloso, Mr. Swift – murmurou ela.

– Ainda não viu nada, *Mrs.* Swift... – sussurrou-lhe ele de volta, numa expressão plena de amor. – Estou a guardar o meu pior comportamento para esta noite.

Os convidados dirigiram-se finalmente aos salões. Após cumprimentar o que lhe pareceram *milhares* de pessoas e de sorrir até lhe doerem as faces, Daisy deixou escapar um longo suspiro. Seguir-se-ia um almoço de casamento capaz de alimentar meia Inglaterra e depois horas de brindes e demoradas despedidas. E tudo o que ela mais desejava era ver-se sozinha com o marido...

– Ora, não te queixes – soou a voz divertida da irmã nas suas costas. – Uma de nós tinha de ter um casamento como deve ser. Bem podes ser tu.

Daisy voltou-se para se deparar com Lillian, Annabelle e Evie atrás de si.

– Eu não me ia queixar... Estava só a pensar como teria sido mais fácil fugir para me casar em Gretna Green.

– Isso teria sido muito pouco original, querida, considerando que, tanto a Evie com eu, ambas o fizemos antes de ti.

– E a menina teve uma cerimónia linda! – disse Annabelle.

– E comprida – foi o comentário desencantado de Daisy. – Sinto-me como se tivesse estado horas de pé a conversar.

– Mas é que estive mesmo – fez-lhe ver Evie. – Agora venha connosco: vamos ter uma *reunião de solteironas*.

– Agora?! – indagou Daisy desconfiada ao olhar as expressões animadas das amigas. – Mas não podemos. Todos nos aguardam para o almoço.

– Ora, deixa que aguardem – disse Lillian bem disposta.

Pegou em Daisy pelo braço e puxou-a para fora do amplo hall de entrada.

Ao dirigirem-se a uma antecâmara que levava à salinha dos pequenos-almoços, cruzaram-se com

Lord St. Vincent que seguia na direção contrária. Elegante, mesmo deslumbrante, no seu traje formal, ele deteve-se, acariciando Evie com um sorriso especial.

– As meninas parecem fugir de alguma coisa – observou ele.

– E estamos mesmo – respondeu Evie ao marido.

St. Vincent enlaçou-a pela cintura, indagando num sussurro conspiratório:

– E onde vão, se é que posso saber?

Evie pensou por um momento:

– Vamos pôr pó de arroz no nariz da Daisy.

O visconde olhou Daisy, desconfiado:

– E são necessárias quatro de vós? Para um narizinho tão pequeno...

– Serão apenas uns minutos, *my lord* – disse Evie. – Poderia apresentar desculpas por nós?

St. Vincent riu simpaticamente:

– Isso é o que não falta, minha querida.

Antes de a deixar ir, virou-a de frente para si e beijou-a na testa. Por um curtíssimo instante, num gesto subtil afagou-lhe o ventre.

Ninguém pareceu reparar, mas Daisy viu e entendeu logo do que se tratava. *A Evie tem um segredo*, pensou. E sorriu.

Levaram Daisy para a estufa de laranjeiras, onde a tépida luz de outono brilhava pelas janelas e o aroma a citrinos e folha de louro perfumava intensamente o ambiente. Lillian tirou a Daisy o seu pesado véu e o ramo de flor de laranjeira e pô-los de lado numa cadeira.

Numa mesa ao centro estava uma salva de prata com uma garrafa de champanhe gelada e quatro *flutes* de cristal.

– Este é um brinde especial para ti, querida – disse Lillian, enquanto Annabelle enchia os copos e os distribuía. – Ao teu *final feliz*. Como tiveste de esperar mais tempo do que nós, julgo até que mereces a garrafa inteira... Mas de qualquer modo, vamos partilhá-la contigo.

Daisy agarrou no fino pé de cristal:

– Deve ser um brinde para todas nós. Ao fim e ao cabo, há três anos tínhamos a pior expectativa de casamento que se podia imaginar. Nem sequer nos convidavam para dançar... E agora, vejam como as coisas se compuseram tão bem para todas nós!

– E tudo o que bastou foi algum comportamento tortuoso e uns escândalos aqui e ali – disse Evie, rindo.

– E a nossa amizade – acrescentou Annabelle.

– Brindemos pois à amizade – disse Lillian com a voz subitamente embargada.

E os quatro copos tocaram-se num momento perfeito.